Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"
Faculdade de Ciências Humanas e Sociais (FCHS)
Programa de Pós-Graduação em História

Alexandre Diniz Santiago

Uruguayos campeones: o futebol no discurso *batllista* e a construção de um símbolo do Uruguai moderno (1897-1930)

Franca
2025

Alexandre Diniz Santiago

Uruguayos campeones: o futebol no discurso *batllista* e a construção de um símbolo do Uruguai moderno (1897-1930)

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (Unesp), como parte das exigências para a obtenção do título de mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Sorrilha Pinheiro

Franca
2025

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001

S235u

Santiago, Alexandre
Uruguayos campeones: o futebol no discurso batllista e a construção de um símbolo do Uruguai moderno (1897-1930) / Alexandre Santiago. -- Franca, 2025
203 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Franca
Orientador: Marcos Sorrilha Pinheiro

1. História política. 2. Nacionalismo. 3. Batllismo. 4. Futebol. 5. Comunidades Imaginadas. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Dados fornecidos pelo autor(a).

Alexandre Diniz Santiago

Uruguayos campeones: o futebol no discurso *batllista* e a construção de um símbolo do Uruguai moderno (1897-1930)

Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" para a obtenção do título de mestre em História.

BANCA EXAMINADORA

Presidente: _____

Dr. Marcos Sorrilha Pinheiro (UNESP-Franca)

1 o Examinador: _____

Dr. Marcos Alves de Souza (UNESP-Franca)

2 o Examinador: _____

Dr. Luiz Guilherme Burlamaqui (Georgetown University)

Franca, __ de _____ de 2025.

Dedico ao meu avô, Alcides,
meu santista favorito.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao meu avô Alcides, a quem dedico esta dissertação, por ter, além dos aprendizados, me apresentado o futebol, sem o qual não teríamos vivido tantos momentos de alegria e de tristeza juntos. Tenho certeza que segue torcendo por mim e pelo Santos.

Agradeço à minha família, em especial à minha irmã, Cristine, pelo apoio emocional e acadêmico e à minha mãe, Mirian, pelas conversas e suporte emocional e financeiro nos momentos complicados da trajetória. Agradeço também a meus irmãos Beatriz, Pedro, meu pai, meus avós, meu cunhado, Flávio, e a todos os meus tios e primos da Bahia, que apesar da distância, sempre se fazem presentes.

Agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. Marcos Sorrilha Pinheiro, pelo apoio desde o TCC, ainda na graduação em relações internacionais, e pelo incentivo, desde aquela época, a ingressar no mestrado. Sem as conversas que tivemos, não seria possível lapidar as ideias de tema que eu tinha em 2020 e chegar a esta dissertação. Agradeço também ao Prof. Dr. Marcos Alves de Souza e ao Prof. Dr José Luís Bendicho Beired, que compuseram minha banca de qualificação e forneceram sugestões fundamentais para a melhoria da pesquisa.

Agradeço aos historiadores uruguaios Gerardo Caetano, Andrés Morales e Gabriel Quirici, que foram solícitos em trocar ideias sobre a pesquisa em sua etapa inicial, esboçando a receptividade tipicamente uruguaia. Falando no Uruguai, não poderia deixar de citar alguns amigos que o país me deu, Cristian, Gonza, David, Flávio, Hilda, Pam, Gio e Nata.

Com relação às amizades, agradeço primeiramente àqueles que estão junto desde a época de escola, Kim, Henrique e Jean, pelos os momentos compartilhados há mais de 10 anos. Agradeço especialmente ao João e à Letícia, que em tantos momentos ao longo do mestrado estiveram presentes para risadas, conversas e desabafos. Agradeço também aos amigos que a Unesp me deu direta ou indiretamente, em especial ao Moisés, com quem compartilhei moradia, conversas e risadas ao longo de quase 6 anos, mas também ao Etê, Five, Bros, Praça, Kaysar, Renan, Gomes, Escolta, Mara, Lupa, Martelo e tantos outros que faltou nomear, mas que fizeram parte de uma das fases mais memoráveis e de maior aprendizado, que foi a graduação.

Por fim, agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) pelos recursos financeiros disponibilizados que viabilizaram a realização desta pesquisa, sob o Código de Financiamento 001.

RESUMO

No Uruguai, o final do século XIX marcou a emergência de José Batlle y Ordóñez como liderança política de destaque. A corrente política organizada em seu entorno e que influenciou em larga medida o Estado uruguaio ao longo das primeiras décadas do século XX, foi denominada *batllismo*. Foram anos em que o Uruguai vivenciou reformas modernizantes de caráter antecipado em relação ao contexto da região. O mesmo intervalo corresponde à fase mais vitoriosa da história do futebol uruguaio, com a conquista de dois ouros olímpicos e uma Copa do Mundo, entre outros logros. Trata-se de um período em que a prática de esportes era comumente atrelada a sociedades modernizadas, e houve uma relação de incentivo por setores da política uruguaia, sobretudo dos *batllistas*, à prática do jogo, evidenciada, por exemplo, pelos esforços para sediar a primeira Copa do Mundo, em 1930. A partir desses fatores, esta pesquisa busca analisar o papel do futebol para o *batllismo*, focando nos temas de integração da sociedade uruguaia, identidade nacional e percepção interna e externa do país. Levamos em consideração o papel da imprensa enquanto construtora de comunidades imaginadas moldadoras dos nacionalismos modernos e, com base nisso, analisamos textos da imprensa *batllista* sobre o futebol do país, com enfoque para o processo de surgimento e desenvolvimento da seleção uruguaia como símbolo nacional.

Palavras-Chave: Uruguai; *batllismo*; futebol; nacionalismo; comunidades imaginadas.

ABSTRACT

In Uruguay, the late 19th century marked the rise of José Batlle y Ordóñez as a prominent political leader. The political movement organized around him, which significantly shaped the Uruguayan state throughout the early decades of the 20th century, came to be known as *batllismo*. These were years in which Uruguay underwent modernizing reforms that were ahead of their time in the regional context. This same period also coincides with the most successful phase in Uruguayan football history, marked by the conquest of two Olympic gold medals and a World Cup, among other achievements. It was a time when sports were commonly associated with modernized societies, and there was clear encouragement from sectors of Uruguayan politics – especially the *batllistas* – for the practice of the game, as demonstrated, for instance, by the efforts to host the first World Cup in 1930. Based on these factors, this research aims to analyze the role of football in relation to *batllismo*, focusing on themes such as the integration of Uruguayan society, national identity, and the country's internal and external perception. The study considers the role of the press as a builder of imagined communities that shaped modern nationalisms, and from this perspective, it analyzes texts from the *batllista* press on Uruguayan football, with particular focus on the emergence and development of the national team as a national symbol.

Keywords: Uruguay; *batllismo*; football; nationalism; imagined communities.

Sumário

Agradecimentos **5**

Resumo e Abstract **6**

Linha do tempo **8**

Introdução **9**

Capítulo 1: Uma nação fragmentada e um esporte integrador **21**
Origens da sociedade oriental 22
Modelos de comunidade e a construção da condição nacional uruguaia 30
A chegada do *Football* em Montevidéu 39
A imprensa *batllista* e o *Football*: inventando a tradição 44

Capítulo 2: Um símbolo nacional para um país em modernização - de combinados orientais à *celeste* vitoriosa **70**
Os primeiros torneios rioplatenses: supremacia argentina e discurso de esperança no futebol oriental 87
A virada *celeste*: a adoção de um novo uniforme e de um estilo de jogo próprio como símbolos do Uruguai dos novos tempos 108
Pioneirismo uruguaio fora de campo: a criação da Confederação Sul-Americana de Futebol e o primeiro título continental 117

Capítulo 3: Três vezes no topo do futebol mundial - a celeste como representação da excepcionalidade uruguaia **124**
A consolidação da hegemonia regional uruguaia no futebol 127
Um projeto ousado e *batllista*: a excursão europeia de 1924 e o primeiro ouro olímpico uruguaio 135
As Olimpíadas de Amsterdã: o discurso de vitória latina e americana 155
O mundial de 1930 e o centenário uruguaio: consolidando um imaginário *batllista* de nação 165

Considerações Finais **181**

Referências **187**

Fontes **191**

Linha do tempo

- **Década de 1870:** primeiras partidas de futebol disputadas no Uruguai
- **1886:** fundação do diário *El Día*
- **1891:** fundações do *Albion* e do *CURCC*
- **1897:** futebol passa a figurar nas páginas do *El Día* por conta dos confrontos do *Albion* contra marinheiros britânicos
- **1899:** fundação do *Club Nacional de Football*
- **1900:** primeira edição da *League* uruguaia (e da *Copa Competencia* junto aos times argentinos)
- **1902:** estreia do clássico rioplatense – Uruguai 0 X 6 Argentina
- **1903:** José Batlle assume a presidência uruguaia
- **1904:** vitória de Batlle na última Guerra Civil e início do período reformista
- **1905:** primeira edição da *Copa Lipton*
- **1906:** primeira edição da *Copa Newton*
- **1907:** início da presidência de Claudio Williman
- **1907:** o então *batllista* Héctor Gómez assume a presidência da *Liga Uruguaya*
- **1910:** primeira vitória uruguaia na *Copa Lipton* e estreia da camisa celeste
- **1911:** início da segunda presidência de José Batlle
- **1912:** sequência de vitórias uruguaias sobre a Argentina
- **1916:** primeiro título sul-americano uruguaio e criação da Confederação Sul-Americana de Futebol
- **1916:** início do freio ao reformismo *batllista*
- **1917:** bicampeonato sul-americano uruguaio
- **1919:** primeiro título sul-americano brasileiro (Uruguai é vice)
- **1920:** tricampeonato sul-americano uruguaio
- **1921:** primeiro título sul-americano argentino (Uruguai fica em terceiro)
- **1922:** início do cisma do futebol uruguaio e segundo título sul-americano brasileiro (Uruguai fica novamente em terceiro)
- **1923:** tetracampeonato sul-americano uruguaio
- **1924:** primeiro ouro olímpico uruguaio, na França
- **1924:** pentacampeonato sul-americano uruguaio
- **1925:** fim do cisma do futebol uruguaio – a *celeste* não disputa o Sul-Americano daquele ano, vencido pela Argentina
- **1926:** hexacampeonato sul-americano uruguaio
- **1927:** Argentina conquista seu terceiro título sul-americano (Uruguai é vice)
- **1928:** Uruguai se torna bicampeão olímpico, na Holanda
- **1929:** morte de José Batlle y Ordóñez
- **1929:** Argentina é campeã sul-americana pela quarta vez, Uruguai é escolhido como sede da primeira Copa do Mundo
- **1930:** Uruguai conquista a Copa do Mundo em meio às comemorações do Centenário

Introdução

O presente trabalho busca explorar a relação entre dois fenômenos vivenciados pelo Uruguai desde os últimos anos do século XIX, mas sobretudo ao longo das três primeiras décadas do século XX. Primeiramente, apresentaremos cada um deles para que, em seguida, possamos discorrer sobre as razões de se analisar a relação entre ambos.

O primeiro desses fenômenos foi a ascensão meteórica do futebol uruguaio: o país, que no início do período estudado, não possuía sequer uma liga nacional deste esporte, passou, em cerca de 30 anos, a ter a seleção mais premiada a nível mundial, com seis títulos sul-americanos, duas medalhas de ouro olímpicas e o título da única Copa do Mundo disputada até então. Esses feitos já eram impressionantes por si só, mas ainda mais quando se considera que o Uruguai, em 1908, tinha pouco mais de um milhão de habitantes (Pellegrino, 2010). A obra *Donde se cuentan proezas: Fútbol Uruguayo (1920-1930)* (1993), de Ricardo Lombardo, evidencia que o reconhecimento do domínio uruguaio era amplo dentro e fora do país, principalmente nos continentes sul-americano e europeu, que em meados da década de 1920 já tinham o futebol como uma das modalidades esportivas e de entretenimento mais difundidas em boa parte de suas nações.

A popularidade do futebol dentre a população uruguaia era proporcional ao sucesso do país neste esporte: na capital, Montevidéu, cuja população alcançava pouco mais de 300 mil habitantes em 1908 (cerca de 30% do total do país) (Pellegrino, 2010), era rotineiro, aos finais de semana, que milhares de pessoas se deslocassem de um bairro a outro para assistir partidas de futebol disputadas simultaneamente em diferentes pontos da cidade. Na Copa do Mundo de 1930, sediada justamente na capital uruguaia, foram registrados públicos acima de 70 mil pessoas, mais de 10% da população da cidade naquele ano – que era de 655 mil habitantes (Pellegrino, 2010).

De forma mais ou menos simultânea à explosão do futebol no Uruguai, politicamente dava-se o segundo fenômeno que motivou a análise desta dissertação. Trata-se do crescimento do poder de influência de José Batlle y Ordóñez e seus simpatizantes, componentes de uma ala amplamente reformista do *Partido Colorado*, que veio a ser conhecida como *batllismo*. José Batlle era filho do ex-presidente Lorenzo Batlle e havia moldado seu pensamento político no Ateneo de Montevideo, instituição que formou uma intelectualidade de ampla influência em toda a América Latina, com destaque para o artista Joaquín Torres García e para os escritores José Enrique Rodó e Emilio Frugoni. No caso de

Batlle, sua formação intelectual e o fato de ter nascido em uma família tradicional da política uruguaia, contribuíram para que o político obtivesse os meios necessários para propagar suas ideias, consideravelmente progressistas, a milhares de uruguaios (Souza, 2003).

Como explicam Barrán e Nahum, em *Batlle, los estancieros y el Imperio Británico: El Uruguay del novecientos*. (1979), o pensamento de Batlle ganhou força em um país que sofria profundas transformações em termos de crescimento demográfico e urbanização, desde finais do século XIX. Segundo os autores, a partir do triunfo de Batlle na última guerra civil uruguaia, em 1904, o político, na condição de presidente do país, pôde colocar em prática alguns de seus projetos para a nação, os quais desagradavam boa parte das elites econômicas uruguaias, de mentalidade majoritariamente conservadora. Tamanha foi a relevância histórica dos *batllistas*[1] da virada do início do século XX que, apesar de inúmeras ressignificações do termo ao longo das décadas, até hoje *batllismo*[2] é uma palavra à qual setores relevantes da política uruguaia buscam se associar.

Os intervalos de auge das reformas *batllistas* deram-se ao longo dos dois mandatos presidenciais de José Batlle, entre 1903 e 1907 e entre 1911 e 1915. Batlle e seus simpatizantes nutriam forte desejo de modernizar o Uruguai social e politicamente, em um modelo de nação que envolvia temas como laicização do Estado, ampliação dos direitos democráticos, alargamento dos serviços públicos e estatizações e nacionalizações de empresas, como detalha Marcos Alves de Souza, em *A cultura política do "batllismo" no Uruguai, 1903-1958* (2003). A influência dessas ideias na dinâmica da democracia uruguaia seguiu altamente relevante até 1933 (já sem a presença de José Batlle, falecido em 1929), ano em que o golpe de Estado executado por Gabriel Terra alterou a conjuntura política do país.

Nessa dissertação, estudamos a relação entre o discurso *batllista* e o futebol desde os anos que antecipam a chegada dessa corrente política ao poder, mais especificamente desde 1897, ano em que o futebol passa a virar tema relevante ao jornal *El Día*, veículo de imprensa fundado por José Batlle e porta-voz das ideias deste político e de seus seguidores para a população uruguaia. A análise estende-se até 1930, momento em que, no contexto das

---

[1]Quando usamos o termo *batllista(s)* no presente trabalho, nos referimos àqueles indivíduos que, no recorte temporal analisado, foram ou estiveram em dado momento alinhados diretamente ao ex-presidente fundador dessa corrente política, sendo frequentadores dos círculos *batllistas* do Partido Colorado, participantes da redação do jornal *batllista El Día*, ou ambos.

[2] Vale pontuar que o termo *batllismo* é usado para referir-se tanto à ideologia política de José Batlle, quanto à corrente do Partido Colorado que este político capitaneava. Além disso, o termo também pode ser empregado para tratar do período de maior influência das ideias de Batlle na política uruguaia, usualmente associado às primeiras três décadas do século XX. Ademais, tal qual na Argentina o *peronismo* ainda é um termo usado e ressignificado politicamente, algo similar ocorre com o *batllismo* no Uruguai – cabe a ressalva, no entanto, que são correntes políticas completamente diferentes e de surgimento em contextos e períodos distintos.

comemorações do centenário do juramento da primeira constituição uruguaia, o país recebeu o direito de sediar a primeira Copa do Mundo, oportunidade ideal para a promoção interna e externa da modernização que o país vivenciava.

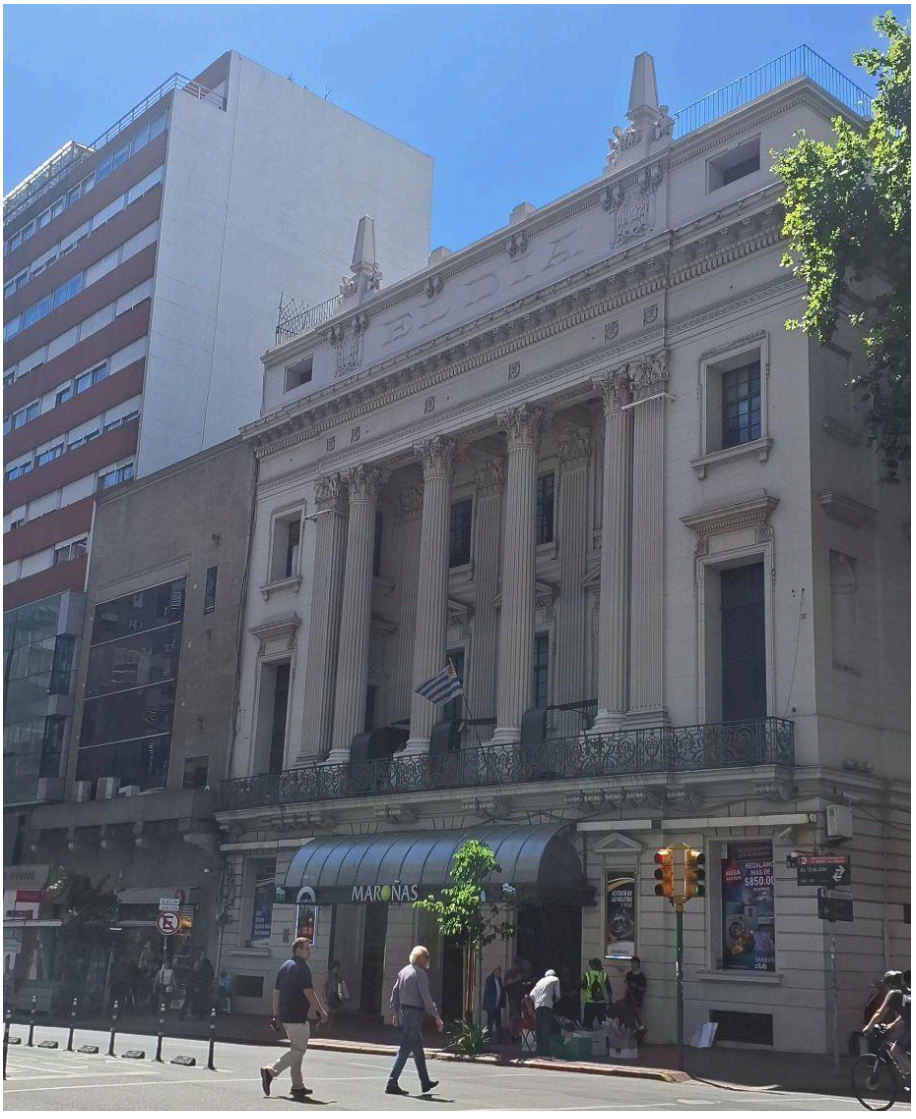
O interesse por analisar a relação entre os fenômenos político e esportivo descritos se deu não apenas por sua coincidência temporal, mas também por uma série de relações que haviam sido percebidas desde o início entre os *batllistas* e o futebol no período. Destacamos as três mais evidentes: em primeiro lugar, a proposta de fundação da Confederação Sul-Americana de Futebol, em 1916, por parte de Héctor Rivadavia Gómez, nome que havia feito parte dos círculos *batllistas* por vários anos, atuando inclusive como diretor do *El Día* (Garrido, 2016). A segunda era a estreita relação entre o político *batllista* Atilio Narancio e a seleção uruguaia campeã olímpica em 1924 – Narancio inclusive era conhecido no país pela alcunha "pai da vitória", por seu papel decisivo em viabilizar a logística envolvida na disputa daquela Olimpíada por parte do Uruguai. Finalmente, chamou-nos a atenção o fato de o Uruguai ter feito um imenso esforço político para sediar a Copa do Mundo de 1930, propondo custear os gastos de todas as delegações presentes no torneio como forma de vencer as outras candidaturas junto à FIFA – novamente, tratou-se de um projeto fortemente endossado pela ala *batllista*.

Estava claro que o *batllismo* havia se associado em larga medida com o futebol ao longo das primeiras décadas do século XX. Os questionamentos que começaram a surgir, a partir de então, se davam no âmbito de compreender em que momento os *batllistas* adquiriram esse interesse pelo futebol, quais eram os possíveis objetivos que essa ala da política uruguaia atribuía a esse esporte. Mais especificamente, buscamos entender que papel correspondia ao futebol dentro do modelo *batllista* de nação moderna almejada.

Há que se considerar que o Uruguai possui uma sociedade de formação relativamente recente e que o país, ao longo do período analisado, possuía menos de 100 anos de existência enquanto Estado independente, de maneira que ainda estava moldando, em termos de identidade, o que era "ser uruguaio". As três primeiras décadas do século XX, sob forte influência da mentalidade e reformismo *batllista*, foram um período-chave para a construção da identidade nacional uruguaia (Caetano, 1992), sendo o Uruguai pensado como uma nação vanguardista e excepcional – dentro do contexto sul-americano – por parte dos *batllistas*. Assim, nos indagamos também se a relação do futebol com o grupo político em questão, e sua precoce popularidade perante a população uruguaia, indicariam que o esporte teria se configurado como elemento cultural importante para a identidade desse novo e moderno modelo de sociedade que o *batllismo* desejava construir.

Para nos aproximarmos de respostas às questões levantadas acerca do papel do futebol para o *batllismo*, tomamos como fonte documental o jornal *El Día*. O *El Día* foi um dos grandes projetos da vida de José Batlle e principal canal por onde ele e seus simpatizantes manifestaram seu pensamento político (Souza, 2003) ao longo de todo o período analisado. O jornal, fundado em 1886, possuía ampla tiragem e poder de influência, sendo um dos principais veículos de imprensa uruguaios à época. Sua última sede consistia num imponente edifício na principal avenida de Montevidéu, a 18 de julho. O prédio, que atualmente abriga um cassino, ainda ostenta no topo de sua fachada o nome *El Día*.

Figura 1: Antiga sede do jornal *El Día*, na avenida 18 de julho, em Montevidéu.



Fonte: Acervo do autor, 2024.

No início do século XX, praticamente todas as forças políticas relevantes do Uruguai tinham seu próprio jornal, de maneira que a imprensa escrita era o principal terreno de

disputa política pela opinião pública: se o *batllismo* tinha o *El Día*, membros do *Partido Nacional* tinham o *La Democracia*, o *El País* e o *La Tribuna Popular*, o *Partido Comunista* tinha o *Justicia* e os socialistas tinham o *El Sol* (Morales, 2013), para citar alguns exemplos. Até mesmo membros do *Partido Colorado* que romperam com a ala *batllista* saíram do editorial do *El Día* para montar seus próprios jornais, como foi o caso de Pedro Manini Ríos, um dos fundadores da fração *riverista* do *Partido Colorado* e diretor do jornal *La Mañana*.

Em função disso, o editorial do *El Día* manteve-se, no período analisado, como principal reduto do núcleo mais intimamente associado a José Batlle y Ordóñez e seu pensamento político. Em se tratando do recorte temporal correspondente a esta dissertação (1897-1930), analisamos o *batllismo* ainda em suas primeiras configurações ideológicas, diretamente moldadas e influenciadas por José Batlle. Não tratamos, portanto, das reconfigurações político-ideológicas que o *batllismo* sofreu nas décadas seguintes, sobretudo após a morte de Batlle, em 1929.

É interessante que, apesar dos impactos políticos, econômicos e sociais do pensamento *batllista* no Uruguai do início do século XX, e do estrondoso sucesso do país no futebol à época, observando as já mencionadas relações entre esses dois aspectos, não houve tanta produção acadêmica proponente de investigar tais relações. Acreditamos tratar-se de um assunto amplo e com diversos aspectos ainda inexplorados. Atualmente, notamos uma crescente nas publicações que investigam a temática de usos políticos do esporte. A despeito disso, pouca atenção se deu a um de seus casos pioneiros, mais duradouros e quiçá, mais impressionantes em relação às conquistas alcançadas, que é justamente o do futebol uruguaio das três primeiras décadas do século XX.

Ademais, cabe comentar que a produção acadêmica relativa ao tema em questão foi realizada quase que exclusivamente por autores uruguaios. Dessa forma, esperamos contribuir para aumentar a visibilidade externa de um assunto cujo interesse vai além do âmbito da história uruguaia: o uso político do futebol no Uruguai *batllista* configura um caso consideravelmente singular e significativo para se refletir acerca dos impactos possíveis do esporte nas esferas política, social e de identidade nacional. Sob esse prisma, buscamos nos aprofundar nas variadas funções que podem ser atribuídas ao esporte por parte de uma corrente política.

Propomos, então, esquivar-nos da visão reducionista e estereotipada de que esportes de alta popularidade como o futebol possuem, politicamente, o papel único de servir como como distração para as massas e propaganda para governos, numa lógica de pão e circo. O

antropólogo Roberto da Matta, em *Universo do Futebol: Esporte e sociedade brasileira* (1982), apresenta essa problemática:

> Quando estudamos o "esporte", sempre o fazemos como se a esfera do "esporte" estivesse numa relação de oposição com a sociedade. Daí a equação esporte/sociedade como algo "natural" [...] Dizer, pois, que o "futebol é o ópio do povo", é acentuar que a relação une dois termos individualizados como se eles fossem "naturais". Depois, é insistir que o laço é de oposição - pois o futebol milita de algum modo contra a sociedade brasileira e seus "reais interesses" [...] De acordo com esta tese utilitarista, se o futebol existe socialmente como uma instituição importante, é porque ele deve estar desempenhando um certo papel social bem determinado em relação à sociedade. No caso, o seu papel é desviar a atenção e mistificar o povo (DA MATTA, 1982, p. 22).

O autor explica tratar-se de uma mentalidade utilitarista que classifica as temáticas de estudo como relevantes ou dispensáveis, sendo relevantes aquelas associadas a trabalho, guerra e afins – ou seja, atividades enxergadas como finalidades últimas da vida social, obrigações e deveres. O resto, a religião e elementos culturais como a arte e o esporte, seriam considerados temas dispensáveis ou menos relevantes à produção acadêmica.

Combatendo essa perspectiva, Da Matta aponta para a proporção e complexidade do futebol enquanto fenômeno social. Para o autor, em sociedades com profundos contrastes como a brasileira – e as latino americanas de forma geral, podemos inferir – instituições como o futebol têm grandes chances de prosperar em termos de popularidade, porque são capazes de homogeneizar momentaneamente aqueles grupos desiguais através de uma linguagem de símbolos que criam uma ideia de horizontalidade, como o uniforme de um time e a própria escolha "livre" de uma equipe para torcer. Dessa forma, o futebol como fenômeno social ganha força ao exercer esse papel de aliviar simbolicamente as desigualdades. A partir daí, "esporte e sociedade são como as duas faces de uma mesma moeda [...]. Pois a sociedade se revela tanto pelo trabalho quanto pelo esporte, religião, rituais e política" (DA MATTA, 1982, p. 23).

É pensando nessa ideia de que o esporte é um dos caminhos para se conhecer e interpretar uma sociedade, que estruturamos o presente trabalho para explicar como essa relação se estabeleceu no caso uruguaio do início do século XX. Esta dissertação está dividida em três capítulos, cuja divisão foi pensada tanto cronologicamente quanto em relação aos diferentes aspectos que se posicionaram no centro da análise em cada capítulo. Antes de apresentar de forma detalhada essa estrutura, todavia, convém comentar as fontes documentais consultadas e as obras que foram utilizadas como referências.

O trabalho com as fontes foi a parte mais extensa desta pesquisa. Foram consultadas, junto à hemeroteca da Biblioteca Nacional do Uruguai, mais de 1.000 edições do jornal *El Día* – desde sua fundação em 1896 até o ano de 1930 – em datas e períodos previamente selecionados e relativos aos dias correspondentes a eventos de relevância política e esportiva, como partidas internacionais, decisões de campeonatos dos quais a seleção uruguaia ou algum clube do país fazia parte, visitas de delegações estrangeiras a Montevidéu e tudo relacionado ao sediamento de campeonatos no Uruguai e às campanhas uruguaias nos Campeonatos Sul-Americanos, nas Olimpíadas de 1924 e 1928 e na Copa do Mundo de 1930. Dessas edições, pouco mais de 150 foram incluídas nesta dissertação sob a forma de citações diretas ou indiretas.

O tratamento das fontes foi um processo extenso devido a alguns fatores. Primeiramente, porque por diversas vezes a qualidade de imagem da reprodução do jornal via-se prejudicada, de maneira que foi necessário selecionar os extratos dos textos que ainda estavam minimamente legíveis. Em segundo lugar, pois a variante do espanhol rioplatense de finais do século XIX e início do século XX incluía muitos vocábulos e estruturas que caíram em desuso no Uruguai atual, de maneira que foram necessárias pesquisas para compreender partes dos textos e interpretar referências utilizadas pelo jornal relativas ao contexto da época.

Adicionalmente, os trechos de interesse nem sempre se encontravam nas seções do *El Día* diretamente associadas ao futebol, e o próprio futebol mudou algumas vezes de lugar na estrutura do jornal ao longo do período estudado, de maneira que foi necessário vasculhar as demais seções das edições do diário consultadas, para garantir que informações importantes não passariam despercebidas. A partir de meados da década de 1910, em que as edições do *El Día* frequentemente alcançavam mais de 10 páginas, essa análise tornou-se especialmente prolongada. Finalizado o processo, foram transcritos os trechos do jornal a serem utilizados como citações diretas e traduzidos ao português, com o cuidado para mantê-los fiéis ao original e conservar o estilo de escrita e expressões características da redação do *El Día*, como o uso de vocábulos em inglês ao discorrer sobre o esporte bretão.

Em relação à estrutura do jornal, convém afirmar que se tratava de uma publicação de frequência diária (desde seus primeiros anos até a década de 1990), publicada de segunda a sábado e em alguns anos também aos domingos. Apesar de ter sua circulação concentrada em Montevidéu e da baixa disponibilidade de informações acerca de sua inserção no resto do país no período estudado, o *El Día* trazia no topo de boa parte de suas edições os valores para assinatura na capital e no resto do país, demonstrando que, pese as dificuldades logísticas, o diário, que como afirmamos era possivelmente o maior do país à época, chegava ao

esparsamente povoado interior uruguaio. A quantidade de páginas do jornal variou desde 4 a 6, em média, ao longo da década de 1890, até cerca de 10 a 12 na década de 1920.

Em se tratando de um período em que quase todos os veículos de imprensa uruguaia eram abertamente de propriedade de grupos políticos, o *El Día* adotava uma linguagem consideravelmente opinativa em suas variadas seções, funcionando, de fato, como o porta-voz *batllista*. Apesar disso, poucas seções eram assinadas, e as seções sobre futebol, quando o eram, vinham com a assinatura do pseudônimo *referee*, o qual provavelmente se associou a diversos cronistas ao longo dos anos, como Héctor Rivadavia Gómez, um dos mais ativos membros do jornal na direção esportiva e futebolística uruguaia. Em se tratando de sua direção, o *El Día* era sempre chefiado por pessoas intimamente ligadas a José Batlle e, consequentemente, ao núcleo político *batllista*, como o mencionado Héctor Gómez, Pedro Manini Ríos – antes dessas duas figuras romperem politicamente com Batlle e deixarem o jornal –, e mais destacadamente, César Batlle Pacheco, filho de José Batlle. Diversos membros da família Batlle participaram da redação do jornal, como Lorenzo Batlle Berres, correspondente do *El Día* nos Jogos Olímpicos de 1924. Até o atual editor-chefe do *El Día*, Rafael Franzini Batlle, carrega o sobrenome do fundador do jornal, que hoje funciona apenas em formato digital.

A partir de 1897, o futebol passou a compor parte frequente e relevante do *El Día*, ocupando cada vez mais espaço no diário ao longo dos anos analisados. Raramente aparecendo na primeira página, reservada principalmente a notícias de política, conflitos e classificados, o futebol foi alocado em diversas seções ao longo dos anos. Inicialmente, aparecia na seção *Football*, criada em 1897, que foi incorporada em 1907 à seção mais ampla *Deportes Físicos*. Em 1912, essa seção passou a se chamar *Movimiento Sportivo* e, três anos depois, em 1915, foi renomeada como *Deportes y Juegos*. Por fim, a partir de meados de 1918, adotou o nome *Cultura Física*, denominação que se manteve até o final do período abordado nesta dissertação. Ao longo da participação da seleção uruguaia em torneios internacionais, contudo, as notícias relacionadas ao futebol invadem outras seções do jornal, sobretudo durante as Olimpíadas de 1924, 1928 e a Copa do Mundo de 1930, períodos em que é possível encontrar informações sobre esse esporte ao longo de boa parte das páginas publicadas pelo *El Día*.

Posto isso, convém tratar da bibliografia e referencial teórico consultado. Primeiramente, para pensar o Uruguai não apenas no âmbito político, mas também como sociedade e, mais especificamente, no desenvolvimento da identidade nacional uruguaia, tomamos por base a obra *Comunidades Imaginadas* (2008), de Benedict Anderson. Trata-se

de um clássico para compreender o processo pelo qual indivíduos passam a perceber-se como parte de um coletivo abstrato e de grandes proporções, a nação. Com o auxílio das ideias desse autor, foi possível analisar diversos aspectos da formação sociopolítica do Uruguai.

Para o estudo de aspectos gerais da história uruguaia, tomamos por base historiadores renomados do país, como Carlos Real de Azúa, José Pedro Barrán e Gerardo Caetano. Adicionalmente, temos como referências para a compreensão do *batllismo* enquanto ideologia e corrente política, autores como Barrán e Caetano, novamente, Benjamín Nahum, e o historiador brasileiro Marcos Alves de Souza. Além disso, há três obras de autores uruguaios cuja temática do futebol e sua relação com a cultura ou política uruguaia se acerca à nossa e, por isso, foram usadas por diversas vezes como apoio na discussão aqui proposta. Em função disso, cabe apresentá-las detalhadamente.

A primeira é *Orígenes y desarrollo del fútbol en el Uruguay: Nuevas miradas (1870-1920)* (2019), de Juan Carlos Luzuriaga. O livro destrincha todo o processo pelo qual o futebol chegou ao Uruguai através da comunidade inglesa e se espalhou como prática dentre outros grupos residentes no país até se tornar um esporte difundido nacionalmente. A obra é essencial para compreender o contexto de surgimento e a mentalidade original de algumas das principais instituições responsáveis pela popularização do futebol no país, como o *Albion Football Club*, o *Club Nacional de Football* e o *Central Uruguay Railway Cricket Club* (*CURCC*). O autor provê um importante panorama que possibilita compreender as singularidades que tornaram o futebol uruguaio tão atrativo para a sua população já na virada do século XIX para o XX. Além disso, vale destacar que, apesar de o Uruguai ser um país muito centrado em sua capital, Montevidéu, a obra em questão preocupa-se em comentar o processo de difusão do futebol também em outras localidades do país.

A segunda obra que tomamos por base é *Fútbol, política y sociedad : las relaciones entre el poder político, la identidad nacional y el fútbol en el Uruguay 1916-1930* (2013), de Andrés Morales. Trata-se de uma dissertação de mestrado que aborda diversos nuances da relação entre política e futebol no Uruguai em um recorte temporal que corresponde a uma parte do período que estudamos nesta dissertação. Morales adota um escopo de análise amplo, detalhando diversos aspectos institucionais da política uruguaia, como a dinâmica de partidos e forças políticas e suas relações com o futebol. Além disso, o autor aborda a relação dos principais grupos políticos do período com esse esporte, trazendo perspectivas das diferentes alas do *Partido Colorado*, do *Partido Nacional* e das esquerdas uruguaias, compostas pelos círculos anarquistas, socialistas e comunistas.

Ainda vale ressaltar que o autor apresenta e discute aspectos relevantes da construção da identidade nacional uruguaia em diálogo com o futebol. Sendo assim, a obra mencionada é uma das principais referências utilizadas nesta dissertação, tanto por sua similaridade temática quanto por sua amplitude e profundidade analítica. Cabe a ressalva, no entanto, de que, apesar da obra de Morales englobar a relação entre *batllismo* e o futebol, esta questão não é o foco principal de sua análise. Por isso, acreditamos ter proposto novos e distintos pontos para se refletir acerca do papel do futebol em seu diálogo com o *batllismo*, sobretudo no âmbito ideológico, buscando explorar a fundo os discursos do jornal *El Día* em um recorte temporal ampliado, que vai desde as primeiras menções ao futebol no jornal *batllista*, em um momento em que esse esporte ainda era pouco conhecido no Uruguai, até o ponto, anos mais tarde, em que os textos do *El Día* já tratavam a seleção uruguaia como elemento de orgulho pátrio e descreviam seus jogadores como heróis nacionais.

Finalmente, a terceira obra que mencionamos é *Donde se cuentan proezas: fútbol uruguayo (1920-1930)*, de Ricardo Lombardo. Este livro é um dos mais completos para se compreender a história por trás das medalhas de ouro olímpicas conquistadas pela seleção uruguaia em 1924 e 1928, além da vitória do país na primeira Copa do Mundo, em 1930. Lombardo relata as dificuldades por trás das viagens da seleção uruguaia à Europa para disputar os torneios olímpicos, as quais, devido aos altos custos e complicações logísticas da época, adquiriram caráter quase épico. Em meio à narrativa, o autor mescla aspectos esportivos, políticos e algumas anedotas, fornecendo um panorama que dimensiona bem a esquecida proporção que as conquistas uruguaias adquiriram internacionalmente. Assim, apresenta a perspectiva de personagens envolvidos e diversas transcrições de textos publicados em veículos de imprensa europeus que relataram e reagiram aos feitos esportivos de um país que, à época, era pouco conhecido na Europa.

Adicionalmente, cabe nomear outros autores do meio acadêmico que se dedicaram ao estudo do futebol e que recorremos para a elaboração desta dissertação. Destacam-se os argentinos Pablo Alabarces e Eduardo Archetti, o brasileiro Carlos Eduardo Sarmento, e diversos autores uruguaios, dos quais, além dos já apresentados, vale mencionar Rafael Bayce, Pierre Arrighi e Atilio Garrido.

Concluída a breve menção aos autores e bibliografia principal consultada, cabe abordar a estrutura desta dissertação. Conforme comentado, o trabalho foi dividido em três capítulos, cada um correspondente a um período e a alguns aspectos específicos.

No primeiro capítulo, apresentamos aspectos centrais da formação sociopolítica do Uruguai, destacando particularidades da ocupação colonial e do período pós-independência

que diferenciam o país de seus vizinhos e que são fundamentais para contextualizar a análise da relação entre *batllismo* e futebol. Exploramos, nesse contexto, a construção da identidade nacional uruguaia, em diálogo com o conceito de "comunidades imaginadas" de Benedict Anderson. Em seguida, tratamos da chegada e da popularização do futebol no Uruguai, com foco na forma como o jornal *El Día*, ligado ao discurso *batllista*, passou a enxergar o esporte como um meio de integração social em uma sociedade fragmentada por distintas origens migratórias e desigualdades de classe. Essa primeira etapa da análise, que abrange o período de 1897 até o final do século XIX, mostra como os jogos entre clubes locais e equipes argentinas ou de marinheiros britânicos passaram a atrair o público montevideano, antecipando uma rivalidade internacional que ganharia importância simbólica nas décadas seguintes.

O segundo capítulo analisa o discurso *batllista* em torno da construção da seleção uruguaia como símbolo nacional, destacando o período entre 1901 e 1916, quando o *El Día* passou a enfatizar a contraposição futebolística com a Argentina como elemento central de afirmação nacional. Nesse contexto, discutimos as primeiras iniciativas para a formação de uma equipe nacional uruguaia, num momento em que apenas nas Ilhas Britânicas realizavam-se partidas entre seleções, e Uruguai e Argentina se tornaram pioneiros sul-americanos nesse formato. Mesmo diante da hegemonia argentina nos primeiros anos, o jornal *batllista* adotou uma narrativa de otimismo, associando o futuro sucesso esportivo uruguaio à promessa de progresso nacional promovida pelo *batllismo* em seu auge reformista. A virada nos resultados a partir de 1910 reforçou esse discurso, culminando na conquista do primeiro Campeonato Sul-Americano em 1916 e na proposta, por parte de Héctor Gómez — político e dirigente esportivo inicialmente ligado aos círculos *batllistas* e ao *El Día* —, de criação da Confederação Sul-Americana de Futebol, que institucionalizaria a disputa simbólica e política entre as nações da região através do futebol.

No último capítulo, que abrange o período entre 1917 e 1930, analisamos a fase mais vitoriosa da história do futebol uruguaio, quando o discurso *batllista* no *El Día* deixou de se apoiar na esperança futura para celebrar conquistas concretas do presente, refletindo a percepção de que a modernidade sonhada pelo *batllismo* havia se realizado. Nesse contexto, examinamos como o jornal articulou simbolicamente os triunfos da seleção — especialmente as medalhas olímpicas de 1924 e 1928 e a vitória na Copa do Mundo de 1930 — como expressão do êxito do projeto político *batllista*, reforçando a ideia de uma nação moderna, civilizada e protagonista do movimento esportivo internacional. Também discutimos o projeto de sediar a primeira Copa do Mundo em Montevidéu, inserido nas celebrações do

centenário da constituição uruguaia, como estratégia de projeção simbólica e política do Uruguai no cenário global.

Conforme se observa, a dissertação está organizada de maneira cronológica, buscando acompanhar como o futebol foi progressivamente incorporado ao discurso *batllista* como um elemento central na construção simbólica da identidade nacional uruguaia. Ao longo do percurso, pretendemos demonstrar como o jornal *El Día*, elemento-chave para a tradição *batllista*, desempenhou papel fundamental na elaboração e na difusão desse imaginário, revelando como o futebol foi apropriado como uma linguagem política e cultural capaz de representar uma nação em transformação.

Capítulo 1: Uma nação fragmentada e um esporte integrador

A formação do Estado-nação uruguaio é repleta de especificidades nos âmbitos histórico, político e social. Não obstante suas similaridades em aspectos gerais com outros processos de formação nacional latinoamericanos, há elementos que moldaram no Uruguai uma cultura política de longa duração bastante excepcional para o contexto da região.

Em face disso, convém se debruçar sobre esses elementos. Esperamos estimular uma reflexão sobre a complexidade da formação nacional em consonância com o pensamento exposto por Benedict Anderson na sua obra Comunidades Imaginadas[3]. Para Anderson (2008), as nações modernas têm sua essência em comunidades imaginadas, que surgem quando milhares ou milhões de indivíduos em determinado território conseguem imaginar-se como parte de um coletivo cuja maior parte dos membros lhes é completamente desconhecida. O que une essas pessoas é a sensação de compartilharem tradições, práticas culturais e uma narrativa histórica, formando parte de algo além das suas relações sociais concretas e palpáveis, a nação.

Sob esse prisma, embora o presente trabalho tome por objeto de estudo as relações entre o *batllismo* e o futebol a partir de 1897, é fundamental que antes se discuta algumas questões fundacionais do Uruguai enquanto nação. Isso porque, sem a apresentação de algumas das particularidades uruguaias, é difícil entender o que viabilizou a emergência de uma corrente política tão progressista para a sua época como foi o *batllismo* em suas primeiras décadas, porque o futebol uruguaio teve um desenvolvimento inicial tão distinto daquele observado em países vizinhos, como Brasil e Argentina, e ainda, quais elementos da cultura uruguaia foram mobilizados e articulados ao futebol pelo *batllismo*.

Portanto, as primeiras seções deste capítulo visam explicitar seis pontos principais do contexto uruguaio. São eles: a ocupação colonial tardia; a sobreposição das identidades uruguaia e rioplatense (e o simbolismo da figura de José Artigas); a longeva rivalidade entre Buenos Aires e Montevidéu; a redução da presença da Igreja no Uruguai; a alfabetização massiva e precoce no país; e finalmente, a constituição da população uruguaia no final do século XIX, em se tratando de uma sociedade com vasta presença de estrangeiros recém-chegados.

[3] Obra publicada originalmente em 1983 e revisada e reeditada para nova publicação em 1991. Utilizaremos uma edição de 2008, que é uma tradução em português brasileiro da segunda versão do livro.

Origens da sociedade oriental

O termo oriental, presente no nome oficial do país – República Oriental do Uruguai, é até hoje usado de forma intercambiável com o gentílico uruguaio. Basicamente, expressa a localização do território nacional à margem leste (oriental) do Rio Uruguai, que acompanha a fronteira entre o país homônimo e as províncias argentinas de Corrientes e Entre Ríos, até desaguar no Rio da Prata, o qual prossegue separando os dois países. Historicamente, a denominação do território uruguaio como oriental disseminou a partir do termo Banda Oriental, usado desde o período colonial. Esse termo revela a forma como o Império Espanhol tratou a região durante mais de um século: uma zona pouco explorada e de pouco potencial econômico quando comparada a terras dispostas à oeste do Rio Uruguai.

Até o final do século XIX e nos primeiros anos do século XX observamos, através da análise de fontes periódicas, que o termo "uruguaio" era ainda esporádico na imprensa local. Em se tratando de um país com poucas décadas de existência e uma sociedade majoritariamente recém-formada, a identidade nacional uruguaia era incipiente, de modo que a principal referência para nomear a si próprios advinha de um gentílico pré-independência.

Trata-se de uma perspectiva que reflete o que o historiador uruguaio Carlos Real de Azúa, em *Uruguay, ¿una sociedad amortiguadora?*, denomina "implantação colonial débil e tardia" (Real de Azúa, 1984, p. 17, traduzido[4]). O autor afirma que é lugar comum na historiografia uruguaia destacar o quão demorado foi o esforço espanhol em organizar uma ocupação colonial concreta na região, tida como hostil e carente de atrativos econômicos, pese a escassa disponibilidade de recursos minerais e clima e solo não tão atrativos a uma agricultura rentável.

Em face disso, Real de Azúa (1984) pontua que a preocupação espanhola em estabelecer uma ocupação permanente no atual Uruguai viria em larga medida não por um interesse na região em si, mas sim como forma de frear as pretensões de avanço territorial português. Vale lembrar que, em finais do século XVII, os portugueses haviam fundado Colônia do Sacramento em plena Banda Oriental e ademais de frente para o porto de Buenos Aires, separadas as duas cidades pelo Rio da Prata.

Nesse contexto, foi instalada pelos espanhóis a governação de Montevidéu, em 1750 (Real de Azúa, 1984). A cidade, que havia sido fundada em 1724, era consideravelmente mais recente que outras das atuais capitais sul-americanas como Assunção, Buenos Aires e Santiago, todas datadas do século XVI. O duradouro desinteresse espanhol na Banda Oriental

[4] Todas as citações traduzidas no presente trabalho são traduções próprias.

gerou, segundo aponta o historiador Gerardo Caetano (2019), em sua obra *Historia mínima de Uruguay*, uma ocupação colonial bastante distinta daquelas observadas em regiões de colonização mais antiga, caracterizada por uma baixa capacidade coercitiva por parte do Estado colonial e por uma participação enfraquecida da Igreja católica no processo de colonização oriental.

Outrossim, Caetano (2019) explica que a recente Montevidéu do século XVIII nutria um sentimento de competição e rivalidade com Buenos Aires. Manifestação disso é observável no que este historiador denomina luta de portos, disputa marcada por um forte ressentimento de comerciantes montevideanos diante da recusa portenha a pedidos de instalação de um Consulado de Comércio em Montevidéu. Os bonaerenses tinham o poder para esta recusa pelo fato de Montevidéu estar submetida administrativamente a Buenos Aires na organização do Império Espanhol: as duas cidades faziam parte do Vice-Reino do Rio da Prata, estabelecido em 1776 e centrado na atual capital argentina.

No entanto, paralelamente a sua subordinação a Buenos Aires, os montevideanos gozavam de relativo grau de autonomia política. O cientista político e sociólogo uruguaio Rafael Bayce (2014), em trabalho intitulado *El sinuoso proceso de constitución de la identidad nacional y futbolística*, explica que muito por conta de sua importância estratégica para defesa do território espanhol de possíveis invasões – inicialmente portuguesas e posteriormente inglesas ou napoleônicas – a Governação de Montevidéu tinha limitado poder decisório, expresso, por exemplo, por seu assento autônomo no Conselho das Índias, principal órgão de administração colonial espanhola.

Este autor aponta que seu particular status concebia à jovem cidade oriental modesta capacidade de autodeterminação em relação à poderosa Buenos Aires. Este panorama gerou uma mentalidade autonomista em Montevidéu, que perdurou até o surgimento do Uruguai enquanto Estado soberano: “a independência ultrapassou a autoconsciência de autonomia que quase sempre cultivara historicamente Montevidéu, como embrião de nação” (Bayce, 2014, p.49, traduzido). Assim, considerar a posição montevideana perante a Coroa é pertinente para refletir sobre as origens da sociedade uruguaia.

Em consonância com essa afirmação, Anderson, em *Comunidades Imaginadas* (2008), propõe que a estrutura de administração colonial da América Espanhola desempenhou papel central para a germinação de comunidades e identidades locais, que após longos processos se converteriam em nacionais. O autor enfatiza a natureza *criolla* – oriunda de filhos de europeus nascidos nos domínios do Império Espanhol nas Américas – dos movimentos nacionalistas que emergem contra a Coroa no continente. De forma geral, são

grupos sociais que gradativamente se sentem injustiçados por práticas do governo espanhol e que, simultaneamente, consideram-se diferentes de massas populares, muitas delas pertencentes a etnias e falantes de idiomas distintos daqueles dos *criollos*, no que diz respeito sobretudo a grupos indígenas e afrodescendentes. A insatisfação com a Coroa aliada ao medo de insurreições desses setores populares mobilizaria o recorte de classe das elites *criollas* em prol da defesa de seus interesses políticos.

Para essa mobilização, era fundamental que esses grupos *criollos* se percebessem como coletivos ou como comunidades imaginadas. É nesse ponto que as redes de administração colonial assumem o protagonismo no desenvolvimento de identidades. A explicação para isso, segundo Anderson (2008), reside no funcionalismo público *criollo* do século XVIII, modalidade de carreira à qual uma parcela considerável deste estrato social se dedicava. Os funcionários *criollos* do Império Espanhol frequentemente eram transferidos entres cidades, com circulação geralmente limitada a uma divisão administrativa. Nessa lógica, um empregado que iniciava uma carreira no interior do Vice-Reino do Rio da Prata poderia ascender e ser transferido para seu centro administrativo em Buenos Aires, mas dificilmente seria enviado para uma cidade externa ao Vice-Reino, como Quito ou Santiago.

Além de restringir os funcionários *criollos* de trabalhar fora dos limites territoriais de sua subdivisão do Império, a estrutura burocrática ainda os barrava de ascender a determinados cargos, regalias reservadas aos funcionários espanhóis. Isso criava o que Anderson chamou de jornada: por décadas, empregados públicos *criollos* se instalavam de cidade em cidade dentro de determinada divisão administrativa colonial e iam conhecendo seus pares que realizavam jornadas similares. Além de compartilhar uma trajetória de vida parecida, partilhavam também as restrições de cargos e geográficas impostas pela administração espanhola.

A jornada e o idioma em comum, a insatisfação com a metrópole e a circunscrição da carreira a um determinado território, aliados às barreiras geográficas naturais e à limitada infraestrutura de transporte e comunicação eram, para o autor, a soma de fatores que levaram esses grupos *criollos* a imaginarem-se em comunidade. A maioria destes indivíduos, embora não se conhecesse pessoalmente, adquiria consciência da existência de milhares de elementos em diversas regiões daquele território que estariam passando pelas mesmas experiências e sofrendo com as mesmas frustrações. Trata-se de uma concepção relativamente inédita, ao ser viabilizada por recursos da modernidade, como a difusão da imprensa escrita. Desse processo, Anderson explica que emergiram os primeiros sentimentos nacionais.

Assim, tendo em vista os impactos da estrutura política colonial na formação de identidades, temos a governação de Montevidéu de 1750 como um caso complexo, já que desfrutava de relativa autonomia ao mesmo tempo em que estava subjugada a Buenos Aires por fazer parte, de 1776 até finais do domínio espanhol na região, do Vice-Reino do Rio da Prata, cujo poder político centrava-se na atual capital argentina. Paralelamente, crescia a rivalidade comercial entre os portos das duas margens do Prata. Esse panorama permitiria a emergência de dois sentimentos comunitários coexistentes, que se desenvolveram um como rioplatense e outro, como oriental. A sobreposição de identidades no Uruguai, que ora vê na Argentina seu semelhante rioplatense e ora a enxerga como seu rival ou inimigo, é algo que persistiria por décadas e se expressa já nos primórdios do futebol na região.

É importante frisar que a sobreposição identitária não é algo específico ao Uruguai. O historiador argentino José Carlos Chiaramonte (1989), em *Formas de identidad en el Río de la Plata luego de 1810*, analisa a Argentina e destaca o surgimento de três formas de identidade política pós-independência. A primeira seria uma hispanoamericana, ou sentimento de serem espanhóis da América – bastante compreensível se pensarmos na lógica proposta por Anderson (2008), em que os sentimentos nacionais na região nasceram em estratos sociais *criollos* unidos por língua e etnia, além, claro, da insatisfação com os privilégios dos espanhóis nascidos na Europa e pela simultânea vontade de defender seu status político-social perante grupos subalternos de outros idiomas e etnias.

A segunda forma de identidade política que o autor pontua é a rioplatense ou argentina, a mais diretamente atrelada ao sentimento de comunidade circunscrito a uma antiga divisão colonial, como era o caso do Vice-Reino do Rio da Prata. A terceira, e mais importante para a presente análise, seria a provinciana, baseada no apego ao lugar de origem ou de criação – um pouco mais concreta, por envolver em larga medida lugares e pessoas com os quais o indivíduo realmente interagiu, mas ainda requerendo certo grau de imaginação, já que é virtualmente impossível conhecer toda a população e geografia de uma localidade.

Podemos inferir que o sentimento oriental originalmente se assemelha a uma identidade provinciana. Esta seria consideravelmente potencializada em Montevidéu em detrimento da identidade rioplatense pelo status político privilegiado da governação montevideana e pela rivalidade comercial com Buenos Aires. A sobreposição identitária e o desejo de autodeterminação oriental são pontos chave para entender a emergência, em princípios do século XIX, do artiguismo, movimento considerado gênese do que anos mais tarde viria a ser a independência uruguaia, articulado ao nome de José Gervasio Artigas.

O artiguismo influenciou não apenas o processo de independência uruguaio como também boa parte das narrativas nacionalistas que foram traçadas ao longo de quase todo o primeiro século de existência do país. Poucos exemplos dimensionam melhor o papel simbólico de Artigas quanto o fato de a Praça Independência, coração de Montevidéu, ostentar em seu centro uma enorme estátua deste líder político e militar, rodeada por escadas que levam a seu mausoléu subterrâneo. O edifício sede da presidência, localizado na praça, tem sua fachada apontada para a estátua e de frente para ela tem início a avenida mais famosa da capital uruguaia, a 18 de julho. Simbolicamente, podemos dizer que a nação emana da figura de Artigas e se governa olhando para ela.

Figura 2: Estátua de José Gervásio Artigas e edifício sede da presidência uruguaia, à esquerda, na Praça Independência, em Montevidéu.



Fonte: Acervo do autor, 2024.

A relevância deste líder dá-se ao passo que, tal qual a Revolução de Maio capitaneada por Buenos Aires, a Revolução Oriental liderada por Artigas foi, à outra margem do Rio da Prata, o símbolo máximo da luta por autodeterminação *criolla*. Trata-se de conflitos bastante complexos, pormenorizados na análise sobre o artiguismo realizada pelo historiador John Street em seu livro *Artigas y la emancipación del Uruguay* (1967). Um dos aspectos destacáveis da obra é romper a visão simplista e imprecisa de que as duas revoluções corresponderiam a lutas em paralelo de povos autodefinidos como orientais e argentinos contra colonizadores espanhóis.

Na realidade, as disputas vivenciadas pela região rioplatense nas primeiras décadas do século XIX envolviam uma multiplicidade de forças políticas e motivações. Tendo em vista que nosso foco é a essência do pensamento artiguista, não cabe entrar nos pormenores desses conflitos – faz se necessário, contudo, evidenciar que Artigas tinha um pensamento alinhado em alguns pontos e divergente em outros daquilo que era proposto pelos revolucionários da Revolução de Maio. A principal motivação em comum era a importância de encerrar o domínio espanhol na região. No entanto, Artigas defendia para a região do Prata um governo descentralizado, sob um modelo de confederação, em oposição às aspirações centralizadoras dos revolucionários de Buenos Aires.

Nesse sentido, Bayce (2014) argumenta que o artiguismo, embora surgido em outro contexto e movido por motivações distintas, expressa o espírito autonomista que há décadas já caracterizava a relação de Montevidéu em oposição à hegemonia de Buenos Aires. Curiosamente, nos primeiros anos da revolução artiguista, Montevidéu funcionou como reduto contra-revolucionário: o sentimento anti Buenos Aires era tão forte que as forças militares da cidade consideravam os portenhos seus inimigos primários, vendo o governo espanhol como um possível árbitro para suas disputas com a outra margem do Prata, como explica Street (1967).

Assim, em meio a um tão complexo jogo de forças, o que exatamente propunha Artigas para a Banda Oriental? O autor fornece uma resposta elucidativa para esta pergunta:

> [...] com certeza podemos afirmar que Artigas se centrou no conceito da auto-determinação das províncias individuais dentro do Vice-Reino, e elaborou um plano que tendia a uma confederação isenta de laços rígidos entre elas, que com o tempo poderia converter-se em uma verdadeira federação (STREET, 1967, p. 117, traduzido).

Há que levar-se em conta que o pós independência das ex-colônias americanas presenciou diversos debates entre projetos de Estados unitários, federações e confederações.

Para compreender essa questão e, por conseguinte, o que o artiguismo desejava para a Banda Oriental, cabe observar a explicação de Chiaramonte (2004). O autor diferencia os conceitos de confederação e federação, que acabaram por serem misturados na historiografia tradicional. Embora tanto a federação quanto a confederação garantam certa autonomia para as regiões em relação ao governo central, no caso da federação concede-se um maior poder para este, que administra questões de interesse comum, como as relações exteriores e a defesa nacional. No caso da confederação, a soberania é notadamente fragmentada, podendo uma confederação ser interpretada como uma aliança política entre Estados soberanos, em que ao governo central são delegadas apenas funções específicas.

A discordância de Artigas, um defensor da confederação, para com os bonaerenses da Revolução de Maio, majoritariamente unitaristas, era que o projeto unitarista prezava pela soberania indivisível, acreditando que sua fragmentação poderia acarretar um estado de anarquia. O autor revela que defensores de confederações, como Artigas, apoiavam o que consideravam uma associação de sociedades independentes, tomando por base o princípio da soberania de cada uma das nações (no sentido de povos) componentes da confederação.

Dessa forma, o pensamento artiguista não rechaça os povos da outra margem dos rios da Prata e Uruguai e busca associar-se politicamente aos mesmos, mas conservando a autodeterminação dos orientais, compreendidos como povo em confraternização com os demais rioplatenses. Interpretar o artiguismo, constantemente resgatado pela simbologia nacionalista uruguaia, é basilar para entender a complexa sobreposição identitária presente na sociedade oriental, que se manteve após o surgimento do Uruguai enquanto Estado independente.

Em se tratando da independência uruguaia, ressaltamos que o artiguismo não foi o canal direto pelo qual o Uruguai se emancipou. Embora Artigas tenha chegado a liderar a chamada Liga Federal, confederação que entre 1814 e 1820 fez frente ao unitarismo portenho, composta pelo atual Uruguai como Província Oriental além de áreas que correspondem à atual Argentina, como as províncias de Misiones, Entre Ríos, Corrientes, Córdoba e Santa Fé, as pretensões do político se desfaleceram perante derrotas contra tropas portuguesas e bonaerenses (em ocasiões separadas) que levaram, não entrando em detalhes das campanhas, ao fracasso da Liga e à anexação do território uruguaio pelo Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves, posteriormente compondo o recém-independente Império Brasileiro.

Artigas viveu em exílio no Paraguai até seu falecimento e não teve participação no conflito que resultou na independência uruguaia, a Guerra da Cisplatina (1825-1828). O

conflito, cessado após intervenção diplomática britânica, resultou na assinatura do Tratado de Montevidéu, que independentizou o Uruguai e apaziguou, com isso, tensões entre argentinos e brasileiros que disputavam a região. Essa guerra eternizaria na simbologia nacionalista uruguaia o grupo dos Trinta e Três Orientais, que até hoje partilham as representações patrióticas com a figura de Artigas.

Dessa sequência de eventos, surgiria em finais da década de 1820, o Estado Oriental do Uruguai, hoje República Oriental do Uruguai. Consistia em um território esparsamente povoado, com uma população total estimada em pouco mais de 70 mil habitantes para o ano de 1830, segundo Pellegrino, em *La población de Uruguay: breve caracterización demográfica* (2010), e que conforme discutido, possuía estruturas sociais muito mais recentes e menos consolidadas em relação a outros países recém independentes da América Latina.

Embora diminuta, tratava-se de uma sociedade que nutria historicamente o mencionado desejo de se autogovernar e cujo território habitado havia sido palco de disputas entre espanhóis, portugueses e posteriormente argentinos, brasileiros e ingleses. Devemos ressaltar que os conflitos estiveram longe de cessar com a independência, com destaque para a Guerra Grande, guerra civil que se desenrolou de 1839 a 1851 e para a participação uruguaia, ao lado de argentinos e brasileiros, na Guerra do Paraguai, de 1864 a 1870. Seria somente a partir da década de 1870 que o Uruguai desfrutaria de momentânea paz e estabilidade política que tornaram possíveis as primeiras reformas modernizadoras no país.

Essa fase, importante para contextualizar a posterior modernização *batllista* do início do século XX, teria início com o autoritarismo militar de Lorenzo Latorre (Caetano e Rilla, 2005). Latorre, que governa o país de 1876 a 1880, assumiu no contexto de um Uruguai consideravelmente pastoril e caudilhesco, em que era normalizado fazer uso do conflito armado para atingir interesses políticos. As forças políticas *blancas* e *coloradas*, que ditaram os rumos políticos do Uruguai ao longo de praticamente todo o século XX, ainda não eram estruturadas nos moldes modernos de partidos políticos, o que fazia com que o confronto bélico surgisse como alternativa corriqueira na disputa pelo poder.

Caetano e Rilla (2005), em *Historia contemporánea del Uruguay: de la colonia al siglo XXI*, explicam que Latorre, de forma autoritária e com apoio do empresariado rural – que desde 1871 se organizava em torno da Associação Rural do Uruguai – pôde dar cabo a reformas visando adequar as àquela altura defasadas estruturas produtivas uruguaias às demandas do mercado global. Dessa forma, foi possível minimizar a crise econômica que vinha assolando o país, herança de décadas de guerras e fruto de uma produção que não havia se adaptado aos novos tempos.

Essa primeira fase de modernização abriu os caminhos para que, a partir de 1904 e sob governos civis *colorados*, tivesse início o período de reformismo *batllista*, que ao longo dos anos subsequentes consolidaria em definitivo a modernização uruguaia e colocaria o país em posição de destaque regional, estabelecendo seu legado de longa duração. Em sua ambição de construir um Uruguai moderno, contudo, o *batllismo* não herdaria desafios apenas nos campos político e econômico, como veremos a seguir.

Modelos de comunidade e a construção da condição nacional uruguaia

Para além dos conflitos bélicos e das crises econômicas, o Uruguai do século XIX vivenciava também uma espécie de crise de identidade. Para o entendimento desse ponto, vale a pena refletir sobre o que compõe fundamentalmente um Estado-nação. Embora não haja consenso absoluto, há certa concordância em torno de elementos básicos como soberania sob um determinado território, governo e população, além de notada necessidade de reconhecimento de um Estado-nação por parte de seus pares.

Todavia, sobretudo no âmbito interno, é necessário mais do que estes elementos. Para além dos mencionados desejos de autonomia política, era preciso que a população componente da nação se compreendesse, de fato, como parte dela. Esse ponto, que Anderson (2008) denomina condição nacional, é um recente produto da modernidade, não sendo algo simples de conceber nas jovens nações americanas do século XIX. Apesar da recência, trata-se de uma questão imprescindível: "a condição nacional [*nation-ness*] é o valor de maior legitimidade universal na vida política dos nossos tempos" (ANDERSON, 2008, p.28). Como, portanto, uma sociedade tão recente daria forma a sua condição nacional?

Como discutido, os sentimentos nacionais originam-se das comunidades imaginadas. Estas são possíveis apenas a partir da modernidade, já que emergem da transformação de antigas formas de organização social viabilizadas por recursos que a evolução tecnológica forneceu. Antes da comunidade imaginada, as sociedades se organizavam em torno de outros modelos comunitários, especialmente o religioso e o dinástico. Convém caracterizá-los sobretudo porque, na maior parte da América Espanhola e no Brasil, a forte presença da Igreja católica e a subordinação a monarquias foram elementos longevos de organização social em suas sociedades a partir do período colonial e, embora o Uruguai não estivesse desprovido dessas estruturas, expusemos que a sociedade oriental tem uma herança mais curta e menos intensa de influência da Igreja e da Coroa Espanhola. Logo, cabe analisar

como esse tipo de instituições moldam suas comunidades a fim de pensar a especificidade uruguaia.

Anderson (2008) explica que as comunidades religiosas se organizaram, primariamente, em torno de idiomas considerados sagrados (como o latim), que seriam o primeiro elo comum a seus membros, independentemente de estes possuírem ou não diferentes vernáculos. O fato da maioria dos membros da comunidade não dominar o idioma sagrado legitima uma hierarquia, em que o poder emana da esfera divina e é transmitido de cima para baixo por meio de sacerdotes até as massas iletradas, na base.

Similarmente, em sociedades dinásticas, o poder político emana do centro, do Monarca, de forma que os membros daquela sociedade não são cidadãos, mas sim, súditos, sentindo-se parte daquela comunidade à medida que a presença física ou simbólica do poder monárquico os alcança. Por conseguinte, em sociedades regidas por dinastias ou por religiões, o indivíduo é subordinado a um poder político que emana de cima ou do centro, de modo completamente distinta da noção moderna de cidadania, em que o poder político irradia, na visão de Anderson (2008), do próprio indivíduo, ao passo que ele é considerado cidadão, dotado de direitos e deveres perante os demais membros da comunidade política.

No caso uruguaio, se pensarmos a partir da fundação de Montevidéu até a independência do país sob um regime republicano, podemos inferir que a comunidade dinástica teve o relativamente curto período de pouco mais de um século de influência organizacional direta para a sociedade oriental. Em relação à Igreja Católica, além de sua participação diminuta no processo de colonização da Banda Oriental, a atuação eclesiástica foi ainda mais limitada após a independência.

A temática do catolicismo é fundamental para entender o Uruguai, devido à sua presença consideravelmente menor em comparação ao restante da América Latina. Ainda que o Uruguai seja, tal qual seus vizinhos, um país com o catolicismo consolidado, alguns dados chamam a atenção. Segundo levantamento de 2014 do instituto estadunidense *Pew Research Center*, o Uruguai é, com relativa ampla vantagem, o país com a menor porcentagem de católicos quando comparado a outras 17 nações latinoamericanas. Apenas 42% da população considera-se católica, um número consideravelmente baixo quando comparado aos 71% de argentinos ou aos 89% de paraguaios que assim se denominam.

Percebemos no caso uruguaio uma presença bastante considerável de pessoas que se declaram não serem filiadas a nenhuma religião (37%). Essa porcentagem representa mais que o dobro de não afiliados do segundo colocado da lista, a República Dominicana, com 18%. O Uruguai se sobressai também com a maior porcentagem de ateus observada no

levantamento (10%). Por conseguinte, apenas 28% dos uruguaios consideram a religião um aspecto bastante importante em suas vidas (Pew Research Center, 2014).

Nesse sentido, o historiador José Pedro Barrán (1988), em *Iglesia Católica y burguesía en el Uruguay de la modernización (1860-1900)*, aborda o antecipado processo de secularização uruguaio como consequência do histórico colonial tardio da Banda Oriental. Esse autor reitera a mencionada questão de que a partir das independências latinoamericanas, a maioria dos novos países já possuía um passado colonial de três séculos ou mais, modos de produção e religiosidade consolidados e anteriores ao capitalismo industrial moderno e uma população já estabelecida há gerações naqueles territórios, ascendente seja de povos nativos, de colonos, de povos africanos ou mestiça.

O Uruguai, por outro lado, não apenas carecia de estruturas sociais, políticas e de produção consolidadas, como também era um país que durante todo o século XIX teve sua população composta em larga medida por imigrantes recém-chegados. O autor expõe que, em 1843, a população de Montevidéu era composta em cerca de 50% por imigrantes europeus, dado que se manteve até finais do século XIX, a partir de novas ondas migratórias. As frágeis estruturas sociais preexistentes e a alta imigração criaram um panorama favorável para que o Estado uruguaio fosse ampliando precocemente seu escopo, ao ocupar funções que anteriormente cabiam à Igreja com menos resistência que em países vizinhos.

Logo, o antecipado processo de secularização do país foi um ponto marcante das primeiras décadas de formação político-social uruguaia. Prova disso são algumas das medidas adotadas pelo governo uruguaio em relação à Igreja, salientadas por Barrán (1988): em 1861, a proibição do transporte de cadáveres para as igrejas colocou a responsabilidade pelos cemitérios como uma incumbência pública; em 1877, o decreto de Educação Comum restringiu amplamente o ensino religioso nas escolas públicas; em 1879, foi instituído o Registro de Estado Civil, responsável por realizar processos como registros de nascimentos e casamentos; em 1885, foi definida a obrigatoriedade de matrimônio civil prévio àquele consumado pela Igreja.

Dando seguimento ao processo secularizador, segundo Susana Monreal, em *Secularización; Proceso en Uruguay* (2020), a chamada “lei de conventos” de 1885 conferiu ao Estado uruguaio autoridade para inspecionar casas religiosas no país. A autora aponta o ano citado como ponto de inflexão nas relações entre Estado e Igreja, com a ocorrência de atentados contra o periódico católico *El Bien Público* e a emigração sob ameaças de um dos religiosos mais influentes do Uruguai no período, o presbítero Mariano Soler, classificado como subversivo pelas autoridades civis do período.

Assim, ainda no século XIX o Estado uruguaio já teria logrado ampliar consideravelmente sua margem de atuação a partir de políticas que retiraram poder da Igreja. Vale pontuar que a secularização prosseguiria ao longo das primeiras décadas do século XX, tendo continuidade, portanto, durante o período de maior influência política do *batllismo*.

Se o Estado uruguaio se esforçava em desconstruir as já débeis em seu território estruturas de organização social pré-modernas herdadas de um processo colonial relativamente curto, de que forma e com que ferramentas se buscaria integrar a jovem e repleta de imigrantes sociedade oriental? Para preencher esse vácuo, o Uruguai engajou-se em um modelo organizacional de emergência contemporânea ao surgimento do país. Convém, a fim de entender esse modelo, observar novamente Anderson (2008), que caracteriza a forma moderna de comunidade não só como produto das novas tecnologias, mas também como fruto de uma nova forma de percepção temporal.

Trata-se da noção de tempo vazio e homogêneo, descrito por Walter Benjamin em *Magia e técnica, arte e política* (1987). É uma mentalidade que concebe o tempo numa linha reta na qual os acontecimentos vão se empilhando. A noção de progresso, tão presente na modernidade, está diretamente associada a essa concepção temporal. Nada a expressa melhor que a difusão do relógio, instrumento que marca a passagem das horas sempre da mesma forma: os dias se sucedem mecanicamente e de forma homogênea, numa marcha infinita.

De forma distinta dá-se a lógica do calendário, que registra o tempo em ciclos recheados de dias de rememoração, como os feriados, em que o passado é trazido à tona, interpretado e revivido sob a ótica do presente. O calendário e sua propriedade de reminiscência seguem tendo importância para as sociedades modernas, mas o vazio e a homogeneidade simbolizados pelo relógio geram impactos profundos. Deles emerge uma nova interpretação de simultaneidade, aspecto basilar para a sensação moderna de comunidade.

Objetivando elucidar essa questão, devemos observar a concepção temporal de sociedades pré-modernas, conforme descrito por Auerbach, em *Mimesis* (1971). Esse autor nota que, na mentalidade cristã medieval, predominava uma visão do fluxo temporal organizado verticalmente pela figura divina, na qual acontecimentos separados por anos ou séculos estariam unidos como profecias e cumprimentos delas. A organização lógica dos acontecimentos era rechaçada: “não mais importavam as relações terrenas de lugar, tempo e causalidade; a partir do momento em que uma relação vertical, ascendente de todo o acontecer para o alto, convergindo em Deus, era o único que importava, que tinha sentido” (Auerbach, 1971, p. 63).

Com o avanço das ciências, da tecnologia e com o gradual afastamento da religião do centro organizacional da vida política e social, Anderson (2008) explica que o tempo passou a ser interpretado não mais como ordenação divina, mas concebido através de uma nova lógica. A relação entre acontecimentos e entre pessoas passa a ser traçada pelas coincidências temporais assinaladas pelo relógio e pelo calendário, instrumentos que ordenam a nova forma de entender o tempo, agora vazio e homogêneo.

Essa mudança de mentalidade é crucial ao surgimento das comunidades imaginadas e do nacionalismo moderno. Isso porque, na visão de Anderson, as novas formas de percepção temporal e a noção moderna de coincidências temporais viabilizam a disseminação de duas formas literárias propulsoras de comunidades imaginadas. Trata-se do romance e do jornal, gêneros que o autor considera essenciais para dar forma a nações modernas como o Uruguai. Tamanha importância se dá, em primeiro lugar, porque romances e jornais lidam constantemente com a simultaneidade de linhas temporais, ao passo que relatam pessoas executando atividades distintas em diferentes cenários ao mesmo tempo. O leitor é colocado em posição de onisciência, não como organizador do tempo ou tentando atribuir algum sentido lógico à simultaneidade das ações, mas sim percebendo passivamente as coincidências temporais.

Expor-se gradativamente a esse modelo de narrativa estimula a concepção de comunidades. Ao conceber a realidade sob a ótica de linhas temporais simultâneas, vive-se com a impressão constante de que há um grande número de pessoas, cuja ampla maioria se desconhece, vivendo experiências distintas sincrônicas, em locais mais ou menos próximos, cujas ações podem influenciar direta ou indiretamente nas vidas umas das outras, sem que elas jamais possam visualizar por completo como isso se dá. Esse padrão de pensamento, tão intrínseco à vida moderna, mais ainda em núcleos urbanos, requer constante uso da imaginação para interpretar a comunidade da qual se faz parte.

No Uruguai do século XIX, sem a possibilidade de se escorar em estruturas sociais preexistentes no mesmo nível que as nações vizinhas, o periodismo e a literatura seriam de suma importância para imaginar-se como comunidade e especialmente, como nação autônoma. Sobretudo porque, conforme trabalhado, o Uruguai soberano e completamente desassociado das outras regiões rioplatenses foi uma proposta ascendida já próxima à independência e que de certa forma, resultou mais de uma alternativa viável de apaziguamento das tensões na região do que de uma idealização advinda de décadas, se levarmos em conta que o artiguismo, embora salientasse a vontade de autodeterminação

oriental, inseria a mesma em uma confederação pensada com outras regiões do antigo Vice-Reino do Rio da Prata.

Com esse objetivo, pensando no papel do romance para imaginar a nação, Myers, em "*Hacia la completa palingenesia y civilización de las naciones americanas":literatura romántica y proyecto social, 1830-1870* (1995), elucida alguns pontos. O autor explica que a primeira metade do século XIX foi um período de fortes tendências de historicização: as sociedades se viram como capazes de narrar e modelar suas próprias histórias, fazendo uso do romanticismo e da poesia como recursos fundamentais. Além disso, na América Latina, Myers pontua que o romantismo teve um especial caráter de legitimação não só das jovens nações surgidas das independências, como também de seus grupos políticos dirigentes, em geral, pertencentes às elites *criollas*, que, conforme trabalhado, foram o estrato social em que teriam surgido os primeiros esboços de consciência nacional latinoamericanos.

Em consonância a esta perspectiva, Morales (2013), em *Fútbol, Política y Sociedad: Las relaciones entre el poder político, la identidad nacional y el fútbol en el Uruguay, 1916-1930*, explica que em seus primórdios, a literatura nacionalista uruguaia ainda era bastante associada ao sentimento rioplatense. Destaca que em uma das principais obras literárias escritas nos primeiros anos do Uruguai independente, o chamado *Parnaso Oriental*, compilado de 1835 de Luciano Lira de escritos patrióticos por parte de diversos autores, a identidade evocada como oriental ainda era majoritariamente associada à rioplatense ou argentina. Fatores que seriam essenciais para caracterizar uma identidade exclusivamente uruguaia, como o artiguismo, ainda não haviam sido reivindicados tal como seriam décadas mais tarde. Assim, o autor aponta que o primeiro imaginário nacionalista uruguaio iria ascender com mais força a partir da segunda metade do século XIX.

Morales (2013) endossa a proposição do historiador Gerardo Caetano (1992) que aponta a construção da identidade nacional uruguaia como resultante de uma dialética complexa entre o interno e o externo. De fato, mostra-se notadamente complexa a interação entre a consciência nacional uruguaia e o sentimento rioplatense ao longo das décadas.

Cronologicamente, Caetano (1992) sinaliza três momentos-chave em que imaginar e construir a ideia de nação se apresenta no centro da agenda do Estado uruguaio: os primeiros anos pós-independência; a já comentada primeira modernização de finais do século XIX; e, finalmente, as três primeiras décadas do século XX, correspondentes à modernização *batllista*. Mais especificamente, o autor aponta que o ápice da consolidação do Uruguai enquanto nação moderna dar-se-ia nos anos de celebrações do centenário da independência – os quais podemos periodizar aproximadamente entre 1925 e 1930. Nesses três momentos, o

Estado uruguaio teria a literatura e a imprensa como importantes ferramentas à concepção do jovem país.

Sobre o segundo momento dessa conceitualização, de finais do século XIX, Morales (2013) aponta que é nesta fase que surgem as primeiras narrativas de diferenciação para com a Argentina. Essa alteridade[5] se dá sobretudo a partir da reivindicação de Artigas e seu pensamento – por autores como Francisco Bauzá e Carlos María Ramírez – como heranças exclusivamente uruguaias, contrapondo a identidade rioplatense da primeira metade do século XIX, que via no Império Brasileiro seu símbolo principal de alteridade. Nessa fase, o romance auxilia a imaginar a nação. Ganham importância, como destaca Morales (2013), escritores como Zorrilla de San Martín e sua obra *La leyenda patria* (1879), e arquétipos como o dos indígenas *charrúa* e o dos *gauchos* começam a ser imaginados como antepassados simbólicos da nação.

Em suma, o Uruguai das últimas décadas do século XIX começa a construir e imaginar novos símbolos nacionais, dessa vez específicos à sociedade oriental. Havia uma marcada ânsia por ir além do nacionalismo rioplatense das primeiras décadas de existência do país, cujo mais evidente símbolo nacional que se manteve é provavelmente o Sol de Maio, presente na bandeira e no brasão de armas uruguaio e compartilhado – ainda que com diferenças estéticas – com seus vizinhos da outra margem dos rios da Prata e Uruguai.

A seu favor, o país possuía, além dos gêneros escritos literário e periódico, uma crescente educação de base. Na primeira fase de modernização uruguaia, a partir da década de 1870, esteve vigente uma reforma escolar sem precedentes, sob a égide de José Pedro Varela, que assumiu o cargo de Inspetor Nacional da Instrução Pública em 1876 e nele esteve até seu falecimento, no ano de 1879. A linguista uruguaia Mariela Oroño (2016), em *La escuela en la construcción de las fronteras culturales y lingüísticas en el Uruguay de fines del siglo XIX*, explica que a reforma *vareliana*, que tornou obrigatório o ensino de base no país – décadas antes de outros países da região, como o Brasil, tinha expressas motivações nacionalistas. Com ela, a escolaridade uruguaia amplificou em largas proporções seu alcance.

A autora demonstra que Varela partia de preocupações com a presença da língua portuguesa no país, sobretudo nas regiões fronteiriças, e com os já mencionados afluentes migratórios europeus que chegavam ao Uruguai desde sua independência e que seguiriam

[5] Quando tratamos de alteridade no presente trabalho, pautamo-nos objetivamente na definição “Ser outro, colocar-se ou constituir-se como outro” (ABBAGNANO, 1998, p.34). Trata-se de um termo especialmente aplicável ao caso uruguaio, em se tratando de uma identidade nacional que almejava afirmar os orientais como diferentes e independentes de duas nações que já haviam concebido o atual Uruguai como parte de si próprias: o Brasil e, em especial, a Argentina. Neste caso, afirmar a nação como uruguaia passava necessariamente por justificar porque ela não se enquadrava nem como brasileira nem como argentina.

desembarcando em seus portos ao longo das primeiras décadas do século XX. No pensamento *vareliano*, a escola, e sobretudo a alfabetização em espanhol, eram caminhos civilizatórios, cumprindo a função de formar cidadãos para o Uruguai e contribuindo para que eles desenvolvessem uma identidade atrelada à sua cidadania. Elvis Diana, em *Educação e cidadania política em José Pedro Varela: a Reforma Vareliana como instrumento de democracia e progresso no Uruguai (1865-1881)*(2016), explica que, para Varela, a escola, com sua capacidade de moldar cidadãos, era a base da República[6]. Ao incorporar a cidadania política como elemento central, o Estado uruguaio quase que saltava a etapa pré-moderna de organização social e se engajava precocemente na construção de uma consciência nacional aos moldes da modernidade.

Corroborando esse processo, a escolarização massiva uruguaia e consequente alfabetização contribuiria para maior abrangência da literatura e periodismo enquanto canais de construção de sentimento comunitário e de transmissão de narrativas nacionalistas. O jornal, principal fonte documental deste trabalho, era considerado por Anderson essencial para propagação da comunidade imaginada, ao ser um recurso que fomenta a imaginação coletiva, convidando seus leitores a imaginarem vínculos entre fatos variados:

> Esse vínculo imaginário provém de duas fontes indiretamente relacionadas. A primeira é a simples coincidência cronológica. A data no alto do jornal, o seu emblema mais importante, fornece a principal conexão – o avanço constante do tempo vazio e homogêneo. Dentro desse tempo, o "mundo" caminha inexoravelmente em frente (ANDERSON, 2008, p.65).

O autor aponta que o jornal tem caráter ficcional ao configurar-se como uma justaposição de fatos ocorridos mais ou menos ao mesmo tempo em lugares diferentes e cuja relação entre si não é objetiva, mas sim imaginada.

Adicionalmente, a segunda fonte de vínculo imaginário apontada é sua popularidade: "o jornal é apenas uma "forma extrema" do livro, um livro vendido em escala colossal, mas de popularidade efêmera. Será que podemos dizer: *best-sellers* por um dia?" (ANDERSON, 2008, p.67). Por conseguinte, sua leitura quase simultânea por milhares de pessoas configura, para o autor, uma cerimônia de massa em que multidões fazem um exercício mental de criar imagens tomando por base os fatos lidos, criando suas interpretações da realidade. Em se tratando de um período em que a imprensa escrita era um dos únicos meios de comunicação

[6] A alfabetização em espanhol auxiliava, segundo Oroño, na demarcação de fronteiras e na contenção do avanço da influência brasileira no território uruguaio.

de massa, esse exercício se via limitado às fronteiras físicas de circulação do periódico, geralmente coincidentes às fronteiras das nações.

Sob esse prisma, compreendemos que o hábito de ler uma gama restrita de jornais produzidos na nação, somado à massificação da escola, contribuem para visões mais uniformizadas da realidade e potencializam a noção de cidadania, tão desejada pelos estadistas defensores da modernização no Uruguai. Devemos fazer a ressalva, entretanto, de que o pensamento modernizante não era unânime nem uniforme no país, existindo setores que advogavam por uma nação mais conservadora e apoiada em valores católicos, setores estes que se encontravam majoritariamente no *Partido Nacional*. Ao mesmo tempo, havia crescentes grupos de posicionamento político anarquista, socialista e comunista. Tanto as esquerdas uruguaias quanto a direita conservadora possuíam seus próprios jornais.

Entretanto, a agenda de modernização urbana, laica e capitalista, sobretudo a partir da ascensão do *batllismo* ao poder (mas já propagada com força desde a última década do século XIX devido à alta popularidade do diário *El Día*) logrou tomar as rédeas da política nacional. Se, politicamente, o *batllismo* teria seu período mais hegemônico entre 1904 e 1915, na esfera simbólica, por outro lado, a hegemonia *batllista* se converteria em elemento de longa duração no Uruguai (Caetano, 2023), ao passo que essa corrente política conseguiu se afirmar nas décadas de auge da construção do simbolismo e narrativas nacionalistas do país, estruturando os mesmos majoritariamente sob sua perspectiva.

Retomando parte do exposto até aqui, tinha-se em finais do século XIX uma jovem nação – em termos de instituições e sociedade – necessitada de afirmar-se em meio a vizinhos notadamente maiores em termos de território e população. Seu poder político adquiria tendência de se mobilizar em favor de modernização e a laicização, e sua população, cada vez mais escolarizada, era composta por grande contingente migratório, que trazia uma pluralidade de valores, crenças e culturas.

Comparado a vizinhos de colonização mais antiga e estruturas socioeconômicas mais longevas, tratava-se de um horizonte mais aberto no que tange o fomento de sentimento de comunidade e nação. Para estabelecer unidade e coesão social em meio a essa diversidade, o Estado tinha a seu favor, mesmo que não os controlando diretamente ou integralmente, recursos modernos de narração nacionalista, como as mencionadas literaturas, a escola e a imprensa. Com elas, seria possível criar símbolos pátrios e, assim, definir o que seria "ser uruguaio", diferenciando-o do estrangeiro.

É justamente nesse contexto complexo que ingressa, pelos portos de ambas as margens do Prata, o esporte que, ao disseminar-se e popularizar-se na incipiente república

oriental, seria amplamente explorado, primeiro pela imprensa, depois por diversos campos da produção cultural, contribuindo ao exercício de imaginar a nação. Aos poucos, surgiria um novo canal para orientais imaginarem-se como uruguaios e diferenciarem-se de outras nações, sobretudo de seus vizinhos argentinos, que paralelamente também nacionalizariam à sua maneira o esporte bretão. Assim, propomos a seguir uma análise do processo de chegada e desenvolvimento inicial do futebol no Uruguai, a fim de entender seus primeiros impactos naquela sociedade.

A chegada do *Football* em Montevidéu

O futebol nasce como mais um produto da modernidade. Sua origem está intrinsecamente associada às transformações sociais experienciadas pelos britânicos do século XIX. O historiador uruguaio Juan Carlos Luzuriaga, em sua obra *Orígenes y desarrollo del fútbol en el Uruguay - Nuevas miradas (1870-1920)*, oferece uma visão bastante completa dos primórdios do esporte bretão e sua inserção na sociedade oriental. Luzuriaga (2019) destaca que a prática esportiva da qual emergiria o futebol havia se disseminado nas renomadas *Public Schools* britânicas - instituições que apesar do nome, eram privadas – como forma de promover valores de camaradagem e cavalheirismo.

No início, não havia regulamentos claros que definissem cada um dos esportes que eram praticados nessas instituições, o que fazia com que ainda não houvesse distinção clara entre esportes modernos como os atuais futebol e rugby. Em outra obra crucial para entender os primeiros passos do futebol, *Historia mínima del fútbol en América Latina* (2018), o sociólogo argentino Pablo Alabarces fala desse processo de diferenciação.

O autor aponta que a burocratização, ou seja, a criação de regulamentos e, acima de tudo, de instituições reguladoras, é o marco fundamental do surgimento do esporte moderno. No futebol, temos como expoentes disso: primeiramente, as Regras de Cambridge de 1848 e, num segundo momento, a fundação da *Football Association*, em 1863. A instituição de um torneio de alcance nacional, a *FA Cup*, na década de 1870, marca a consolidação do futebol como esporte autônomo na Inglaterra e, com o passar dos anos, nas Ilhas Britânicas.

Aos poucos, o futebol foi deixando de ser uma prática restrita à elite frequentadora das *Public Schools* e passou a ocupar o tempo livre que o instituído descanso sabático oferecia ao operariado britânico, como explica Alabarces (2018). Notoriamente, o contexto social e o modo de vida daquela sociedade no século XIX favoreceram a popularidade desse esporte:

> O esporte em geral e particularmente o futebol foram uma válvula de escape para liberar as tensões da vida cotidiana. Em momentos de mudanças importantes, deixaram de ser uma moda das elites para serem praticados por jovens de todos os setores sociais e de todo o país, facilitados pelas numerosas concentrações urbanas (LUZURIAGA, 2019, p.12, traduzido).

No Prata, a chegada da prática do futebol é um dos diversos sintomas da ampla influência britânica na região no século XIX. Em tempos que o Império Britânico controlava boa parte do capitalismo mundial, Luzuriaga (2019) aponta que cerca de 20% de todo o investimento britânico no exterior concentrava-se na América Latina, atestando a forte presença imperialista na região. Em termos demográficos, o autor aponta que os ingleses eram apenas aproximadamente 1% da população montevideana do ano de 1889. Outrossim, nos âmbitos econômico e cultural esse grupo tinha relevância desproporcionalmente maior que seu contingente populacional. Franklin Morales (1969) pontua que se trata de uma comunidade com um status social extremamente elevado, quase que aristocrático, no imaginário popular montevideano do período.

As primeiras partidas de futebol jogadas em território oriental ocorreram justamente em espaços de socialização dos núcleos britânicos, em especial nos clubes e colégios. Morales (2013) descreve que o *Montevideo Cricket Club*, fundado em 1861, seria o primeiro clube a dedicar-se também a prática do futebol, jogando suas primeiras partidas contra o clube de remo *Montevideo Rowing*, que também vinha dedicando-se paralelamente a esse esporte. Há poucos registros sobre esses jogos, restritos majoritariamente à comunidade britânica, mas o autor aponta que a tradição oral associa os primeiros enfrentamentos futebolísticos dessas instituições a finais dos anos 1870.

É interessante mencionar que membros desses clubes passaram a compor partidas anuais organizadas entre combinados de britânicos residentes em Montevidéu e combinados de britânicos habitantes de Buenos Aires, realizadas entre 1889 e 1894, como pontua Luzuriaga (2019). Esses enfrentamentos, no entanto, ainda eram majoritariamente associados a essas comunidades migratórias, não recebendo tanta atenção da imprensa ou da população em geral. A discreta nota do diário *El Día* sobre um desses jogos, sem sequer mencionar informações da partida ou personagens envolvidos, denota o baixo interesse:

> No navio de tráfego *República*, fretado especialmente, partiram para Buenos Aires, anteontem, 24 cavalheiros ingleses com o objetivo de participar do jogo de "*foot ball*" realizado ontem no *Cricket Club* da costa vizinha.

> O *República* retornou às 18h30 sem os entusiastas, uma vez que eles não haviam embarcado na hora marcada quando o navio foi fretado[7] (*EL DÍA*[8],16 de agosto de 1890, p.1, traduzido).

Simultaneamente, o futebol em Montevidéu começava a ser praticado também em núcleos educacionais de influência inglesa. Luzuriaga (2019) destaca o colégio inglês *English High School*, fundado em 1874 na capital uruguaia à cargo de Henry Castle Ayre. Este seria mais um canal pelo qual o futebol tem seus primeiros contatos com as terras orientais.

Observamos, no entanto, que esse futebol dos elitistas colégios ingleses seria muito menos hegemônico no Uruguai do que em território argentino. À outra margem do Prata, o *Buenos Aires English High School*, fundado por Alejandro Watson Hutton, teria grande relevância ao desenvolvimento do futebol local, o que justifica que Hutton seja amplamente considerado o "pai" do futebol argentino. Fundado por ex-alunos deste colégio em 1898, o *Alumni Athletic Club* dominaria o futebol no país de forma quase que incontestável até sua dissolução, em 1913, como explica o jornalista Franklin Morales (1969). De fato, entre 1901 e 1911, o *Alumni* foi campeão argentino em 9 de 11 oportunidades.

No Uruguai, por outro lado, veremos que o futebol sairia do domínio da comunidade britânica muito mais cedo. Nos enfrentamentos entre combinados de jogadores de clubes montevideanos e argentinos ocorridos na primeira década do século XX, Luzuriaga (2019) aponta que cerca de 70% dos jogadores dos combinados argentinos tinham ascendência inglesa, contra apenas 12% dos orientais. Isso era consequência de um desenvolvimento esportivo mais homogêneo em termos de classe do lado uruguaio, em que "os conjuntos montevideanos da Liga integraram mais rapidamente os sectores obreiros e de classe média" (Luzuriaga, 2019, p.197, traduzido).

Entender o desenvolvimento precocemente massificado do futebol uruguaio comparado a seus vizinhos é fundamental para compreender o papel deste esporte no país. Assim, cabe focar na década de 1890, momento em que o futebol transpassou os círculos restritos e aristocráticos do *Montevideo Cricket Club*, do *Montevideo Rowing* e do *English High School*, e passou a atrair olhares de um público maior e mais diverso em termos econômicos e de origem. Para impulsionar esse processo, foram fundamentais duas instituições, fundadas em contextos e com finalidades distintas, mas ambas no ano de 1891: o

---

[7] No original: "En el vapor del tráfico "República" fletado expresamente partieron para Buenos Aires anteayer 24 caballeros ingleses con objeto de tomar parte en el juego del "foot ball" habido ayer en el "Cricket Club" de la vecina orilla.
El "República" regresó á las 6 y 30 p. m. sin los aficionados en vista de no haberse efectuado el embarque á la hora señalada al fletarlo." *El Día*, 16 de agosto de 1890, p.1.

[8] Na versão original das citações diretas do *El Día*, dispostas nas notas de rodapé, foi mantida a grafia exata observada no diário, pese algumas inadequações ortográficas ou variantes condizentes à época.

Albion Football Club – originalmente *FootBall Association* – e o *Central Uruguay Railway Cricket Club* (*CURCC*). A partir dessa década, o futebol oriental extrapolou claramente a comunidade britânica:

> [O futebol] teve uma primeira fase (1875-1890) em que os clubes, representados pelo Cricket e pelo Rowing, eram exclusivamente britânicos. Em um segundo momento (1891-1901), surgiram clubes nos quais os britânicos predominavam e os não anglo-saxões ocupavam o segundo lugar; o *Albion* e o *CURCC* são seus expoentes. Eles eram competitivos com os clubes argentinos e, particularmente, com as tripulações dos navios britânicos. A coroação desses anos foi a criação da Liga em 1900 (LUZURIAGA, 2019, p. 212, traduzido).

Sobre o surgimento do *Albion*, um artigo bastante elucidativo foi escrito também por Luzuriaga, e está publicado na primeira edição do compilado *A Romper la red: miradas sobre fútbol, cultura y sociedad*, de 2012. Trata-se do primeiro clube uruguaio fundado com o intuito de ter o futebol como sua principal atividade, o que por si só já é um fato marcante, mas não suficiente para dimensionar a relevância dessa instituição no que tange a disseminação e desenvolvimento do futebol nacional. Para abordar esse ponto, cabe detalharmos o contexto de sua fundação.

O autor demonstra que o *Albion*, criado sob o nome original de *FootBall Association* - denominação reveladora da pretensão de ser a representação máxima do futebol em território oriental - surge a partir da idealização de um grupo composto majoritariamente por filhos de britânicos nascidos no Uruguai, a maioria na faixa dos 20 anos de idade e egresso do *English High School* montevideano.

Há dois pontos de destaque para a presente análise sobre a criação do *Albion*. Primeiramente, realçamos o fato de o clube prezar por jogadores nascidos em território oriental, inclusive proibindo estrangeiros até 1895, ano em que modificou seus estatutos e passou a admitir jogadores nascidos fora do Uruguai para tornar-se mais competitivo (Luzuriaga, 2012). Em segundo lugar, é notável o interesse dessa instituição em disseminar o futebol: o autor destaca que são frequentes as tentativas de membros do *Albion* de divulgar nos meios de imprensa as regras do jogo e relatos das partidas, com o objetivo de ensinar aos leitores como funcionava esse esporte, ainda visto como estrangeiro ou exótico, e tentar instigar no público oriental curiosidade em conhecê-lo. Entretanto, em seus primeiros anos de existência, o *Albion* era geralmente ignorado ou desdenhado pelos jornais locais.

Paralelamente, na periferia de Montevidéu, emergiu outra instituição importantíssima para o desenvolvimento do futebol no país. Álvarez e Haberkorn, em *Historia de Peñarol* (2014), explicam que se concentravam na *Villa Peñarol* (a dez quilômetros do centro da cidade) em 1891, as instalações e o bairro operário da *Central Uruguay Railway Company*,

ferroviária britânica que a partir de 1877, após comprar a antiga companhia nacional *Ferrocarril Central del Uruguay*, configurava-se como uma das maiores, se não a maior empresa em operação no Uruguai àquela altura em número de funcionários (Luzuriaga, 2019).

A *Villa Peñarol* era o que Álvarez e Haberkorn (2014) chamam de enclave britânico em Montevidéu. O bairro funcionava em função da empresa, que havia apoiado financeiramente a fundação de uma escola pública no local. A companhia ainda investia em infraestrutura para o *Central Uruguay Railway Cricket Club* (*CURCC*), clube fundado por seus empregados em setembro de 1891 e que poucos meses após seu nascimento, optou por dedicar-se também à prática do futebol. Luzuriaga (2019) explica que a presença da escola pública no bairro e o apoio da empresa foram essenciais para que o clube desenvolvesse um grande contingente de simpatizantes, primeiramente restrito ao longínquo bairro obreiro, mas que nos últimos anos do século XIX já teria se expandido a diversas localidades.

Não era algo inédito a nível global um clube de futebol despontar associado a uma empresa e se popularizar até adquirir abrangência nacional. Alabarces, em *Historia mínima del fútbol en América Latina* (2018), destaca que se tratava de um fenômeno relativamente comum nas Ilhas Britânicas ao longo das primeiras décadas de existência do futebol enquanto esporte autônomo. Incentivar esportes coletivos era bem-visto pelos empresários da época: tratava-se de um tipo de confraternização entre trabalhadores desassociado de práticas nocivas como consumo de álcool, e ainda os unia em um sentimento de pertencimento vinculado à empresa, nutrindo orgulho dela através do time por ela fomentado. É dessa lógica que apareceram, segundo o autor, clubes como o *Arsenal*, o *West Ham* e o *Manchester United*, na Inglaterra, e podemos inferir que é a partir dela que emerge, no núcleo do imperialismo britânico no Uruguai, o *CURCC*, que atrairia para sua esfera de influência ingleses, orientais e imigrantes de diversas origens.

Com o surgimento do *Albion* e do *CURCC*, duas instituições que extrapolaram o restrito nicho da diminuta comunidade britânica ao qual ficava majoritariamente restrito o futebol praticado pelo *Montevideo Cricket Club* e pelo *Montevideo Rowing*, este esporte teria um potencial muito maior de se desenvolver como um elemento cultural socialmente relevante. Vale lembrar que a jovem sociedade montevideana de finais do século XIX não possuía tantos espaços de socialização: Montevidéu ainda não tinha construído a maior parte de seus parques e praças públicos, e os grandes contingentes de imigrantes muitas vezes ficavam restritos a guetos (Luzuriaga, 2019), em que preconceitos oriundos de dentro e de fora dos mesmos dificultavam a integração daquela sociedade.

Além disso, um dos mais antigos espaços de socialização, os templos e as comemorações religiosas, não tinham o mesmo peso no Uruguai que em seus vizinhos, tendo a religião um poder de influência bastante limitado pelo Estado, conforme discutido. Logo, instigamos o questionamento de se o recém-chegado esporte bretão poderia ajudar a preencher o vácuo de ambientes comunitários, contribuindo para integrar a fragmentada sociedade oriental da virada do século.

Para analisar esse ponto, focamos em uma das principais ferramentas narrativas de sentimentos comunitários: a imprensa. Sob esse prisma, cabe observar a percepção da imprensa *batllista* – na figura do jornal *El Día* – acerca da difusão inicial do futebol no Uruguai, para compreender como a corrente político-ideológica que conduziria a política nacional durante o início do século XX interpretou a incipiente presença do esporte bretão nos hábitos sociedade local.

A imprensa *batllista* e o *Football*: inventando a tradição

Ao longo da década de 1890, as partidas de futebol vão se tornando evento mais frequente na capital uruguaia. O *CURCC* e o *Albion*, por exemplo, se enfrentaram 25 vezes entre 1892 e 1899 (Morales, 1969), com ampla supremacia do *Albion*, que venceu 17 desses encontros. Este clube, principal força do futebol uruguaio no período, interessou-se também por testar suas forças com equipes de fora. Em 1896, em excursão a Buenos Aires, conquistaria as primeiras vitórias internacionais de um quadro uruguaio, vencendo os times bonaerenses do *Retiro* e do *Belgrano Athletic*[9], sendo este último um dos principais times argentinos daquele momento, como relata Gutiérrez Cortinas (1969).

Todavia, esses primeiros confrontos ainda não eram amplamente divulgados e o futebol, na perspectiva da imprensa uruguaia, era um tema ainda bastante desconhecido ou ignorado. Em um cenário em que o *Montevideo Cricket* e o *Montevideo Rowing* ficavam muito restritos à comunidade inglesa e o *CURCC* à longínqua *Villa Peñarol*, o *Albion* acabava por não ter tanto apoio em sua cruzada solitária em prol de fazer a população oriental se interessar pelo futebol. Apesar do cenário inicialmente desfavorável, porém, os esforços desse clube não tardariam tanto em apresentar seus primeiros resultados:

> O *Albion* foi, como indica seu primeiro nome – *Football Association*–, o primeiro clube cuja atividade principal era o futebol. A partir de 1896 se converteu em referência: primeiro os observavam jogar, depois os imitavam no campo de jogo. No princípio eram uns poucos aficionados, depois

[9] Não devemos confundi-lo com o atual *Belgrano* de Córdoba – o aqui referido é uma instituição portenha.

> centenas. Ao final do século eram já milhares os que praticavam o novedoso *sport*. Foi o primeiro clube de futebol que competiu a nível internacional. Construiu o primeiro campo de jogo em 1899; levou adiante o primeiro ensaio de "campeonato" neste mesmo ano. Difundiu o futebol, publicou sua regulamentação e ofereceu suas instalações desportivas aos colégios. Foi fator fundamental para o surgimento da *League* e com isso, da atividade internacional (LUZURIAGA, 2012, p.47, traduzido).

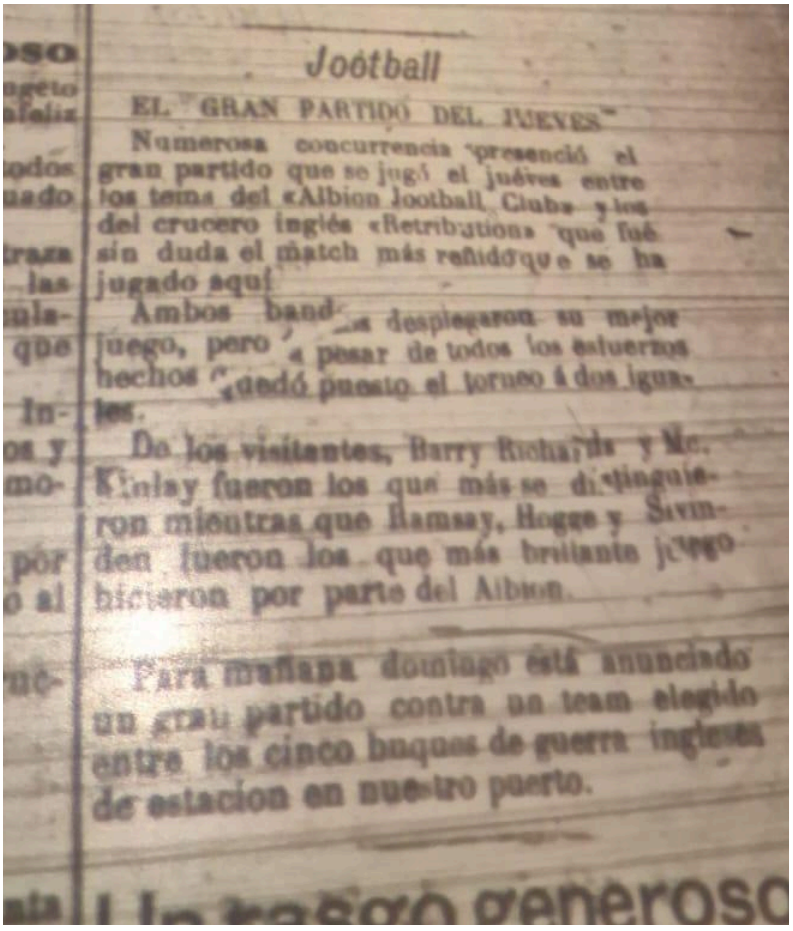
É difícil entender como em poucos anos, aquele esporte exótico, visto como prática inglesa, passaria a ser praticado por milhares de orientais e imigrantes no território uruguaio, sem pensar na atenção que lhe era dada por parte dos principais jornais do país, sobretudo em se tratando de uma população com alta escolarização e alfabetização, devido às reformas *varelianas*. Nesse sentido, o *El Día*, que não apenas era porta-voz do *batllismo* como também funcionava como um dos principais diários uruguaios em termos de tiragem, atuou em prol da popularização do futebol no país a partir dos últimos anos do século XIX.

Embora as vitórias do *Albion* em Buenos Aires tenham passado praticamente despercebidas, levaria poucos meses para que o clube e seu futebol ocupassem o tão desejado espaço no diário *batllista*. O panorama começa a se alterar significativamente em 1897: em 14 de abril, o *El Día* anuncia em discreta seção em sua primeira página uma partida do *Albion* contra marinheiros do navio inglês *Retribution*, com o título *Football en Punta Carretas*. Em 17 de abril de 1897, temos o primeiro trecho mais substancial do jornal sobre este esporte, tratando da partida anunciada dias antes. Curiosamente, o título da seção sai com um erro de grafia – *Jootball* – o qual voltaria a ocorrer no corpo do texto, possivelmente pelo inicial desconhecimento de um esporte que aparecia quase que de forma inédita no diário:

> Um numeroso público assistiu ao grande jogo que ocorreu na quinta-feira entre os *tems* (*sic*) do *Albion Jootball* (*sic*) *Club* e o do cruzador inglês *Retribution*, que foi, sem dúvida, a partida mais disputada que já se jogou aqui.
> Ambos os times mostraram seu melhor jogo, mas, apesar de todos os esforços, o torneio terminou empatado a dois gols.
> [...] Para amanhã, domingo, está anunciado um grande jogo contra um *team* escolhido entre os cinco navios de guerra ingleses atracados no nosso porto[10] (*EL DÍA*, 17 de abril de 1897, p.1, traduzido).

[10] No original: "Numerosa concurrencia presenció el gran partido que se jugó el jueves entre los tems (*sic*) del "Albion Jootball (*sic*) Club" y los del crucero inglés "Retribution" que fué sin duda el match más reñido que se ha jugado aquí.
Ambos bandos desplegaron su mejor juego, pero a pesar de todos los esfuerzos hechos quedó puesto el torneo á dos iguales.
[...] Para mañana domingo está anunciado un gran partido contra un team elegido entre los cinco buques de guerra ingleses de estacion en nuestro puerto" *El Día*, 17 de abril de 1897, p.1.

Figura 3: Primeiro relato substancial encontrado no *El Día* sobre uma partida de futebol, com um erro de grafia no nome do esporte, chamado de *Jootball*.



Jootball

EL GRAN PARTIDO DEL JUEVES

Numerosa concurrencia presenció el gran partido que se jugó el juéves entre los teams del «Albion Jootball Club» y los del crucero inglés «Retribution» que fué sin duda el match más reñido que se ha jugado aquí.

Ambos bandos desplegaron su mejor juego, pero á pesar de todos los esfuerzos hechos quedó puesto el torneo á dos iguales.

De los visitantes, Barry Richards y Mc. Kinlay fueron los que más se distinguieron mientras que Ramsay, Hogge y Swinden fueron los que más brillante juego hicieron por parte del Albion.

Para mañana domingo está anunciado un gran partido contra un team elegido entre los cinco buques de guerra ingleses de estacion en nuestro puerto.

Fonte: Acervo do autor, 2024.

É bastante significativo que o interesse do *El Día* em destacar uma partida de futebol tenha surgido justamente em um enfrentamento contra ingleses. Luzuriaga (2019) destaca que havia uma presença constante de navios de guerra britânicos atracados em Montevidéu, mais numerosos do que aqueles estacionados em portos bonaerenses – possivelmente em função da instabilidade política uruguaia, já que o país vivenciou mais um conflito armado entre *blancos* e *colorados* entre os meses de março e setembro de 1897. Segundo o autor, a presença da marinha britânica na capital uruguaia acabou servindo como motivação para desenvolvimento do futebol local, que ansiava por vencer os marinheiros estrangeiros, já

dotados estes de um conhecimento mais avançado do jogo advindo de décadas de prática futebolística nas Ilhas Britânicas.

Assim, a primeira contraposição que o Uruguai vivenciou através do futebol não foi com os argentinos, mas sim com os britânicos, sobretudo se considerarmos que não se tratava de britânicos residentes em território oriental, mas sim de militares que estavam constantemente de passagem por ali. Curiosamente, quem promovia esses encontros era o *Albion*, time de ascendência britânica e que desde 1895 aceitava estrangeiros em sua equipe. Mesmo assim, o *El Día* discursivamente adotaria o *Albion* como o lado "oriental" do confronto, em oposição a marinheiros "estrangeiros" ou "anglo-saxões". Vale lembrar que, conforme mencionado, o futebol uruguaio ficou muito menos tempo circunscrito ao domínio da comunidade inglesa – que no Uruguai era extremamente diminuta – em relação ao argentino, e que o próprio *Albion*, apesar das origens associadas à comunidade britânica, prezou por jogadores nascidos em território oriental, sobretudo em seus primeiros anos.

No *El Día* de 24 de abril 1897, a seção *Football*, agora com a grafia correta, demonstra um claro interesse do periódico em convocar a população para assistir um jogo ainda pouco conhecido, anunciado abaixo do subtítulo *A grande partida de amanhã*[11]:

> Amanhã, domingo, será jogada em *Punta Carretas* a grande partida de revanche entre o *team* da esquadra inglesa e o do *Albion Football Club*. Este mesmo jogo foi disputado no domingo passado e os montevideanos foram derrotados por quatro a um. [...] A partida começará às 2h30, com entrada livre no campo. Recomendamos este jogo aos entusiastas, pois talvez passe muito tempo antes que possamos ver no campo de futebol dois *teams* tão equilibrados em força. Aos que nunca assistiram a esse tipo de jogo, dizemos que vale a pena presenciar. O jogo é divertido e exibe grande agilidade. O uso da cabeça, os tombos e os *scrimmages* [contendas] causam hilaridade entre os espectadores e, para coroar tudo, passa-se uma tarde ao ar livre respirando ar puro. A *Punta Carretas*, portanto, amanhã[12] (*EL DÍA*, 24 de abril de 1897, p. 1, traduzido).

A partir desse trecho, destacamos, primeiramente, o uso de termos em inglês como *team, field* e o próprio *football*, já que se trata de um esporte importado e cujo vocabulário, tal qual no Brasil, levaria décadas para ser adaptado ao idioma local. Em segundo lugar, cabe

---

[11] No original: "El gran partido de mañana"

[12] No original: "Mañana domingo, se jugará en Punta Carretas el gran partido de revancha entre el "team" de la escuadra inglesa y la del Albion Football Club. Este mismo partido fue jugado el domingo pasado y fueron derrotados los montevideanos por cuatro a uno. [...] El match empezará á las 2 y 30, siendo libre la entrada al campo. Recomendamos este partido á los aficionados pues quizás pasará mucho tiempo antes que podamos ver sobre el *football field* dos "teams" tan equilibrados en fuerzas. A los que nunca hayan visto esta clase de juegos les diremos que bien merecen la pena de presenciarse, El juego es divertido y en el se hace derroche de agilidad. El juego con la cabeza, los porrazos, y los "scrimmages" causan hilaridad entre los espectadores y para coronar todo se pasa una tarde de campo respirando aire puro. A Punta Carretas, pues mañana." *El Día*, 24 de abril de 1897, p. 1.

observar a caracterização do *Albion* como os "montevideanos", deixando implícito que o outro lado seriam os forasteiros.

Além disso, há que se mencionar a entrada gratuita, prática comum à época e que facilitaria a captação de novos públicos. Por fim, destacamos, na convocação do diário *batllista* aos seus leitores para prestigiar a partida, o tratamento do jogo como exótico e divertido justamente por seu exotismo, além de atrelar o comparecimento a uma partida a um benéfico lazer ao ar livre. O *batllismo* tinha forte vocação a esse aspecto, visto que em seu período de hegemonia seriam construídos diversos parques públicos e a *rambla*, calçadão que contorna boa parte da costa de Montevidéu e é até hoje um dos maiores atrativos turísticos da cidade. O próprio bairro de *Punta Carretas*, onde se desenrolaram a maioria dos jogos do *Albion* nesse primeiro momento, fica a poucos metros da praia, estimulando o lazer.

No dia seguinte à mencionada partida, o diário destaca o futebol como única diversão em tempos de conflitos e valoriza a grande presença de mulheres no estádio:

> O torneio de *football* entre a sociedade "*Albion*" e os marinheiros dos navios ingleses ancorados no porto foi extremamente frequentada.
> É verdade que a festa de ontem era a única diversão dominical que tínhamos nesta verdadeira crise social.
> O público feminino era quase tão numeroso quanto os espectadores do sexo oposto. O campo estava completamente cercado de pessoas, que se aglomeravam, tentando encontrar os melhores lugares para assistir à luta[13] (*EL DÍA*, 26 de abril de 1897, p. 1, traduzido).

A partir desses eventos, o futebol vira presença frequente no *El Día.* Nesse primeiro período, aparece normalmente na seção intitulada *Football*, ocupando poucos parágrafos e sempre desconectada da seção *Sport*, que há anos já figurava no jornal e era majoritariamente dedicada à cobertura das corridas de cavalos, bastante populares à época.

Já como uma constante, o diário anunciou, em 30 de abril de 1897, nova partida do *Albion* para o próximo sábado, contra os marinheiros do *Retribution*. Na segunda-feira, 3 de maio, tratando sobre essa partida, o diário aponta para uma presença aproximada de 1.500 espectadores, destacando novamente a presença de público feminino. As crescentes aglomerações são os primeiros sinais de que o futebol, a partir dos enfrentamentos contra as tripulações britânicas, estava agarrando o interesse popular em um nível que logo demandaria

[13] No original: "El torneo de *football* entre la sociedad "Albion" y los marinos de los buques ingleses surtos en el puerto, estuvo sumamente concurrido.
Bien es verdad que la fiesta de ayer era la única diversion dominguera que teníamos en esta verdadera crisis social.
El público femenino era casi tan numeroso como los espectadores del sexo contrario. La cancha estaba completamente circundada de gente, que se apiñaba, tratando de buscar los mejores sitios para poder ver la lucha." *El Día*, 26 de abril de 1897, p. 1.

maior frequência e variedade de jogos e investimentos em infraestrutura. É interessante pontuar que, ainda naquela segunda-feira o jornal apontava, em diminuta nota ao fim da seção, que a mesma partida do sábado foi repetida no domingo na *Villa Peñarol*, com baixo público. A cobertura jornalística, nesse primeiro momento, mantinha em segundo plano o que se desenrolava naquele longínquo bairro periférico, a quilômetros do centro montevideano.

No dia 8 de maio de 1897, ao anunciar para o dia seguinte nova partida do *Albion* contra um time da Esquadra Inglesa, o *El Día* traça sucintos comentários diferenciando o time oriental de seus adversários através de atributos físicos:

> [...] ficamos indecisos quanto à vantagem que um lado possa ter sobre o outro. De um lado, mais força; do outro, mais astúcia; de um, mais resistência; do outro, mais segurança; por parte dos marinheiros, talvez mais vigor, enquanto que os montevideanos possuem mais leveza[14] (*EL DÍA*, 8 de maio de 1897, p. 2, traduzido).

Esse fato é notável porque, ao longo dos próximos anos e com o desenvolvimento do futebol oriental, se tornaria corriqueiro na imprensa diferenciar povos através de formas hipoteticamente particulares de se praticar o futebol, descrevendo estilos de jogos nacionais ou regionais. Aos poucos, far-se-ia uso do futebol na busca por definir o que era "ser rioplatense" e "ser oriental" em comparação com o estrangeiro. Quando essa diferenciação se dava com povos não latinos, o mais comum era apontar os habitantes do território oriental como mais ágeis e astutos, em detrimento de seus adversários mais fortes e resistentes, como caracterizado nesse trecho. Trata-se das origens de uma prática descritiva que nos anos seguintes se tornaria frequente.

De fato, a contraposição para com os ingleses se torna um atrativo bastante explorado na organização de partidas de futebol. A seção *Football* da primeira página do dia 17 de maio de 1897 relata a ocorrência, na sequência de um jogo entre o *CURCC* (chamado pelo jornal de *Peñarol* pela identificação com o bairro) e o *Albion*, de uma partida entre ingleses e jogadores de outras nacionalidades, rotulados, respectivamente, de time "Inglaterra" e time "Mundo".

Por outro lado, é interessante ressaltar que o interesse dos montevideanos extrapola o hábito de comparecer e observar passivamente os jogos. O *batllismo*, através do *El Día,* que por alguns meses daquele ano seria comercializado como *El Dia Noticioso,* reconhecia e observava com bons olhos este fenômeno. Conforme anunciava:

---

[14] No original: "quedamos indecisos acerca de la ventaja que pueda tener un bando sobre otro. De un lado más fuerza, del otro más maña; de uno más resistencia; del otro más seguridad; de parte de los marineros quizá más pujanza, mientras que los montevideanos poseen más lijereza." *El Día*, 8 de maio de 1897, p. 2.

> Este jogo nobre e viril vem se desenvolvendo de maneira notável entre nós. Nosso público, há alguns anos, mostrava-se indiferente, e as partidas que se jogavam não atraíam mais do que um número reduzido de pessoas. Assim, assistia-se aos jogos apenas para se divertir, e agora adquiriu-se tamanho gosto [pelo futebol] que, apesar da época [provavelmente em se tratando do frio que habitualmente faz no mês de junho na capital uruguaia], estão sendo fundados novos clubes, porque os existentes não são suficientes para o grande número de entusiastas do interessante jogo[15] (*EL DIA NOTICIOSO*, 8 de junho de 1897, p. 1, traduzido).

O texto prossegue comentando exemplos do surgimento de novos clubes na cidade. Nesse sentido, Luzuriaga (2019) pontua que a estrutura de clubes do futebol uruguaio da virada do século XIX para o XX se desenvolve em 3 níveis: um mais elitista, com os clubes que a partir de 1900 iriam compor a *League* (incluindo o *CURCC* e o *Albion*) que realizaria o campeonato nacional, outro intermediário, com clubes de mediana estrutura que se organizariam em ligas paralelas à imitação da oficial, na capital e interior, e um terceiro nível com uma imensidão de times locais que jogavam entre si ou contra equipes dos níveis acima - além do futebol jogado nas praças e bairros. O futebol oriental emergia não como diversão passiva, restrita a comparecer aos grandes jogos "internacionais" contra britânicos e argentinos: cada vez mais pessoas engajavam-se no desenvolvimento e incentivo a times locais[16].

Adicionalmente, a lógica de contraposição usada como atrativo para divulgação das grandes partidas internacionais, de montevideanos ou orientais contra os "de fora" (marinheiros ingleses ou clubes portenhos) fomentaria, no âmbito local, rivalidades entre bairros e clubes. A população oriental adere ao futebol não apenas por sua atratividade como esporte, mas como um novo espaço de socialização centrada em oposições: em uma sociedade tão especificamente jovem e, em finais do século XIX, pouco integrada como a uruguaia, com grande contingente migratório e uma capital cada vez mais pulsante, grupos distintos teriam um espaço para contrapor suas diferenças e aliviar atritos internos em uma prática regrada, sem partir para a violência física. Nesse sentido, "O esporte em geral e o

---

[15] No original: "Este juego noble y varonil se va desarrollando de una notable manera entre nosotros. Nuestro público hace unos cuantos años se mostraba indiferente y los partidos que se jugaban no trascendían de un reducido número de personas. Luego asistía á los partidos á divertirse solamente, y ahora le ha cobrado tal aficion que, á pesar de la época, se están fundando nuevos clubs porque los existentes no bastan al número grande de aficionados al interesante juego." *El Dia Noticioso*, 8 de junho de 1897, p. 1.

[16] Até os dias atuais, é perceptível no futebol uruguaio uma cultura organizacional que se manifesta do nível profissional até o amador. Jogar futebol no país é, no senso comum, quase sinônimo de ingressar em uma equipe minimamente institucionalizada, o que se manifesta em uma multiplicidade de torneios amadores de futebol feminino, masculino e inclusive de baby fútbol, modalidade em que as regras são adaptadas para que crianças desde os 5 anos de idade já possam disputar competitivamente. Na cultura uruguaia, o futebol quase sempre é indissociável de equipes ou competições organizadas, de modo que é rara – diferentemente do caso brasileiro – a concepção do futebol como diversão lúdica dissociável de seu caráter esportivo.

futebol em particular foram uma válvula de escape para liberar as tensões da vida cotidiana" (LUZURIAGA, 2019, p. 12, traduzido). Trata-se de uma afirmação que se alinha com o pensamento de Dunning e Elias exposto em *A Busca da Excitação* (2019), obra que analisa a fundo o desenvolvimento do esporte moderno como uma das válvulas de liberação controlada das tensões e estresse que a modernidade proporciona aos indivíduos.

Assim, o futebol uruguaio foi se configurando como um canal de expressão de violência simbólica. O sociólogo Leonardo Mendiondo (2003) analisa a rivalidade entre *Nacional* e *Peñarol* como representação máxima desse tipo de violência, fomentada por uma parcela dos discursos midiáticos e que, por vezes, acaba-se convertendo em violência física, expressa dentro de campo ou em conflitos entre torcedores. Sobre esse ponto, é interessante a postura do periodismo *batllista* da virada do século XIX para o XX: ao mesmo tempo em que narrava e, de certa forma, fomentava as contraposições no futebol, usando-as para cativar o leitor, condenava veementemente a violência física manifestada quando esses sentimentos extrapolavam o ambiente controlado pelas regras do jogo.

Em se tratando da origem desses espaços de socialização e contraposição de identidades, convém observar o apontado pela ex-professora e primeira dirigente do futebol feminino da AUF (Associação Uruguaia de Futebol), Matilde Reisch:

> [Os clubes uruguaios] têm diferentes origens: alguns vêm de coletividades estrangeiras, outros foram a expressão corporativa de alguns grupos sociais (sindicatos, grupos de estudantes, etc.), outros, a maioria, nasceram nos bairros e se tornaram centros de ação comunitária, transcendendo as atividades esportivas para se estender a outras áreas sociais e/ou culturais.
> Quando são a expressão da vizinhança, eles de alguma forma o representam e se tornam um emblema do bairro. Eles constituem um fator de identidade, com todos os componentes afetivos que isso implica, de uma área da cidade que tem uma rede formal e informal de vínculos com as vizinhas (e que a diferencia). Cada bairro é física e espiritualmente diferente do outro, e alguns clubes expressam essas diferenças por meio de sua simbologia.
> Eles foram, são - e podem ser ainda mais, se forem capacitados - poderosos agentes de socialização devido aos valores que defendem e ao senso de pertencimento que geram.
> [...] A existência dos clubes permitiu a inserção do país no movimento esportivo internacional, o que possibilitou seu reconhecimento precoce como precursor no concerto das nações. As conquistas esportivas de alguns clubes são o patrimônio cultural e espiritual da nação (REISCH, 2012, p.30-31, traduzido).

A autora atribui em larga medida os sucessos esportivos do Uruguai na primeira metade do século XX à extensa rede de clubes do país, cujo surgimento e ampliação receberam apoio estatal a partir dos governos *batllistas*. Observamos, na virada do século XIX para o XX, a eclosão do futebol uruguaio não só como hábito difundido naquela

sociedade, mas também como base para a construção de instituições responsáveis por fomentar uma antes débil socialização entre vizinhanças e coletividades.

Eram os primeiros passos do futebol uruguaio e, embora os ingleses ainda fossem referência de excelência do jogo em Montevidéu, havia um desejo de superá-los:

> O jogo inglês está perdendo seu caráter de tal e já adquiriu carta de cidadania entre nós.
> Os orientais já se atrevem a desafiar os ingleses e, no domingo, 1º de agosto, se realizará, provavelmente no campo de *Arroyo Seco*, uma partida entre a *Asociación Nacional*[17] e o *Albion Club*[18] (*EL DIA NOTICIOSO*, 24 de julho de 1897, p. 2, traduzido).

Além da visão positiva do jornal sobre a nacionalização do jogo, notamos a complexa perspectiva do diário sobre o *Albion*. Seus jogadores são chamados de montevideanos quando enfrentam marinheiros ingleses, mas são tidos como ingleses quando comparados a quadros de composição majoritariamente *criolla*, evidenciando quão complexa é a questão identitária na sociedade oriental do período.

O jornalismo *batllista* valorizava as iniciativas do *Albion* em prol de promover o futebol local. Este clube, que vinha ganhando status de invencível, buscava trazer aos olhos do público montevideano uma nova classe de confronto internacional:

> Conforme havíamos anunciado, no próximo domingo seria realizada em *Punta Carretas* uma nova partida de *Football* de desafio entre o *Albion Club* e o *Belgrano Athletic Club* de Buenos Aires. Este último desistiu de enviar para cá seus jogadores, de modo que a partida não poderá ser realizada.
> O *Albion Club* enviou um telegrama ao *Belgrano Club* informando que não havia objeção quanto a adiar a partida para outro domingo qualquer, mas os jogadores portenhos não aceitaram o novo compromisso.
> Muitos acreditam que os jogadores do *Belgrano* estão ressentidos desde a brilhante vitória que no ano passado obteve o *Albion Club* em uma partida contra eles.
> Portanto, se estamos privados de presenciar um *match* internacional, certamente não é culpa dos jogadores daqui que fizeram o possível para que

[17] A fim de evitar confusões, pontuamos que a *Asociación Nacional* mencionada não corresponde ao *Club Nacional de Football*, que ainda não existia em 1897.

[18] No original: "El juego inglés va perdiendo como se vé su carácter de tal y ha tomado ya carta de ciudadanía entre nosotros.
Los orientales ya se atreven á desafiar á los ingleses y el domingo 1º de Agosto se efectuará probablemente en la cancha del Arroyo Seco un partido entre la Asociación Nacional y el Albion Club.", *El Dia Noticioso*, 24 de julho de 1897, p. 2.

> ela acontecesse[19] (*EL DIA NOTICIOSO*, 5 de agosto de 1897, p. 2, traduzido).

Sobre esse trecho, convém destacar alguns pontos. Primeiramente, é nítida a frustração que o jornal transmite diante do cancelamento de um jogo internacional, tal como a exaltação aos esforços dos jogadores denominados "daqui" para fazer com que ele aconteça. Por outro lado, não só o diário atribui carga de culpa aos "portenhos" como também trata o fato como motivado por medo ou ressentimento destes com relação ao time uruguaio, em face da derrota sofrida pelo *Belgrano* contra o *Albion* em 1896, quando o *Football* ainda não conquistara a atenção do jornal *batllista*.

O *El Dia Noticioso*, em consonância com o caráter ficcional dos jornais, começava a moldar, no imaginário de milhares de orientais, imagens arquetípicas de si próprio, do portenho e do inglês. Sobre seu enquadramento como "um *best-seller* diário", cabe ressaltar a crescente demanda do público: em 23 de agosto de 1897, o diário comemorava a aquisição de uma inédita no periodismo uruguaio máquina rotativa que, segundo o jornal, ia permitir ampliar sua tiragem diária de aproximadamente 10 mil exemplares para até 70 mil. O futebol, jogado sobretudo no outono e inverno, voltaria a ser destaque no ampliado e reformado periódico – já rebatizado de *El Día* – no ano seguinte.

Em 6 de abril de 1898, o *El Día* convocaria o público para duas partidas consideradas internacionais, entre o *Albion* e marinheiros britânicos das canhoneiras *Basilisk* e *Beagle*, a serem jogadas em *Punta Carretas*. Uma destacável novidade que se torna prática frequente na capital oriental é o estabelecimento de serviços especiais de transporte para os dias e horários de jogos: "para facilitar mais aos espectadores, a *Empresa del tramvía* [bonde] *del Este* fará um serviço extraordinário[20]" (*EL DÍA*, 6 de abril de 1898, p. 5). O futebol começava a mover multidões, promovendo deslocamentos que ajudariam a integrar a crescente população montevideana. As empresas de transporte perceberam esse fenômeno e a oportunidade de lucrar com ele, facilitando os deslocamentos aos *fields* e ainda, investindo em infraestrutura para o futebol local:

---

[19] No original: "Como habíamos anunciado, el domingo próximo debía efectuarse en Punta de Carretas un nuevo partido de *Football* de desafío entre el Albion Club y el Belgrano Athletic Club de Buenos Aires. Este último ha desistido de enviar aquí á sus jugadores, de modo que el partido no podrá llevarse a efecto.
El Albion Club telegrafó al Belgrano Club manifestando que no tenía inconveniente en postergar el *match* para otro domingo cualquiera, pero los jugadores porteños no aceptaron la nueva cita.
Muchos creen que estos últimos están escamados, desde la brillante victoria que el año pasado obtuvo el Albion Club en un partido contra ellos.
Así pues si nos vemos privados de presenciar un match internacional no es por cierto culpa de los jugadores de aquí, que hicieron lo posible por llevarlo á cabo." *El Dia Noticioso*, 5 de agosto de 1897, p. 2.

[20] No original: "para facilitar más á los espectadores la Empresa del tramvía del Este hará un servicio extraordinario" *El Día*, 6 de abril de 1898, p. 5.

> As empresas de bondes desempenharam um papel importante na difusão do futebol ao criar os cenários para os espetáculos que já atraíam milhares de montevideanos. Quase todos eram passageiros de seus trens, a princípio puxados por cavalos e depois elétricos. As primeiras viagens para e desde *Punta Carretas* foram mais tarde complementadas pelas correspondentes aos novos *fields* que estavam sendo construídos espacialmente.
> Ao mesmo tempo, a expansão de Montevidéu em termos geográficos e demográficos deixava para trás a convivência aldeã em que todos se conheciam. Assim como levava ao anonimato, a massificação preparava o caminho para a constituição das comunidades imaginadas: inicialmente *criollos* e imigrantes, e depois outros coletivos identificados por um bairro, um ideal filosófico ou esportivo (LUZURIAGA, 2019, p. 208, traduzido).

Além disso, as narrativas de contraposição entre nacionais e estrangeiros vão tornando-se mais frequentes e consolidadas, explorando a diferenciação para com os ingleses:

> O *Albion* - depois de medir suas forças vitoriosamente com os jogadores dos navios de guerra ingleses separadamente, entrará em luta amanhã com um "*team*" escolhido entre todos os jogadores navais, que selecionaram um quadro notável por sua força. Será difícil que nossos valentes rapazes consigam a vitória amanhã; mas, apesar da pouca probabilidade, não desanimem. O lado montevideano está composto pelos nossos melhores campeões e, se os estrangeiros conseguirem vencê-los, não será uma vitória fácil[21] (*EL DÍA*, 30 de abril de 1898, p. 6, traduzido).

Nessas partidas internacionais, o diário adota o *Albion* como "nacional", constituído de "valentes rapazes" em oposição aos estrangeiros. Vale lembrar que eram tempos em que a ideia de uma seleção que representasse com primazia o futebol nacional e carregasse em si todo simbolismo pátrio – cores e bandeira, por exemplo – ainda era algo praticamente exclusivo ao já longevo futebol praticado nas Ilhas Britânicas. No entanto, a inexistência de uma seleção não impedia a empolgação nacionalista com as partidas internacionais.

A redação do *El Día* fomentava isso: em de 2 de maio de 1898, a mencionada partida do dia anterior foi descrita como a mais brilhante já jogada no país e o *Albion* foi parabenizado pelo triunfo contra os marinheiros, que contrariou os prognósticos numa feliz equivocação, segundo o jornal. Notamos pela efusiva descrição que o *batllismo* era claro partidário do futebol local.

O jornal também buscava valorizar as altas presenças de público, que a esta altura já alcançam milhares de pessoas nos principais jogos. No dia 16 de maio de 1898, o *El Día* fala

---

[21] No original: "El Albion - despues de medir sus fuerzas victoriosamente con los jugadores de los buques de guerra ingleses separadamente, entrará en lucha mañana con un "team" elegido entre todos los jugadores navales que han seleccionado un cuadro notable por su fuerza. Difícil será que nuestros valientes muchachos consigan la victoria mañana; pero, no obstante la poca probabilidad, no se desanimen. El bando montevideano está compuesto de nuestros mejores campeones y si los extrangeros logran vencerlos no será una victoria fácil." *El Día*, 30 de abril de 1898, p. 6.

em mais de 3.500 pessoas para uma partida entre *Albion* e *CURCC* (chamado de *Peñarol* pelo diário) ocorrida no dia anterior, em *Punta Carretas*, destacando outra vez a alta presença de mulheres. No dia 30 de maio deste mesmo ano, o diário atestou um público de mais de 4 mil pessoas para prestigiar, na véspera, a vitória do *Albion* contra um time combinado de marinheiros ingleses de diferentes canhoneiras. Assistir futebol se consolidara rapidamente como um hábito para um número considerável de montevideanos.

Em 9 de julho de 1898, Montevidéu receberia a aguardada oportunidade, frustrada no ano anterior, de medir forças com seus vizinhos rioplatenses. Representando o futebol oriental, o *Albion* receberia o *Belgrano Athletic*, que ainda era um dos principais clubes argentinos. A matéria pós jogo, apresentada pelo título "A festa de ontem" – seguido pelos subtítulos "O futebol internacional; Público extraordinário; Triunfo dos portenhos"[22] – expressa tendências do futebol uruguaio à época: deslocamentos de multidões, apoio das companhias de bondes e expressão de alteridade. Além disso, é fundamental observar o sentimento de rivalidade e a hostilidade do público oriental para com os argentinos, que já despontava consideravelmente antes dos primeiros enfrentamentos entre seleções dos dois países. Pediremos licença para a reprodução mais ampla de nossa fonte, mas pensamos que isto se dá por um bom motivo:

> O *football* internacional de *Punta Carretas* foi ontem a grande festa do dia, principalmente devido à enorme concorrência que foi presenciá-lo.
> Tudo que se diga é pouco para dar uma ideia do público que invadiu ontem *Punta Carretas*. Pode-se dizer que todo Montevidéu ocioso passou a tarde lá, assistindo à luta épica da partida internacional. O serviço especialíssimo organizado pelo *trenvía del Este* não conseguiu dar conta, apesar de começar a carga em grande escala à uma em ponto e os vagões partirem por dezenas a cada cinco minutos. Às duas e meia da tarde, o amplo campo de futebol já estava cercado por uma impenetrável muralha humana, que dificultava a visão do espetáculo para os atrasados de baixa estatura.
> À hora marcada, começou o jogo. Os jogadores, uma vintena de rapazes, calvos e robustos na sua grande maioria, foram recebidos com aplausos. Os do *Albion Club*, representantes do lado *criollo*, foram especialmente aclamados.
> [...] a superioridade estava do lado dos argentinos. Aqueles diabos eram ágeis como cervos e com uma força nas pernas e no pescoço absolutamente inigualável.
> [...] Quando terminou o tempo regulamentar e o jogo teve que ser suspenso, os argentinos estavam triunfantes em toda a linha, com três gols contra um.
> Os lutadores deixaram a arena, amigos como sempre, entre os cumprimentos dos vencidos e uma manifestação barulhenta de hostilidade contra os vencedores levada a cabo por uma nuvem de patifes.

[22] No original: "La fiesta de ayer; El *football* internacional; Concurrencia extraordinaria; Triunfo de los porteños"

> [...] Procurando uma explicação para o fato [a derrota], repetia-se que o resultado devia esperar-se, levando em consideração que a sociedade portenha é muito mais antiga que a nossa e, portanto, conseguiu apresentar uma *trouppe* mais homogênea e competente. Sua superioridade na disciplina, e sobretudo na agilidade, era indiscutível. E esses dois elementos foram os responsáveis pela vitória.
> [...] Calcula-se que entre seis a oito mil pessoas assistiram ao *Football* Internacional ontem.
> O *Tranvía del Este*, para atender ao serviço, teve que conseguir um sério reforço de vagões, cavalos e empregados da linha de *Reducto* e dos *Pocitos*. Vendeu 8.200 bilhetes apenas para *Punta Carretas*, devendo-se descontar a grande quantidade de pessoas que foram e voltaram a pé [...]. A empresa faria um negócio ainda maior nos dias em que há partidas de *football* construindo mais desvios e enviando mais fiscais[23] (*EL DÍA*, 10 de junho de 1898, p.4, traduzido).

Trata-se de um relato rico em diversos aspectos. Destacamos, em primeiro lugar, o público de 6 a 8 mil pessoas, em plena tarde de quinta-feira, bastante expressivo para uma cidade cuja população não passava de aproximadamente 300 mil pessoas (Pellegrino, 2010). Em segundo lugar, é notável a complicação logística que haviam se tornado as partidas internacionais: a infraestrutura de transporte e acomodação do público rapidamente se tornara defasada. Quanto à partida em si, é notável que, embora o diário *batllista* condene a hostilidade para com os portenhos, o mesmo não oculta que parte do público nutria e

---

[23] No original: "El Football internacional de Punta Carretas fué ayer la gran fiesta del día, ante todo por la enorme concurrencia que fué á presenciarlo.
Todo lo que se diga es poco para hacerse una idea del gentío que invadió ayer á Punta Carretas. Puede decirse que todo Montevideo desocupado se pasó la tarde allí, asistiendo á la lucha épica del partido internacional. El servicio especialísimo que organizó el trenvía del Este, no pudo dar abasto por mas que empezara la carga en gran escala á la una en punto y los wagones partieran por docenas cada cinco minutos. A las dos y media de la tarde la espaciosa cancha del Football ya estaba rodeada por una impenetrable muralla humana que hacía difícil la vista del espectáculo á los rezagados de escasa talla.
Á la hora señalada empezó el partido. Los actores, una veintena de mozos, lampiños y fortachos en su gran mayoría, fueron recibidos con aplausos. Los del "Albion Club", representantes del bando criollo, fueron especialmente aclamados.
[...] la superioridad estaba del lado de los argentinos. Aquellos diablos eran ágiles como gamos y de una fortaleza de piernas y de nuca absolutamente incontrastable.
[...] Cuando sonó la hora reglamentaria y hubo que suspender el partido, los argentinos estaban triunfantes en toda la línea, con tres tantos contra uno.
Los luchadores abandonaron la arena, amigos como siempre, entre las felicitaciones de los vencidos y una ruidosa manifestacion hostil para los vencedores llevada á cabo por una nube de pillos.
[...] Buscándole una explicacion al hecho, se repetía que el resultado debía esperarse teniendo en cuenta que la sociedad porteña es mucho más antigua que la nuestra, y que, en consecuencia, se ha podido presentar con una *trouppe* más homogenea y competente. Su superioridad en la disciplina, y sobre todo en la ligereza era indiscutible. Y esos dos elementos fueron lo que adjudicaron el triunfo. [...]
Se calculan de seis á ocho mil personas el público que asistió ayer al Football Internacional.
El Tranvía del Este para atender al servicio tuvo que conseguir un serio refuerzo de vagones, caballos y empleados de la líneas de Reducto y de los Pocitos. Vendió 8.200 boletos solo para Punta Carreta [*sic*], debiéndose descontar de esto la gran cantidad de gente que fué y volvió á pié [...]. La empresa haría un negocio más grande los días en que hay partido de *football*, con construir más desvíos y mandar más cuarteadores." *El Día,* 10 de junho de 1898, p. 4.

expressou esse sentimento. É interessante também a caracterização do *Albion*, pese sua ascendência inglesa, como representante do lado *criollo*.

No que tange à visão do jornal para com os jogadores argentinos, há reconhecimento de superioridade deles, mas mais relevante ainda é o *El Día* atribuir isso a fatores sociais, e não esportivos. Ao justificar a derrota apontando os portenhos como parte de uma sociedade mais antiga e supostamente mais disciplinada que a oriental, o jornal deixa implícito que havia um longo caminho a ser trilhado para os orientais se tornarem aquilo que o *batllismo* considerava uma sociedade moderna e disciplinada.

Notadamente, esta partida marcaria o início de uma narrativa jornalística de diferenciações entre orientais e argentinos através do futebol, além de fornecer um dos primeiros relatos concretos de hostilidade de parte do público uruguaio para com seus vizinhos rioplatenses, comportamento que se tornaria frequente ao longo das primeiras décadas do século XX.

O crescente espetáculo adotado pela sociedade oriental demandava novas estruturas. Em 21 de junho de 1898, o *El Día* explicita que a companhia ferroviária *Tranvía del Este* preparava uma doação de mil pesos para que o *Albion* construísse um novo estádio, com tribunas, mais cômodo e compatível às multidões que vinham comparecendo aos jogos e cujo pequeno campo de *Punta Carretas* não conseguia comportar. Ao mesmo tempo, a edição de 25 de junho de 1898 já projetava nova partida a ser jogada, nos próximos dias, entre o *Albion* e um combinado de jogadores de diversos clubes argentinos. O diário enaltecia e parabenizava o clube por sua proatividade em seguir organizando jogos internacionais.

Preparando-se para esse jogo, a edição de 2 de julho de 1898 do *El Día* relata autorização por parte do ministério de Governo do uso de bandeiras para a partida. O sentimento de rivalidade e alteridade para com os argentinos poderia, então, traduzir-se em símbolos pátrios. Após a partida, o *El Día* mais uma vez reconheceria a emergência deste fenômeno social que havia se tornado o futebol oriental:

> Não há nenhuma diversão pública, nenhum tipo de esporte que tenha se propagado e prestigiado tanto e tão rapidamente entre nós como o *football*. [...] o que até ontem era uma verde colina solitária [...] duas ou três sociedades recreativas e poucos grupos de passeantes [...] é hoje um verdadeiro passeio, um centro de reunião, de sociedade e de diversões

> campestres às portas da cidade[24] (*EL DÍA*, 4 de julho de 1898, p. 4, traduzido).

Cumprindo sua função de integrar diversas áreas da capital uruguaia, o futebol já não estava restrito às prestigiadas partidas internacionais de *Punta Carretas*. Em 25 de julho de 1898, por exemplo, o *El Día* relatava partidas ocorridas no dia anterior em diversos outros bairros, como *Paso Molino, Pocitos* e *Figurita*. Com o surgimento de cada vez mais clubes, o futebol não era prática localizada, ao passo que vinha se espalhando por toda Montevidéu. Em relação ao resto do país, Luzuriaga (2019) aponta que a disseminação de clubes no interior ocorreria cerca de uma década depois do processo na capital.

Curiosamente, o futebol do interior do Uruguai levou décadas para integrar-se ao da capital, com times de fora de Montevidéu passando a figurar com maior frequência na primeira divisão do país apenas no século XXI. No Uruguai, a pouca atenção dada ao interior não é algo específico ao futebol. Morales (2013) explica que o pensamento *batllista* – que, recordemos, torna-se elemento de longa duração na cultura política uruguaia – frequentemente virava as costas para o interior, estigmatizado como expressão de um Uruguai rural e atrasado em comparação à sua cada vez mais moderna capital. Na realidade, o autor explica que o Uruguai *batllista* voltava-se mais para o exterior do que para o interior do país.

De fato, é isso que se vê no discurso *batllista* no que tange ao futebol. Há considerável empolgação e incentivo do *El Día* em relação aos enfrentamentos internacionais, em contraste com a pouco frequente preocupação em integrar o crescente futebol de Montevidéu com o resto do país. Aquilo que é montevideano acaba sendo tomado discursivamente como representante do país como um todo, espelhando a visão de um Uruguai moderno que o *batllismo* queria propagar, a qual passava por ocultar suas facetas mais rurais e conservadoras.

Enquanto isso, Montevidéu ia se desenvolvendo e recebendo infra-estrutura condizente com a modernidade. O *El Día* comemoraria, em 16 de janeiro de 1899, a construção de um estádio em *Paso Molino*, a cerca de 6 km do centro de Montevidéu, patrocinado pela *Tranvía del Este*. Finalmente, segundo o jornal, o público teria um local com instalações modernas e comodidades compatíveis com a popularidade que o jogo havia ganhado e com a fama que o *Albion* vinha alcançando. Em se tratando da construção de

---

[24] No original "No hay ninguna diversion pública, ningun género de sport que se haya propagado y prestigiado tanto y tan rápidamente entre nosotros como el *football*.
[...] lo que era hasta ayer una verde loma solitaria [...] dos ó tres sociedades recreativas y escasos grupos de paseantes [...] es hoy un verdadero paseo, un centro de reunion, de sociedad, y de campestres diversiones á las puertas mismas de la ciudad." *El Día*, 4 de julho de 1898, p. 4.

estádios, é possível observar o rápido desenvolvimento do futebol uruguaio em suas primeiras décadas a partir da cronologia de seus palcos principais.

Se, até 1897, os principais jogos de um futebol ainda incipiente davam-se em *Punta Carretas*, em condições rudimentares que mais se assemelham às de um campo que a um estádio propriamente dito, a partir da popularização e investimento das companhias ferroviárias em infraestrutura para os jogos, o Uruguai ganha como novo palco principal o moderno e mais confortável campo do *Albion* em *Paso Molino*, em 1899. No ano seguinte, também a partir do investimento de uma companhia ferroviária, Montevidéu receberia em *La Blanqueada* o *Gran Parque Central*, hoje casa do *Club Nacional de Football*. Nele, se dariam boa parte das principais festividades futebolísticas do período *batllista*, como os Campeonatos Sul-Americanos de 1923 e 1924.

Finalmente, no contexto da Copa do Mundo de 1930 e dessa vez com investimento estatal, seria inaugurado o emblemático e faraônico para a época Estádio Centenário. Este serve como clara representação arquitetônica do legado *batllista* e da hegemonia simbólica que o período deixou como aspecto de longa duração no Uruguai: quase um século após sua construção, o estádio permanece com sua estrutura pouco alterada e segue figurando como o maior do país, bem como casa da seleção nacional e palco da maioria dos clássicos e finais de campeonatos disputados em solo uruguaio.

Em relação aos primórdios desse processo, em *Paso Molino*, é notável que, enquanto o *Albion* recebia investimentos em infraestrutura, outras forças vinham ganhando força no futebol local e dividindo seu protagonismo. O *Albion*, em contraste ao que ocorria pré 1899, começava a perder sua posição de organizar praticamente todos os jogos internacionais e ser o representante máximo dos "nossos" orientais, contra os "outros" ingleses ou portenhos, conforme era descrito pelas narrações do *El Día*.

Como exemplo disso, temos a seção *Football* da edição de 11 de maio de 1899, em que o diário anuncia 2 partidas para o mesmo dia entre *teams* orientais e quadros de marinheiros ingleses, sendo de maior destaque no jornal aquela protagonizada pelo *Albion* em *Paso Molino*. A outra seria jogada por sócios do crescente *Montevideo Athletic Club*, em *Punta Carretas*. Trata-se de um processo de disseminação em que o futebol como atração de massas não mais era monopolizado por um clube e não se restringia a poucas localidades, sendo cada vez mais frequente o anúncio por parte do jornal de várias partidas ocorrendo simultaneamente em diferentes bairros montevideanos.

O próprio *CURCC* já deixava de voltar-se apenas para a *Villa Peñarol* e tentava atrair espectadores de outras partes da cidade. Em 24 de maio de 1899, o *El Día* relatava importante

desconto nas passagens – que passariam a custar 20 centavos ida e volta – para levar torcedores à *Villa* para prestigiar jogadores do *CURCC* medindo forças contra o *Albion* no dia 28 do mesmo mês. Antes, no dia 25, os montevideanos teriam a oportunidade de ver o *CURCC* enfrentar os marinheiros da canhoneira inglesa *Beagle.*

É essencial ter em mente a precocidade desse processo de expansão no futebol oriental. Nas primeiras décadas de prática desse esporte, boa parte das sociedades se esforçava em manter esse esporte como hábito da alta sociedade. Enquanto isso, o Uruguai, ainda que não fosse imune ao pensamento elitista, vivenciou rapidamente – já nos últimos anos do século XIX – diversos mecanismos de inclusão de camadas populares no esporte.

A gratuidade no acesso às partidas, tal como a facilitação do traslado proporcionada pelos interesses das empresas ferroviárias em lucrar com o novo desporto, somados ainda ao fomento por parte da pujante imprensa *batllista* ao jogo como entretenimento democrático, que discutiremos a seguir, contribuíram para um futebol de assistência mais diversa em termos de gênero e classe social. Possivelmente, abarcar amplos estratos da população facilitou que o futebol adquirisse caráter de símbolo nacional uruguaio antecipadamente, comparado a países como o Brasil, em que mecanismos de exclusão de classe, gênero e raça perduraram por longos anos nesse esporte.

Contudo, apesar da democratização nas arquibancadas, os clubes que, a partir de 1900, comporiam a *League* uruguaia, não eram simpáticos à ideia de haver times operários (à exceção do poderoso *CURCC*) figurando no campeonato mais importante do país. Sob esse prisma, destacamos o exemplo do *River Plate Football Club*[25], time fundado em 1902 por trabalhadores da zona portuária de Montevidéu. As solicitações do clube de participar da primeira divisão foram por diversas vezes negadas, e ele foi posicionado em um segundo escalão do futebol nacional, juntamente com outros times pertencentes às classes populares. O *River Plate* só foi aceito na elite do futebol uruguaio após vencer a segunda divisão por três vezes consecutivas, em 1903, 1905 e 1906. A partir daí, o clube foi campeão da primeira divisão em quatro oportunidades: 1908, 1910, 1913 e 1914 (Luzuriaga, 2019). Assim, ainda que existissem tentativas de manter o futebol uruguaio elitizado, as classes populares montevideanas conseguiram se apropriar precocemente do esporte.

Outrossim, à diferença do Brasil, não houve exclusão institucionalizada de afrodescendentes no futebol uruguaio – apesar disso, como discutiremos mais à fundo no terceiro capítulo, o racismo se manifestaria no Uruguai *batllista* através de invisibilização

[25] O *River Plate Football Club* foi dissolvido em 1925. Em 1932, foi fundado o *Club Atlético River Plate* de Montevidéu, em homenagem à instituição original. Este clube atualmente figura na primeira divisão uruguaia.

discursiva (Morales, 2013), em uma narrativa que tratava a nação como um país composto quase exclusivamente por descendentes de europeus. Ainda assim, os campos de futebol uruguaios do final do século XIX eram, de forma geral, mais acessíveis às camadas populares que os brasileiros e argentinos, a título de comparação. Isto fica claro neste relato, acerca de uma partida entre o *Albion* e os bonaerenses do *Belgrano*, em *Paso Molino*:

> [...] o espírito de localismo, que tão fortemente tem atraído para estas nobres competições em que se coloca à prova, na ordem física, a superioridade dos bandos cis e trasplatinos. [...] esta festa foi organizada da melhor forma possível, dando-lhe as proporções de um verdadeiro acontecimento social, pois já se conta, além da presença de altos funcionários públicos especialmente convidados, com a de muitas famílias da nossa primeira sociedade, às quais esse tipo de espetáculo está cada vez mais atraindo.
> Lembre-se, senão, da enorme concorrência que, às partidas internacionais, jogados no ano passado em *Punta Carretas*, assistia tranquilamente despreocupada da excêntrica promiscuidade em que se encontravam todas as classes sociais que os convencionalismos humanos criaram[26] (*EL DÍA,* 1 de junho de 1899, p. 1, traduzido).

Notamos uma visão que, apesar de valorizar a presença da elite no espetáculo, ressalta o comparecimento de diversas classes sociais ao campo de jogo, que se tornava palco de transmissão de um generalizado espírito localista. O *batllismo* percebia, incentivava e comemorava, nas partidas internacionais, a difusão desse espírito entre indivíduos de diferentes níveis econômicos. Emergia um sentimento comunitário notadamente alinhado ao pensamento exposto por Anderson: "ela [a nação] é imaginada como *comunidade* porque, independentemente da desigualdade e da exploração efetivas que possam existir dentro dela, a nação sempre é concebida como uma profunda camaradagem horizontal" (Anderson, 2008, p.34).

Na pouco integrada sociedade oriental, o futebol possibilitava imaginar uma unidade, o que torna compreensível que o *batllismo* advogasse em favor da massificação desse esporte. Sustentando essa afirmação, aparece uma matéria após a partida mencionada, na qual o jornal *batllista* – movimento profundamente defensor do estado laico, vale lembrar — aponta para o

---

[26] No original: "[...] el espíritu de localismo, que tan fuertemente ha atraído por estas nobles justas en que se pone prueba en el orden físico, la superioridad de los bandos cis y trasplatina.
[...] esta fiesta se ha organizado lo mejor posible, dándole las proporciones de un verdadero acontecimiento social, pues se cuenta desde ya, además de la presencia de altos funcionarios públicos especialmente invitados, con la de muchísimas familias de nuestra primer sociedad, à quienes esta clase de espectáculos están aficionando cada vez más.
Recuérdese sino la enorme concurrencia que á los partidos internacionales, jugados el año pasado en Punta Carretas, asistía bonitamente despreocupada de la pintoresca promiscuidade en que se encontraban todas las clases sociales, que los convencionalismos humanos han creado."*El Día,* 1 de junho de 1899*,* p. 1.

futebol como substituto de rituais religiosos na sociedade oriental. Vejamos o texto, após os subtítulos *A partida internacional de ontem* e *Triunfo dos orientais*[27]:

> Adeus festas de Corpus Christi! O povo montevideano, de tradição profundamente religiosa, que em outras épocas lotava os templos para assistir às funções sagradas, hoje os deixa abandonados para presenciar os torneios pagãos do *football*.
> Como previámos, uma enorme multidão se espalhava ontem pelo amplo local do '*Albion*', deixando as ruas de Montevidéu abandonadas, e mais tristes que nunca os repiques dos sinos, à medida que a massa rebelde dos fieis ignorava seu chamado, para esquecer com as brisas frescas dos arredores a atmosfera sufocante das naves.
> Calcula-se que mais de oito mil pessoas estavam ontem na Avenida 10 de Abril, e apesar de o tram-via do *Paso Molino* ter quase esgotado seu estoque de vagões no serviço, uma infinidade de participantes fez a viagem de ida e volta a pé.
> As festas atléticas alcançaram uma popularidade muito notável, e este detalhe das diversões públicas, que parece completamente destituído de significado, é, no entanto, muito sintomático. Nossa sociedade, eminentemente latina, entregue à suavidade das tertúlias de salão ou de certas reuniões privilegiadas, sabe render culto a essas festas populares, as mais dignas do favor público, por sua índole, desprovidas de qualquer tendência imoral, e por seus fins altamente benéficos para a conservação humana[28] (*EL DÍA,* 2 de junho de 1899, p.2, traduzido).

Esse trecho elucida uma interessante argumentação *batllista* sobre futebol e religião. Esse esporte seria, para o diário, um costume que ajudaria a tornar a sociedade oriental menos apegada a rituais religiosos, substituindo-os. Mais do que isso, era uma festa popular de caráter fortemente moralizador que beneficiaria e ampliaria os espaços de convívio desta sociedade. A substituição da religião por práticas modernas como a esportiva não é algo inconcebível nem exclusivo ao *batllismo*.

O pensamento do historiador francês Marcel Gauchet ajuda a refletir acerca desse ponto. Em *El desencantamiento del mundo* (2005), defende que a humanidade

---

[27] No original: "*El partido internacional de ayer*" e "*Triunfo de los orientales*"

[28] No original: "¡Adiós fiestas de Corpus Christi! El gentío montevideano, de tradición profundamente religiosa, que en otras épocas llenaba los templos para asistir á las funciones sagradas, los deja hoy abandonados por presenciar los torneos paganos del *football*.
Como lo preveíamos, una enorme concurrencia se desbordaba ayer por el amplio local del "Albion", dejando abandonadas las calles de Montevideo, y más tristes que nunca los repiques de las campañas, á medida que masa rebelde de los fieles, desoía su llamado, para olvidar con las frescas brisas de los alrededores la atmósfera sofocante de las naves.
Más de ocho mil personas se calculan que estarían ayer en la Avenida 10 de Abril, y a pesar de haber casi agotado el tram-via del Paso Molino, en el servicio, su *stock* de vagones, infinidad de concurrentes hicieron á pié el viaje de ida y vuelta.
Las fiestas atléticas han alcanzado una muy notable popularidad, y este detalle de las diversiones públicas, que parece completamente destituido de significacion, es muy sintomático sin embargo. Nuestra sociedad, eminentemente latina, entregada á la molicie de las tertulias de salon ó de ciertas reuniones privilegiadas, sabe rendir culto a estas fiestas populares, las más dignas del favor público, por su índole, desprovistos de toda tendencia inmoral: y por sus fines altamente benéficos para la conservacion humana." *El Día,* 2 de junho de 1899, p.2.

contemporânea estaria se afastando da religião, sobretudo no caso de religiões tradicionalmente institucionalizadas como o catolicismo. Consequentemente, as sociedades estariam deixando de ser regidas por instituições religiosas como a Igreja, o que seria o fim de uma organização da vida e dos lares com base em orientações e mentalidade dessas instituições.

Em meio a esse panorama, Gauchet demonstra que as pessoas conferem a outros elementos culturais, de forma até inconsciente, status similar ao religioso. Trata-se das novas formas de religiosidade, em que a ânsia por experiências transcendentais se manifesta de maneiras diversas, como a busca por situações de êxtase – a euforia gerada, por exemplo, por um gol ou logro esportivo, podemos inferir.

Sob esse prisma, Elias e Dunning, anteriormente citados, tomam o esporte como objeto de análise e demonstram que a excitação coletiva despertada nos jogos competitivos possui algumas confluências com rituais religiosos. A começar pela escolha de palavras usadas nos discursos que envolvem esporte: os autores destacam que, na Grã-Bretanha, passou a ser extremamente comum a partir da difusão dos esportes modernos se referir às praças desportivas como templos ou locais sagrados.

Inicialmente soando como meros recursos narrativos ou hipérboles, esse vocabulário denota o status que a efervescência coletiva gerada pelo esporte adquiriu na vida de uma grande parcela daqueles que o acompanham ou praticam. Os autores chegam a hipotetizar que o esporte poderia ser considerado a religião secular de nossos tempos. Assim, o *batllismo* não estaria propondo algo descabido ao atrelar o esvaziamento dos rituais religiosos à lotação, cada vez mais constante, dos estádios montevideanos. É, na verdade, extremamente notável que ainda no século XIX, uma corrente política se posicionasse em prol de um fenômeno tão recente – podemos inferir que seria esta mais uma particularidade uruguaia.

Paralelamente, o espírito localista, como chama o *El Día,* ou a consciência nacional, crescia nos campos de futebol do país. Alguns setores dessa sociedade, observando isso, estavam descontentes com representações orientais compostas em boa parte por jovens de ascendência inglesa, como era o caso do *Albion*. Crescia, disseminado em núcleos universitários (Morales, 2013), um desejo de superar os ingleses e nacionalizar esse esporte, visto como moderno e civilizador.

Esse pensamento daria origem ao *Club Nacional de Football*, fundado em 1899, a partir da fusão dos preexistentes *Montevideo Football Club* e *Uruguay Athletic*. Simbolizando o ideal nacionalista *criollo* de seus fundadores, seu escudo e suas cores (azul,

vermelho e branco) fazem clara referência à bandeira de José Artigas, usada em sua época para simbolizar a luta pelo federalismo no Prata, em oposição ao unitarismo bonaerense.

Figura 4: Bandeira de José Gervásio Artigas (à esquerda), inspiração para o símbolo do *Club Nacional de Football*, disposta na entrada do Aeroporto Internacional de Carrasco, a poucos quilômetros de Montevidéu. Ao seu lado, a bandeira nacional uruguaia, no centro, e à direita, a bandeira dos Trinta e Três Orientais.



Fonte: Acervo do autor, 2024.

Vale lembrar que, conforme discutido, o final do século XIX era um momento em que o artiguismo vinha sendo fortemente evocado como parte do simbolismo nacional oriental, sobretudo em alteridade à Argentina. O próprio *El Día*, ainda que defendesse uma sociedade uruguaia integrada aos imigrantes, elogiou o jovem time universitário, afirmando-o como um clube formado por jogadores genuinamente orientais, em 24 de junho de 1899.

Paralelamente, o diário enfatizava cada vez mais a importância do futebol como entretenimento democrático:

> Este tipo de festas tem, acima de tudo, uma virtude: a de democratizar nossa aristocracia (se é lícito o termo), graças à promiscuidade em que se envolvem os elementos das diferentes classes sociais.
> Faltava-nos uma diversão eminentemente popular, como a do *football*, que atraísse também o favor das pessoas acomodadas, que fosse acessível a todos os elementos populares e que tivesse a aptidão de atrair essas ondas imensas de povo, em que não há distinção de prestígios sociais, nem os desnivelamentos caprichosos da fortuna, nem outras diferenças além daquelas que a idade, o sexo, etc., impõem pelas regras mais elementares.

> O *football* tem essa virtude que até agora nenhuma outra festa havia conquistado [...][29] (*EL DÍA*, 31 de julho de 1899, p. 1, traduzido).

A seção, no contexto de uma partida internacional organizada pelo *Albion* contra os argentinos do *Club Lobos,* intitula-se *"En honor a Roca"*, já que a partida foi em homenagem ao presidente argentino Julio Roca. Além de elogiar o caráter democratizador do futebol, o texto fala da necessidade de construção de nova tribuna no *field* de *Paso Molino*, posto que a estrutura recém-construída não era mais suficiente para acomodar públicos como as mais de 7 mil pessoas que haviam presenciado a partida internacional realizada no dia anterior.

O futebol como espaço de democratização assistia paralelamente à consolidação da contraposição aos "de fora" daquela comunidade imaginada: "Inimigos natos e implacáveis de tudo o que não tenha o sabor local, os rapazes o são ainda mais em relação aos argentinos, por esse espírito de rivalidade entre vizinhos que tanto se desenvolve na massa popular"[30] (*EL DÍA,* 25 de setembro de 1899, p. 2, traduzido). Assim, o esporte se afirmava em Montevidéu como tradição, sendo espaço de convívio, integração e expressão de alteridade.

Dessa forma, o ano de 1900 seria marcado pela primeira edição da *Uruguay Association Football League*, fundada e disputada pelo *CURCC*, *Albion*, *Uruguay Athletic* e pelo clube de imigrantes alemães *DFK* (Morales, 2013). Apesar da considerável presença de *criollos* em seus clubes, o comando da liga ainda estaria majoritariamente nas mãos de britânicos (Luzuriaga, 2019), o que torna compreensível a recusa solicitação do jovem *Club Nacional de Football* em ingressar no torneio daquele ano.

Embora a liga promovesse maior constância na organização de partidas entre seus 4 membros, ela era apenas a ponta do *iceberg* do futebol uruguaio à época, com uma multiplicidade de amistosos entre clubes compostos por *criollos* e imigrantes e ligas menores que funcionavam paralelamente (*Luzuriaga*, 2019). Outrossim, há que se destacar a continuidade dos tão atrativos amistosos contra marinheiros britânicos e os ainda mais concorridos e esporádicos jogos contra equipes bonaerenses.

---

[29] No original: "Esta clase de fiestas tienen sobre todo una virtud, la de democratizar nuestra aristocracia (si es lícito el giro), gracias á la promiscuidad en que se ven envueltos los elementos de las diferentes clases sociales. Nos faltaba una diversion eminentemente popular, como la de *football*, que afluiera también el favor de gente acomodada, que fuera accesible á todos los elementos populares, y que tuviera la aptitud de atraer esas oladas inmensas de pueblo, en las que no son distingo los prestigios sociales, ni los desniveles caprichosos de la fortuna, ni otras diferencias aquellas que à la edad, el sexo, etc, imponen las mas elementares reglas.
El football tiene esa virtud que hasta ahora no había conquistado ninguna otra fiesta [...]" *El Día*, 31 de julho de 1899, p.1.

[30] No original: "Enemigos natos é implacables de todo lo que no tenga el sabor local, los muchachos lo son más aún de los argentinos, por ese espíritu de rivalidad vecinal que tanto se desarrolla en la masa popular." *El Día*, 25 de setembro de 1899, p. 2.

Com cada vez mais eventos futebolísticos à disposição dos montevideanos, seria erguido outro moderno estádio na capital. Trata-se do *Gran Parque Central*, inaugurado em 25 de maio de 1900, construído pela *Empresa de Tranvías a la Unión y Maroñas*. A inauguração, considerada uma festa de grandes proporções pelo *El Día* de 26 de maio de 1900, contou com música, *buffet* e ornamentação composta pelo simbolismo de bandeiras britânicas, alemãs e uruguaias. Para estrear o estádio, foi realizada uma partida entre o *CURCC* e o *DFK*. O novo *field* ajudaria a distribuir as grandes partidas: o *El Día* de 28 de maio de 1900 relata elevados públicos prestigiando, no dia anterior, partidas simultâneas em *Paso Molino* – com cerca de 5 mil pessoas, segundo o diário –, no *Gran Parque Central* e ainda em outros campos da capital uruguaia.

Um *football* cada vez mais massificado implicaria também em maior fragmentação de forças e simpatias por parte do público. O *Albion* já perdera sua hegemonia local – o primeiro campeão uruguaio oficial, em 1900, foi o *CURCC*. As partidas internacionais contra ingleses e portenhos, que em anos anteriores tinham o quadro *albionista* como principal representante do futebol oriental, cada vez mais eram protagonizadas por clubes distintos como o *CURCC,* que em uma dessas ocasiões aplicaria 3 a 1 no *Belgrano*, em partida descrita pela edição de 11 de julho de 1900 do *El Día*.

O *CURCC* vinha elevando sua força e, consequentemente, transbordando sua influência, antes restrita a *Villa Peñarol*, para diversos cantos da cidade e do país como um todo. Simultaneamente, o jovem *Club Nacional de Football*, envolto em seu simbolismo nacionalista, começava a angariar grupos relevantes de adeptos. O forte localismo e oposição aos "de fora" que havia ajudado a popularizar o futebol uruguaio nos tempos de hegemonia *albionista*, conviveria a partir daí com uma rivalidade interna que dividiria o país quase que ao meio e persiste até os dias atuais.

Antes de abordar esse tópico, é importante pontuar que, embora o atual *Club Atlético Peñarol* tenha herdado cores e torcida do antigo *CURCC*, após a separação entre o clube e a empresa ferroviária que o nomeava, em 1913, há que se tomar cuidado em tratá-los como sinônimos. Isso porque a questão de considerar *CURCC* e *Peñarol* a mesma instituição permanece como um dos maiores debates do futebol uruguaio, extremamente envolto em polêmicas, visto que implica em agregar ou não os títulos do *CURCC* ao histórico do *Peñarol*, definindo ainda qual dos dois grandes clubes do país é mais antigo, *Nacional* (1899) ou *Peñarol* (1891 ou 1913). Não entrando nesta discussão, chamamos a instituição pré-1913 apenas de *CURCC*, embora destacando que a imprensa da época comumente se referia a este clube como *Peñarol*, devido à sua identificação com a *Villa Peñarol*.

Posto isso, e considerando o início da decadência do *Albion*, notamos que "o rápido sucesso de *Nacional* e *Peñarol* para com o público no início do século XX reside no fato de que ambos encarnavam sentimentos e visões de longa duração na sociedade uruguaia, junto com uma grande paridade esportiva que estimulou ainda mais a rivalidade" (LUZURIAGA, 2014, p.199, traduzido). Nesse sentido, o *CURCC* incorporaria, no imaginário popular, a imagem de clube de operários e imigrantes, dada a composição originária do clube por trabalhadores ferroviários de diversas origens, além da identificação com o bairro obreiro e periférico da *Villa Peñarol*.

O *Nacional*, por outro lado, não ficaria restrito a uma elite universitária de pensamento nacionalista *criollo* averso às comunidades migratórias. Na verdade, Luzuriaga (2014) pontua que o jovem clube tricolor atrairia para si também uma massa popular, majoritariamente de *criollos* que se sentiam prejudicados pela imigração, seja no meio rural, por verem seu emprego ameaçado após a chegada de trabalhadores imigrantes, ou no meio urbano, ao se sentirem explorados por patrões ou empresas estrangeiras que os empregavam. Seguramente, não se pode reduzir instituições com centenas de milhares de torcedores a estereótipos dicotômicos. No entanto, como explica o autor, é evidente que o imaginário construído em torno dos dois clubes em seus primeiros anos de existência os tornaram símbolos de mentalidades antagônicas, as quais contribuíram para suas massificação e popularização.

A narrativa midiática favorecia essa rivalidade, como podemos ver no crônica do *El Día* no dia seguinte ao primeiro duelo da história entre o *CURCC* e o *Nacional*:

> Os rapazes do '*Club Nacional de Football*' merecem um aplauso. A partida jogada ontem contra um dos clubes mais fortes do Prata, que recentemente venceu vantajosamente o '*Belgrano*' de Buenos Aires, o '*Peñarol*', foi de grande interesse.
> Era a primeira vez que um clube de *football*, exclusivamente formado por rapazes orientais, aceitava o desafio de um clube que, como o '*Peñarol*', tem, com sua longa existência, uma reputação bem estabelecida e um lugar de destaque. [...]
> Parabenizamos o 'Nacional' pela partida de ontem, que veio demonstrar que é digno de se colocar à altura dos principais clubes do gênero.

> O *Peñarol* esteve, como sempre, à altura de seus méritos[31] (*EL DÍA*, 16 de julho de 1900, p. 2, traduzido).

Pese a derrota por 2 a 0, o jornal exalta a atitude do *Nacional*, que jogara dignamente contra o poderoso clube da companhia inglesa. O posicionamento *batllista*, diferente dos setores mais conservadores da sociedade oriental, não antipatiza com os clubes não-*criollos* nem os taxa de estrangeiros ou ingleses. Na realidade, o diário valorizava o *CURCC*, assim como fazia com o *Albion*. Paralelamente, há clara empolgação com a emergência de um clube composto por rapazes tidos pelo jornal como genuinamente orientais.

Trata-se de um desejo por nacionalizar o jogo, mas que ao mesmo tempo não faria o *El Día* se tornar partidário de um clube *criollo* como o *Nacional*. A intenção do *batllismo*, como observado até agora, era que o futebol fosse capaz de integrar a sociedade oriental como um todo, de forma que não teria sentido tornar-se parcial de um clube em detrimento de outros que já atraíam a simpatia de multidões, sobretudo no caso do *CURCC*.

Para seguir na cruzada integradora, conviria posicionar acima das disputas internas a alteridade cada vez menos amistosa para com a outra margem do Prata. Observamos a hostilidade crescente desse sentimento no relato de mais um internacional entre *Albion* e *Belgrano:* "[...] a parte grossa daquela reunião - ou mais bem, a miúda - a composta pela garotada de rua, sendo mais fogosa e menos afeita à fiel observância das cortesias internacionais – desfazia-se em imprecações, insultando desrespeitosamente os jogadores da outra margem."[32] (*EL DÍA*, 16 de agosto de 1900, p. 2, traduzido).

Nessa mesma ocasião, o diário ressaltava os insultos dirigidos a Craven, jogador que havia trocado o *CURCC* pelo clube bonaerense e era, por conta disso, chamado de traidor, vendido e *aportenhado* por parte do público oriental. São insultos que denotam o perfil do sentimento anti-portenho: trocar um clube oriental por um bonaerense era quase sinônimo de trair a pátria. Com essa rivalidade se intensificando, o *Albion,* sem a hegemonia local de outrora, logo não seria suficiente para representar o futebol oriental como um todo. Ao

---

[31] No original: "Los muchachos del "Club Nacional de Football" merecen un aplauso. El partido jugado ayer contra uno de los clubs más fuertes del Plata que últimamente venció ventajosamente al "Belgrano" de Buenos Aires, el "Peñarol", resultó de todo punto interesante
Era la primera vez que un club de football, exclusivamente formado por muchachos orientales, aceptaba el desafío de un club que, como el "Peñarol", tiene con su larga existencia una reputación bien sentada y un puesto de primera fila.
[...]Felicitamos al "Nacional" por el partido de ayer, que vino á demostrar que es digno de colocarse á la altura de los principales clubs del género.
El Peñarol estuvo, como siempre, digno de sus méritos." *El Día*, 16 de julho de 1900, p. 2.

[32] No original: "[..] la parte gruesa de aquella reunion - ó más bien dicho, la menuda - la compuesta por la chiquilinada callejera, como más fogosa y menos afecta á la fiel observancia de las cortesías internacionales - se deshacía en imprecaciones, insultando irrespetuosamente à los jugadores de la otra orilla" *El Día*, 16 de agosto de 1900, p. 2.

mesmo tempo, *CURCC* e *Nacional* incorporavam visões antagônicas dentro da sociedade uruguaia e iniciavam sua tendência de longa duração de dividir a ampla maioria dos torcedores do país.

Seria necessária, portanto, uma instituição acima das disputas e contraposições internas, para encarnar o espírito localista e englobar simbolicamente toda aquela comunidade imaginada. Sobretudo, era imprescindível uma representação que estivesse à altura de medir forças com marinheiros ingleses e com seus poderosos vizinhos rioplatenses. Somente assim seria possível endossar o desejo *batllista* de ter o *football* como uma festa democrática, integradora e, finalmente, nacional.

Capítulo 2: Um símbolo nacional para um país em modernização - de combinados orientais à *celeste* vitoriosa

Como visto no primeiro capítulo, os últimos anos do século XIX representaram um momento chave para a popularização do futebol na capital uruguaia. Ao passo que o novo século se aproximava, a população montevideana foi se habituando a uma oferta de partidas cada vez mais ampla ao longo de cada ano, distribuídas sobretudo nos meses de outono e inverno. O futebol era um fenômeno recente mas de rápido crescimento e, apesar de sua concentração em Montevidéu, onde vivia cerca de 30% da população uruguaia – tomando por base o censo mais próximo à virada do século, de 1908 (Pellegrino, 2010) – existiam iniciativas que auxiliaram a desenvolver interesse por esse esporte fora da capital, nas pequenas cidades do interior e litoral, tornando-o, de fato, um costume nacional.

Luzuriaga (2019) explica que o auge do surgimento de times de futebol no esparsamente povoado interior uruguaio se deu não como consequência direta do processo ocorrido na capital, mas sim resultante de processos específicos independentes, vivenciados em diversas localidades. O autor apresenta como fatores causais desse fenômeno a presença de educadores britânicos – ou *criollos* simpáticos ao modelo educacional britânico, atrelado ao esporte; a prática e incentivo ao futebol por parte de britânicos residentes no interior, em geral proprietários de terras, ferroviários ou comerciantes; e ainda o contato com populações de lugares em que o futebol já era consolidado, como Buenos Aires ou a própria Montevidéu.

Em meio a esse contexto, havia interesse em levar os já prestigiados clubes montevideanos para além dos limites da cidade. Fosse por incentivo de políticos ou empresários locais ou, então, por interesse dos próprios times capitalinos em expandir sua zona de influência. A virada do século XIX para o XX foi palco de excursões dessas equipes a outras localidades uruguaias. Encontramos, na imprensa da época, relatos das primeiras viagens, realizadas sobretudo nos meses de primavera e verão, em que não havia tantas partidas em Montevidéu.

A reduzida frequência de jogos no interior fazia dessas ocasiões verdadeiros acontecimentos sociais. Trata-se de algo sintomático do Uruguai da virada do século XIX para o XX, no qual o cosmopolitismo montevideano contrastava com uma rotina consideravelmente mais monótona no resto do país. Essa questão é observável na edição do *El Día* de 20 de setembro de 1900, na qual foi relatada uma das primeiras vezes em que um

clube montevideano deixaria a cidade não para cruzar o Prata, como era de costume, mas sim para visitar o interior uruguaio.

Na ocasião, o jornal noticiou que o *CURCC* estava para viajar ao departamento de *San José*, a aproximadamente 95 quilômetros da capital. O clube do bairro *Villa Peñarol* partiria no dia 23 daquele mesmo mês, a convite do *San José Football Club*, para a inauguração do estádio do time local. O diário evidenciou a importância do evento para aquela localidade, mencionando a organização de comemorações que incluiriam as presenças do chefe político do departamento interiorano e do presidente do clube local, que, por sua vez, era também empresário do ramo ferroviário.

Similarmente, a edição de 24 de setembro de 1900 do *El Día* relatou a viagem do *Albion* no dia anterior, para a cidade de *Pando*, no departamento de *Canelones*, onde havia disputado uma partida de futebol a convite do centro recreativo local. Assim como, anos antes, o *batllismo* havia defendido o papel do futebol como ferramenta de comunhão social na capital, o mesmo argumento passava a valer para o resto do país, ainda mais carente de espaços públicos de socialização e grandes eventos:

> Essas viagens são, sob todos os aspectos, dignas de aplausos. Além dos prazeres que oferece o jogo, estabelecem-se e estreitam-se relações entre juventudes e povos da mesma terrinha, que bastante falta lhes faz, pese as distâncias que os privam de comunhões assíduas em festas sociais, reuniões ao ar livre, centros de *sports*, etc[33] (*EL DÍA*, 14 de março de 1903, p. 2, traduzido).

Entretanto, embora o futebol se desenvolvesse em diversas regiões do país, consideravelmente impulsionado pela expansão da malha ferroviária uruguaia (Luzuriaga, 2019), os clubes interioranos se mantiveram à margem do principal campeonato nacional por várias décadas, estando limitados a competir em ligas paralelas entre cidades, departamentos ou ainda nos amistosos contra equipes de Montevidéu ou do próprio interior.

De todo modo, o século XX teve início com o seguinte panorama: o futebol se enraizava cada vez mais como entretenimento em meio à população montevideana, enquanto o interior uruguaio começava a incorporar esse esporte. Simultaneamente, havia crescente interesse nas partidas contra estrangeiros, que atraíam amplamente a atenção da imprensa. Ademais, conforme descrito no final do capítulo anterior, os uruguaios já aderiam a clubes esportivos como forma de expressão e contraposição de identidades, com destaque para o

[33] No original: “Estos viajes son bajo todos los puntos dignos de aplausos. Aparte de los solaces que ofrece el juego, se entablan y se estrechan relaciones entre juventudes y pueblos de la misma tierruca, que bastante falta les hace apesar de las distancias que priva de comuniones asiduas en fiestas sociales, reuniones al aire libre, centros de *sports*, etc.” *El Día*, 14 de março de 1903, p. 2.

CURCC e para o *Nacional*, que atraíram para si imensos grupos de adeptos e interpretavam o rival quase como uma antítese de si próprio em termos de mentalidade.

Na interpretação *batllista*, para além das questões mencionadas no primeiro capítulo de incentivo ao futebol como espaço de integração social democrática e desvinculada de religião, os *batllistas* passaram a valorizar não apenas a prática do esporte e assistência às partidas, como também a inclusão de jogadores orientais nos times de ponta. A questão fazia parte de uma preocupação com o que essa corrente política denominava fortalecimento da raça por meio do esporte. Vale lembrar que, como explica Mónica Quijada, em *Sobre el origen y difusión del nombre "América Latina" (o una variación heterodoxa en torno al tema de la construcción social de la verdad)* (1998), o termo raça, nos jovens países americanos, referia-se a cultura – não a etnia, como passou a ocorrer em meados do século XX –, sendo usado de forma intercambiável com povo e nação. Nesse sentido, quando o *El Día* fala em fortalecer a raça, o jornal se refere à população uruguaia como um todo, independentemente da origem étnica dos indivíduos. Trata-se de uma visão perceptível neste trecho que trata da abertura da temporada da *League* uruguaia de 1901:

> Como sempre, os *match* [*sic*] entre clubes da categoria dos mencionados [*CURCC* versus *Nacional* e *Uruguay Athletic* versus *Albion*] proporcionam o ponto mais alto das emoções aos espectadores amantes deste *sport* oriundo da Inglaterra, o país atlético por excelência, que sempre considerou como uma de suas principais preocupações dar a seus filhos, em iguais proporções, a educação intelectual e física, como o principal meio de fornecer à raça que o habita a força necessária para marchar à dianteira das nações do mundo.
> Entre nós, a sábia introdução desse jogo encontrou uma entusiástica acolhida entre a juventude, que, embora refratária por herança de raça aos torneios de força levada ao nível do jogo que aqui tratamos, compreendeu antes de tudo essa necessidade da vida, cujo exemplo perfeito se encontra sempre na raça anglo-saxônica, e tomou com tanto interesse o conhecimento do jogo que, a estas horas, clubes genuinamente nacionais se preparam para disputar com vantagem sua supremacia entre nós contra os mesmos centros que o implantaram e ensinaram. Tanto se avança nessa matéria aqui, que até os clubes formados exclusivamente por ingleses hoje se veem com seus quadros enriquecidos com jogadores orientais, tão bons ou melhores que aqueles[34] (*EL DÍA*, 11 de maio de 1901, p. 2, traduzido).

[34] No original: "Como siempre, los *match* entre clubs de la gerarquía [*sic*] de los nombrados, dan la nota álgida en las emociones de los espectadores amantes de este sport oriundo de Inglaterra, el país atlético por excelencia, que ha considerado siempre como una de las primeras preocupaciones el dar á sus hijos en iguales proporciones la educacion intelectual y física, como principal medio de facilitar á la raza que la puebla la fuerza necesaria para marchar á la cabeza de las naciones del mundo.
Entre nosotros, la sabia introduccion de este juego ha encontrado una entusiasta acogida entre la juventud que aunque refractaria por herencia de raza á los torneos de la fuerza llevada al grado del juego que nos ocupa, se ha dado cuenta ante todo de esta necesidad de la vida, cuyo perfecto ejemplo lo encuentra siempre en la raza anglo sajona y ha tomado con tal interés los conocimientos del juego. que ha estas horas, clubs genuinamente nacionales se aprestan á disputar con ventaja su supremacia entre nosotros á los mismos centros que lo

Esse trecho denota diversos aspectos da perspectiva *batllista*. Primeiramente, observamos um enaltecimento expressado pelo periódico à Inglaterra, associando o fomento ao esporte à posição privilegiada na política internacional que essa nação possuía à época. A associação descrita torna evidente que, para os *batllistas*, o esporte e a educação física eram questões primordiais para construir uma nação próspera e moderna.

Em segundo lugar, destacamos que quando o diário *batllista* fala em fortalecer a juventude oriental por meio da atividade física, ele não está propondo algo inédito no país. Na verdade, esse ponto fazia parte de uma visão difundida dentre os defensores da modernização uruguaia desde os tempos das reformas *varelianas*. Para entendê-la, convém observar Reisch (2012), que explica tratar-se de uma incorporação no Uruguai de ideias positivistas relacionadas à educação física, inicialmente dissociada do esporte moderno e voltada a outros tipos de atividade, como a ginástica:

> A corrente positivista, surgida no final do século XIX, integra a educação física entre as doutrinas pedagógicas da modernidade. A educação corporal é considerada tão importante quanto a intelectual e a moral nos programas escolares. Leva em conta os exercícios físicos, mas não o esporte como questão escolar. Também se considera o jogo, atribuindo-lhe importância para o desenvolvimento psicológico das crianças (Reisch, 2012, p. 22, traduzido).

A autora explica que, a partir das primeiras décadas do século XX, o movimento esportivo observou crescimento vertiginoso no Uruguai. Foi justamente nesse período que visões como a *batllista* passaram a incluir os esportes modernos, como o futebol, na já consolidada política de incentivo à prática de exercícios físicos no país. O último trecho do *El Día* aqui citado deixa evidente que o *batllismo* interpretou o futebol como importante ferramenta para o fomento à educação física no Uruguai.

Além disso, ao passo que o *El Día* enaltecia a força de quadros tidos como "genuinamente nacionais" e a qualidade dos jogadores orientais que integravam clubes outrora de predominância inglesa, notamos um desejo não apenas de se inspirar nos ingleses para a prática do futebol, como também de superá-los. Observamos essa postura no seguinte trecho, relato de um empate de 1 a 1 entre *CURCC* e *Nacional*, em que o jornal caracteriza o *CURCC* como clube de anglosaxões:

---

implantaron y enseñaron. Tanto se adelanta en esta materia aquí que hasta los clubs formados exclusivamente de ingleses, hoy se hallan matizados sus cuadros con jugadores orientales tanto ó más buenos que aquéllos." *El Día*, 11 de maio de 1901, p. 2.

> [...] o *match* terminou empatado, o que quase significa uma vitória para o *Nacional*, dado o adversário com quem tinha que se enfrentar, que é, sem discussão, o melhor clube de Montevidéu.
> Avante, rapazes, avante, provem que no exercício físico são capazes de competir de igual para igual com os saxões![35] (*EL DÍA*, 7 de junho de 1901, p. 2, traduzido).

Convém reiterar, conforme abordado no primeiro capítulo, que o futebol montevideano incorporou precocemente setores diversos, em termos de origem e classe, de sua sociedade, deixando de ser um ambiente de predominância britânica muito mais rápido que o ocorrido no processo de desenvolvimento do futebol em Buenos Aires, a efeito de comparação. Nesse sentido, o antropólogo Eduardo Archetti, em *Masculinidades: fútbol, tango y polo en la Argentina* (2003), explica que a influente revista portenha *El Gráfico* desenvolveu, a partir de 1928, a teoria das duas fundações, na qual o futebol argentino teria sido primeiro fundado e controlado pela esfera britânica, desde as últimas décadas do século XIX até o fim da hegemonia do *Alumni* – clube que citamos no capítulo 1 como principal expoente do futebol argentino entre 1900 e 1911 – nos primeiros anos da década de 1910, para apenas a partir de então ter sido apropriado (e refundado como costume) pelos *criollos*.

No Uruguai, por outro lado, clubes *criollos* como o *Nacional* se tornaram potência desde os primeiros anos do século XX, e mesmo o *CURCC*, chamado de anglo-saxão pelo *El Día* no último trecho citado, já apresentava jogadores de diversas origens em seus plantéis. Assim, sendo o futebol um costume que abarcava cada vez mais variados grupos residentes no Uruguai já no início do novo século, e tendo em vista o potencial civilizatório que setores como o *batllismo* atribuíam a esse esporte, era compreensível a intenção de demonstrar a cultura esportiva da sociedade oriental traduzida no nível dos jogadores locais.

Em meio a esse contexto, germinou a ideia de reunir os melhores jogadores do país em um quadro que representasse o mais alto nível do futebol nacional para as disputas contra equipes estrangeiras:

> A oportuna iniciativa do conhecido *goal keeper* Enrique Sardeson, de formar um time de primeira ordem para os jogos internacionais, encontrou a mais entusiástica acolhida entre os aficionados a essas viris expansões; e, com esse motivo, chovem propostas de interessados no triunfo do Uruguai sobre o *team* argentino.
> Enrique Sardeson propõe, antes de tudo, apresentar a Mr. Anderson, que capitaneia o *team* da Argentina, um time formado exclusivamente por

[35] No original: "[...] quedó empatado el *match*, lo que casi significa un triunfo para el Nacional, dado el enemigo con quien tenía que habérselas que es, sin discusion, el mejor club de Montevideo.
¡Adelante muchachos, adelante, á probar que en el ejercicio físico sois capaces de competir con altura con los sajones!" *El Día*, 7 de junho de 1901, p. 2.

> jovens orientais, o qual ele já tem quase completo[36] (*EL DÍA*, 9 de maio de 1901, p. 2, traduzido).

Para além da proposta de reunir os melhores atletas do país em um time para as partidas internacionais, o trecho enfatiza a intenção de formar esse time exclusivamente com orientais, apesar dos diversos estrangeiros em atuação no futebol uruguaio. Nesse sentido, a iniciativa de Sardeson se alinha bastante com o discurso anteriormente mencionado do *El Día* de priorizar e destacar a qualidade dos jogadores nascidos no país. Por isso, o diário fala em triunfo do "Uruguai" sobre o "*team* argentino": não se trataria mais do triunfo de algum clube montevideano – com ou sem imigrantes em sua composição. Tratava-se, na perspectiva do periódico, do próprio Uruguai em campo, um inédito e autêntico time nacional, a expressão máxima do que consideravam o futebol oriental.

Um primeiro ensaio para este tipo de confronto se daria no dia 16 de maio de 1901, relatado no *El Día* do dia seguinte. Na ocasião, os argentinos apresentaram um time selecionado dos melhores jogadores de clubes portenhos. O Uruguai, entretanto, ainda não havia sido capaz de montar um selecionado de sua liga - o futebol nacional foi, novamente, representado pelo *Albion*. Pese a derrota por 3 a 2 do time uruguaio, o diário *batllista* valorizou a performance do clube que, segundo o jornal, brigava pela honra não apenas de sua instituição, mas sim do *football* do país como um todo: "Tendo em conta que o *eleven* argentino está composto pela flor e nata dos clubes de Buenos Aires, os *goals* feitos por ambos os clubes demonstram que o "Albion" esteve ontem como nunca, o que o faz merecedor de nossas felicitações.[37]" (*EL DÍA*, 17 de maio de 1901, p.2, traduzido).

O desejo de formar uma equipe com os melhores jogadores dos clubes montevideanos se manteve na esfera esportiva da cidade e nas páginas do *El Día*, que não se restringia a apoiar passivamente as iniciativas de criar um time nacional. Poucos meses depois da sugestão de Sanderson, o diário fez sua própria proposta e a detalhou para seus leitores:

> Para encerrar dignamente a temporada, propomos à comissão da "*Association Football League*" um grande *match* de *football* de caráter internacional – sendo o time que nos representaria formado pelos melhores

---

[36] No original: "La oportuna iniciativa del conocido *goal keeper* Enrique Sardeson, de formar un cuadro de primer órden, para los partidos internacionales, ha encontrado la más entusiasta acogida entre los aficionados à tan viriles expansiones; y con tal motivo llueven proposiciones de interesados en el triunfo del Uruguay sobre el team argentino.
Enrique Sardeson se propone ante todo de presentar à Mr. Anderson, el que capitanea el *team* de la Argentina, un cuadro formado exclusivamente por muchachos orientales, q [*sic*] el que tiene ya casi completo." *El Día*, 9 de maio de 1901, p. 2.

[37] No original: "Teniéndose en cuenta que el eleven argentino está compuesto de la flor y nata de los clubs de Buenos Aires, los goals hechos por ambos clubs demuestran que el "Albion" ha estado ayer como nunca, lo que le hace merecedor à nuestras felicitaciones" *El Día*, 17 de maio de 1901, p.2.

> elementos dos cinco principais clubes que disputaram este ano a Copa de Honra do Campeonato.
> Sem fazer preferência alguma por determinado clube e deixando de lado ideias de maior ou menor preponderância, acreditamos que a referida Comissão deva formar um team que considere o melhor, entre o elemento genuinamente oriental, ainda que seja necessário para sua composição delegar mais jogadores de um clube do que de outro.
> O que propomos é formar o time mais forte possível, para jogar contra outro portenho, que a Comissão da "*League*" – uma vez que prestigiasse a ideia – designaria, convidando-o a atravessar o rio em uma data adequada, de forma que se possa, com tempo, organizar os preparativos necessários[38] (*EL DÍA,* 24 de agosto de 1901, p. 2, traduzido).

Colocando a proposta em termos ainda mais concretos, o diário prosseguiu sugerindo a data de 7 de setembro daquele mesmo ano para a partida e listou sua própria indicação de quais deveriam ser, por posição, os 11 jogadores convocados para atuar no sugerido jogo, buscando esquivar-se de polêmicas ao equilibrar o número de convocados dos dois clubes que dominavam a simpatia do público local, selecionando 3 jogadores do *CURCC* e 3 do *Nacional*. O diário finalizou reiterando o objetivo de que os jogadores selecionados fossem todos de nacionalidade oriental.

O trecho explicita dois pontos que o pensamento *batllista* colocava como cruciais para essa nova classe de partidas internacionais: o primeiro era que não bastava uma equipe com os melhores jogadores em atuação no país, era desejável que ela estivesse composta apenas de jogadores "genuinamente" – usando o termo aplicado pelo *El Día* – orientais. Em segundo lugar, o diário apontou como adversário para esta equipe não um time, por exemplo, de estrangeiros atuantes no futebol local nem um de marinheiros ingleses: o selecionado uruguaio deveria medir forças necessariamente com algum time portenho, a ser convidado pela Comissão da *League* uruguaia. O jornal era ávido fomentador da contraposição futebolística entre uruguaios e argentinos que nos anos subsequentes se consolidaria como tradição no futebol de ambos os países.

Cabe pontuar que jogos entre equipes das duas margens do Prata já vinham sendo realizados a nível de clubes de forma organizada. Havia, por exemplo, a *Copa Competencia*

---

[38] No original: "Para clausurar dignamente la temporada, proponemos á la comision de la "Association Football League" un gran *match* de football de carácter internacional, - siendo el cuadro que nos diese representacion, uno formado por los mejores elementos de los cinco clubs principales que este año se han disputado la Copa de Honor del Campeonato.
Sin hacer preferencia alguna sobre determinado club y claudicando ideas de mayor ó menor preponderancia, creemos dicha Comision deba concebir un *team* que crea el mejor, entre el elemento genuinamente oriental, ya haya que ser necesario para su composicion, delegar de un club más jugadores que del otro.
Lo que nosotros nos proponemos es hacer un cuadro todo lo más fuerte posible, para jugar con otro porteño, que la Comision de la "League",- una vez prestigiase la idea - designaria, invitándolo á trasponer el río en una fecha prudencial, como para que se pueda con tiempo hacer los preliminares necesarios." *El Día*, 24 de agosto de 1901, p. 2.

"Chevallier Boutell", competição anual disputada entre equipes uruguaias e argentinas entre 1900 e 1919. No formato inicial, entre 1900 e 1906, os clubes montevideanos participantes se enfrentavam até definir um único clube uruguaio que iria às semifinais. As semifinais eram sempre uma entre um clube uruguaio e um portenho e outra, entre um clube portenho e um rosarino. Enquanto as semifinais eram disputadas em Rosário e em Montevidéu, o sediamento da final era reservado à capital argentina (Luzuriaga, 2019).

Figura 5: Anúncio de partida da *Copa Competencia* de 1905 entre *CURCC* (apelidado de *Peñarol*) e *Rosario Athletic*. Documento disposto no *Museo del Fútbol* do Estádio Centenário, em Montevidéu.



Fonte: Acervo do autor, 2024.

É interessante explicar o funcionamento da *Copa Competencia* pois seu formato inicial se alinha com uma mentalidade observada por autores como Gutiérrez Cortinas em *Uruguayos y argentinos* (1969). Ele defende que a liga argentina, em seus primeiros anos, enxergava a liga de Rosário e a liga uruguaia como apêndices seus, tanto que ao buscar reconhecimento formal de sua liga por parte da *Football Association* britânica, em 1904, os representantes portenhos teriam incluído informações dos clubes rosarinos e de Montevidéu.

Por parte dos uruguaios, enfatizar sua autonomia e diferenciar-se de portenhos e demais estrangeiros era primordial. Gutiérrez Cortinas (1969) pontuou a contraposição identitária como algo marcado desde os primórdios do futebol no Uruguai, destacando o pioneirismo do *Albion* em percebê-la como oportunidade de atrair novos simpáticos a esse esporte: "O *Albion* sabia, no entanto, da repercussão popular que toda uma corrente "nacionalista" tinha em um futebol como o daqui, que crescia com o ânimo de "ganhar dos gringos[39]". Isso contribuiu grandemente para sua difusão" (GUTIÉRREZ CORTINAS, 1969, p. 102, traduzido).

De forma bastante semelhante à *Copa Competencia*, entre 1905 e 1920 seria disputada entre times uruguaios e argentinos (incluindo a liga rosarina) a *Copa de Honor Cusenier*. Todavia, diferentemente da primeira competição mencionada, no caso desta última a final seria jogada anualmente em Montevidéu, invés de Buenos Aires. A forte integração inicial entre o futebol uruguaio e o argentino a nível de clubes ajuda a entender porque paralelamente foi proposta a realização de partidas entre os melhores atletas de cada uma das respectivas ligas nacionais.

Se alinhando aos desejos *batllistas*, 1902 foi um ano em que os jogos entre uruguaios e argentinos elevaram seu simbolismo nacionalista. O primeiro desses jogos deu-se quando o *Albion* enfrentou um combinado argentino em Montevidéu, conforme relatou o *El Día* de 11 de maio de 1902. A partida, realizada naquele mesmo dia, ocorreu no estádio do time oriental, especialmente adornado para a ocasião com bandeiras argentinas, uruguaias e inglesas, conforme descrito pelo jornal. A roupagem nacionalista era, pouco a pouco, implementada nos jogos entre os vizinhos rioplatenses. No confronto em questão, o time montevideano foi derrotado por 1 a 0, o que abriu precedente para uma revanche, disputada após pouco mais de dois meses. Para esse segundo jogo, finalmente seria possível reunir os melhores jogadores dos uruguaios em um mesmo time:

---

[39] Vale lembrar que, diferentemente do Brasil, em que o termo "gringo" é usado para referir-se a qualquer estrangeiro, no resto da América Latina o termo costuma ser empregado para referir-se a norte-americanos ou europeus não-latinos, como os britânicos. Assim, no trecho citado, "ganhar dos gringos" muito provavelmente se refere aos times de marinheiros britânicos constantemente atracados em Montevidéu.

> O mês de julho será o mais destacado da atual temporada de *football*.
> [...] No dia 20 será jogada a partida mais interessante da temporada, pois, pela primeira vez, se reunirão vários dos melhores jogadores uruguaios, selecionados dos clubes "Nacional de Football", Albion e "C.U.R.C.C.", que formarão um team para jogar contra outro composto pelos melhores jogadores argentinos, que virão expressamente para a ocasião[40] (*EL DÍA*, 27 de junho de 1902, p. 2, traduzido).

No fim das contas, o time que efetivamente foi a campo como o primeiro combinado oriental para enfrentar os argentinos possuía apenas jogadores de *Albion* e *Nacional*. Dias antes da partida, em 17 de julho de 1902, o *El Día* dizia confiar na vitória oriental e relatou as modificações no time original, afirmando que foi uma decisão institucional do *CURCC* retirar seus jogadores da equipe.

A escolha dos jogadores para o time nacional envolvia conflitos de interesse entre dirigentes – muitos dos quais estavam envolvidos na política uruguaia – clubes, imprensa e os próprios atletas. Por conta disso, nos anos seguintes, os desentendimentos em relação à montagem do selecionado oriental foram se tornando cada vez mais frequentes. Em meio às polêmicas, o *El Día* frequentemente emitia críticas a partes envolvidas e expunha sua própria perspectiva sobre como deveria ser escalada a seleção. Com relativa frequência, as disputas envolvendo a composição do time posicionavam *CURCC* (e posteriormente o *Peñarol*) e *Nacional* em lados opostos.

Em relação à partida marcada para julho de 1902, amplamente considerada a primeira da história da seleção uruguaia, inclusive pela Associação Uruguaia de Futebol (AUF, 2025), o resultado foi um choque para os entusiastas do futebol local. O primeiro clássico rioplatense – nome dado aos confrontos entre as seleções uruguaia e argentina no futebol – terminaria com o marcador em 6 a 0 a favor dos argentinos. Assim, a estreia da seleção Uruguaia seria também sua derrota por maior diferença de gols em mais de 120 anos de história[41]. A imprensa *batllista*, na expectativa de demonstrar como a sociedade uruguaia havia assimilado e dominado o moderno esporte inglês, recebeu um duro golpe.

Para além da crônica da partida, detalhando as jogadas e a performance dos jogadores, o *El Día* reconheceu o fracasso – expresso no próprio subtítulo, traduzido em "O desastre: 6 *goals* a 0" –, mas buscou focar no evento enquanto festa social exitosa:

---

[40] No original: "El mes de Julio será el más saliente de la actual temporada de football.
[...] El 20 se jugará el partido más interesante de la temporada, pués por primera vez se reunirán varios de los mejores jugadores uruguayos seleccionados de los clubs "Nacional de Football", Albion y "C.U.R.C.C." que formarán un team para jugar contra otro compuesto por los mejores jugadores argentinos, que vendrán expresamente." *El Día*, 27 de junho de 1902, p.2.

[41] Até o momento da publicação desta dissertação.

> O campo da Avenida 19 de Abril viu ontem seu melhor dia. De quatro a cinco mil pessoas assistiram ao *match* internacional anunciado entre orientais e argentinos, que tanto entusiasmo e curiosidade despertara entre os *sportsmen,* que não tinham tido a oportunidade de presenciar outro nas condições em que este seria realizado, nem aqui, nem mesmo entre os argentinos.
> Triste verdade é que o resultado foi um penoso desastre para os nossos jogadores. Mas, vendo essa festa pelo lado social, os entusiastas colaboradores que prestaram seu esforço e apoio sincero podem se orgulhar de seu esplêndido sucesso. O elemento feminino de todas as classes embelezou o torneio atlético com sua presença e deu ao campo do "Albion" um notável tom simpático de alegria fresca, por assim dizer, pela vivacidade das cores suaves e fortes mescladas e pela juventude alegre dos rostos graciosos, animados, sorridentes, felizes naquele ambiente tão animado e vibrante.[...]
> Temos que declarar com sinceridade: nosso time de ontem esteve péssimo. Alguns poucos fizeram muito, esforçaram-se, lutaram com brio, mas para quê? Os outros não apoiavam o esforço, e o jogo se tornava estéril. Em contrapartida, o dos portenhos foi admirável, uniforme, firme, seguro: todos contribuíram com igual empenho para sua esplêndida vitória[42] (*EL DÍA*, 21 de julho de 1902, p. 2, traduzido).

Sem a possibilidade de tecer muitos comentários positivos acerca do time oriental em função do placar, o *El Día*, tal qual em anos anteriores, desviou o foco do resultado ao enfatizar como aspecto positivo o futebol enquanto festa social. Não obstante, vale destacar que, nesta primeira ocasião, o diário não poupou elogios à qualidade do time argentino. Nos primórdios dos encontros entre Uruguai e Argentina no futebol, o periodismo *batllista* se renderia a uma aparente supremacia do futebol à margem sul do Prata.

Sustentando essa percepção, cerca de um mês após o jogo de combinados, em 17 de agosto de 1902, o *El Día* relatou a semifinal a ser disputada da *Copa Competencia* daquele ano, entre *Alumni* e *CURCC*, afirmando que não havia nenhum rival a altura do time portenho no Uruguai, sendo esse muito superior a todos os quadros orientais[43]. O diário *batllista* ainda aproveitou a ocasião para argumentar em prol do papel social do futebol:

---

[42] No original: "La cancha de la avenida 19 de abril se vió ayer en su mejor día. De cuatro á cinco mil personas presenciaron el *match* internacional anunciado entre orientales y argentinos y que tanto entusiasmo y curiosidad había despertado en los *sportsmen*, que no habían tenido ocasion de presenciar otro en las condiciones en que este iba a verificarse, ni entre nosotros ni aún entre los argentinos.
Triste verdad es que el resultado ha sido un penoso desastre para nuestros jugadores. Pero, mirada esa fiesta del lado social, los entusiastas cooperadores que han prestado su esfuerzo y su aliento sincero pueden enorgullecerse de su expléndido éxito. El elemento femenino de todos los rangos hermoseó con su presencia el torneo atlético y le dió al campo del "Albion" un remarcable tono simpático de alegría fresca, sí así puede decirse, por la vivacidad de los colores suaves y fuertes matizados y la retozona juventud de los rostros agraciados, vivaces, risoteros, felices en aquel ambiente sobrexcitado y bullicioso. [...]
Tenemos que declarar con sinceridad: nuestro cuadro de ayer estuvo pésimo. Algunos pocos hicieron mucho, se esforzaron, lucharon briosamente pero ¿para qué? los otros no ayudaban el esfuerzo, y el juego les resultaba estéril. En cambio, el de los porteños fué admirable, uniforme, firme, seguro: todos contribuyeron con iguales fuerzas à su expléndida victoria." *El Día*, 21 de julho de 1902, p. 2.

[43] De fato, o *Alumni* triunfou por 2 a 0 na partida descrita.

> Falamos em nome dos pobres, dos eternos esfarrapados e famintos aos quais se destina, do total das entradas, um auxílio importante. [...] acreditamos que esse tipo de festa, essas festas da Caridade em que riem e se divertem aqueles que podem fazê-lo, são como um pretexto divino para fazer sorrir e alegrar, ainda que seja por algumas horas, os infelizes que choram, os esquecidos pela vida e pelos homens[44] (*EL DÍA*, 17 de agosto de 1902, p. 2, traduzido).

O extrato citado se dá em meio a parágrafos que o diário se empenha em convocar o público a comparecer à partida. É interessante pensar a importância do futebol no aspecto social, para os *batllistas*, levando em conta o contexto político daquele momento: no semestre seguinte, mais precisamente em março de 1903, José Batlle y Ordóñez assumiria a presidência do Uruguai.

Apesar disso, o panorama de tensão generalizada e conflitos entre as principais forças políticas do país cessaria apenas nos últimos meses de 1904. A partir daí, aquilo que era defendido nas páginas do *El Día* ganharia ampla relevância, ao passo que se tornaram as ideias governistas durante mais de uma década, compondo o período de auge do reformismo *batllista*. A presidência de José Batlle iniciou, portanto, em um momento em que ele e seus simpatizantes entendiam o futebol como elemento de alta relevância à nação, como evidencia este trecho que, pese sua extensão, fornece bases para compreender o papel deste esporte para o pensamento *batllista*:

> Apesar de estarmos no último mês da presente temporada de *football*, parece que esta não tem intenção de terminar. A cada domingo ou dia festivo que chega, o entusiasmo *sportivo* reacende com ainda mais ardor. Desde os clubes mais importantes, que atraem aos seus magníficos *fields* o melhor e mais numeroso público, até os menores, os mais insignificantes, todos querem terminar como verdadeiros lutadores, como atletas vigorosos, lutando.
>
> Isso é um detalhe quase despercebido ainda, mas de grandes resultados futuros, pois com esse *sport*, que pelas condições de suas regras carrega um selo guerreiro – de guerra nobre, guerra cavalheiresca [...] nossos homens do amanhã estão inoculando um espírito que, presumivelmente, representa uma sub-alma, algo que é força e vida, que os afastará, pouco a pouco, da monótona e estéril rotina da vida cotidiana, neste país que, apesar de todas as amenidades que a Natureza oferece, não tem os atrativos que alegram, que impressionam – as novidades, o incentivo das iniciativas, do novo, que são a felicidade de outros povos e de outras raças. Nossa juventude, triste dizer, salvo uma ou outra distração [...] se entedia lastimosamente nos dias de festa por essas ruas de Deus, sem saber o que fazer ou aonde ir para se distrair, para se divertir, para rir, que para isso é que existem os feriados.

---

[44] No original: "Hablamos en nombre de los pobres, de los eternos defarrapados y hambrientos à los que se destina del total de las entradas, un socorro importante.
[...] creemos que estas clases de fiesta, estas fiestas de la Caridad en que se ríen y se divierten los que pueden hacerlo, es como un pretexto divino para hacer reír y alegrar, aunque más no sea unas horas, à los infelices que lloran, à los olvidados de la vida y de los hombres" *El Día*, 17 de agosto de 1902, p.2.

> [...] Nós não falamos por falar; apresentamos apenas como argumentos indiscutíveis os grandes progressos, a passos largos, que esse *sport* teve entre nós. Em todos os campos, em todos os terrenos baldios, nas praças, nas ruas, não se veem mais do que pernas e bolas em movimento, e *gentlemen* e *boys* arranhando as palavras técnicas em inglês do jogo; em todas as bocas jovens, não há outro assunto senão *football* e sempre *football*. Esse é o nosso argumento. E esse impulso da cidade encontrou eco vibrante no interior. Canelones, Paysandú, Salto, San José, Minas, etc., também têm seus *elevens* formados, como guardas nacionais voluntárias, balbuciando as primeiras letras do jogo, com um justificável rancor invejoso de que tardiamente chegarão a ter as esplêndidas disputas de Montevidéu, a sede *footballera* do Uruguai[45] (*EL DÍA,* 31 de agosto de 1902, p. 1, traduzido).

O extrato expõe diversos pontos da perspectiva *batllista* a serem analisados. Primeiramente, o diário atribui ao futebol a formação futura daquilo que considera um espírito forte e vigoroso em sua população masculina, especificamente em sua juventude, que impactaria as próximas gerações de adultos do país. A necessidade de desenvolver essas qualidades se dava ao passo que o *El Día*, ao traçar um paralelo com outras nações, observou que os jovens uruguaios careciam de opções de lazer e novidades, vivendo em certa estagnação. De fato, um país de diminuta população acabava carecendo do fervor cosmopolita que no início do século XX já estava presente em metrópoles de nações mais populosas, como Buenos Aires ou Rio de Janeiro. Sob essa ótica, o futebol como forma de entretenimento tinha menos concorrência em Montevidéu que em capitais vizinhas.

Além disso, ao passo que o *El Día*, no parágrafo final do trecho, elogiou a velocidade com que o esporte se popularizou nacionalmente, o periódico traçou uma linha clara entre

---

[45] No original: "A pesar de estar en el último mes de la presente temporada de football, parece que esta no tuviera miras de concluir. A cada domingo ó día de fiesta que llega recrudece cada vez con más ardor el entusiasmo *sportivo*. Desde los clubs más importantes, que atraen a sus maginíficos *fields* lo mejor y más nutrido de las concurrencias, hasta los más chicos, los más insignificantes, todos quieren acabar como verdaderos luchadores, como atletas de empuje, luchando.
Esto es una nota casi inadvertida aún, pero de futuros grandes resultados, de que con este *sport*, que por las condiciones de sus reglas tienen en si un sello guerrero, de guerra noble, guerra caballeresca [...] nuestros hombres de mañana se están inoculando el espíritu, en lo que es presumible, de una sub-alma, un algo que es fuerza y es vida, que les alejará poco á poco de esa monótona y estéril rutina de la vida de todos los días, en este país, que à pesar de todas las amenidades que ofrece Natura, no tiene los atractivos que alegran, que impresionan, las novedades, el aliciente de las iniciativas, de lo nuevo, que son la felicidad de los otros pueblos y de otras razas. Nuestra juventud, triste a decirlo, salvo alguna que otra distraccion, [...] se aburre lastimosamente los días de fiesta por esas calles de Dios, sin saber que hacer ni à donde ir para distraerse, para divertirse, para reír, que para eso se han hecho los asuetos.
[...]Nosotros no hablamos por hablar; sólo presentamos como argumentos indiscutibles los grandes progresos, à paso de zancadas, que ha tenido este sport entre nosotros; en todos los campos, en todos los terrenos baldíos, en las plazas, en las calles, no se ven más que piernas y pelotas en movimiento, y *gentlemen* y *boys* chapurreando las palabras técnicas inglesas del juego; en todas las bocas jóvenes no existe otro tema que el de *football* y siempre *football*. Ese es nuestro argumento. Y este impulso de la ciudad ha encontrado sonoro eco en la campaña. Canelones, Paysandú, Salto, San José, Minas, etc, también tienen sus *elevens* formados, como voluntarias guardias nacionales, balbuceando las primeras letras del juego, con un bien justificable rencor envidioso de que tarde llegarán à tener las expléndidas luchas de aquí, de Montevideo, la sede *footballera* del Uruguay." *El Día*, 31 de agosto de 1902, p.1.

capital e interior, afirmando que a população interiorana teria certo ressentimento por carecer dos atrativos presentes na capital futebolística do país, Montevidéu. O jornal apresenta uma metáfora que compara os times formados no interior a guardas nacionais, levando o esporte que era gradativamente incorporado à cultura uruguaia às regiões mais distantes do centro administrativo da nação. Na visão de seus entusiastas dentro da política uruguaia, o futebol se tornava reduto do nacional, ou seja, parte do que era "ser uruguaio", já nos primeiros anos do século XX.

Com Batlle no poder, o *El Día* intensificou seu discurso de orgulho e evolução do futebol nacional. Uma das primeiras manifestações mais concretas disso deu-se ainda nos primeiros meses de governo, após um empate do *Nacional* em 2 a 2 com o *Alumni* de Buenos Aires, à época a maior força do futebol argentino a nível de clubes. A edição do jornal de 18 de maio de 1903 celebrou o resultado, afirmando que a sensação era de triunfo dos "nossos", e parabenizou o clube uruguaio. Para o diário, era um resultado para orgulhar-se, dado que o clube portenho havia sido derrotado apenas uma vez no ano anterior, pelo *Rosario*. Naqueles anos, um time uruguaio conseguir equilibrar uma partida com uma potência do futebol argentino, mesmo que sem derrotá-la, já era motivo de comemoração nas páginas do *El Día*. Isso porque a perspectiva que desde o final do século XIX vigorava no jornal *batllista* era de paciência e evolução gradativa do futebol local, já que os portenhos possuíam campeonatos e clubes mais longevos e estruturados.

Apesar disso, a esperança nos triunfos do futebol nacional estava sempre presente nos textos do porta-voz governista. Em 3 de agosto de 1903, após novo encontro entre *Nacional* e *Alumni*, com derrota dos uruguaios por 1 a 0, em jogo válido pela semifinal da *Copa Competencia*, o *El Día* novamente exaltou a atuação do time de Montevidéu, destacando a desvantagem mínima imposta por uma potência do futebol rioplatense, a qual viu-se diante de momentos em que poderia ter perdido a partida para os orientais. O jornal lamentou que outra vez o torneio havia escapado de "nossas mãos", mas finalizou evocando esperança ao leitor: "*otra vez será*" (*EL DÍA*, 3 de agosto de 1903, p. 2).

O discurso após as duas últimas partidas mencionadas se alinhava com o momento vivido pelos simpatizantes do *batllismo* em um contexto para além do futebol: era a ideia de que havia um longo caminho a ser trilhado, com o alento de que havia novas razões para acreditar que seria possível para a nação construir um futuro próspero.

Se, na política, a presidência de Batlle seria o caminho para pôr em prática as aspirações reformistas suas e de seus seguidores, no futebol, a esperança ia se construindo pouco a pouco a cada melhora nas performances contra equipes estrangeiras. A imprensa

batllista, que há anos advogava em prol da prática e estruturação do futebol no Uruguai, aproveitou para associar os momentos político e esportivo, ao tomar o futebol discursivamente como símbolo da esperança no sucesso da nação a partir de seu novo panorama político. A fim de compreender as expectativas nutridas pelos *batllistas* àquela altura, convém aprofundar-se na dimensão ideológica dessa corrente política.

Nesse sentido, Claps e Lamas, em *Algunos aspectos de la estructura ideológica del Batllismo* (1982), pontuam o *batllismo* como uma corrente regida por um espiritualismo racionalista e idealista, de maneira que, apesar de racional, era pouco pragmático – daí o fato de o *batllismo* ambicionar o Uruguai como um país modelo, quase utópico. Além disso, o *batllismo* original era, segundo os autores, completamente avesso ao materialismo e à facticidade: longe de aceitar a realidade concreta e analisar o Uruguai puramente por dimensão material, os *batllistas* mergulhavam em seu idealismo e miravam para uma grandeza da nação baseada em um sucesso mais subjetivo, a partir do fomento às artes, à formação intelectual e, podemos inferir, ao esporte. A ideia de formar uma população culta não era completamente nova, haja vista uma das mais famosas frases atribuídas a José Gervásio Artigas, cravada inclusive em algumas moedas de peso uruguaio: "*Sean los orientales tan ilustrados como valientes*". Nesse sentido, ainda em 1903 o governo de Batlle criou a *Facultad de Comercio*, em 1907 a de *Veterinaria y Agronomía* e ainda construiu edifícios para as faculdades de medicina, direito, comércio e para a educação secundária, ao longo de seu primeiro mandato (Nahum, 1974).

Em se tratando do aspecto esportivo, no modelo *batllista* de nação, o futebol uruguaio se tornar prestigiado internacionalmente não seria apenas uma propaganda política para os governistas, seria um feito que engrandeceria a nação em sua dimensão espiritual, tornando os uruguaios animicamente mais pujantes e confiantes no idealismo de seus governantes. Para tal, contudo, ainda havia um longo trajeto a ser percorrido, e o início do reformismo político se daria, sobretudo, a partir do segundo ano de governos *batllistas* (1904), após a vitória dos *colorados* governistas sobre os conservadores *blancos* na última guerra civil uruguaia[46], conflito cuja resolução inaugurou um período de quase três décadas de maior estabilidade política.

[46] Leites (2006) detalha as campanhas militares correspondentes à última guerra civil uruguaia. Os conflitos ocorreram entre janeiro e setembro de 1904, porém, o autor explica que, desde a eleição de José Batlle, em março de 1903, os *blancos*, liderados pelo caudilho Aparicio Saravia, já começaram a se organizar no departamento de Cerro Largo, no norte do país, para enfrentar as forças governistas centradas em Montevidéu. Vale lembrar que se tratava de um momento em que o Partido Colorado e o Partido Nacional mais se assemelhavam a bandos armados que a partidos políticos de fato. Após uma série de batalhas, o exército rebelde finalmente se rendeu em setembro de 1904, abrindo caminho para a consolidação do *batllismo* no poder.

Antes disso, corroborando para o discurso otimista que o *El Día* vinha empregando já em 1903, em 13 de setembro daquele ano os uruguaios finalmente puderam comemorar uma vitória sob os argentinos em uma partida de combinados, realizada em Buenos Aires. Em meio a novas discussões sobre a escalação do time oriental, houve recusas de jogadores de clubes como o *CURCC*, devido à insatisfação com o que consideravam uma representatividade aquém do esperado de suas instituições no selecionado. Assim, Luzuriaga (2019) explica que o time que triunfou sob a Argentina por 3 a 2 na partida em questão esteve composto exclusivamente por jogadores do *Nacional*. Em todo caso, para fins oficiais, aqueles jogadores representavam a seleção uruguaia em sua primeira partida após a derrota de 6 a 0 do ano anterior (AUF, 2025).

Em relação às impressões *batllistas* da vitória oriental, há que se pontuar uma questão. Até as partidas de seleções se tornarem um evento mais frequente, a partir de 1905, o *El Día* encontrava dificuldades logísticas para fornecer crônicas extensas das partidas realizadas em solo argentino, em contraste aos longos textos sobre as partidas disputadas em Montevidéu. Em pouco tempo, no entanto, se tornaria prática constante do jornal fazer uso de correspondentes em Buenos Aires para fornecer relatos detalhados dos confrontos entre orientais e argentinos realizados na cidade. De todo modo, o *El Día* comemorou a primeira vitória da seleção uruguaia sob os subtítulos "O grande *match* internacional" e "*Triunfo dos orientais" (EL DÍA*, 14 de setembro de 1903, p.2, traduzido), destacou o público de cerca de 6 mil pessoas e ainda a presença do presidente argentino Julio Roca no estádio.

O ano seguinte seria atípico para o futebol uruguaio, ao ser marcado pelos últimos conflitos armados entre *blancos* e *colorados*. Devido à Guerra Civil que precedeu o período de maior estabilidade política do *batllismo*, não houve campeonato nacional em 1904 e o futebol esteve em segundo plano. A maior atração esportiva daquele ano ficou por conta do *Southampton*, time profissional inglês que excursionou por ambas as margens do Prata. Sua passagem por Montevidéu gerou expectativa, não por esperança de vitória do combinado oriental que o enfrentaria, mas sim pela oportunidade de observar de perto jogadores profissionais da terra natal do futebol e, com isso, aprender e aprimorar o jogo local:

> Desde já se sabe que o resultado da partida, em nenhum caso, lhes apontará a vitória [aos uruguaios]; tentarão, ao menos, provar que o *football* passou do estado de infância em que se encontrava até o ano passado, ocupando hoje, senão o primeiro, um dos mais importantes lugares entre nossos exercícios físicos.
> [...] será uma lição proveitosa para os aficionados que, no futuro, deverão aplicar aos conhecimentos já adquiridos os recursos que são conhecidos apenas pelos que se dedicam exclusivamente a esse *sport*, o que será motivo

> para que o *football*, que já se enraizou entre nós, se converta no futuro no jogo nacional por excelência, visto que suas vantagens são tão conhecidas que consideramos ocioso enunciá-las[47] (*EL DÍA*, 11 de julho de 1904, p. 2, traduzido).

É notável o tom de realismo adotado pelo periódico. O *El Día*, ávido defensor da qualidade e nacionalização do futebol oriental, era também pragmático: reconhecia que a visita do clube inglês não era uma oportunidade de contraposição de forças para o futebol uruguaio, mas sim de demonstrar um processo de evolução do jogo local diante de um adversário ainda muito superior aos atletas locais. Este julgamento não vinha de um desconhecimento completo do time inglês, era uma percepção a partir de sonoros triunfos que o *Southampton* recém havia obtido ao excursionar na Argentina.

Assim, para o diário *batllista*, a ocasião era uma oportunidade de aprendizado, de desenvolver o futebol uruguaio observando os ingleses. Tratava-se de um discurso característico dessa primeira fase de governos *batllistas*, em que o patriotismo se manifestava com a ressalva de que o momento presente da nação ainda estava distante da modernidade almejada, afinal de contas, o país vivia àquela altura mais um conflito armado entre *blancos* e *colorados*, símbolo da instabilidade política uruguaia. Ao mesmo tempo, crescia entre os *batllistas* o otimismo de que o Uruguai tinha ferramentas para um futuro exitoso tanto no futebol quanto de maneira geral, otimismo que cresceria a partir do período pacífico iniciado em setembro de 1904, com a assinatura da Paz de Aceguá, na qual o exército *blanco* se rendeu dias após seu principal líder, Aparicio Saravia, falecer em decorrência de feridas de combate (Leites, 2006). A partir daí, finalmente os rumos da nação deixariam de ser decididos sempre a tiros e apoiaram-se na via institucional.

Meses antes, foi realizada a mencionada partida contra o Southampton, sobre a qual o *El Día* de 15 de julho de 1904 descreveu como um resultado mais ou menos previsto o 8 a 1 aplicado pelos ingleses sobre os uruguaios no dia anterior. O diário justificou o placar pontuando que o clube inglês, que disputara diversas partidas em solo argentino – em detrimento de apenas uma no Uruguai – venceu todas as equipes argentinas por placares assombrosos, nas palavras do jornal. Apesar da derrota por goleada, o periódico destacou o que chamou de entusiasmo indescritível do público montevideano no momento em que,

[47] No original: "desde ya se sabe que el resultado del partido en ningún caso les señalará el triunfo, tratarán por lo menos de probar que el football ha pasado del estado de infancia en que hasta el año pasado se encontraba, ocupando hoy, sino el primero, uno de los más importantes puestos en nuestros ejercicios físicos.
[...] será una provechosa lección para los aficionados que en lo sucesivo han de aplicar à sus conocimientos ya adquiridos los recursos que sólo son conocidos de los exclusivamente dedicados à ese sport, lo cual será motivo para que el football, que ya ha tomado carta de arraigo entre nosotros, se convierta en adelante en el juego nacional por excelencia, ya que sus ventajas son tan conocidas que consideramos ocioso el enunciarlas.", *El Día*, 11 de julho de 1904, p.2.

diante de um placar de 7 a 0 para os ingleses, o atacante Juan Pena, do *CURCC*, conseguiu descontar com um tanto a favor dos uruguaios.

Em relação a esse tipo de partida internacional, em função da dificuldade de convencer um time europeu a passar por Montevidéu em sua excursão ao Prata, adotou-se uma prática que em anos anteriores era repudiada pelos redatores do *El Día*, defensores do futebol democratizado: a cobrança de entradas. A justificativa estava nos altos custos operacionais que incorriam ao trazer planteis de países distantes à capital uruguaia. Pouco a pouco, todavia, as entradas pagas iriam se tornar algo normalizado no país, sobretudo em se tratando dos jogos internacionais, diante de sua atratividade e complexidade logística.

Como 1904 foi marcado pela última guerra civil uruguaia, o campeonato nacional de futebol daquele ano foi cancelado e o selecionado oriental, após enfrentar o Southampton, esperaria mais de um ano para voltar a campo. Apesar da espera, contudo, o ano de 1905, inaugurando um longo período de estabilidade com o *batllismo* no poder, traria importantes novidades para o esporte mais popular do país.

Os jogos entre selecionados argentinos e uruguaios se tornariam consideravelmente mais frequentes, ao serem organizados em torno de novas competições anuais, de maneira que se converteria em tradição o chamado clássico rioplatense. Através dele, argentinos e orientais ganharam novo canal para expressar suas diferenças e comparar-se uns aos outros.

Os primeiros torneios rioplatenses: supremacia argentina e discurso de esperança no futebol oriental

O ano de 1905 inaugurou um longo período de paz em favor do *batllismo*. A ausência de conflitos bélicos, tal como a perspectiva consideravelmente positiva dos governistas em relação ao futebol, estabeleceu um cenário favorável para que este esporte retomasse com força seu desenvolvimento – afetado pela guerra no ano anterior. Foi justamente nesse contexto que surgiria uma iniciativa crucial para aumentar a frequência de jogos entre Argentina e Uruguai a nível de seleções:

> O conhecido *sportsman* londrino milionário Thomas Lipton[48], proprietário dos iates que participaram das regatas da Copa América, ofereceu uma grande taça de prata para ser disputada anualmente entre argentinos e uruguaios em *matches* de *football*.
> Deverá ser jogada alternadamente: um ano em Buenos Aires e outro em Montevidéu.

[48] Apesar da descrição do diário como londrino, Thomas Lipton era natural de Glasgow, Escócia.

> Esse campeonato será denominado "Copa de Caridade", pois o total arrecadado com as entradas para assistir a essas partidas deverá ser entregue às sociedades de beneficência de ambas as repúblicas.[49] (*EL DÍA*, 15 de abril de 1905, p. 2, traduzido)

O torneio citado, que viria a ser mais comumente chamado de *Copa Lipton*, em homenagem ao magnata doador do troféu, seria disputado na maioria dos anos correspondentes ao período *batllista*, com 20 edições realizadas entre 1905 e 1929[50]. Tratava-se de um dos eventos esportivos que mais expectativa gerava em solo uruguaio ano após ano, e que fomentou e transportou à esfera de seleções a já existente, no âmbito de clubes, rivalidade entre argentinos e uruguaios no futebol.

[49] No original: "El conocido sportman londinense millionario Thomas Lipton, propietario de los yates que tomaron parte en las regatas de la Copa de América, ofreció una gran copa de plata para que sea disputada anualmente entre argentinos y uruguayos en matchs de football.
Deberá jugarse alternativamente: un año en Buenos Aires y otro en Montevideo.
Ese campeonato se denominará "Copa de Caridad" pues el producto total de las entradas para presenciar esos partidos deberá entregarse a las sociedades de beneficencia de ambas republicas." *El Día*, 15 de abril de 1905, p. 2.

[50] A partir de 1930, seriam realizadas mais 9 edições do torneio em anos esporádicos, sendo a última delas em 1992.

Figura 6: Anúncio da primeira *Copa Lipton*, em 1905. Documento disposto no *Museo del Fútbol* do Estádio Centenário, em Montevidéu.



Fonte: Acervo do autor, 2024.

É interessante pontuar que, mesmo antes de se consolidarem como tradição, os clássicos rioplatenses já eram um evento marcante a ponto de serem rememorados na imprensa muito tempo depois de seu acontecimento. A exemplo disso, no seguinte trecho, de 1905, o *El Día*, ao analisar uma partida entre o clube argentino *Estudiantes*[51] e o uruguaio *Teutonia*[52], faz uma menção à já mencionada nesta dissertação derrota do combinado oriental por 6 a 0 contra o selecionado argentino ocorrida 3 anos antes, em 1902:

[51] Trata-se do *Estudiantes* de Buenos Aires, não do atualmente mais conhecido *Estudiantes de La Plata*, clube tetracampeão da Libertadores que seria fundado apenas em agosto daquele mesmo ano de 1905.
[52] Nome adotado naquele ano pelo clube da comunidade alemã que já mencionamos sob seu antigo nome *DFK*.

> Uma amostra eloquente de tudo o que dissemos sobre este problema [a ineficácia do jogo do clube uruguaio] está naquele *match* jogado em temporadas passadas entre argentinos e orientais combinados. Os uruguaios tinham em seu time um dos melhores conjuntos de jogadores escolhidos entre os clubes de primeira categoria. E, no entanto — por absoluta falta de prática conjunta entre todos — o que resultou foi o que dissemos naquela ocasião: um verdadeiro debacle [desastre]. Os portenhos, mais cientes que nós das conveniências do jogo, se apresentaram homogêneos, com uma excelente prática de equipe e levaram para sua pátria os louros da vitória sobre o pedestal de meia dúzia de *goals*[53] (*EL DÍA*, 20 de abril de 1905, p. 2, traduzido).

O trecho vem em meio a uma argumentação do periódico *batllista* contra algo que o mesmo via como um mal crônico do futebol uruguaio, a falta de combinação[54] e consequente dependência excessiva da qualidade individual dos atletas. Para o diário, o mesmo problema que havia acarretado na derrota do selecionado oriental em 1902 prejudicou o clube montevideano *Teutonia* naquela partida de 1905. O fato de o periódico argumentar a partir de uma partida de quase 3 anos antes aponta para o impacto atribuído àquela derrota por 6 a 0, rememorada como um grande revés para os entusiastas do futebol nacional. Não era para menos: se, na opinião do *El Día*, os argentinos haviam levado glória à sua pátria, fica subentendido que os uruguaios, por consequência, teriam arcado com um fracasso proporcional ao placar, a maior cicatriz na história do futebol local até então.

Nestes primeiros anos de clássicos rioplatenses, em que as vitórias uruguaias ainda eram casos de exceção, era comum o *El Día* apontar falta de prática ou de disciplina tática do lado oriental como justificativas para as derrotas. Sob esse prisma, a perspectiva do diário *batllista* mesclava aspectos sociais com esportivos: recordemos uma citação apresentada no capítulo 1, em que o jornal explicou uma derrota do clube montevideano *Albion* para o portenho *Belgrano*, em 1898, baseando-se no fato de que a sociedade bonaerense era mais antiga e disciplinada que a oriental. Por anos, os *batllistas* interpretariam um futebol menos organizado e as derrotas uruguaias em parte como reflexo de um caminho a ser percorrido a nível de transformações sociais civilizatórias.

Em meio ao lento desenvolvimento do esporte local, os uruguaios se preparavam para novamente medir forças com os argentinos, desta vez pela recém criada *Copa Lipton*.

---

[53] No original: "Una muestra elocuente de todo lo que dejamos dicho sobre este mal está en aquel *match* que se jugó en temporadas pasadas entre argentinos y orientales combinados. Los uruguayos tenían en su cuadro uno de los mejores conjuntos de jugadores elegidos entre los clubs de primera categoría. Y sin embargo, - por absoluta falta de práctica de acuerdo entre todos, - que fué lo que resultó. Lo que dijimos entonces, una verdadera *debacle*. Los porteños, más poseídos que nosotros de las conveniencias del juego, se nos presentaron homogéneos, con una excelente práctica de conjunto y llevaron á su patria los laureles del triunfo sobre el pedestal de media docena de *goals*." *El Día*, 20 de abril de 1905, p. 2.

[54] Combinação era um termo comum à época para descrever um estilo de jogo menos dependente de jogadas individuais, centrado na troca de passes, no coletivo da equipe.

Durante os meses de preparação, Montevidéu recebeu em junho de 1905 outro time britânico que excursionava por ambas as margens do Prata, o *Nottingham Forest*. A ocasião traria grande expectativa às páginas do *El Día*. Em 21 de maio de 1905, o jornal publicou um texto apresentando os jogadores e o histórico recente do clube inglês, além de comentar a performance do Southampton, visitante do ano anterior, no futebol britânico. Era um momento em que o diário *batllista* ampliava o escopo de suas notícias sobre futebol, passando a incluir esporadicamente notícias que chegavam do futebol britânico e, com uma frequência consideravelmente maior, eram comentadas as principais partidas do futebol argentino.

Aos poucos, a seção *football* do *El Día* incorporava o estrangeiro, já que, como discutimos, a aproximação com o internacional era parte importante da noção *batllista* de modernidade. Paralelamente, contextualizar o leitor do futebol de outras nações ressaltava o caráter desse esporte como difundido internacionalmente entre sociedades modernas, e ainda ampliava o conhecimento dos leitores com relação aos clubes e jogadores estrangeiros que eventualmente visitavam o Uruguai e mediam forças com o futebol nacional.

A partida contra o clube inglês se desenrolou no dia 11 de junho, e o time designado pela liga uruguaia para enfrentá-los foi o *CURCC*, que acabou derrotado por 6 a 1. No dia 12 de junho de 1905, o *El Día* analisou a derrota dos locais como uma verdadeira aula de futebol por parte dos britânicos, reconhecendo que seria bastante difícil para clubes amadores replicarem o nível de conhecimento dos jogadores ingleses, que se dedicavam integralmente ao jogo – vale lembrar que, no início do século XX, o futebol profissional era exclusividade britânica. Apesar disso, o jornal advertiu que, mesmo em se tratando de futebol amador, havia grande potencial de melhora no nível do jogo no Uruguai, de maneira que o amadorismo não era compreendido como barreira.

Nesse sentido, a seção de esportes do *El Día* não se limitava a cobrir os jogos para aumentar a visibilidade do futebol local ou a usá-lo como chamariz de leitores: o jornal comunicava as visões *batllistas* com relação a como se deveria jogar, com quais jogadores (no caso do time nacional) e quais deveriam ser os rumos futuros do futebol nacional, que recebia atenção da corrente governista em suas mais diversas facetas. Por conta disso, buscando compilar os aprendizados absorvidos a partir da observação do time inglês, o *El Día* prosseguiu com uma extensa análise tática do *Nottingham Forest*. Da mesma forma que o jornal *batllista* opinava constantemente acerca da composição do selecionado uruguaio, o veículo frequentemente argumentava ou expunha sobre táticas e novos aprendizados, colocando-se em papel ativo perante aquilo que considerava o desenvolvimento do futebol

uruguaio. No caso mencionado, foi valorizada a organização do time inglês e suas combinações (ou trocas de passes) quase matemáticas, nas palavras do jornal.

É interessante que, apesar de toda essa admiração diversas vezes expressa para com os ingleses, economicamente o governo de Batlle fazia enorme esforço em diminuir a dependência uruguaia do financiamento britânico. Como aponta Nahum (1974), o poder executivo, no primeiro mandato *batllista*, se preocupou em repatriar títulos da dívida externa que estavam em poder britânico. O autor explica que se, em 1891, havia o equivalente a 17 milhões de libras da dívida uruguaia alocada em Londres, em 1906 esse valor foi reduzido a 12 milhões de libras. O *batllismo* buscava se tornar cada vez mais independente daquelas mesmas nações que ele considerava modelos de desenvolvimento social e econômico.

Com relação a este último ponto, a impressão deixada nos estrangeiros era aspecto de grande relevância para o *El Día*. Em 15 de junho de 1905, foi publicado um pequeno trecho sobre opiniões que os jogadores do *Nottingham* expressaram do time uruguaio. O jornal afirmou que a opinião de profissionais competentes como os do clube inglês visitante serviria como bom padrão de comparação para o torcedor uruguaio. Em seguida, o periódico pontuou que os ingleses classificaram como lucidissima a atuação do clube montevideano, em se tratando de um clube amador e ainda principiante – para os padrões do já longevo futebol britânico – e recomendaram aos uruguaios o uso de mais combinações e aprimoramento das finalizações. Nos anos subsequentes, seria cada vez mais frequente, após partidas internacionais, que o *El Día* trouxesse em suas páginas opiniões de fora do país, seja de indivíduos ou da imprensa estrangeira, fornecendo ao uruguaio uma ideia de como seu futebol – e seu país, em certa medida – era percebido no exterior.

Em termos de referencial comparativo, os argentinos eram quase sempre os escolhidos pelas páginas do *El Día*. Nesse sentido, quando, após enfrentar o *CURCC*, o *Nottingham Forest* visitou a Argentina, o *El Día* não deixou de aproveitar a chance para fazer comparações buscando enaltecer o futebol uruguaio. Em 17 de junho de 1905, ao comentar uma vitória do clube inglês por 5 a 0 em Rosário contra um selecionado local, o diário *batllista* afirmou que o resultado demonstrava que o *CURCC* fora mais valoroso que o selecionado rosarino, pois, apesar de este ter perdido pela mesma diferença de gols para os ingleses, o clube oriental, diferentemente dos argentinos, logrou marcar um gol nos britânicos. Similarmente, em 26 de junho de 1905, o *El Día* comemorou o fato do futebol oriental ter sido, na região do Prata, aquele que obteve o melhor resultado contra o *Nottingham*, que no dia anterior a essa publicação havia aplicado 6 a 0 no poderoso *Alumni* portenho.

Corroborando à narrativa de progresso do futebol oriental frente aos argentinos, em 14 de agosto de 1905, dia anterior à disputa da tão esperada primeira *Copa Lipton*, o *El Día* comemorava um triunfo por um a zero do *CURCC* perante o *Alumni*, pela semifinal da *Copa Competencia* daquele ano[55], em partida disputada no dia anterior. O jornal afirmou tratar-se de um triunfo do "nosso *football*", afirmando que os jogadores do clube montevideano atenderam aos pedidos do diário de abandonar o seu velho jogo lento e sem ímpeto e apresentar um futebol mais rápido, coletivo e organizado. O *El Día*, pouco a pouco, se apropriava dos triunfos, ao colocar suas recomendações como causadoras do mesmo.

No dia seguinte, 15 de agosto de 1905, os selecionados de Argentina e Uruguai fariam seu terceiro enfrentamento da história (AUF, 2025), pela *Copa Lipton*. O resultado foi um empate sem gols, que o *El Día* de 16 de agosto de 1905 apresentou sob o inclinado subtítulo "*O domínio dos nossos*". Tendo em vista que a partida fora realizada em Buenos Aires, uma crônica mais substancial do jogo apareceria apenas em 18 de agosto de 1905. Na ocasião, o jornal se desculpou por não ter conseguido trazer um relato mais completo da partida no dia anterior e manteve o discurso de superioridade dos orientais, afirmando que, durante os aproximados 30 minutos de prorrogação, em que se manteve o empate sem gols, o selecionado uruguaio esteve muito mais perto da vitória que os argentinos. O jornal ainda lamentou o fato de o juiz, ao invés de prolongar mais a partida, ter optado por suspendê-la, já que iniciava o atardecer e a visibilidade via-se prejudicada.

Conforme o clássico rioplatense ia se consolidando como o evento esportivo de maior aclamação na região, o *El Día* empreendia esforços em enviar correspondentes a Buenos Aires para cobrir as partidas do futebol uruguaio na capital vizinha. Para além disso, o veículo de comunicação *batllista* implementou um novo recurso que enriqueceria em larga medida sua cobertura esportiva. Em 8 de maio de 1906, o diário dispôs sua primeira cobertura com imagens de uma partida de futebol: tratava-se de duas fotografias, uma de cada equipe perfilada, dos times de *CURCC* e *Nacional*, que haviam realizado um clássico 2 dias antes, em 6 de maio. A seção, intitulada *Football-Nota Gráfica*, apresentava primeiro a imagem do time tricolor, que havia vencido por 2 a 1 o aurinegro, disposto em outra imagem, mais abaixo na seção.

[55]O *CURCC* perderia a final deste torneio para o *Rosario Athletic*. Apenas em 1911 o futebol uruguaio teria seu primeiro título da *Copa Competencia*, conquistado pelo *Montevideo Wanderers*.

Figura 7: Primeira cobertura com imagens do *El Día* acerca de uma partida de futebol. A primeira imagem é legendada como *Cuadro ganador del "Nacional"*; mais abaixo, o elenco do *CURCC* é descrito apenas como *Cuadro del "Peñarol"*.


Football—Nota gráfica

Cuadro ganador del "Nacional"

Cuadro del "Peñarol"

Fonte: Acervo do autor, 2024.

A partir daquele ano, o leitor do *El Día*, após as grandes partidas, seria brindado com fotografias ou gravuras de times perfilados e de jogadas. Tratava-se de uma adição extremamente significativa, já que, além de tornar as matérias referentes às partidas de futebol consideravelmente mais chamativas, as imagens contribuíam para enriquecer a percepção do leitor acerca dos jogos relatados. Pensando na noção de Anderson (2008), do jornal como ficção, imagens de lances e dos jogadores forneciam material para estimular o leitor do diário *batllista* a imaginar como teriam sido as jogadas, os gols e a festa realizada em torno dos principais acontecimentos esportivos do país. Para aqueles que compareceram aos jogos, as imagens, tal como as crônicas das partidas, eternizavam os acontecimentos vividos, ao serem registros impressos passíveis de serem guardados para rememoração.

Como era de se esperar, a cobertura fotográfica das partidas seria amplamente utilizada em jogos do selecionado uruguaio. A novidade seria observada no dia 18 de julho de 1906, feriado de juramento da primeira constituição uruguaia, e ocasião em que o selecionado local enfrentou o *South Africa*[56], combinado de jogadores de uma *Football Association* formada em 1892 em regiões de influência britânica da atual África do Sul. Esse consistia em mais um time estrangeiro a excursionar por ambas as margens do Prata que, ao passar por Montevidéu, derrotou por 6 a 1 os uruguaios. As imagens das duas equipes apareceriam nas páginas do *El Día* apenas cinco dias depois da partida, em 23 de julho de 1906.

[56] É importante ressaltar que não se trata de uma seleção da África do Sul, tendo em vista que esta nação ainda não havia sido concebida nos moldes atuais, que partes de seu território atual ainda eram compostas por colônias britânicas e, sobretudo, que a *South African Football Association* adotava mecanismos de exclusão racial.

Figura 8: Primeira imagem da seleção uruguaia publicada no *El Día*. Os uruguaios, dispostos na fotografia mais abaixo, vestiam camisas com faixas diagonais. O *El Día* legendou a foto como *El "combinados uruguayos" que jugó con "Sud África"*. Mais acima, tem-se a imagem do time sul-africano, descrito como *Cuadro del "Sud África" que jugó en Montevideo.*



Fonte: Acervo do autor, 2024.

Aos poucos, o otimismo percebido na primeira *Copa Lipton*, em 1905, em que o *El Día* observava alto potencial de evolução no futebol uruguaio, ia dando lugar a uma crescente insatisfação. Na edição do dia 19 de julho de 1906, dia seguinte à partida contra o *South*

Africa, o jornal mostrou-se bastante insatisfeito com o coletivo do time oriental, apontando como principais culpados os selecionadores do quadro nacional, que teriam priorizado parcialidades à sua responsabilidade de velar pelos interesses e bom nome esportivo da nação – nas palavras do *El Día* – levando à campo um time que pouco pôde treinar e que consequentemente, apresentou um futebol sem entrosamento e harmonia.

De fato, os resultados do futebol nacional demoraram para virar com maior contundência em favor das aspirações *batllistas*: as vitórias ainda eram raridade. Entre 1906 e 1909, nas 4 partidas disputadas contra argentinos pela *Copa Lipton*, o Uruguai acumulou 3 derrotas e um empate. Ademais, a partir de 1906 seria disputada a *Copa Newton*, outro torneio anual de jogo único disputado entre argentinos e uruguaios. Tal qual na *Lipton*, nas 4 partidas da *Newton* disputadas entre 1906 e 1909, o Uruguai saiu derrotado em 3 oportunidades e em 1 logrou manter o marcador igualado.

Foram anos em que o discurso do *El Día* destilava insatisfação, com cobranças a dirigentes do futebol local, e publicava textos argumentando sobre o que deveria ser mudado, tanto na direção esportiva como dentro de campo. A expectativa era de sucesso no futebol para servir de símbolo àquilo que os *batllistas* consideravam o sucesso geral da nação sob seu comando, haja vista que o Uruguai vivenciava um ótimo momento econômico, com crescimento e confiança por parte do mercado na administração austera e ordenada que Batlle vinha exercendo (Nahum, 1974). As derrotas da seleção uruguaia, no entanto, freavam as aspirações de que o futebol pudesse simbolizar os novos tempos uruguaios.

A primeira dessas derrotas seria a *Lipton* de 1906, disputada em Montevidéu e finalizada em 2 a 0 em favor dos argentinos. Na ocasião, o *El Día* responsabilizou os selecionadores do combinado oriental, inclusive rememorando novamente a derrota por 6 a 0 de 1902, reiterando o peso que esta obteve no curto, à época, histórico do futebol uruguaio:

> Nossos prognósticos se confirmaram. E não é porque pretendemos nos gabar de profetas, não. Esse resultado de ontem, e até um pior, era esperado contra um *team* nas condições dos "Combinados Uruguaios" que foi à disputa em condições extremamente desfavoráveis. Nosso time não era o melhor, nosso time não se conhecia; nosso time nunca havia treinado. E dessa maneira pretendiam disputar e vencer a *Copa Caridad* ou *Lipton* contra um *team* bem selecionado, composto pelos principais clubes portenhos, bem entrosados e melhor treinados? Nunca se preocuparam, aqueles que deveriam, em dar homogeneidade aos times cosmopolitas; sempre confiaram no jogo individual e, sobretudo, na boa sorte, que às vezes favorece os mais fracos...
> [...] Acreditamos que os que constituíram o time não teriam pensado, em nenhum caso, em vencer...

> Por causa dessa questão que apontamos, aconteceu o desastre que também previmos em 1902, em outro match entre "Combinados"[57] (*EL DÍA*, 16 de agosto de 1906, p. 2, traduzido).

Notamos que, diferentemente do ano anterior, em que o *El Día* valorizara a atuação dos orientais mesmo sem a vitória, em 1906 o diário *batllista* já expunha a irritação de seus redatores. Isso porque as críticas que o diário constantemente fazia ao futebol local, como a falta de treinamentos, de jogo coletivo e de combinações, pareciam não estarem promovendo as mudanças esperadas. Como destacamos, o futebol já compunha parte relevante do orgulho nacional para os *batllistas*, fazendo com que insistir nos mesmos erros de sempre – na perspectiva do *El Día* – gerava impaciência.

A fase embrionária do futebol oriental havia passado, de maneira que os argumentos de que a sociedade portenha ou os clubes de lá eram mais longevos, portanto, mais disciplinados e bem-treinados, cada vez mais deixavam de servir como justificativa para o insucesso. A ânsia por superar os argentinos, que antes parecia projeto a longo prazo, ia se tornando cada vez mais imediata, gerando impaciência na redação do *El Día* diante de resultados aquém do esperado. Agravando esse sentimento, o combinado uruguaio seria novamente derrotado pelo argentino em 21 de outubro de 1906, na primeira edição da *Copa Newton*, disputada em Buenos Aires.

A insatisfação com as derrotas somava-se a um ambiente de tensão nos estádios bonaerenses e montevideanos quando clubes ou selecionados dos dois países se enfrentavam. Os episódios de hostilidade que comentamos no capítulo 1 foram se tornando mais frequentes conforme aumentou a quantidade de enfrentamentos entre argentinos e uruguaios. No ano de 1907, os atritos chegariam também à esfera da direção esportiva:

> Como é notório, a atitude da Liga Argentina, ao decidir, cerca de um mês atrás, que os clubes a ela afiliados não participariam dos campeonatos uruguaios, deu margem a esses desentendimentos, invocando como fundamento, primeiro, as hostilidades de nosso público para com seus jogadores e, em seguida, o fato de não terem datas disponíveis.

---

[57] No original: "Nuestros pronósticos se cumplieron. Y no es porque pretendamos echárnosias de profetas, no. Ese resultado de ayer, y aún otro peor era de esperarse contra un *team* de las condiciones del "Combinados Uruguayos" que iba à la lucha en condiciones desventajosisimas. Nuestro cuadro no era el mejor, nuestro cuadro no se conocía; nuestro cuadro nunca ha practicado. Y de esta manera se pretendió disputarle y ganarle la Copa Caridad o Lipton á un *team* bien seleccionado del conjunto principal de clubs porteños, bien entendidos y mejor practicados? Nunca se han preocupado los que debían, de dar homogeneidad á los cuadros cosmopolitas; siempre se ha confiado en el juego individual y sobre todo en la buena suerte que á veces se acuerda de los débiles...
[...] Creemos que quienes constituyeron el cuadro, no habrían pensado en ningún caso, ganar...
Culpa de esto que apuntamos, fué el desastre que tambien predijimos en 1902, cuando otro match entre "Combinados"." *El Día*, 16 de agosto de 1906, p. 2.

> [...] A assembleia dos clubes argentinos, reunida antes da infeliz resolução que comentamos, manifestou, ao discutir a proposta do conselho, a inconveniência de não participar de nossos campeonatos.
> O bom senso não conseguiu prevalecer, e o conselho de lá decidiu contra as aspirações dos legítimos representantes do *football* argentino. Não foram nossas palavras as primeiras a condenar essa atitude, pois o *La Nación* de Buenos Aires, em um enérgico artigo motivado por aquela decisão, reconheceu nosso direito de repelir o agravo que nos era inferido[58] (*EL DÍA*, 28 de abril de 1907, p. 2, traduzido).

É interessante notar esse conflito pela forma como a imprensa *batllista* o interpretou. Longe de vilanizar os argentinos ou de fornecer uma visão de que o desacordo seria entre uruguaios e argentinos como blocos homogêneos, o *El Día* destaca que a vontade geral do outro lado do Prata era de seguir com a cultura de cooperação entre o futebol dos dois países, expressa no comportamento dos dirigentes dos clubes argentinos e do periódico portenho *La Nación*. Para o jornal uruguaio, quem estaria trabalhando contra esse interesse seriam dirigentes da Liga Argentina. Em momentos de tensão entre o futebol dos dois países, a imprensa *batllista* usualmente se colocava como apaziguadora, posicionando-se a favor do estreitamento das relações. Contudo, disputas institucionais e hostilidade do público nas partidas internacionais romperam essa harmonia em diversas ocasiões.

No caso citado, o conflito não tardaria em ser solucionado: em 21 de maio de 1907, o *El Día* comemorava a reativação das relações entre as autoridades máximas do futebol dos dois países. Segundo o diário, era o sucesso de uma cordialidade inquebrável entre as duas nações, que permitiria retomar o brilho e o entusiasmo de temporadas passadas. Era o discurso de panos quentes tão característico do *El Día*, que a partir daquele ano de 1907 possuía uma seção maior dedicada a esportes, a *Deportes Físicos*, dentro da qual a antiga seção *Football* havia se tornado uma subseção.

A retomada das relações entre Argentina e Uruguai no futebol permitiu nova edição da *Copa Lipton*, em que os argentinos voltaram a triunfar, por 2 a 1. Poucos dias após a partida, realizada sempre no dia 15 de agosto, o *batllismo* se veria diante de nova frustração, que nada tinha a ver com a derrota para os argentinos. Os *batllistas*, defensores da criação de

---

[58] No original: "Como es notorio ha dado margen á estas desinteligencias, la actitud de la Liga Argentina al resolver, ha cosa de un mes, que los clubs afiliados á ella no tomasen parte en los campeonatos uruguayos, invocando como fundamento las hostilidades de nuestro público para con sus jugadores primero, y después, el hecho de no tener fechas disponibles.
[...] La asamblea de los clubs argentinos, reunidos antes de la resolución desgraciada que comentamos, significó cuando se discutió la propuesta del consejo, la inconveniencia de no concurrir à nuestros campeonatos.
El buen criterio no pudo hacer camino y el consejo de allá resolvió en contra de las aspiraciones de los representantes legítimos del football argentino. No fueron nuestras palabras las que primero censuraron este proceder, pués "La Nacion" de Buenos Aires, en un enérgico artículo motivado á raíz de aquél, reconociónos el derecho de repeler el agravio que se nos infería." *El Día*, 28 de abril de 1907, p. 2.

uma cultura esportiva no Uruguai, se decepcionaram consideravelmente com o fato de o país não ter sido convidado a participar dos Jogos Olímpicos do ano seguinte, 1908, em Londres:

> Era de se esperar que um povo como o Uruguai, o primeiro a instituir os Jogos Olímpicos na América[59] e cujo governo se dedica com zelo à educação física dos cidadãos, recebesse — se não por cortesia, por convicção — a convocação oficial para os Jogos Olímpicos de Londres. Já que esta foi dirigida aos fortes, deveria também ter vindo para cá, onde se destaca uma juventude cheia de vigor, força e entusiasmo, capaz de arrebatar, da panóplia secular inglesa do esporte, as palmas que adornam a fronte dos vencedores, graças às suas aptidões notáveis e perseverante cultura física.
> [...] Após o que acabamos de expor, cabe esperar que alguma iniciativa provoque um pensamento voltado para nós, permitindo-nos assim participar e demonstrar nossa educação física, que está silenciosamente formando uma raça viril e forte, treinada tanto nos *rings* do esporte como nos templos do intelecto![60] (*EL DÍA*, 23 de agosto de 1907, p. 1-2, traduzido).

O incentivo ao esporte no Uruguai era visto também como forma de projetar a nação internacionalmente. O *batllismo* nutria grande preocupação em propagar a imagem de uma nação moderna e sociedade educada fisicamente e intelectualmente – raça viril e forte, nas palavras do periódico. Em se tratando de um país diminuto territorialmente e demograficamente, quando comparado às suas duas nações limítrofes, afirmar-se no cenário internacional era um caminho para não ficar refém dos interesses de seus vizinhos.

No entanto, atrair as atenções do exterior se mostraria uma tarefa custosa e demorada. Como observado no último trecho citado, as nações europeias em diversas ocasiões desdenharam ou simplesmente ignoraram as tentativas uruguaias de promover eventos esportivos ou participar do movimento esportivo internacional. Pese a frustração que esse tipo de ocorrido causava, como observado no último trecho citado, os *batllistas* foram se engajando cada vez mais no projeto de promover o país e sua diplomacia esportivamente, sobretudo através do futebol, como discutiremos mais à frente.

---

[59] A menção se refere aos Jogos Olímpicos Sul Americanos de 1907, torneio realizado em Montevidéu sob a perspectiva *batllista* de fomento à educação física e promoção do país através de sua cultura atlética. Sobre esse torneio há pouca produção acadêmica, porém destacamos o artigo "*Primeras aventuras deportivas internacionales brasileñas. Una mirada de la prensa sobre los Juegos Olímpicos Sudamericanos de 1907"* (Moraes *et al*, 2021)

[60] No original: "Era permitido esperar que un pueblo como el Uruguay, el primero que ha instituido los Juegos Olímpicos en la América y cuyo gobierno se preocupa con solícitos desvelos en la educación física de los ciudadanos, recibiría, - al no por cortesía por convicción - la convocatoria oficial para los Juegos Olímpicos de Londres, ya que si ella ha sido dirigida á los fuertes debía haber venido también aquí, donde surge una juventud llena de bríos, de fuerza y entusiasmo, capaz de arrebalar de la panoplia secular inglesa del sport, las palmas que ciñen la frente de los que vencen, mediante sus aptitudes sobresalientes y su cultura física perseverante.
[...] Después de cuanto acabamos de decir, cabe esperar en que una iniciativa cualquiera provoque un pensamiento para nosotros, habilitándonos así para concurrir á demostrar de nuestra educación física, que va preparando silentemente una raza viril y fuerte, adiestrada en los "ring" del sport, así como también en los templos del intelecto!" *El Día*, 23 de agosto de 1907, p. 1-2.

Para que os esforços obtivessem o efeito desejado, era necessário, em primeiro lugar, que o futebol nacional obtivesse maior prestígio. Se os clubes e combinados orientais ainda sofriam revezes na maioria das vezes que enfrentavam seus vizinhos argentinos, atrair públicos de outras nações para observar um futebol uruguaio ainda frágil e em desenvolvimento poderia obter o efeito inverso e sair como uma propaganda negativa. Assim, para além de promover o internacionalismo esportivo, era relevante aos *batllistas* que o Uruguai, de fato, apresentasse equipes e atletas de alto nível. Essa lógica ajuda a compreender porque o periódico opinava frequentemente na convocação dos combinados orientais e na maneira de jogar de clubes e do selecionado uruguaio.

Outrossim, ainda mais importante que demonstrar-se capaz de praticar o esporte e disputá-lo em condições de vencer, o *batllismo* fazia questão de advogar em prol de uma boa conduta – condizente com cidadãos modernos – por parte tanto daqueles que prestigiavam os eventos esportivos, quanto dos atletas que os protagonizavam. A preocupação em manter a cortesia era crescente nas páginas do *El Día*, conforme o futebol oriental aumentava seu alcance. Esse trecho, comentando duas partidas a serem jogadas a nível local no mesmo dia, explicita o ponto descrito:

> É de se esperar, ainda que não se exija, que esse toque de amor-próprio, tão peculiar nos encontros realizados ao longo de toda a temporada, seja completamente reduzido, pois não acreditamos que isso possa ser aceito sob nenhuma condição, visto que os esportes não são mais que entretenimentos que trazem a utilidade necessária, como fim único, para a cultura física, e não uma expressão de rudeza que desvirtue o nobre e necessário, característico dos encontros cavalheirescos. Essa antítese grosseira, cuja manifestação acarreta consigo, como uma vergonha, a decadência e a desnaturalização do *football*, provoca o desprezo geral daqueles que são apaixonados pelos esportes de força física, em relação àqueles que, em nome da força, usam apenas a violência, condição dos fracos, jamais dos verdadeiramente fortes.
>
> [...] Está claro que não apenas os jogadores são culpados pelos excessos em que frequentemente se envolvem; as manifestações do público, quando ultrapassam um nível razoável e passam a irritar e provocar os oponentes, envolvendo-os naquela onda chamada de sugestão, fazem com que a verdadeira responsabilidade, se não a única, recaia inexoravelmente sobre a grande massa, pois os insultos lançados indignamente aos jogadores apenas

> maculam os lábios de quem os profere[61] (*EL DÍA*, 25 de agosto de 1907, p. 2, traduzido).

Observamos que, para o *batllismo*, acima da busca por bons resultados, estava a necessidade de manutenção da cordialidade por parte de jogadores e do público. Esse tipo de comportamento transmitiria a imagem de nação civilizada aos estrangeiros nos encontros internacionais. Era preciso, portanto, ser capaz de ganhar jogando respeitosamente, já que as vitórias seriam capazes de mostrar que, para além de civilizado, o Uruguai, ao ser capaz de triunfar sobre nações muito maiores sem apelar para a violência ou intimidação, possuía algo de excepcional.

O ponto descrito foi diversas vezes exposto nas páginas do *El Día*, principalmente no intuito de conter os ânimos da rivalidade que se consolidava entre Uruguai e Argentina. O *El Día* buscava promover a fraternidade, como notamos nesse trecho, em que o jornal abordou a chegada dos jogadores argentinos a Montevidéu para a disputa da *Copa Newton* de 1907: "sentimos como um dever dirigir aos visitantes argentinos nosso cordial cumprimento, símbolo do desejo de nossos entusiasmos esportivos por aqueles que, nobremente, cruzam o charco para fazer do viril esporte um fator de concórdia entre os dois povos irmãos"[62] (*EL DÍA*, 6 de outubro de 1907, p. 2, traduzido).

O discurso do jornal em relação à Argentina carrega um simbolismo interessante de se associar ao pensamento artiguista, trabalhado no primeiro capítulo. Tal qual o artiguismo em sua defesa de uma confederação entre os povos do Prata, o *batllismo* adota perspectiva de que uruguaios e argentinos são povos irmãos. Paralelamente, assim como Artigas advogou em prol da autodeterminação do povo oriental, o *batllismo* assume a postura da alteridade: ao mesmo tempo em que são semelhantes aos argentinos, os uruguaios são um povo distinto, e os confrontos entre selecionados nacionais das duas nações eram uma forma de demarcar

---

[61] No original: "cabe esperar, ya que no exigirlo, que ese dejo de amor propio, tan peculiar en los encuentros efectuados en toda la temporada, quede reducido por completo, pues no creemos se le pueda aceptar bajo ninguna condición, toda vez que los deportes no son en sí más que entretenimientos que aportan la utilidad, como fin único, exigida para la cultura física, y no una resultancia de la rudeza para desvirtuar lo noble y necesario, que caracteriza los encuentros caballerescos, esa antítesis grosera cuya manifestacion acarrea tras de sí, como un bochorno, la decadencia y desnaturalización del football y que procova [*sic*] el menosprecio general de los encariñados con los deportes del músculo, para aquellos que, à guisa de fuerza, usan tan solo la violencia, condicion de los débiles, nunca jamás de los verdaderamente fuertes.
[...] Claro está que no sólo los jugadores tienen la culpa de las demasias a que con frecuencia se atrapan; sino, que las manifestaciones del público cuando trascienden de un verdadero nível para amargar y excitar á los contrincantes, envolvéndoles en esa ola que se llama sugestion, la verdadera responsabilidad, sino la sóla, recae sobre la gran masa, inexorablemente; pues los males lanzados indignamente á los jugadores, solo empañan los labios de quien los profiere." *El Día*, 25 de agosto de 1907, p. 2.

[62] No original: "Por nuestra parte nos hacemos un deber en dirigirse a los visitantes argentinos nuestro cordial saludo, símbolo del anhelo de nuestros entusiasmos deportivos hacia los que noblemente cruzan el charco para hacer del viril deporte un factor de concordia entre los dos pueblos hermanos." *El Día*, 6 de outubro de 1907, p. 2.

essa diferença: eram ocasiões em que os "irmãos" orientais e argentinos se encontravam e mediam forças, cada qual defendendo sua bandeira e buscando trazer glória à sua nação.

Nesse sentido, pese a crescente insatisfação com as derrotas para os argentinos, crescia nas páginas do periódico a *ilusión*. Foi este um dos termos usados no dia 7 de outubro de 1907 para descrever a esperança expressa pelo público montevideano apesar da derrota por 2 a 1, pela *Copa Newton*. Embora em português "ilusão" seja um termo usualmente empregado como uma visão distorcida da realidade ou otimismo vazio, no espanhol, e comumente no contexto esportivo, *ilusión* costuma ser usada de maneira distinta. A palavra é frequentemente empregada com uma conotação positiva, de desejo associado à esperança. Na cultura esportiva, *ilusión* costuma referir-se à fé em um cenário desejado – como uma conquista – que motiva a ponto de trazer feitos improváveis à esfera do alcançável.

Destacamos o termo porque ele sintetiza o que o *batllismo*, em sua faceta idealista, almejava para o futebol nacional – e para o país de forma geral: superar nações maiores e com mais poderio econômico e demonstrar que o pequeno país encravado entre dois gigantes era capaz de grandes ambições. A *ilusión* e a ideia de vencer contrariando o senso comum se configuraram rapidamente como elementos essenciais na cultura do futebol uruguaio desde as primeiras décadas do século XX, com os títulos a nível global de 1924, 1928 e de 1930, se consolidando décadas mais tarde, com o icônico triunfo de 1950, no *Maracanazo*[63]. Surgiu, assim, um fator motivador para a cultura esportiva uruguaia, explorado amplamente pela imprensa local: vencer era uma forma de confrontar o desdém ou indiferença estrangeira – como no caso do não convite ao país para as Olimpíadas de 1908 – e provar o valor da pequena nação.

Procurando viabilizar os triunfos improváveis, o *El Día* opinava, sugeria e criticava dirigentes, decisões e táticas de jogo. Na perspectiva *batllista*, eram necessárias mudanças para que o futebol do país alcançasse o nível esperado, como afirmado pelo jornal após a derrota uruguaia na *Copa Newton* de 1907:

> É claro que, com uma maneira de jogar até certo ponto antagônica, venceu o time com melhor tática, como sempre acontecerá entre *teams* equilibrados. Essa é a lição que devemos aprender. E, para esse propósito, nada melhor do que os jogos internacionais, além de outras questões que pretendemos abordar[64] (*EL DÍA*, 8 de outubro de 1907, p. 2, traduzido).

[63] Ocasião em que o Uruguai triunfou sobre o Brasil na última partida da Copa do Mundo de 1950, sagrando-se campeão do torneio. O triunfo era considerado altamente improvável porque, mesmo que o Brasil não tivesse nenhum título mundial à época, a seleção brasileira vivia um momento melhor que o Uruguai, jogava no Rio de Janeiro diante de cerca de 200 mil torcedores, e possuía a vantagem poder de conquistar o título em caso de empate com dos uruguaios.

[64] No original: "Claro está que con una manera de jugar hasta cierto punto antagónica hubo de vencer el de mejor táctica, como siempre sucederá entre teams equilibrados.

A importância dos jogos internacionais, como os disputados pelas copas *Lipton* e *Newton*, era enorme em se tratando de um cenário em que ainda não havia sido criado o Campeonato Sul-Americano (atual Copa América, surgido em 1916). Até a criação do torneio continental, sendo Argentina e Uruguai os principais núcleos de prática do futebol fora da Europa nos primeiros anos do século XX, as copas anuais disputadas entre os vizinhos rioplatenses eram percebidas por setores e imprensa de ambas as margens – como o *El Día* – como partidas definidoras da supremacia no Prata, mas que poderia ser compreendida também como sul-americana.

A edição do diário *batllista* de 15 de agosto de 1908, prévia à *Lipton* daquele ano, denota a ideia de disputa por supremacia entre vizinhos num esporte já consolidado em ambas as margens. O jornal abriu sua seção de esportes com a seguinte chamada: "Chegou o momento. O *football* rioplatense, representado pelas equipes oriental e argentina que se enfrentarão esta tarde no Parque Central, dirá mais uma vez a quem pertence a supremacia naquele enraizado esporte[65]" (*EL DÍA*, 15 de agosto de 1908, p. 2, traduzido).

A partida em questão marcaria um enaltecimento sem precedentes ao time nacional nas páginas do *El Día*, em uma cobertura repleta de imagens da partida publicadas nos dois dias que a sucederam e crônicas extensas valorizando o selecionado uruguaio, que havia empatado em 2 a 2 com os argentinos. As impressões do jornal transmitiam a ideia de que o futebol local poderia finalmente reverter o retrospecto negativo contra seus vizinhos:

> O poder incontestável da equipe argentina e a desagradável anarquia que a duras penas se conseguiu evitar em nosso time alimentavam o temor ao fracasso irremediável.
> [...] A equipe argentina, formada por homens fortes e de grande estatura, oferecia um certo contraste com a nossa, que, em sua maior parte, dava a impressão de um time novo, jovem demais para marés favoráveis aos grandes esforços.
> Contudo, os episódios da partida deixaram clara a precária realidade de certos aspectos amedrontadores: nossos jogadores, apesar da inferioridade física, impuseram-se, mantendo à distância um conjunto habituado a superar obstáculos e a vencer resistências. [...] embora o placar não tenha favorecido nenhum dos lados, ficou evidente que os uruguaios foram merecedores da vitória.
> [...] Podemos nos orgulhar do time que ontem defendeu nossas cores.
> [...] O time argentino era realmente imponente. Ninguém que não compartilhasse de nossa fé, tão imensa quanto nossos desejos, teria ousado prever o sucesso dos uruguaios.

Esta es la leccion que debemos aprender. Y para este efecto nada mejor que los partidos internacionales, amén de otras cosas de que pretendemos ocuparnos." *El Día*, 8 de outubro de 1907, p. 2.

[65] No original: "El momento ha llegado.
El football rioplatense, representado en los equipos oriental y argentino que se medirán esta tarde en el Parque Central, dirá una vez más à quién corresponde la supremacia en aquel arraigado deporte." *El Día*, 15 de agosto de 1908, p.2.

> [...] [O time uruguaio] Demonstrou a todo mundo que, quando se quer, é possível escolher bons talentos e formar uma potência capaz até de atos heroicos, caso o heroísmo se fizesse necessário[66] (*EL DÍA*, 17 de agosto de 1908, p. 2, traduzido).

Finalmente, para o periódico *batllista*, a Liga nacional e os selecionadores do combinado oriental puderam organizar um time digno de executar o melhor do futebol uruguaio. A falta de organização e a "anarquia" que a equipe costumava apresentar, segundo o diário, começava a serem superadas. É importante contextualizar a mudança de opinião do *El Día* com relação aos selecionadores do time nacional.

A partir de 1907 e até 1912, um *batllista* ocupou a presidência da *Liga Uruguaya de Football* e passou a comandar a comissão de seleção do time nacional: era Héctor Rivadavia Gómez, que além de ocupar o cargo citado, trabalhava no *El Día* desde 1896, chegando a atuar como diretor do diário em mais de uma ocasião (Garrido, 2016). Tratava-se de um personagem que, em um primeiro momento[67], consolidou o poder decisório do *batllismo* sobre os rumos do futebol uruguaio e da seleção nacional, a qual, sob influência de Gómez, viveu um momento de guinada positiva.

Nos anos anteriores, entre 1903 e 1906, o futebol uruguaio teve seus dois primeiros dirigentes não-britânicos, sendo eles: Jorge Clulow, uruguaio filho de britânicos, e Félix Ortiz de Taranco, também uruguaio e descendente de empresários espanhóis (Garrido, 2016). Apesar de não serem adversários políticos do *batllismo*, era nítido que o *El Día* estava descontente com os rumos da gestão do futebol e, sobretudo, da seleção uruguaia, por parte desses dois personagens. Esse descontentamento cessaria apenas com a chegada de um

---

[66] No original: "El poder incontestable del equipo argentino y la disgustante anarquia que à duras penas se pudo evitar, en el nuestro, alimentaban el temor al fracaso irremediable.
[...] el argentino formado por hombres fuertes y de gran talla, ofrecía un cierto contraste con los nuestros, que en su mayor parte daban la impresion de un team nuevo, demasiado nuevo para *tides* propicias para los grandes esfuerzos.
Sin embargo, los episodios del partido establecieron á las claras la precaria realidad de ciertos atemorizadores aspectos: los nuestros á pesar de su inferioridad física, se impusieron manteniendo á raya á un conjunto habituado a dominar obstáculos y á vencer resistencias [...] si bien el score no se pronunció á favor de ningún contendor, bien claro se advirtió que los uruguayos eran acreedores á la victoria.
[...] Podemos estar orgullosos del team que ayer defendió nuestros colores
[...] El team argentino era realmente imponente. Nadie que no tuviera nuestra fé, inmensa como nuestros deseos, se hubiera atrevido á pronosticar el éxito para los uruguayos
[...] El demostró á todo el mundo que, cuando se quiere, se puede escoger cosas buenas y formar una potencia capaz de ser hasta, heróica, si fuera preciso llegar hasta el heroismo." *El Día*, 17 de agosto de 1908, p. 2.

[67] Héctor Rivadavia Gómez, ao longo dos anos, foi se distanciando do *batllismo*, sendo um dos fundadores do *riverismo*, fração dissidente do Partido Colorado. Paralelamente, Gómez deixou a redação do *El Día* após cerca de 20 anos e migrou ao *La Mañana*, jornal *riverista* do qual foi também um dos fundadores. Em 1922, fundou o jornal *El Diario*. Gómez foi o idealizador e primeiro presidente da Confederação Sul-americana de Futebol, assumindo o cargo em 1916, acontecimento que discutiremos mais à frente. A principal fonte de informações sobre este importante personagem da política, imprensa e futebol uruguaio é sua biografia *Héctor Gómez: un hombre de acción*, de Atilio Garrido (2016).

batllista ao poder na Liga a partir da eleição de Héctor Gómez, de apenas 27 anos, como novo presidente do órgão.

Para além dessa questão, vale destacar dois pontos de grande relevância no último trecho transcrito. Primeiramente, temos a contraposição, na visão do *El Día*, entre um time argentino alto e forte fisicamente e um time uruguaio aparentemente mais jovial. A diferenciação demarcada pelo diário entre os jogadores das duas nações refletia fatores sociais do desenvolvimento do futebol nos dois países.

Vale lembrar que, conforme mencionado, o futebol argentino e consequentemente, seu selecionado, ainda eram consideravelmente dominados por setores de classe alta, boa parte de ascendência britânica. O futebol uruguaio e sua seleção, por outro lado, já eram mais abrangentes com relação aos grupos e classes sociais que o praticavam. A relevância disso se dá ao passo que, como explica Luzuriaga (2019), os jovens de camadas populares, no início do século XX, eram em média mais baixos que os de classes altas, em virtude de acesso mais restrito à alimentação de qualidade. O autor explica que isso, nas primeiras décadas do futebol das Ilhas Britânicas, ajudou a desenvolver estilos distintos na Inglaterra – onde o esporte era majoritariamente praticado por universitários, de classes mais altas – e na Escócia – onde havia maior presença obreira e popular nos campos de futebol. Processo semelhante se daria na região do Prata, como aprofundaremos mais à frente.

A questão descrita permite refletir sobre porque o *El Día* afirmou que o time oriental aparentava ser mais jovem e inferior fisicamente aos altos e fortes argentinos. A diferença de setores sociais que preenchiam os campos do futebol portenhos e montevideanos contribuía para uma distinção narrativa, centrada no aspecto físico, entre os selecionados argentino e uruguaio. A partir dela, a ideia de vencer apesar da desvantagem em termos de porte físico de seus jogadores estabelecia quase que uma metáfora para as aspirações *batllistas* de contrariar o senso comum e demonstrar uma excepcionalidade positiva da diminuta nação.

Destacamos ainda um último ponto notável do trecho transcrito. Ao mesmo tempo em que o *El Día* outra vez destacou o poderio e imponência do time argentino, o diário se orgulhou de sempre ter acreditado na possibilidade de sucesso dos uruguaios. Ao declarar possuir uma fé nos jogadores uruguaios tão imensa quanto os seus desejos, o jornal *batllista* incorporou a já discutida ideia de *ilusión*, a esperança de alcançar o sucesso, ainda que o mesmo parecesse improvável. Mais do que isso, o *El Día* se colocava como um dos poucos setores que acreditou e defendeu o time oriental, atrelando sua imagem (e a do *batllismo*, por conseguinte) à equipe.

A confiança pregada pelo diário não demoraria em justificar-se: em partida contra o combinado argentino realizada em 4 de outubro de 1908, pela *Copa Premio de Honor Argentino*, outro torneio de jogo único instituído entre os selecionados dos dois países, os uruguaios saíram triunfantes – após mais de 5 anos sem vitórias – por 1 a 0 em Buenos Aires. Na ocasião, o *El Día* já possuía enviados especiais na capital vizinha, o que viabilizava a publicação de crônicas detalhadas no dia seguinte às partidas realizadas em solo argentino.

Para além de enaltecer a vitória, o diário trouxe uma novidade que rapidamente tornou-se prática habitual: publicar em suas páginas o que foi comentado pela imprensa argentina em relação à seleção uruguaia. Isso deu-se em 7 de outubro de 1908, quando o *El Día* dedicou sua seção de *Deportes Físicos* a expor a opinião de diferentes jornais argentinos sobre os jogadores orientais, dentre os quais destacamos o *La Nación* e o *La Prensa*. Foram análises majoritariamente elogiosas ao time uruguaio, com o *La Nación* chegando a afirmar que os uruguaios vinham merecendo uma vitória contra os argentinos por tudo que haviam realizado naquela temporada. O caráter positivo dos comentários aparenta ter sido a motivação para o diário *batllista* decidir publicá-los em suas páginas, já que o reconhecimento da qualidade do jogo oriental por parte de seus vizinhos, ainda dominantes no futebol rioplatense, respaldava o otimismo *batllista* sobre o futuro do futebol uruguaio.

Cabe reiterar, contudo, que o *batllismo* advogava em favor não apenas do potencial atlético do país com relação ao futebol, mas sim ao movimento esportivo de maneira geral. Para que esse pudesse se desenvolver, era necessária infraestrutura. Nesse sentido, em 20 de fevereiro de 1909, o *El Día* publicou um artigo criticando a postura das autoridades municipais de Montevidéu, que estariam postergando a construção de um espaço para jogos atléticos na cidade. O diário ressaltou o fato de não haver, àquela altura, nenhum parque público na capital, afirmando novamente de que era necessário fortalecer a raça por meio da educação física e destacando que, embora o futebol estivesse contribuindo em larga medida para este objetivo, eram necessários novos esforços em prol da cultura atlética, que era questão patriótica e de interesse nacional, segundo o jornal. Objetivando solucionar esse tipo de problema e melhorar a administração das cidades, o governo uruguaio, encabeçado desde 1907 pelo aliado de Batlle, Claudio Williman, havia acabado de criar as *Intendencias Municipales*, em dezembro de 1908, como forma de democratizar a política a nível local (Schelotto e Abreu, 2013). O primeiro *intendente* de Montevidéu, que recém havia assumido o cargo, foi Daniel Muñoz Vidal y Batlle.

Enquanto entraves institucionais ainda dificultavam a ampliação da infraestrutura esportiva, os anos seguintes trariam, através do futebol, novas razões para os *batllistas*

elevarem seu otimismo com a cultura atlética nacional. O clássico rioplatense finalmente começaria a pender com maior frequência em favor dos uruguaios. As vitórias deixariam de ser esporádicas, recheando as páginas do *El Día* de narrativas acerca do orgulho nacional, ao mesmo tempo em que o diário *batllista* orgulhosamente afirmava ser um dos únicos veículos de imprensa a ter sempre acreditado nas capacidades do futebol oriental.

A virada *celeste*: a adoção de um novo uniforme e de um estilo de jogo próprio como símbolos do Uruguai dos novos tempos

Em 1909, chegaria ao futebol oriental um atleta essencial para a implementação de uma nova maneira de jogar futebol, contraposta àquela de seus rivais à outra margem do Prata. Trata-se do escocês John Harley, que se juntou naquele ano ao elenco do *CURCC*, advindo do clube portenho *Ferro Carril Oeste*. Nascido em Glasgow, Harley se adaptou rapidamente ao Uruguai, chegando a disputar 22 partidas pelo selecionado oriental, a primeira delas na *Copa Newton* de 1909. À diferença da *Copa Lipton*, a *Newton* autorizava a participação de atletas não nascidos em solo argentino ou uruguaio (Luzuriaga, 2019).

Como comentado, devido às distintas classes sociais que se dedicavam ao futebol, havia uma diferença geral em termos de porte físico entre atletas das seleções uruguaia e argentina, conforme descrito pelo *El Día*. A exemplo do que ocorria nas Ilhas Britânicas entre ingleses e escoceses, os uruguaios, tal qual os escoceses, costumavam ter mais jogadores de camadas populares que seus rivais, o que lhes propiciava desvantagem em termos de estatura.

Por conta disso, não foi coincidência que a chegada justamente de um escocês a Montevidéu tenha gerado adaptações que permitiriam não só uma alternativa ao eficaz jogo argentino, como também a possibilidade de os superar em campo em diversas ocasiões. Tratava-se da influência de um estilo de jogo que havia sido adotado na Escócia objetivando derrotar seus vizinhos ingleses pese a diferença física entre os atletas das duas seleções. Basicamente, a ideia era evitar os choques e disputas corporais – para isso, reduzia-se a quantidade de lançamentos e buscava-se jogar com o domínio da bola, confiando em passes curtos e rápidos, que propiciavam menos trombadas com os adversários de porte físico mais avantajado (Luzuriaga, 2019).

Antes de Harley consolidar sua influência no futebol uruguaio, porém, o país receberia a visita de novos clubes britânicos. Em junho de 1909, a seleção nacional teria a oportunidade de medir forças com o *Tottenham* e com o *Everton*. O primeiro desses confrontos, em 10 de junho, seria, como usualmente ocorria nesse tipo de jogo, uma sonora

goleada de 8 a 0 em favor dos visitantes, neste caso, do *Tottenham*. Na segunda partida, porém, apesar de uma derrota por 2 a 1 para o *Everton*, o equilíbrio do jogo foi amplamente celebrado nas páginas do *El Día*. Perder por baixa diferença de gols para um time profissional inglês era suficiente, na visão do jornal, para provar sua tese com relação ao alto potencial do futebol oriental. Destacamos os trechos mais relevantes da extensa crônica publicada:

> O futebol uruguaio acaba de escrever uma de suas páginas mais brilhantes.
> O grande jogo de ontem, entre nossos jogadores e os formidáveis profissionais, revelou mais uma vez — agora de maneira inquestionável — a capacidade de nossos homens para esforços extremos, até o sacrifício.
> Por diversas circunstâncias, a derrota dos orientais estava garantida de antemão.
> [...] nosso time conseguiu o revide que antecipávamos ontem, demonstrando a todos os que lotaram o campo do Parque Central a excelência do nosso esporte.
> [...] Podemos considerar o resultado um verdadeiro triunfo dos nossos, um daqueles êxitos que consagram a força de quem, unido pelo propósito de tornar possível o impossível, supera a si mesmo.
> [...] este brilhante sucesso, inesquecível nos anais do nosso *football*, foi conquistado apesar daqueles que presumiam que, sem eles, nada seria possível[68] (*EL DÍA*, 14 de junho de 1909, p.4, traduzido).

Apesar do placar de 2 a 1 contrário, os *batllistas* consideraram o resultado uma vitória moral, devido às dificuldades de equilibrar uma partida contra atletas profissionais do país fundador do futebol – por isso o jornal, em tom realista, pontuou que a derrota era esperada. Assim, os jogadores orientais entraram em campo com a missão de conseguir uma performance digna, independentemente de saírem derrotados no placar. Em se tratando de um futebol amador e com décadas a menos de desenvolvimento que o britânico, o *El Día* ressaltou a excelência e o esforço descrito como quase heroico por parte dos uruguaios.

O diário enfatizou ter antecipado a possibilidade de uma boa atuação por parte dos orientais na edição do dia anterior, colocando-se mais uma vez como o veículo entusiasta do futebol nacional, apesar do pessimismo de muitos – citados mas não nomeados pelo jornal. A

---

[68] No original: "El football uruguayo acaba de llenar una de sus más brillantes páginas.
El gran match de ayer entre nuestros jugadores y los formidables profesionales ha revelado una vez más, pero ahora de manera que no podría ser más elocuente, la capacidad de nuestros hombres para los esfuerzos extremosos hasta el sacrificio.
Por muchas circunstancias la derrota de los orientales estaba de antemano descontada.
[...] nuestro team ha conseguido el desquite que le auguramos ayer, pues él ha conseguido demostrar á cuantos marginaban el field del Parque Central las excelencias de nuestro deporte.
[...] Bien podemos considerar el resultado como un verdadero triunfo de los nuestros, como uno de esos éxitos que consagran la virtud de las energías de quienes, mancomunados por el propósito de materializar una aspiracion imposible, se han superado.
[...] este brillantisimo éxito, de inolvidable recordacion en los anales de nuestro football, se obtuvo a despecho de quienes presumieron que, sin ellos, nada era posible." *El Día*, 14 de junho de 1909, p.4.

ideia de "tornar possível o impossível" é novamente mencionada pelo *El Día*: aos poucos, a seleção nacional ia tornando-se o símbolo da ambição pela excepcionalidade uruguaia.

No dia seguinte ao trecho transcrito, em 15 de junho de 1909, o *El Día* publicou novos comentários criticando aqueles que desacreditaram ou criticaram o selecionado montado para a partida contra o *Everton*. No discurso do jornal, confiar no selecionado nacional – que àquela altura, tinha em sua montagem a presença central do ainda *batllista* Héctor Gómez – era questão patriótica.

Além disso, o *El Día* apresentou, para a edição daquele dia, a opinião de um atleta do *Everton* que, não só elogiava os uruguaios, como também afirmava que os atacantes do time oriental eram mais audazes e perigosos que os argentinos (o *Everton* havia disputado uma partida na Argentina alguns dias antes). Como de costume, o diário não perderia a oportunidade de comparar uruguaios e argentinos, ainda mais em se tratando de um indivíduo "externo" às duas nações que atestava a qualidade dos atletas orientais perante seus vizinhos.

Apesar da declarada evolução, a *Lipton* daquele ano de 1909 traria nova derrota por 2 a 1 para os uruguaios, em Buenos Aires. O *El Día*, contudo, manteve seu discurso de que o futebol oriental estava melhorando, argumentando, tal como na partida contra o *Everton*, em favor de uma vitória moral dos uruguaios, na edição de 16 de agosto de 1909. Há dois pontos fundamentais que convém comentar acerca da *Copa Lipton* de 1909.

Primeiramente, no dia da partida, 15 de agosto de 1909, o jornal *batllista* convocou seus leitores para uma precursora forma "transmissão" de uma partida de futebol. Na ocasião, quem comparecesse ao *Círculo de la Prensa*, no centro de Montevidéu, seria gratuitamente informado dos eventos mais interessantes que estavam ocorrendo na partida, através de informações recebidas por serviço telegráfico. Era um serviço inovador para a época, que demonstra a importância dessas partidas internacionais, tanto para a sociedade uruguaia quanto para a imprensa local.

Além disso, cabe destacar as impressões do diário portenho *La Nación*, trazidas pelo *El Día* em suas páginas 4 dias após a derrota oriental, em 19 de agosto de 1909. O jornal bonaerense, apesar de afirmar que o selecionado argentino foi superior a seu rival, pontuou que os uruguaios desenvolveram um jogo coletivo mais artístico que os argentinos, com uma linha de atacantes que trocavam passes de maneira ágil. Seria uma incipiente diferenciação e valorização por parte da imprensa argentina do novo e recente "estilo oriental" de jogo. Os *batllistas*, que davam considerável importância à opinião estrangeira sobre o Uruguai, não perderam a oportunidade de publicar esse comentário em seu jornal.

É extremamente significativo que esse "estilo nacional" do futebol uruguaio tenha sido narrativamente construído e apropriado como um jogo artístico, menos dependente da força física e mais confiante no pensar dos atletas, haja vista as qualidades do cidadão moderno idealizado pelo *batllismo*. Para o *batllismo*, que desde a primeira presidência de Batlle, havia investido em larga medida na ampliação do acesso à educação (Souza, 2003), e se preocupava em formar cidadãos cultos, sensíveis à arte, à beleza e ao mesmo tempo confiantes na racionalidade (Claps e Lamas, 1982), a narrativa de uma forma oriental de se jogar futebol, menos agressiva e mais bonita de se ver, racional em suas combinações, era a confirmação desse novo modelo de cidadão uruguaio que se buscava construir.

Enquanto o futebol uruguaio experimentava gradativamente um novo estilo de jogo, surgiria em 1910, um importante emblema para o simbolismo da equipe nacional: a camisa azul-celeste. Nos primeiros 10 anos do século XX, da mesma forma que a seleção uruguaia ainda estava em formação, apresentando dificuldades nos enfrentamentos contra os argentinos e ingleses, seus símbolos ainda estavam sendo construídos. Para equipes esportivas e sobretudo seleções nacionais, poucos elementos são mais emblemáticos do que o uniforme. No caso uruguaio, a camisa celeste adquiriu um status quase místico na cultura popular, a partir dos títulos conquistados na primeira metade do século XX. Não à toa, advém dela a principal alcunha usada para referir-se à seleção uruguaia, ou simplesmente, à *celeste*.

Morales (2013) explica que, nos primeiros anos de existência dos combinados orientais, foram utilizados vários uniformes: desde camisas albicelestes listradas – similares ao atual uniforme da seleção argentina – até uniformes com as cores do artiguismo (azul, vermelho e branco). Seria a partir de 1910 que seria adotada a camisa azul-celeste, vigente até os dias atuais. A cor foi sugestão de Ricardo Le Bas, delegado do *Montevideo Wanderers* junto à liga uruguaia. O presidente da liga, Héctor Gómez, naquele momento aliado de José Batlle e editor chefe do *El Día*, deu o aval para a implementação do novo uniforme, em mais um evento marcado pela longeva conexão entre o *batllismo* e a seleção nacional.

Como explica Luzuriaga (2019), a camisa celeste estreou na *Copa Lipton* de 1910, em agosto daquele ano, justamente na primeira vez na história do torneio em que a seleção uruguaia venceu os argentinos. Foi a estreia perfeita para um uniforme que já era carregado de superstição desde sua idealização: a camisa celeste foi sugerida por Le Bas em homenagem a uma vitória do *River Plate* montevideano sobre a maior potência do futebol argentino à época, o *Alumni*, em 10 de abril de 1910. Na ocasião, o clube uruguaio havia vencido os argentinos vestindo uma camisa celeste que, precocemente, começava a ser percebida como uma espécie de amuleto ou símbolo de triunfo.

O momento da *Copa Lipton* de 1910 era convidativo à adoção de superstições do lado oriental. Os uruguaios vinham de uma derrota traumática ocorrida meses antes: entre maio e junho daquele ano, os argentinos organizaram a *Copa Centenario Revolución de Mayo*, competição de futebol com a presença dos selecionados argentino, uruguaio e chileno. Na viagem à Argentina, os uruguaios derrotaram os chilenos por 3 a 0 pelo torneio citado, além de disputarem amistosos contra o *Alumni* e contra uma seleção de Rosário, triunfando sobre o clube portenho e empatando com os rosarinos. Os bons resultados trouxeram otimismo às páginas do *El Día*: o time nacional poderia finalizar a viagem triunfando sobre a seleção argentina e, assim, sagrando-se campeão do primeiro esboço de campeonato sul-americano.

A expectativa foi tanta para a partida decisiva que o *El Día* anunciou, em 7 de junho de 1910, que a Liga Uruguaia colocou um navio à disposição para trasladar torcedores uruguaios que desejavam ir a Buenos Aires acompanhar a partida. Paralelamente, o diário divulgou, em 11 de junho de 1910, a "transmissão" do jogo ao público montevideano: a cada 20 minutos, seriam fornecidas informações da partida, advindas do serviço telegráfico, às pessoas que comparecessem às portas do edifício do *Círculo de la Prensa*. Era impressionante, para o período, a estrutura colocada à disposição do torcedor em Montevidéu, estrutura esta que permitiu à população local observar toda aquela expectativa desmoronando conforme os argentinos construíram uma contundente vitória por 4 a 1.

Com essa derrota, o contexto prévio à *Copa Lipton* de 1910, na perspectiva dos *batllistas* do *El Día* e dos milhares de uruguaios que acompanhavam sua seleção através desse jornal, era o seguinte: o histórico recente da equipe nacional era de atuações convincentes, mas com resultados aquém do esperado. Percebia-se uma gradual evolução do futebol local apesar das derrotas persistirem, como se os triunfos parecessem estar cada vez mais próximos, porém quase sempre fugissem do alcance dos uruguaios.

Confirmando essa sensação, em 15 de agosto de 1910, data do confronto pela *Lipton*, o *El Día* publicou uma matéria do *El Diario* portenho que abordava todo o histórico de confrontos entre Argentina e Uruguai desde a última década, demonstrando como os números se inclinavam claramente em favor dos argentinos. O registro desses quase 10 anos de partidas permitia ao público leitor uma visão concreta e detalhada do domínio argentino. Apesar disso, o diário *batllista* mantinha-se otimista e dizia esperar muita entrega por parte do time oriental objetivando honrar o esporte uruguaio e, quem sabe, atingir sua primeira vitória na competição.

O triunfo uruguaio de fato ocorreu, por 3 a 1, relatado numa crônica entusiasmada por parte do jornal *batllista*. Para o *El Día*, mais do que o resultado em campo, era uma

oportunidade para os orientais elevarem seu estado anímico e acreditarem na possibilidade de grandes façanhas:

> Enfim! Enfim!
> Essa era a palavra que, após o jogo de ontem, todos repetiam com regozijo nos lábios e trocavam olhares ao cruzar-se. Era como a realização de um desejo, depois de tantas incertezas e esperanças sempre adiadas pela indecisão ou pela derrota.
> De fato, enfim, os uruguaios conquistaram não apenas uma vitória, mas também a consagração, agora mais eloquente do que nunca, de seus méritos esportivos, negados com temeridade imprudente por muitos. [...] Das dez mil pessoas que assistiram à partida, nenhuma se sentiu suficientemente ousada para questionar que o triunfo do time oriental foi a prova cabal de sua superioridade.
> [...] Podemos celebrar o brilhante triunfo do futebol nacional, que veio confortar o espírito abatido de nossos esportistas. Para eles, o futuro deve se apresentar cheio de promessas animadoras[69] (*EL DÍA*, 16 de agosto de 1910, p. 5-6, traduzido).

O otimismo pregado pelo *El Día* com relação ao futebol nacional finalmente foi respaldado por um triunfo contundente, não apenas uma "vitória moral" ou boa atuação. Para o diário, a vitória na *Lipton* era prova suficiente da superioridade do selecionado oriental. É importante destacar que o jornal se vangloria da vitória não em retaliação a seus rivais argentinos, mas sim, àqueles que desdenharam das possibilidades dos jogadores uruguaios.

A narrativa *batllista* para o futebol colocava como inimigo não o rival em campo, já que os argentinos eram descritos pelo *El Día* como povo irmão. O desafeto, nos textos do diário sobre a seleção, era quem, dentro do Uruguai, não compartilhava das expectativas de grandes feitos por parte do esporte nacional. Os redatores do jornal *batllista* transformavam seu ideal de futuro vitorioso para o futebol nacional em questão patriótica, em uma lógica na qual visões que expressavam pessimismo ou desdém eram repudiadas. De maneira característica do *batllismo*, todavia, eles não nomeiam os grupos criticados, como forma de manter a típica postura diplomática e ponderada dessa corrente política. Sendo assim, torna-se difícil saber a qual dos veículos de imprensa de oposição ou a quais grupos fora do meio jornalístico a crítica se dirige. O interessante é que, discursivamente, os *batllistas* se

---

[69] No original: "Al fin! Al fin!
Tal era la palabra que ayer, después del partido, todos los labios repetian con uncion regocijante y todos los ojos se decían al pasar. Era como un deseo realizado á continuacion de tantas alternativas y de tantas esperanzas siempre postergadas ante la indecision ó la derrota.
Al fin en efecto, los uruguayos obtenían no solamente un triunfo, sino la consagracion más que nunca elocuente de sus merecimientos deportivos, negados con imprudente temeridad por muchos [...] De las diez mil personas que vieron el match ninguna se habrá sentido suficientemente audaz para poner en duda de que el triunfo del team oriental ha sido la demostracion cabal de su superioridad
[....] podemos celebrar el brillante triunfo del football nacional que ha venido á reconfortar el abatido espíritu de nuestros deportistas. Para estos el futuro debe presentarse con perspectivas halagueñas." *El Día*, 16 de agosto de 1910, p. 5-6.

apropriavam desse esporte e dos resultados da seleção como confirmação do êxito de suas aspirações idealistas. Por isso, o jornal, no último trecho transcrito, comemorou o fato de a vitória auxiliar animicamente os esportistas locais a compartilharem dessa fé e acreditarem em um futuro promissor.

A partir de 1910, o Uruguai foi melhorando consideravelmente o retrospecto contra seus rivais argentinos. Na *Copa Lipton*, por exemplo, o país conseguiu emplacar 3 anos consecutivos de triunfos, entre 1910 e 1912. Em termos de impacto na percepção geral, o clímax do novo momento seria 1912. Nesse ano, segundo Morales (2013) e Luzuriaga (2019), o estilo de jogo baseado em passes curtos e dribles, desenvolvido por meio da influência escocesa de Harley, se consolidou como marca do futebol uruguaio em detrimento do jogo argentino, ainda herdeiro da influência inglesa que anteriormente predominava ambas as margens do Prata, com mais lançamentos, lances individuais e choques. Eduardo Archetti, em *Estilo y Virtudes Masculinas en El Gráfico: la creación del imaginario del fútbol argentino* (1995), afirma que até 1925, o futebol argentino era percebido como "mais inglês" que o uruguaio. Esse trecho, de 1915, narra a diferenciação entre argentinos e uruguaios através da maneira de jogar:

> Nos múltiplos encontros desse tipo realizados entre argentinos e uruguaios, tem sido possível observar a diferente tática de jogo que uns e outros empregam. Os primeiros concentram suas maiores energias no esforço individual, na jogada audaciosa que consiste em anular a defesa, esquivando-a com difíceis "gambetas"[dribles]. Quando combinam [trocam passes], fazem isso rapidamente, com passes longos [...]
> Nossos times [uruguaios] se caracterizam por uma tática bem diferente, por certo. A linha rápida utiliza passes curtos e precisos, que, embora neutralizem facilmente o adversário, apresentam sérias dificuldades por exigirem do jogador um domínio quase absoluto da bola. [...] São ataques "elaborados" pacientemente, feitos com um prévio raciocínio sobre sua conveniência, com verdadeira inteligência, mas que, quando usados em excesso, causam sérios transtornos, pois tornam os ataques demasiadamente lentos[70] (*EL DÍA*, 17 de agosto de 1915, p. 7, traduzido).

As impressões do *El Día* descrevem o estilo argentino como mais improvisado e individualista. Os uruguaios, em contraste, priorizavam o jogo coletivo, racional e mais

[70] No original: "En los múltiples encuentros de esta índole celebrados entre argentinos y uruguayos, se ha podido observar la diferente táctica de juego que emplean unos y otros. Los primeros ponen sus mayores energías en el esfuerzo individual, en la jugada audaz que consiste en anular á la defensa, esquivándola con difíciles "gambetas". Si combinan lo hacen rápidamente, con pases largos [...]
Nuestros equipos se caracterizan por otra táctica bien diferente por cierto. La Línea lijera, emplea los pases cortos, precisos, que si bien anulan fácilmente al adversario, ofrecen serias dificultades por exigir al jugador dominio casi absoluto de la ball. [...] Son avances "elaborados" pacientemente, hechos previo razonamiento de su conveniencia, con verdadera inteligencia, pero que abusando de ellos acarrean serios trastornos pues demoran demasiado los avances." *El Día*, 17 de agosto de 1915, p.7.

ponderado – às vezes até demais, na opinião do jornal. Sem criticar explicitamente o jogo argentino, o diário, que usualmente mesclava em suas páginas o aspecto esportivo com o social, transmite nas entrelinhas a ideia de que o Uruguai, que àquela altura já vinha de mais de 10 anos de governos *batllistas*, estaria se tornando mais estruturado em termos de comunidade que seus vizinhos, ainda confiantes no individualismo e improviso. Era o futebol – e a seleção nacional – como símbolos daquela nova sociedade que estaria sendo moldada. Vale lembrar que o primeiro governo de Batlle já havia passado e que, conforme comentado, o país vivia um inédito período de estabilidade política e crescimento econômico, panorama que se potencializa após a segunda presidência de Batlle, como discutiremos mais à frente.

Esse discurso era fortemente respaldado pelos resultados positivos de 1912. Aquela geração ficou marcada na história do futebol uruguaio sobretudo por conta de uma sequência de 4 partidas contra a seleção argentina disputadas entre agosto e outubro daquele ano, em que o Uruguai obteve 3 vitórias seguidas e um empate. Foi o primeiro período de sensação de domínio *celeste* no futebol rioplatense.

Contudo, cabe ressaltar que a geração de 1912 não foi episódica. Ela foi o ápice em termos de resultados de um bom momento do futebol local que, na visão do *El Día*, se anunciava desde 1908, e teve início concretamente com a vitória na *Lipton* de 1910, na partida de estreia do uniforme celeste.

Além disso, é importante pontuar que a seleção argentina obteve algumas vitórias sobre o Uruguai no período, inclusive no próprio ano de 1912. Todavia, para um país que, por quase uma década, havia se acostumado a raramente vencer seu rival, o aumento na frequência de vitórias, culminando em 3 títulos seguidos da *Copa Lipton* e em uma sequência positiva como a de 1912, incitava que a expectativa de alcançar grandes conquistas, mesmo sendo um país de diminuta população, não era apenas um delírio de entusiastas do futebol nacional como os *batllistas*.

O engajamento do público oriental com a seleção também aumentou a partir de 1910. Para a *Lipton* de 1911, o *El Día* relatou, em 16 de agosto de 1911, que aproximadamente mil pessoas cruzaram o Rio da Prata com o objetivo de assistir a seleção uruguaia medindo forças com os argentinos em Buenos Aires. Os torcedores visitantes foram brindados com um 2 a 0 a favor dos orientais. A revanche argentina viria com a conquista da *Copa Newton* daquele ano: o que antes era completo domínio argentino se converteu em alternância de forças, até finalmente o Uruguai estabelecer-se de maneira mais contundente em 1912.

Naquele ano, o *El Día* uniu as antigas seções *Sport* (dedicada às corridas de cavalos) e *Deportes Físicos*, gerando a nova seção *Movimiento Sportivo*. Nela, seria noticiada a primeira

vitória da seleção uruguaia de 1912, pela prestigiada *Copa Lipton*. Diante do 2 a 0 para o time oriental, no estádio *Gran Parque Central* de Montevidéu, a edição do *El Día* de 16 de agosto de 1912 afirmou que a *ilusión* havia se tornado realidade, criticando, novamente sem citar nomes, aqueles que duvidaram da qualidade da seleção montada.

Triunfos como o da *Lipton* de 1912 representavam para o *batllismo* o sucesso da nação e, por extensão, de quem a governava. Por isso, documentar o estilo de jogo, as impressões e tudo relativo às grandes vitórias em extensas crônicas e coberturas fotográficas era tarefa prioritária para os redatores do *El Día*:

> EL DIA, que também quis demonstrar seu grande entusiasmo pelo mais popular e viril dos esportes, associou-se, na medida de seus desejos, às esperanças que pulsavam em todos os ânimos dos numerosos aficionados, com anseios de concretização [...] decidiu oferecer aos seus leitores uma das crônicas mais completas já escritas até hoje, com uma abundante profusão de detalhes que fossem, ao mesmo tempo, reflexos exatos do encontro[71] (*EL DÍA*, 26 de agosto de 1912, p. 9, traduzido).

O trecho, referente a uma vitória por 3 a 0 do Uruguai sobre a Argentina ocorrida apenas 10 dias após a *Lipton* daquele ano, precede a crônica da partida, a qual foi possivelmente a mais longa e completa, em termos de imagens e detalhes, de uma partida de futebol no *El Día* até então. É claro que, conforme o futebol se tornava uma fonte cada vez mais popular de entretenimento entre os uruguaios, era comercialmente interessante para um jornal explorá-lo, especialmente em uma ocasião como um triunfo da seleção nacional sobre os argentinos. Todavia, as colocações do diário *batllista* denotam que para seus redatores, se tratava de algo para além disso. O sucesso do futebol nacional perante os argentinos era usado como ferramenta de convencimento para a população oriental de que a excepcionalidade uruguaia aos poucos se convertia em realidade.

Naquele 26 de agosto de 1912, o *El Día*, além de enaltecer o jogo de combinação uruguaio, contrapondo-o ao individualismo da seleção argentina, apontou um novo fator como principal vantagem dos uruguaios. Para o jornal, o maior diferencial entre as equipes teria sido o fator anímico do time oriental. A narrativa *batllista* dava grande importância para esse elemento, associado à importância de acreditar na viabilidade do sucesso independentemente das circunstâncias. Nesse sentido, o *El Día* comemorou, em 5 de outubro

---

[71] No original: "EL DIA que ha querido también poner a prueba sus grandes entusiasmos por el más popular y viril de los deportes, asociándose en la medida de sus deseos á las esperanzas que vibraban en todos los ánimos de los numerosos aficionados, con anhelos de cristalizaciones [...] resolvió dar á sus lectores una de las crónicas más completas que se hayan escrito hasta la fecha, con una abundante profusión de detalles, que fuesen á la vez que tales, reflejos exactos del encuentro." *El Día*, 26 de agosto de 1912, p. 9.

de 1912, que nunca antes o sentimento esportivo uruguaio havia se disseminado com tanta força quanto naquele momento, após a sequência positiva da *celeste*.

Para os *batllistas*, a geração de 1912 teria propagado nacionalmente a esperança que há tantos anos eles tentavam transmitir através das páginas do *El Día*. O bom momento do futebol local traria, então, a oportunidade perfeita para ir além da rivalidade rioplatense, e demonstrar as qualidades do futebol uruguaio a nível continental. Vale lembrar que o diário *batllista* já havia se mostrado descontente com o desconhecimento ou desdém de outras nações em relação aos méritos esportivos do Uruguai. A solução seria, então, criar caminhos para projetar o sucesso do esporte nacional para além da região do Prata.

Pioneirismo uruguaio fora de campo: a criação da Confederação Sul-Americana de Futebol e o primeiro título continental

É evidente que o interesse de promover a nação por um elemento que não fosse nem militar nem econômico não era uma exclusividade do *batllismo* ou do Uruguai. Se tomarmos por base o caso do futebol sul-americano, a Argentina, com clubes e campeonatos mais antigos que os uruguaios, também buscou projetar externamente seu movimento esportivo. A já mencionada *Copa Centenario Revolución de Mayo* de 1910 demonstra sinais primários disso, já que além dos vizinhos uruguaios, o selecionado chileno foi convidado e participou do torneio em celebração à independência argentina.

No caso uruguaio, apesar das desvantagens em termos de visibilidade comuns a países de menor território e população, o *batllismo* nutria forte expectativa em aumentar a capacidade diplomática e de projeção nacional do Uruguai. Pensando o futebol como uma das ferramentas para esse objetivo, o Uruguai possuía uma vantagem perante a Argentina no contexto regional. O país tinha uma relação diplomática com o Brasil consideravelmente mais amistosa que seus vizinhos rioplatenses, o que auxiliaria os uruguaios a serem os protagonistas da primeira fase de internacionalismo no futebol sul-americano.

Apesar de esforços diplomáticos para aproximar Brasil e Argentina, como o pacto ABC de 1915 (que, além das duas potências, incluía o Chile), brasileiros e argentinos possuíam uma relação majoritariamente tensa, ao passo que disputavam a hegemonia regional. O Uruguai *batllista* adotava uma postura de tentar manter-se à mesma distância de cada um de seus dois vizinhos, como explica Ayçaguer, em *El gran vecino norteño: una aproximación a las relaciones de Uruguay con Brasil en la primera mitad del siglo XX*

(2017). Com esse posicionamento, o país poderia fazer uso das relações turbulentas entre brasileiros e argentinos para melhorar sua própria posição diplomática, atuando quase que como mediador. Equilibrar suas relações com ambas potências regionais era uma forma do Uruguai proteger sua própria soberania.

No futebol, os uruguaios aproveitaram-se de sua posição e tomaram as rédeas do processo de institucionalização do futebol sul-americano. A proposta de criação da Confederação Sul-Americana de Futebol, inicialmente CSF, atualmente Conmebol, veio do já mencionado Héctor Rivadavia Gómez[72], que atuou como primeiro presidente da instituição entre 1916 e 1936. Para entender o surgimento da CSF, convém retroceder às primeiras iniciativas de criação de instituições internacionais no futebol sul-americano.

Em 30 de julho de 1912, o *El Día* dedicou parte de sua subseção *Football* para tratar da iniciativa de fundação de uma confederação esportiva no Prata. Tratava-se de uma ideia também de Héctor Gómez que buscava associar a liga uruguaia às diferentes instituições que àquela altura regiam o futebol em Buenos Aires e Rosário. Entretanto, o futebol argentino vivia uma fase conturbada institucionalmente, e as disputas internas na direção esportiva daquele lado do Prata impediram que a iniciativa de uma confederação se tornasse realidade.

Enquanto permanecia instável a situação institucional do futebol argentino, os uruguaios também se aproximavam do Brasil. É necessário enfatizar que, embora as relações entre uruguaios e brasileiros fossem majoritariamente amistosas à essa altura do período *batllista*, elas eram consideravelmente mais distantes que as relações entre Uruguai e Argentina. A relação entre as duas nações rioplatenses, apesar de permeada por rivalidade e momentos de tensão, era antiga e íntima, dada sua proximidade cultural e geográfica[73].

A partir disso, pensando sobre a política de aproximação com seus dois vizinhos que o governo *batllista* almejava, era interessante estreitar seus laços com o Brasil. No futebol, em julho de 1911, a seleção uruguaia excursionou ao Rio Grande do Sul, onde realizou 4 partidas, contra os times do Pelotas, Rio Grande e Grêmio, além de um jogo contra a seleção gaúcha. O Uruguai venceu todas as partidas mencionadas por placares elásticos (AUF, 2025).

O *El Día*, apesar de expor em suas páginas relatos da viagem, dava uma importância muito menor à esses jogos em relação aos jogos contra os argentinos. Na realidade, o foco dos relatos era majoritariamente dedicado à cordialidade manifestada entre brasileiros e uruguaios na excursão da *celeste*, deixando em segundo plano o que ocorria em campo e os

[72] Àquela altura, Héctor Gómez já se dissociava dos *batllistas* e integrava a fração *riverista* do Partido Colorado.
[73]Convém lembrar que o núcleo populacional e político do Uruguai, Montevidéu, está no extremo sul do país, muito mais próximo da Argentina e de Buenos Aires que da fronteira com o Brasil. A parte norte do Uruguai, próxima ao território brasileiro, é esparsamente povoada.

placares. De forma similar, em agosto de 1913, a seleção paulista viajou a Montevidéu para disputar 3 jogos contra a seleção uruguaia, saindo vitoriosa a *celeste* em todas as ocasiões.

Em sua maioria, as narrativas do *El Día* em partidas contra brasileiros no período analisado quase não focavam em contraposição. O tom de rivalidade e disputa por supremacia que se observava perante os argentinos não se repetia nos enfrentamentos contra o vizinho lusófono. Era uma relação mais distante em diversas áreas e também no futebol, de maneira que o foco discursivo era em fortalecer a amizade e estreitar laços.

No caso dos argentinos, os confrontos entre clubes das duas margens do Prata se davam desde os primórdios do futebol nos dois países, de maneira que a rivalidade futebolística entre Uruguai e Argentina é quase tão antiga quanto o próprio futebol nas duas nações. Somado a isso, havia a já discutida rivalidade comercial entre Buenos Aires e Montevidéu que precedia o futebol e se manifestava desde o período pré-independência. Não à toa as seleções uruguaia e argentina se enfrentaram até 6 vezes por ano no início da década de 1910, seja pelas copas *Lipton* e *Newton*, por amistosos ou ainda por outros troféus que foram sendo instituídos em torneios de jogo único entre os dois países, como a *Copa Premio de Honor Uruguayo* e a *Copa Premio de Honor Argentino*.

Outrossim, o futebol rioplatense era, no início da década de 1910, bastante consolidado e longevo, de maneira que o Brasil ainda não era percebido como um rival do mesmo nível. Assim sendo, os resultados obtidos pelo Uruguai em partidas contra brasileiros não impressionavam tanto a imprensa *batllista*.

Apesar disso, era de interesse tanto dos *batllistas* como dos dirigentes do futebol uruguaio projetar o sucesso da nação naquele esporte para além do Prata. Nesse sentido, a CSF surgiu, como explica Morales (2013), com o intuito de realizar todos os anos um campeonato de seleções, promovendo ideias de irmandade dos povos americanos. A instituição marcou um importante crescimento no poder político do futebol uruguaio. Isso porque, ao ser idealizada e presidida por Héctor Gómez, a CSF colocava os uruguaios à frente de um dos poucos processos de institucionalização do futebol internacional existentes àquela altura, o único fora do continente europeu[74].

A ideia de realizar torneios internacionais ultrapassava o interesse esportivo. Carlos Eduardo Sarmento, em *A Regra do Jogo: Uma História Institucional da CBF* (2006), explica que a participação brasileira no primeiro Campeonato Sul-Americano foi tema de alta

[74] Os outros dois processos desse caráter que existiam à época estavam um sob tutela da *Football Association* inglesa, que regia os torneios de seleções das Ilhas Britânicas e o outro por parte da FIFA, que organizava desde 1908 o torneio olímpico de futebol (Morales, 2013), o qual ainda era praticamente uma exclusividade europeia.

relevância para o Itamaraty, de tal forma o ministro das Relações Exteriores à época, Lauro Müller, se dispôs a mediar uma reunião para resolver as disputas institucionais do futebol brasileiro e unificá-lo em torno de uma só instituição, viabilizando a participação do país no torneio continental. O futebol era um novo canal da diplomacia sul-americana dos anos 1910:

> A expressão esportiva tornou-se um campo propício para as elites se lançarem à construção simbólica de seus valores civilizatórios. Em torno do esporte, instituiu-se todo um novo padrão de sociabilidade e fundou-se uma linguagem comum que favoreceu o intercâmbio entre as diferentes elites nacionais [...] estava em jogo, na verdade, a criação de um novo canal formal de operação para a diplomacia das nações (SARMENTO, 2006, p.1).

O campeonato em questão, o Sul-Americano de 1916, realizado em Buenos Aires, precedeu a própria criação da CSF, tendo sido organizado em comemoração ao centenário da declaração de independência argentina. Foi a ocasião perfeita para Héctor Gómez apresentar aos países participantes seu projeto de confederação regional, de maneira que a CSF foi oficialmente fundada durante o torneio, em 9 de julho de 1916. Em campo, o Uruguai se sagrou campeão ao empatar com os anfitriões argentinos na última partida, superando-os por um ponto na classificação. Brasil, em terceiro, e Chile, em quarto, completaram a tabela.

Em termos de público, é possível afirmar que o torneio foi um grande êxito. Na realidade, a organização do campeonato não estava preparada para lidar com as multidões que lotaram o estádio *Gimnasia y Esgrima de Buenos Aires*, sobretudo nos jogos da seleção local. Exemplo disso é que, conforme relatado no *El Día* em 17 de julho de 1916, a partida entre Uruguai e Argentina, que teria sido realizada no dia anterior e definiria o campeão sul-americano, teve de ser suspensa e remarcada para o dia seguinte, em Avellaneda, devido à superlotação e tumultos no estádio e arredores. Segundo o diário, eram mais de 40 mil torcedores que tentavam entrar em um estádio com capacidade para menos da metade deste público. O futebol era, no Prata, o principal palco de manifestações de patriotismo que, com relativa frequência, se convertiam em episódios de caos e violência como o mencionado.

O título uruguaio, na visão do *El Día*, foi a confirmação do merecimento advindo de anos de tradição esportiva daquela sociedade:

> O *football* nacional acaba de conquistar seu mais belo laurel com a vitória de seus representantes no Certame Sul-americano de Football. [...] Os progressos que o *football* fez em nosso país já haviam tido ocasião de ser avaliados. De fato, há muitos anos, nossos *teams* vinham disputando com eficácia e brilho os distintos torneios internacionais. Onde quer que um team uruguaio tenha levado seu jogo, sempre soube deixar bem representados seus prestígios. Por isso, esperávamos, se não o triunfo, uma atuação excepcional. [...] Deixaram na Argentina, no ânimo de quantos intervieram no Certame, não só a sensação de uma força voraz e respeitável, mas

> também de correção *sportiva* e hombridade de bem. Em uma palavra, nos honraram[75] (*EL DÍA,* 18 de julho de 1916, p. 5, traduzido).

Na visão dos redatores do jornal *batllista*, o título sul-americano era o primeiro grande fruto daquela cultura esportiva que há quase 20 anos eles advogavam em favor, desde que começaram a cobrir o incipiente futebol oriental do final do século XIX. Para eles, a honra da nação havia sido conquistada não só através da vitória, mas também de uma atuação correta, ou seja, dentro daquele ideal de boa conduta que permeava os esportes da época desde suas origens aristocráticas. Se, para o *El Día*, o triunfo foi uma chance de enaltecer a nação perante os estrangeiros, para a população uruguaia, o momento foi de festa patriótica generalizada:

> O entusiasmo popular provocado pelo sucesso dos uruguaios no Certame Sul-Americano de Football transbordou em manifestações entusiásticas e ruidosas. Ao se confirmar a boa nova, ao entardecer, formaram-se núcleos por toda a cidade velha, que depois se concentraram em torno da Praça Independência e se unificaram. Uma manifestação popular, composta por vários milhares de pessoas, organizou-se ao cair da tarde. À noite, diversas colunas, exaltadas por um intenso entusiasmo, percorreram a Avenida 18 de Julio até a sede da Associação de Football, onde entoaram o hino nacional. Os manifestantes carregavam várias bandeiras nacionais[76] (*EL DÍA*, 18 de julho de 1916, p. 5, traduzido).

As festividades prolongaram-se no próprio dia 18 de julho, conforme descrito na edição do *El Día* do dia seguinte. A data, que é extremamente simbólica pela comemoração do juramento da primeira constituição uruguaia – não à toa a avenida mais icônica de Montevidéu é a 18 de julho – em 1916 ganhou o acréscimo de celebrar a chegada à capital uruguaia do time que havia acabado de sagrar-se o primeiro campeão sul-americano. Era a mescla das festividades nacionalistas que rememoram o passado com a comemoração das conquistas da nação no presente, simbolizadas pela cada vez mais pujante seleção nacional. O diário *batllista* relatou aglomerações de uruguaios no porto de Buenos Aires, para despedir-se

---

[75] No original: "El football nacional acaba de obtener el laurel más hermoso, con la victoria de sus representantes en el Certamen Sudamericano de Football. [...] Los progresos que el football ha hecho en nuestro país habían tenido ocasión de ser aquilatados. Desde hace muchos años, en efecto, nuestros team habían discutido con eficacia y brillo los distintos torneos internacionales. Donde quiera que un team uruguayo ha llevado su juego, siempre supo dejar bien representados sus prestigios. Por eso, esperábamos si no su triunfo, una descollante actuación. [...] Han dejado en la Argentina, en el ánimo de cuantos intervinieron en el Certamen, no solo la sensación de la fuerza rana y respetable, sino de la corrección sportiva y de la hombría de bien. En una palabra nos hicieron honor." *El Día*, 18 de julho de 1916, p. 5

[76] No original: "El entusiasmo popular provocado por el éxito de los uruguayos en el Certamen Sudamericano de Football desbordó en formas entusiastas y ruidosas. Al confirmarse la buena nueva, al atardecer, se formaron núcleos en toda la ciudad vieja, que se concentraron luego en torno de la Plaza Independencia y tomaron unidad, Una manifestación popular constituída por varios miles de personas se organizó á la caída de la tarde. Por la noche, varias columnas más, exaltadas por intenso entusiasmo, recorrieron la Avenida 18 de Julio, hasta el local de la Asociación de Football, donde cantaron el himno nacional. Los manifestantes llevaban con ellos varias banderas nacionales." *El Día*, 18 de julho de 1916, p.5.

da equipe, e uma multidão em Montevidéu, para recebê-los[77], que, segundo o jornal, preenchia cerca de 500 metros das ruas da Cidade Velha, bairro onde está localizado o porto da capital uruguaia.

Figura 9: Fotografia publicada no *El Día* de 19 de julho de 1916, apresentando a multidão reunida no porto de Montevidéu para receber a seleção uruguaia campeã sul-americana.


DEPORTES Y JUEGOS

FOOTBALL

La manifestación en honor de los campeones sudamericanos, al salir de la dársena. — En ángulo el diputado Mibelli dirigiendo la palabra á los manifestantes.

Los campeones uruguayos

HOMENAJES TRIBUTADOS

Fonte: Acervo do autor, 2024.

Para além do nacionalismo exacerbado das festividades descritas, é notável o pioneirismo desse tipo de ocorrência. Como comentado, na década de 1910, as competições esportivas internacionais ainda eram bastante raras fora do continente europeu. Uruguaios e argentinos, com sua rivalidade longeva, inauguraram na América do Sul a tradição de expressar seu nacionalismo por meio de um time de futebol e colocar as equipes nacionais para disputar troféus em feriados nacionais e datas comemorativas pátrias em geral, atuando como verdadeiros símbolos da nação. Diferentemente dos argentinos, os uruguaios deram o

[77]Cabe comentar que, conforme descrito pelo *El Día*, a delegação brasileira desembarcou junto dos uruguaios em Montevidéu e participou das festividades de recebimento dos campeões, fato que denota a boa relação entre os países.

passo extra de propor a institucionalização do futebol regional, governando um novo e importante espaço de diálogo entre as nações sul-americanas.

Embora, atualmente, seja relativamente comum governos se apropriarem de times esportivos como ferramenta de promoção nacionalista, em meados de 1916, antes do surgimento da Copa do Mundo de futebol e em um período em que os Jogos Olímpicos estavam apenas começando a se consolidar como evento de grandes proporções, essa prática era consideravelmente inovadora, sobretudo fora do continente Europeu. O que ocorria no Prata, e em especial, no Uruguai, pelo sucesso dentro de campo e pelo pioneirismo institucional, era um fenômeno político e social singular em torno do esporte[78].

Para grupos que fomentavam o crescente nacionalismo futebolístico uruguaio, como os governos *batllistas*, o primeiro título sul-americano e a criação da CSF foram o combustível para expectativas de ampliar ainda mais a projeção nacional. Assim, seria necessário, primeiramente, que a seleção uruguaia consolidasse sua hegemonia regional nos próximos anos para, em seguida, buscar meios de demonstrar as capacidades esportivas do país na Europa, continente cujas nações eram tomadas como modelo pelo *batllismo*.

[78] Se compararmos ao caso brasileiro, muito por conta de disputas entre Rio de Janeiro e São Paulo a nível institucional, a seleção brasileira só foi ser apropriada em larga proporção como símbolo de brasilidade a partir do sediamento da Copa de 1950 e dos títulos mundiais a partir de 1958.

Capítulo 3: Três vezes no topo do futebol mundial - a *celeste* como representação da excepcionalidade uruguaia

No capítulo anterior, vimos que os primeiros anos do século XX, especificamente o período 1901-1916, foram um período de profundas transformações para o futebol uruguaio. O país, que iniciou o século com uma liga recém fundada e times ainda frágeis quando comparados aos argentinos, 16 anos depois já tinha uma seleção poderosa, aclamada internamente e prestigiada no contexto regional, ao conquistar o primeiro título de campeão sul-americano, justamente contra a Argentina e em Buenos Aires. Ademais, a partir de 1916 os uruguaios, sob a figura de Héctor Gómez, presidiam a principal instituição internacional de futebol fora da Europa, a Confederação Sul-americana de Futebol (CSF).

Politicamente, o *batllismo* viveu seu ápice reformista em período similar. Sobretudo durante as presidências de José Batlle y Ordóñez (1903-1907 e 1911-1915) e em menor medida durante a presidência de Claudio Williman (1907-1911) – aliado de Batlle, ainda que menos adepto ao reformismo – o Uruguai foi palco de importantes transformações nos âmbitos econômico, político e social. Como explica José Pedro Cabrera Cabral, em *Bases do Reformismo Nacionalista Uruguaio: as Reformas Batllistas no Início do Século XX* (2011), o país vinha de uma crise econômica de grandes proporções ocorrida em 1890, que pôs em xeque o antigo modelo de produção do país, baseado em latifúndios direcionados à agropecuária e em captação de investimento britânico.

A crise gerou forte êxodo rural em direção a Montevidéu e abriu caminho para que a ala menos conservadora do Partido Colorado, capitaneada por Batlle, iniciasse o período reformista, após triunfar sobre os *blancos* na última guerra civil uruguaia, em 1904. Economicamente, Cabral destaca o programa protecionista executado a partir de 1912, em que buscou-se ampliar a indústria nacional na tentativa de diminuir o controle do capital britânico sobre a economia uruguaia. Setores chave da economia foram estatizados, como ferrovias, companhias de seguros, telefonia e bancos, como o *Banco de la República* e o *Banco Hipotecário*. O modelo de desenvolvimento *batllista* envolvia, portanto, a ampliação do escopo de atuação do Estado por meio das estatizações, visando minar a influência externa, sobretudo britânica, nos rumos da economia nacional.

Socialmente, as reformas *batllistas* também se deram em diversas áreas. Destacamos, por exemplo, a fixação da jornada laboral em um máximo de 8 horas diárias, já em 1915. Ademais, a separação entre a Igreja e o Estado foi consolidada, de maneira gradual

e precoce para a região, por meio de diversas leis, dentre as quais podemos citar a abolição do ensino religioso nas escolas públicas, em 1909, e a permissão do divórcio por vontade da mulher sem necessidade de justificativa, em 1913 (Cabral, 2011).

O entendimento desse panorama favorece a compreensão de porque o desempenho da seleção de futebol do Uruguai foi um tema tão relevante para o porta-voz *batllista El Día* ao longo do período reformista. O sucesso da equipe nacional simbolizava, no discurso do jornal, que o país era capaz de afirmar-se e triunfar caminhando com as próprias pernas, sem depender dos ingleses ou de controle externo em geral. Além disso, as vitórias uruguaias forneciam a uma sociedade fragmentada em comunidades de imigrantes recém-chegados momentos de integração e celebração, em se tratando de uma equipe nacional que, em certa medida, refletia a nova demografia do país, ao ser composta por atletas de diversas origens e classes sociais. Os triunfos contra os argentinos em 1910 e 1912, além do título sul-americano de 1916, representavam, no meio simbólico, o sucesso daquele Uruguai cada vez mais pujante e modernizado que o *batllismo* buscava construir através de seu programa nacionalista.

Outrossim, o futebol se apresentava como modalidade de entretenimento compatível ao caráter laico, democrático e moderno que o *batllismo* desejava para a sociedade uruguaia. É justamente nessa noção de sociedade moderna que se encaixa o discurso expresso pelo *El Día* em prol do futebol como novo espaço de confraternização. Tratava-se de uma modalidade de entretenimento alternativa à comunhão social das festas religiosas, capaz de abranger diversas classes sociais e, finalmente, típica de ambientes característicos daquela modernidade, as fábricas e as universidades, espaços onde o futebol, desde sua origem britânica, se desenvolvia em larga escala. Não à toa, foi justamente nesses dois espaços que surgiram, respectivamente, *CURCC* – a partir de 1913 refundado como *Peñarol* – e *Nacional*, os dois clubes de maior apelo popular do país.

Se os primeiros 16 anos do século XX foram um período de importantes conquistas tanto para Batlle e seus simpatizantes quanto para o futebol uruguaio, os anos seguintes seriam marcados por um freio ao reformismo *batllista*. Gerardo Caetano, em sua obra *La República conservadora (1916 - 1929)* (1992) aborda o tema, demonstrando que a partir de 1916, o *batllismo* viu seu impulso reformista ser contido por outros setores da política uruguaia. Ao passo que os anos anteriores garantiram uma estabilidade política sem precedentes no Uruguai – acostumado a frequentes guerras civis –, a cada vez mais estabelecida democracia uruguaia permitiu que grupos contrários às reformas se inserissem aos poucos dentro do sistema político e se organizassem para fazer frente ao *batllismo* sem

precisar recorrer às armas, como era de costume. Esses grupos estavam não apenas no *Partido Nacional*, mas também dentro do cada vez mais fragmentado *Partido Colorado*, e ainda em instituições independentes, como a *Federación Rural*.

O autor explica que o cenário político fragmentado se mostrou na Convenção Nacional Constituinte de 1916, formada para reformar a antiga constituição, vigente desde 1830. As ideias de Batlle para a nova constituição envolviam sufrágio universal masculino, voto secreto e, a que causou maior polêmica, proposta de extinguir o cargo de presidente da nação e substituí-lo por um conselho de nove membros. Esta última provocou ainda novas rupturas dentro do *Partido Colorado*. Foi diante dessa conjuntura que algumas figuras do *batllismo* migraram para outras frações do partido, como o já mencionado Héctor Gómez.

No fim das contas, a constituição aprovada, que entrou em vigor em 1918, conciliava propostas do *batllismo* com interesses da oposição: o cargo de presidente, por exemplo, foi mantido, só que a partir de então ele passaria a governar junto ao conselho administrativo proposto por Batlle, gerando um executivo bicéfalo (Caetano, 1992). A constituição de 1918 refletia o novo cenário da política uruguaia: o país contava com uma forte oposição ao *batllismo* organizada dentro de seu sistema político, e o empresariado nacional, de cunho majoritariamente conservador, era cada vez mais eficaz na contenção ao reformismo.

Se, politicamente, Batlle e seus simpatizantes teriam dificuldade em concretizar novas reformas diante de um poder político dividido, aquilo que havia sido construído até então estabeleceria um legado de longa duração. Como explica Caetano (2023), o começo do século XX marcou a formação de uma nova e longeva identidade nacional no Uruguai, associada à chamada cidadania hiper integradora, uma mentalidade que buscava ofuscar as diferenças culturais, linguísticas e religiosas dos grupos imigrantes que compunham a população do país, em favor de uma identidade nacional homogênea apoiada no Estado forte e centralizador.

Era como se o Estado fosse o responsável por integrar aqueles grupos diversos sob o novo rótulo de cidadãos uruguaios. Para a consolidação dessa mentalidade, foi essencial o que o autor denomina um sistema institucional de símbolos e valores cívicos, construídos durante os governos *batllistas*, que permitiu a essa corrente política estender sua hegemonia simbólica e ideológica para muito além de seu período de maior controle político.

É nesse sentido que propomos continuar a analisar a relação entre o *batllismo* e a seleção uruguaia mesmo após 1916. O time nacional, como argumentamos no capítulo anterior, foi desde sua origem apropriado pelo discurso *batllista* como símbolo da modernidade uruguaia. Entre 1917 e 1930, a *celeste* teria sua melhor fase na história, ao

conquistar cinco vezes o Campeonato Sul-Americano, duas vezes a medalha de ouro olímpica no futebol, em uma época em que ela representava a maior conquista possível para uma seleção a nível mundial e, ainda, a primeira Copa do Mundo, sediada justamente no Uruguai.

Sob esse prisma, neste capítulo, exploramos o discurso imprimido pelo *El Día* de associação das conquistas do time nacional ao *batllismo*, bem como os esforços dessa corrente política para custear as viagens da seleção uruguaia à Europa e sediar o mundial de 1930. Como veremos, diante de um cenário político menos favorável que em anos anteriores, houve forte oposição política às intenções *batllistas* de investir grandes quantias de dinheiro público na logística que envolvia a seleção nacional e seus campeonatos. Apesar dos entraves, acreditamos que a manutenção da estreita relação entre o *batllismo* e a *celeste,* mesmo após o freio ao reformismo econômico e social, configura um caso bastante sintomático da manutenção da hegemonia *batllista* apesar de seu aparente declínio político.

A consolidação da hegemonia regional uruguaia no futebol

Como vimos, o título sul-americano de 1916 ampliou o engajamento do público local com a seleção uruguaia, levando multidões às ruas de Montevidéu para celebrar a conquista. O ambiente favorável se manteve ao longo dos anos seguintes. Na edição do *El Día* de 3 de setembro de 1917, o diário relatou um impressionante público, para os padrões de Montevidéu, de 16 mil pessoas para presenciar a vitória uruguaia na *Copa Newton* daquele ano. Segundo o jornal, diante de um cenário de extrema lotação, os torcedores se amontoavam e faziam uso de caixas e escadas para conseguir enxergar o campo.

Dias mais tarde, em 7 de setembro de 1917, o *El Día* falou sobre a importância de o Uruguai defender o título Sul-Americano conquistado no ano anterior no próximo torneio continental que, em 1917, seria pela primeira vez organizado pela recém fundada CSF e disputado justamente em Montevidéu:

> O *football* alcançou tantos progressos entre nós que estamos em condições de competir com os demais países irmãos, com grandes probabilidades de sucesso—probabilidades que, no entanto, poderão se voltar contra nós caso, como de costume, não façamos as coisas corretamente. O próprio prestígio de que goza a instituição dirigente entre nós, bem-merecido por sinal e que a cada dia se fortalece mais, exige dela uma atenção especial para não frustrar as expectativas dos milhares de aficionados que comparecerão ao evento por ela organizado.
> A *Asociación Uruguaya de Football* não representará apenas os clubes que integram suas fileiras no Campeonato Sudamericano, mas sim todo o nosso povo, em uma disputa esportiva contra as demais nações irmãs. Impõe-se,

> portanto, que, em retribuição ao apoio moral e material que a grande maioria de nossos compatriotas lhe concede, e à confiança que todos depositamos nela, não poupe esforços para fazer com que as cores uruguaias tremulem novamente vitoriosas[79] (*EL DÍA*, 7 de setembro de 1917, p. 5, traduzido).

O recado estava dado: qualquer resultado para além de um bicampeonato no Sul-Americano seria uma frustração não apenas para a seleção, como para o povo uruguaio. O nacionalismo *batllista*, ao mesmo tempo em que apoiava a seleção nacional, colocava sob ela uma grande pressão, ao tratá-la não apenas como um time esportivo, mas também como ferramenta de confirmação do orgulho nacional.

Para o Campeonato Sul-Americano de 1917, foi erguido um estádio sob administração da *Comisión Nacional de Educación Física* (CNEF). Este órgão havia sido fundado por Batlle em 1911 (Morales, 2013) e fazia parte do projeto *batllista* de fomento à cultura atlética para além do futebol. Segundo o autor, a CNEF foi responsável pela transformação de praças públicas em locais de prática esportiva e pela construção de estruturas fechadas que viabilizassem a atividade atlética mesmo nos meses mais frios do ano, nos quais as atividades ao ar livre viam-se prejudicadas.

O estádio da CNEF para a disputa do primeiro Sul-Americano realizado em solo uruguaio fora construído no mesmo parque – à época *Parque Pereira*, atualmente *Parque Batlle* – onde anos mais tarde seria erguido, para a Copa do Mundo de 1930, o icônico Estádio Centenário (Morales, 2013). Apesar de ter sido palco do bicampeonato sul-americano do Uruguai em 1917, o estádio do *Parque Pereira* teve curta vida útil, sendo demolido em 1920. O bicampeonato, conquistado através de vitórias contundentes por 4 a 0 sobre chilenos e brasileiros e, finalmente, um apertado triunfo por 1 a 0 sobre os argentinos, confirmou em Montevidéu o domínio sul-americano que os uruguaios já haviam demonstrado no ano anterior em Buenos Aires.

A vitória final contra os argentinos deu lugar a uma disputa discursiva entre as imprensas portenha e montevideana. O *El Día* trouxe em suas páginas, em 16 de outubro de 1917, comentários feitos pelos jornais argentinos *El Diario*, *La Epoca*, *La Nación* e *La*

---

[79] No original: "El football ha alcanzado tales progresos entre nosotros, que estamos en condiciones de disputar con los demás países hermanos, con muchas probabilidades de éxito, que irán en contra nuestra si como de costumbre no hacemos las cosas en forma. El prestigio mismo de que goza entre nosotros la institución dirigente, bien merecido por cierto, y que cada día tiende à afirmarse más, exígele una suma preocupación á fin de no defraudar las esperanzas de los miles de aficionados que concurrirán al acto que ella organiza.
La Asociación Uruguaya de Football no representará en el Campeonato Sud Americano solo á los clubs que militan en sus filas, ya que intervendrá representando á nuestro pueblo, en lucha deportiva con las demás naciones hermanas. Se impone, pues, que en retribución al apoyo moral y material que le prestan la gran mayoría de nuestros compatriotas, à la confianza que todos depositamos en ella, no omita esfuerzos para lograr que los colores uruguayos flameen nuevamente victoriosos." *El Día*, 7 de setembro de 1917, p. 5.

Razón, no qual os diários buscavam, de forma geral, desviar o foco da derrota argentina atribuindo-a a uma suposta má atuação por parte do árbitro e a uma conduta nada amistosa por parte do público montevideano. Sob este último aspecto, o *La Razón* foi além, e criticou a presença das massas populares nos campos de futebol no Uruguai:

> Com o objetivo de informar aos nossos leitores sobre os comentários feitos pela imprensa argentina sobre a partida em que se definiu o Campeonato Sul-Americano, pedimos ontem ao nosso correspondente na capital vizinha que nos enviasse as informações por telégrafo, podendo assim hoje dar a primícia aos nossos leitores:
> [...] Diz "La Razón": - [...] Os jogadores argentinos no campeonato de ontem não só foram vencidos, mas também insultados pelo imenso e inculto público que assistia ao torneio. Essa conduta é típica de quem forma a massa esportiva do Uruguai. É fama que os jogadores mais eficazes e exaltados amadores que o futebol tem na margem vizinha não são de classes sociais muito cultas, e é lógico que o produto espontâneo neles responda ao seu engendro[80] (*EL DÍA*, 16 de outubro de 1917, p. 5, traduzido).

Recordemos que se trata de um período em que o futebol ainda era consideravelmente associado à sua origem aristocrática, de maneira que alguns setores advogavam por sua manutenção como prática exclusiva das elites. Dessa forma, é notável a observação, por parte de um veículo de imprensa portenho, do caráter singularmente popularizado que o futebol possuía à outra margem do Prata, e ainda mais significativo é o tratamento desse aspecto como algo negativo, denotando que o futebol uruguaio era representado por jogadores e público incultos. O jornal portenho ainda afirmou que não teria sentido que se prosseguisse com a organização de torneios sul-americanos, cujo ideal era promover a irmandade entre as nações, se o que se via na prática era uma conduta grosseira por parte de massas populares.

O *El Día* não perdeu a chance de rebater a imprensa argentina no dia seguinte, 17 de outubro de 1917. Primeiramente, argumentou-se contra a acusação de que o árbitro da partida entre Uruguai e Argentina teria sido parcial. Além disso, o diário condenou os comentários de que a massa esportiva uruguaia seria inculta e desprovida de uma cultura esportiva nobre, apontando que a imprensa portenha não aplicou o mesmo juízo de valor sobre o público argentino durante os diversos episódios de violência ocorridos em estádios de Buenos Aires nas partidas internacionais de anos anteriores, como no Campeonato Sul-Americano de 1916.

---

[80] No original: “Con el objeto de informar á nuestros lectores sobre los comentarios que hace la prensa argentina del match en que se definió el Campeonato Sud Americano, pedimos ayer á nuestro corresponsal en la vecina capital que nos los enviara telegráficamente, pudiendo pues hoy dar la primicia á nuestros lectores:
[...] Dice "La Razón": [...] Los jugadores argentinos en el campeonato de ayer no solo fueron vencidos, sino que insultados por el enorme cuanto inculto público que asistía al torneo. Esa conducta es lógica de quienes forman la masa deportiva del Uruguay. Es fama que los jugadores más eficaces y exaltados amateurs, que el football tiene en la vecina orilla, no son de clases sociales muy cultas y lógico es que el producto espontáneo en ellos responda á su engendro.” *El Día*, 16 de outubro de 1917, p. 5.

O jornal *batllista* finalizou sua argumentação com uma declaração contundente, evidenciando, de fato, que o discurso ameno que antes era empregado pelo *El Día* para com os argentinos, enaltecendo os jogadores e público do país vizinho, já não era o mesmo:

> A vitória da equipe uruguaia, se há algo que seja imerecido, é o fato de não ter sido mais ampla, mais significativa de sua superioridade de forças, evidenciadas na disputa do campeonato.
> Vencemos revelando possuir méritos mais do que suficientes para isso.
> Nosso campo não foi vencido uma única vez. Os uruguaios dominaram em todos os encontros [...] [81] (*EL DÍA*, 17 de outubro de 1917, p. 5, traduzido).

A troca de farpas entre uruguaios e argentinos continuou nas páginas do *El Día* nos dias seguintes. O diário rebateu, em 18 de outubro de 1917, uma resolução do órgão máximo do futebol argentino à época, a *Asociación Argentina de Football* (AAF), no qual a entidade solicitava a presença de um árbitro indicado pela *Football Association* inglesa para os próximos Campeonatos Sul-americanos. Segundo o jornal *batllista*, a AAF fizera tudo que pôde desde o início do torneio para boicotá-lo, temendo uma derrota argentina. A partir do momento em que, de fato, a derrota argentina se consumou, a AAF e a imprensa argentina tentavam deslegitimar ou tirar o peso do título uruguaio, na opinião do *El Día*.

Apesar das polêmicas, o Uruguai havia conseguido defender seu título sul-americano, e o manteria por mais um ano, já que em 1918, a pandemia de gripe espanhola impediu a realização do Campeonato Sul-americano (Morales, 2013). Em 1919, o torneio voltaria a ser disputado na mesma sede que estava prevista para a edição cancelada no ano anterior, o Rio de Janeiro. Assim como o Uruguai havia feito em 1917, o Brasil também ergueu um estádio para sediar o Campeonato Sul-Americano de 1919, o Estádio das Laranjeiras, do Fluminense.

Esse torneio foi o primeiro a terminar sem um título sul-americano uruguaio. A *celeste* foi derrotada pelo Brasil, que fez valer o mando de campo e venceu os uruguaios por 1 a 0 na prorrogação de um jogo desempate, já que os dois países haviam empatado em pontos na liderança da tabela de classificação. Tratava-se do primeiro título oficial da seleção brasileira.

Curiosamente, após a estreia uruguaia no campeonato, em que o país triunfou por 3 a 2 sobre os argentinos, o *El Día* já falava em orgulho do time nacional independentemente de se o tricampeonato sul-americano fosse ou não conquistado ao final do torneio. Mais do que

---

[81] No original: “El triunfo del equipo uruguayo si algo de inmerecido tiene, es el de no haber sido más amplio, más significativo de su superioridad de fuerzas, evidenciadas en la disputa del campeonato.
Triunfamos revelando poseer sobrados méritos para ello.
Nuestro campo no fué vencido una sola vez. Los uruguayos dominaron en todos los encuentros [...]” *El Día*, 17 de outubro de 1917, p. 5.

isso, o jornal *batllista* convocava a população montevideana a nova manifestação nacionalista, com o objetivo de recepcionar os jogadores uruguaios em Montevidéu quando os atletas regressassem do Rio de Janeiro ao final do Campeonato Sul-Americano que se disputava:

> Iniciativa do EL DÍA – Os *sportsmen* uruguaios que, no Rio de Janeiro, defendem as cores pátrias na contenda esportiva de maior importância no continente sul-americano são merecedores de uma recepção popular em seu retorno, expressando a satisfação do nosso público diante da certeza de que nosso país foi representado por um digno expoente de nossas forças desportivas.
> O sucesso em matéria de cultura física não está na vitória. O êxito reside na performance honrosa realizada, demonstrando que um país deu seu máximo esforço para se destacar nesta luta de campeões. Por isso, não esperamos, para lançar essa ideia a que, como desejamos, nossos representantes ostentem mais uma vez o glorioso título de campeões da América, caso a sorte continue a lhes ser favorável. Campeões ou não, o povo montevideano deve recepcionar nossos jogadores, reunindo-se em massa em sua chegada.
> EL DÍA lança essa proposta com a certeza de que será bem recebida[82] (*EL DÍA*, 14 de maio de 1919, p. 6, traduzido).

O trecho em questão foi publicado em uma página que ostentava em seu centro uma enorme arte com retratos de cada um dos atletas que havia disputado a estreia uruguaia no Sul-Americano de 1919. A proposta do jornal *batllista* de organizar uma festa de recepção aos atletas uruguaios era um incentivo à continuidade de um ritual iniciado no primeiro título sul-americano uruguaio, em 1916, quando o *El Día* havia relatado multidões na capital uruguaia para celebrar com os jogadores que regressavam de Buenos Aires após a conquista. As manifestações populares de recepção da seleção nacional após campeonatos, sobretudo quando o país se sagrava campeão, se tornaram um ritual frequente para o Uruguai das primeiras décadas do século XX, configurando alguns dos mais massivos acontecimentos sociais no país à época.

As multidões portando bandeiras uruguaias e entoando canções nacionalistas, conforme descrito pelo *El Día* em 1916, eram clara representação daquele novo modelo de

---

[82] No original: "Iniciativa de EL DÍA - Los sportsmen uruguayos que en Río de Janeiro defienden los colores patrios en la contienda sportiva de más alta importancia en el Continente Sud-Americano son acreedores á que se les reciba á su retorno con una demostración popular que exprese la satisfacción que nuestro público experimenta ante la certidumbre de que nuestro país ha sido defendido por un digno exponente de nuestras fuerzas deportivas.
El éxito en materia de cultura física no está en la victoria. El éxito reside en la performance honorable que se lleve á cabo y que demuestre que un país ha realizado el máximum de esfuerzo para descollar en esta lucha de campeones. Por eso no aguardamos, para lanzar la idea, á que, como lo deseamos, nuestros representantes ostenten una vez más el glorioso título de campeones de América si la suerte continua siendoles propicia. Campeones, ó no, el pueblo montevideano debe recibir á nuestros jugadores congregándose en masa á su llegada.
EL DÍA lanza la idea en la seguridad de que será bien acogida." *El Día*, 14 de maio de 1919, p. 6.

nacionalismo que emergia no Uruguai, como abordamos no início do capítulo – um nacionalismo laico, moderno e estruturado em torno de um sistema de símbolos cívicos – do qual o *batllismo* era grande fomentador[83]. Por isso, é bastante lógico que o *El Día* incentivasse que se convertessem em hábito os deslocamentos de massas ao porto e às principais ruas de Montevidéu, para receber e celebrar a seleção nacional.

A derrota que dias mais tarde se consumou diante da seleção brasileira não foi tomada como fracasso pelo discurso do *El Día*. Em primeiro lugar, porque a *celeste* vinha de dois títulos consecutivos e só foi perder o terceiro diante de uma vantagem mínima imposta pelo Brasil após mais de 120 minutos disputados do jogo de desempate[84]. Em segundo lugar, vale lembrar que a relação entre Uruguai e Brasil não nutria a mesma rivalidade que a relação entre os vizinhos rioplatenses. Nesse sentido, é interessante observar o seguinte trecho da matéria do *El Día* sobre a final de 1919, e notar como o discurso ameno do jornal *batllista* na ocasião contrasta em larga medida com as polêmicas que se deram após a partida final de 1917 entre uruguaios e argentinos, em que as páginas do diário estiveram por dias recheadas de polêmicas e discussões entre veículos de imprensa dos dois países. Vejamos, portanto, um trecho da matéria do *El Día* sobre o título brasileiro de 1919:

> Realizou-se ontem, no *ground* do Fluminense, a última jornada do Campeonato Sul-Americano de 1919, na qual seria definido o campeão da América do Sul. Pela primeira vez, a equipe brasileira conquistou as palmas que já haviam laureado duas vezes a fronte dos nossos, e o fez em uma luta viril, que exigiu deles toda a vontade, toda a arte, todas as energias e, também, o toque fugaz da sorte.
> Glória a eles! E glória também aos valentes vencidos de ontem, que defenderam seu título de campeões em uma das disputas mais renhidas dos anais do *football* sul-americano, deixando evidente que, ao ostentá-lo por dois anos, haviam sido merecedores.[85] (*EL DÍA*, 30 de maio de 1919, p. 6, traduzido)

---

[83] O novo imaginário nacionalista uruguaio é observado até no gentílico empregado pelo *El Día*: a partir de meados da década de 1910, observamos, nos trechos do jornal transcritos no presente trabalho, que o termo *uruguayo* e suas variações passa a ser cada vez mais utilizado em detrimento do termo *oriental*.

[84] Outro fator que possivelmente prejudicou o ambiente da seleção uruguaia no torneio foi o emocional, em virtude do caso do goleiro Roberto Chery. Como conta Ricardo Lombardo, em *Donde se cuentan proezas: Fútbol Uruguayo (1920-1930)* (1993), o jogador sofreu com o agravamento de uma hérnia durante a partida contra o Chile, válida pela segunda rodada do campeonato. Chery precisou ser hospitalizado e permaneceu o resto da competição internado no Rio de Janeiro, falecendo um dia após a final, em 30 de maio de 1919.

[85] No original: "Se efectuó ayer, en el ground del Fluminense, la última jornada del Campeonato Sud-americano de 1919, en la que debía clasificarse al team campeón de Sud América. Por primera vez, el equipo brasilero ha conquistado las palmas que ya han laureado dos veces la frente de los nuestros, y las han conquistado en viril lucha que ha exigido en ellos toda la voluntad, todo el arte, todas las energías y, también, la fugaz caricia de la suerte.
¡Gloria á ellos! y gloria también á sus valientes vencidos de ayer que sostuvieron su título de campeones en una de las más reñidas luchas que registran los anales de football de Sud América, poniendo en evidencia que, al ostentarlo durante dos años, lo habían merecido." *El Día*, 30 de maio de 1919, p. 6.

De fato, a perda do título de 1919 por parte do Uruguai não indicou uma queda no bom momento de sua seleção, que confirmou seu tricampeonato no ano seguinte, no Chile. O título de 1920, conquistado após uma vitória na última rodada sobre os donos da casa, que não tinham mais chances matemáticas de postular-se ao título, resultou em nova manifestação popular em Montevidéu em torno do sucesso da seleção, confirmando o caráter de tradição que esse tipo de evento vinha adquirindo no país ano após ano:

> Todos esses antecedentes, somados ao fato de que jogariam em casa [os chilenos], com um público entusiasta que não deixaria de incentivá-los por um momento, ao jogo brusco que costumam exibir e ao desejo de vencer os "mestres da América", como nossos campeões são chamados no Chile, anunciavam um match extremamente disputado, no qual, com certeza, prevaleceria a ciência [de jogo].
> [...] Ganharam para o *football* de seu país o mais alto título, a consagração mais honrosa: o título de Campeões da América!
> [...] Quando se conheceu em Montevidéu a vitória uruguaia, na *Plaza Independencia* organizou-se uma manifestação. À vanguarda iam alguns dirigentes do *Peñarol*, com uma grande bandeira do clube decano. Uma banda de música executava melodias populares, que os manifestantes acompanhavam em coro. A coluna seguiu pela *18 de Julio* e, em frente à sede do *Club Nacional*, prorrompeu em vivas aos triunfadores. De lá, surgiram duas bandeiras dos *albos* [apelido do *Nacional*], e a marcha prosseguiu até a sede do *Peñarol*. O avanço dos manifestantes era aplaudido das sacadas.[86] (*EL DÍA*, 27 de setembro de 1920, p.5, traduzido)

É interessante o prestígio regional relatado pelo jornal, ao afirmar que os jogadores uruguaios eram conhecidos como “mestres da América” pelo público chileno. Além disso, destacamos novamente os festejos populares, partindo da principal praça de Montevidéu e percorrendo a avenida mais icônica da capital uruguaia, com o acréscimo, nessa ocasião, de passar pelas sedes dos dois clubes mais populares do país[87] e carregar bandeiras de ambas as instituições, que celebraram conjuntamente o sucesso da *celeste* – apesar de suas constantes disputas institucionais, que com relativa frequência envolviam a seleção.

---

[86] No original: “Todos estos antecedentes, aunados á que bregarían en terreno propio, con un público entusiasta que no dejaría un momento de alentarles, el juego brusco de que hacen gala y luego el deseo de vencer á los "maestros de América", que le llaman en Chile a nuestros campeones, anunciaban un match sumamente reñido, en el cual se impondría, de seguro, la ciencia.
[...] Ganaban para el fútbol de su país, el más alto título, la consagración más honrosa: el título de Campeones de América!
[...] Cuando se conoció en Montevideo la victoria uruguaya, en la Plaza Independencia se organizó una manifestación. Iban á su vanguardia algunos dirigentes de Peñarol, con una gran bandera del club decano. Una banda de música ejecutaba aires populares, que los manifestantes coreaban. La columna tomó por 18 de Julio y frente á la sede del Club Nacional, prorrumpió en vivas á los triunfadores. De allí surgieron dos banderas de los albos y se prosiguió la marcha hasta la sede de Peñarol. El paso de los manifestantes se aplaudía desde los balcones.” *El Día*, 27 de setembro de 1920, p.5.

[87] Convém comentar que o *Albion*, clube de suma importância para o desenvolvimento inicial do futebol uruguaio e para o surgimento da seleção do país, já havia entrado em forte decadência e não disputava a primeira divisão do país desde 1905, sendo visto, já em 1908, como uma lenda passada do futebol nacional (Luzuriaga, 2019).

O tricampeonato sul-americano, conquistado em Viña del Mar, confirmava o amplo domínio uruguaio do futebol na região. Para o *El Día*, no entanto, tratava-se de uma realização que ia muito além do esporte, como pode ser observado no trecho a seguir, em meio a uma matéria na qual o jornal convocava o público para nova manifestação de recepção aos campeões sul-americanos de 1920, que recém haviam retornado a Montevidéu:

> Sejam bem-vindos aqueles que, diante de forças de méritos iguais, souberam sair vitoriosos com as cores clássicas, dando prova acabada de sua potencialidade e cultura esportiva, e demonstrando, uma vez mais, que o cavalheirismo do qual nos orgulhamos é patrimônio dos orientais!
> [...] Retornam após um mês de ausência para participar do nobre esporte nos clubes, com a consciência do dever cumprido, com a intensa satisfação de que demonstraram, em terra estrangeira - apesar de constituírem a delegação do povo mais pequeno da América, territorialmente considerado - pertencer a um povo de grandes esforços e de aspirações imensas.[88] (*EL DÍA*, 3 de outubro de 1920, p.5, traduzido)

Esse trecho confirma o discurso que há quase duas décadas era expresso nas páginas do *El Día*. Como analisado no capítulo 2, desde os primórdios da seleção uruguaia, período em que os resultados ainda eram majoritariamente negativos, o jornal *batllista* já tentava fazer uso do futebol e da equipe nacional como ferramenta para convencer a população uruguaia de que o país era capaz de aspirações desproporcionalmente maiores que seu território e população. Quase duas décadas após a estreia da seleção, o Uruguai se tornava quase que incontestavelmente a principal potência regional no futebol, conquistando títulos diante de sua população, em 1917, e também diante de públicos estrangeiros, na Argentina e no Chile, em 1916 e 1920, respectivamente. O país, que entrava na década de 1920 profundamente marcado pelo reformismo *batllista* de anos anteriores, vivia, em seu esporte de maior apelo popular, um momento vitorioso sem precedentes.

Ao longo dos anos seguintes, houve maior equilíbrio de conquistas no torneio continental, com a Argentina conquistando-o pela primeira vez em 1921, o Brasil tornando-se bicampeão em 1922 e o Uruguai vencendo o Campeonato Sul-Americano pela quarta e quinta vez em 1923 e 1924, respectivamente. Em todas essas edições, o campeão foi o país que sediou o torneio. De todo modo, assim como, após a criação do Campeonato Sul-Americano, os torneios rioplatenses – principalmente as copas *Lipton* e *Newton* –

---

[88] No original: "Bienvenidos sean los que, frente a fuerzas de iguales méritos, supieron sacar triunfantes los clásicos colores, dando prueba acabada de su potencialidad y cultura deportiva y demostrando, una vez más por todas, que la caballerosidad de que hacemos gala es patrimonio de los orientales!
[...] Vuelven después de un mes de ausencia a participar del noble deporte en los clubs, de sus afecciones, con la conciencia del deber cumplido, con la satisfacción intensa de que han demostrado en tierra extraña - apesar de constituir la delegación del pueblo más pequeño de América, territorialmente considerado - pertenecer a un pueblo de grandes esfuerzos y de aspiraciones inmensas." *El Día*, 3 de outubro de 1920, p.5.

deixaram de ter a mesma relevância de outrora, na década de 1920 o já premiado regionalmente futebol uruguaio voltou suas atenções para além do nível regional.

Isso porque, a partir do incentivo de setores da política e direção esportiva uruguaia, a seleção nacional engajou-se no ousado, dados os altos custos logísticos e de transporte, projeto de cruzar o Atlântico e disputar partidas na Europa, sobretudo na intenção de participar dos Jogos Olímpicos. Tratava-se de um objetivo antigo para os grupos fomentadores da cultura esportiva no Uruguai: como vimos no capítulo 2, já em 1907 o *El Día* havia manifestado a intenção de o país disputar as Olimpíadas. Ademais, o principal torneio de seleções de futebol existente à época era o torneio olímpico, visto que a Copa do Mundo ainda não havia sido criada.

Com o bom momento da seleção nacional, não haveria momento melhor para a consumação do antigo objetivo de inserir o país nos Jogos Olímpicos. Ademais, participar do evento representaria um salto na capacidade de projeção do país através do esporte, que só foi possível após longas disputas institucionais e políticas, cuja resolução viabilizou-se devido à intervenção de alguns dos principais nomes do *batllismo* à época.

Um projeto ousado e *batllista*: a excursão europeia de 1924 e o primeiro ouro olímpico uruguaio

Os primeiros anos da década de 1920 foram um período conturbado para o futebol uruguaio a nível institucional. Se, dentro de campo, o país se mantinha como a principal potência do futebol sul-americano, ao figurar no topo da lista de campeões continentais, fora das quatro linhas, o ambiente era bem menos favorável. Para entender o que se passava, convém observar o ano de 1922, tomando como ponto de partida o Campeonato Sul-americano daquele ano, realizado no Rio de Janeiro no contexto das celebrações do centenário da independência brasileira (Sarmento, 2006), e vencido justamente pelo Brasil.

Ricardo Lombardo, em *Donde se cuentan proezas: Fútbol Uruguayo (1920-1930)* (1993), conta que o torneio foi palco de um abandono por parte da seleção uruguaia, em protesto contra a arbitragem. A *celeste*, que havia empatado em pontos no topo da tabela com brasileiros e paraguaios, desistiu de disputar as partidas de desempate e regressou a Montevidéu, onde, como de costume, foi recebida calorosamente por uma multidão:

> Já estão em solo uruguaio os brilhantes representantes do *football* nacional no Campeonato Sul-Americano do Rio de Janeiro. [...]

> Todos chegaram com a satisfação de haver cumprido amplamente a missão patriótica que desempenharam e cujo sucesso definitivo foi impedido apenas pelo caprichoso afã de um árbitro sem consciência [...]
> Já eram quase 9 horas quando os *sportsmen* homenageados desembarcaram. Uma ovação formidável explodiu de imediato, e os nomes dos campeões, aclamados, abriram caminho em meio a um ensurdecedor e entusiástico clamor.
> [...] A coluna popular pôs-se em marcha, disposta a seguir o trajeto determinado pela comissão organizadora da recepção.
> [...] A coluna era engrossada por novos contingentes a cada esquina, chegando a ocupar várias quadras quando a sua dianteira já alcançava o ponto final.[89] (*EL DÍA*, 21 de outubro de 1922, p. 8, traduzido)

Apesar da manutenção do tradicional ritual de recepção da equipe nacional, a direção do futebol uruguaio vivia um momento conturbado. Em dado momento da matéria correspondente ao último trecho citado, o jornal explica que tremulavam, na manifestação, bandeiras dos principais clubes do país no período, como o *Nacional*, o *Wanderers* e o *Liverpool*, entre outros. Curiosamente, não é citado o *Peñarol*: trata-se de um detalhe mínimo, mas que fornece pistas para a compreensão da crise institucional que atravessava o futebol uruguaio no período. Ocorre que os atletas do clube aurinegro não haviam sido colocados à disposição da *celeste* no torneio continental de 1922, em função de um imbróglio que envolvia tanto a gestão do futebol uruguaio como a do futebol argentino. Compreender essa questão é importante para o entendimento do contexto político vigente no momento em que o Uruguai vislumbrava participar dos Jogos Olímpicos de 1924.

A crise teve início na Argentina, quando, em 1919, um cisma dividiu a direção do futebol no país em duas instituições[90], a preexistente *Asociación Argentina de Football*, com clubes como o *Boca Juniors* e *Huracán*, e a dissidente recém-fundada *Asociación Amateurs de Football* (AFA, 2025), composta por clubes como *River Plate*, *Racing* e *San Lorenzo*. Como a associação dissidente não estava filiada à Confederação Sul-americana de Futebol (CSF), a Associação Uruguaia de Futebol (AUF) não reconheceu sua legitimidade e decidiu

---

[89] No original: "Ya están en tierra uruguaya los brillantes representantes del football nacional al Campeonato Sudamericano de Río Janeiro.
[...] Todos llegaron con la satisfacción de haber cumplido ampliamente con la misión patriótica que desempeñaron y a cuyo éxito definitivo sólo se interpuso el caprichoso afán de un árbitro sin conciencia [...]
Cerca de la hora 9 era ya cuando bajaron a tierra los sportsmen homenajeados. Una ovación formidable estalló al punto y los nombres de los campeones victoreados se abrieron camino en medio de un ensordecedor y entusiasta griterío.
[...] la columna popular se puso en marcha, dispuesta a realizar el recorrido señalado por la comisión organizadora de la recepción
[...] La columna era engrosada por nuevos contingentes en cada esquina, llegando a cubrir varias cuadras cuando ya la cabeza se encontraba en el punto terminal." *El Día*, 21 de outubro de 1922, p. 8.

[90] Não era a primeira vez que o futebol argentino sofria com um cisma institucional, visto que entre 1912 e 1914 a direção desse esporte no país esteve nas mãos da *Asociación Argentina de Football* e da dissidente *Federación Argentina de Football*, que se fundiram ao final do cisma (Associação do Futebol Argentino - AFA, 2025).

proibir os times uruguaios de disputarem partidas internacionais com os times da *Asociación Amateurs de Football*. A decisão enfureceu clubes como o *Peñarol*, que nutria boas relações com times da nova associação do país vizinho, e resultou no clube aurinegro se recusando a enviar seus jogadores à seleção uruguaia para o Campeonato Sul-americano de 1922, sob a justificativa de que, sendo o selecionado argentino representado exclusivamente por atletas da *Asociación Argentina de Football*, ele não seria um representante legítimo do futebol argentino, o que deslegitimaria o torneio como um todo (Morales, 2013).

Meses após o campeonato continental, as tensões no Uruguai associadas ao cisma do futebol argentino persistiram, até o ponto em que o futebol uruguaio vivenciou seu próprio cisma: os clubes *Peñarol* e *Central* foram desafiliados da AUF e fundaram, em 1922, a *Federación Uruguaya de Football* (FUF), que organizou campeonatos paralelos aos da AUF até a reunificação, em 1925. Foi justamente durante esses anos de futebol uruguaio fragmentado que o país se organizou para participar do, até então, mais importante campeonato de futebol já disputado pela *celeste*, o torneio olímpico de 1924.

É interessante observar alguns fatores da dinâmica de poder das duas instituições gestoras do futebol uruguaio durante o cisma. Morales (2013) explica que a AUF era apoiada diretamente por José Batlle y Ordóñez, sendo presidida em 1924, ano da conquista olímpica, por Atilio Narancio, um dos sócios fundadores do Club Nacional de Football, *batllista* e aliado importantíssimo do ex-presidente fundador desta corrente política. Já presidente da FUF, Julio María Sosa, também pertencia à fração *batllista* do Partido Colorado, todavia, se envolvia em constantes embates com José Batlle e tentava disputar com este a liderança do *batllismo*. Apesar disso, a AUF manteve-se como a instituição mais poderosa durante todo o período de cisma. Assim sendo, o time que representou o Uruguai nas Olimpíadas de 1924, em meio ao cenário de disputa institucional, foi montado pela AUF, de direção *batllista*, e possuía marcada predominância de atletas do *Nacional*, em detrimento de não ser representada por nenhum atleta do *Peñarol*.

Podemos traçar como um dos marcos iniciais da participação uruguaia nas Olimpíadas, a filiação da AUF à Federação Internacional de Futebol (FIFA). Lombardo (1993) aponta que o aceite inicial da FIFA para a filiação uruguaia deu-se em maio de 1923, através de intervenção do embaixador uruguaio em Bruxelas e delegado do país na Liga das Nações, Enrique Buero. A partir daí, estava aberto o caminho para o Uruguai procurar meios de viabilizar sua participação no torneio olímpico da modalidade, projetando o futebol nacional para além do continente americano. A importância de filiar-se à FIFA dava-se sobretudo pelo fato de que apesar de as Olimpíadas serem de organização do Comitê

Olímpico Internacional (COI), a partir dos Jogos de 1924 e até a edição seguinte, em 1928, o futebol olímpico era gerido com ampla autonomia pela FIFA.

É isso que explica o historiador Pierre Arrighi, em *Gramática de los viejos reglamentos deportivos* (2014). Segundo o autor, a partir da presidência de Jules Rimet, iniciada em 1921, a FIFA aumentou em larga escala sua capacidade de influência, ao passo que Rimet adotou como estratégia o desenvolvimento do futebol como negócio, fomentando e facilitando a organização de partidas internacionais no Velho Continente e transformando-as em espetáculos lucrativos.

Com essa iniciativa, o autor pontua que a popularidade do futebol cresceu consideravelmente na Europa. Assim, o poder político da FIFA ampliou-se a ponto de rivalizar com o do COI, o que resultou na FIFA, em 1924, conseguir organizar pela primeira vez um torneio olímpico da modalidade com regulamento próprio e separado das normativas e da tutela do COI[91]. Desse modo, os torneios olímpicos de futebol de 1924 e 1928 consistiram quase que em eventos à parte do resto das Olimpíadas, corroborando para a cisão entre FIFA e COI ocorrida justamente após os Jogos de 1928.

Sob esse panorama, filiar-se à FIFA era passo fundamental para o Uruguai, que já havia sido pioneiro do futebol sul-americano através da criação da CSF, integrar-se ao cada vez mais pujante internacionalismo esportivo sediado na Europa. O clima de preparação para enviar a seleção uruguaia ao Velho Continente passou a tomar conta tanto da AUF como da redação do *El Día*. No dia 3 de dezembro de 1923, na mesma matéria em que o jornal *batllista* comemorava o tetracampeonato sul-americano, conquistado no dia anterior, um dos subtítulos já antecipava os próximos passos da seleção, afirmando categoricamente "Nossos campeões irão à Europa[92]":

> Depois do magnífico triunfo alcançado ontem por nossos representantes contra um rival de tão altíssimos méritos como é, sem dúvida, o *team* argentino, tivemos a oportunidade de falar com o doutor Narancio, que preside a entidade esportiva tão justamente enaltecida pelo sucesso.
> [...] Em meio à grande multidão, cujo entusiasmo se traduzia em constantes ou inumeráveis aclamações, o doutor Narancio, orgulhoso pelo triunfo que o resultado do certame representa para a entidade que preside, nos manifestou que era propósito de seus companheiros de comissão, caso o sucesso

[91] Segundo Arrighi (2014), a principal diferença regulamentária entre as duas instituições era que a FIFA, apesar de não permitir explicitamente a presença de atletas profissionais nos torneios de futebol olímpico, adotava uma definição de amadorismo muito mais aberta e portanto, permissiva que o COI, o que acabava viabilizando a presença de jogadores de futebol que recebiam algum tipo de recompensa ou remuneração velada por seus serviços. A FIFA era mais tolerante e até fomentadora do profissionalismo, de modo que as divergências de filosofia entre ela e o COI chegaram a um ponto insustentável após os Jogos Olímpicos de 1928, resultando na cisão entre as duas instituições.

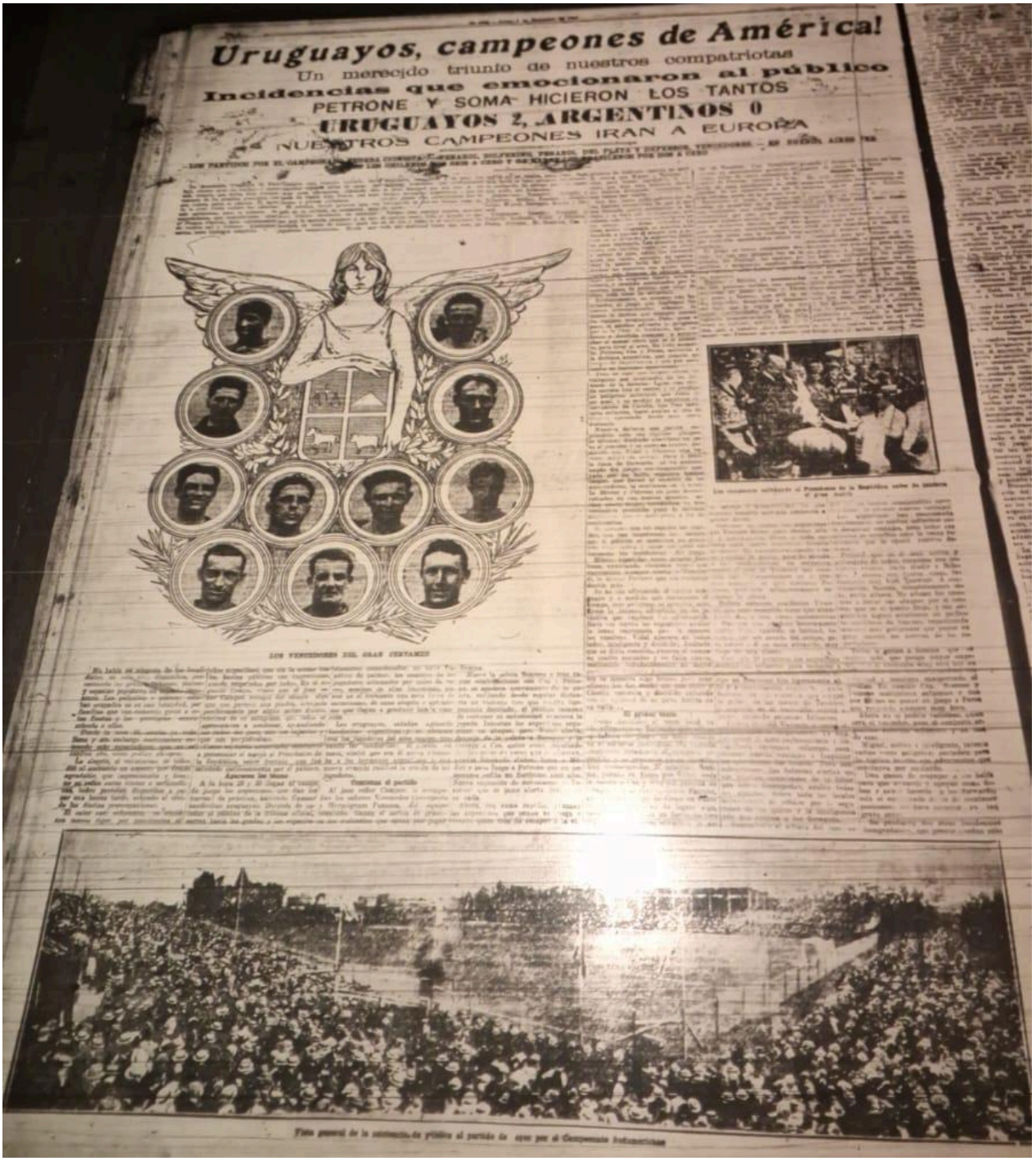
[92] No original: "Nuestros campeones irán a Europa" *El Día*, 3 de dezembro de 1923, p.6.

> correspondesse ao nosso time na tarde de ontem, realizar com ele uma excursão pelos países da Europa. Assim, pois, é possível afirmar que muito em breve nossos representantes serão aplaudidos nos campos do velho mundo, demonstrando, como o fizeram amplamente aqui, as briosas qualidades da raça[93] (*EL DÍA*, 3 de dezembro de 1923, p.7, traduzido).

Esse trecho fazia parte de uma reportagem de mais de uma página que descrevia todos os acontecimentos relativos ao título sul-americano conquistado novamente naquele ano pelo Uruguai. No centro da matéria, havia uma arte composta por uma gravura de uma mulher alada, representando a deusa grega da vitória, Nice, segurando o brasão de armas do Uruguai. A figura era rodeada por retratos de cada um dos jogadores uruguaios, de modo que a simbologia criada em torno da *celeste* não elevava seus atletas a um patamar de heróis nacionais. Ao longo dos próximos campeonatos disputados pela seleção uruguaia, esse tipo de representação visual se tornou frequente nas páginas do *El Día*.

[93] No original: "Después del magnífico triunfo logrado ayer por nuestros representantes frente a un rival de tan altísimos méritos como lo es, sin duda, el team argentino, tuvimos oportunidad de hablar con el doctor Narancio, que preside la entidad deportiva tan justamente halagada por el éxito.
[...] En medio de la gran muchedumbre cuyo entusiasmo traducíase en constantes o innúmeros víctores, el doctor Narancio, orgulloso por el triunfo que significa para la entidad que preside, el resultado del certamen, nos manifestó que era el propósito de sus compañeros de comisión, si el éxito correspondía a nuestro team en la tarde de ayer, realizar con él una jira por los países de Europa. De modo, pues, que es dable afirmar que muy pronto nuestros representantes se harán aplaudir en los fields del viejo mundo demostrando, como lo han hecho ampliamente aquí, las vizarras condiciones de la raza." *El Día*, 3 de dezembro de 1923, p.7.

Figura 10: Matéria sobre a conquista sul-americana de 1923. Além da arte disposta em comemoração ao título, encontra-se, na parte inferior da imagem, uma fotografia do estádio *Gran Parque Central* na última partida do torneio, entre uruguaios e argentinos.



Fonte: Acervo do autor, 2024.

Em relação ao conteúdo do último trecho transcrito, há pontos interessantes de se analisar. Primeiramente, vale comentar o destaque atribuído à AUF em meio ao cenário de cisma, com o jornal enaltecendo-a como a entidade responsável pelo sucesso do futebol

nacional. Em segundo lugar, pontuamos o protagonismo que já era atribuído à figura de Atilio Narancio: o dirigente *batllista* teve papel central na viabilização da excursão europeia que culminou na medalha de ouro olímpica conquistada pelos uruguaios, o que rendeu-lhe no país a designação "pai da vitória", ou *padre de la victoria*, em espanhol.

Narancio, além de presidente da AUF, participava da comissão de seleção do time nacional, realizando viagens por todo o Uruguai para prospectar jogadores (Lombardo, 1993). Sem poder contar com atletas dos times filiados à FUF, era necessário um trabalho minucioso para montar o melhor time possível para viajar à Europa. Tal como havia sido Héctor Gómez no início dos anos 1910, Narancio era nos anos 20 mais uma figura central do *batllismo* envolvida diretamente na montagem de uma seleção uruguaia que marcou época.

O passo seguinte foi buscar apoio da *Comisión Nacional de Educación Física* (CNEF). Seu diretor, Casto Martínez Laguarda, foi enviado à Europa para averiguar as condições para organizar a excursão da seleção uruguaia, que disputaria diversas partidas no continente antes de realizar sua participação nos Jogos Olímpicos. Com o aval de Laguarda atestando a viabilidade do projeto, abriu-se uma corrida para angariar verba para a viagem e hospedagem da delegação uruguaia, já que a AUF não possuía caixa suficiente para custear sozinha toda a logística envolvida (Lombardo, 1993).

Tratava-se de uma missão complexa, ao passo que havia uma série de disputas institucionais envolvendo a excursão uruguaia e a participação do país nos Jogos Olímpicos. Morales (2013) detalha o imbróglio político relativo a esse contexto, que basicamente envolvia, de um lado, os *batllistas* mais diretamente associados à Batlle, como Narancio, e de outro, os aliados de Julio María Sosa, presidente da dissidente FUF e figura que, apesar de ainda fazer parte dos círculos *batllistas*, estava cada vez mais próximo de separar-se em definitivo dos mesmos e fundar sua própria fração do Partido Colorado.

É importante retomar que o Uruguai estava em um momento, após a Constituição de 1918, de executivo bicéfalo, em que o presidente do país regia o poder executivo em paralelo com o *Consejo Nacional de Administración* (CNA), um órgão composto por nove membros e que possuía seu próprio presidente. Ocorre que, entre 1923 e 1925, o presidente do CNA era justamente Julio María Sosa, o que garantia ao principal nome da ala dissidente do cisma do futebol uruguaio, uma importante parcela decisória no poder executivo da nação.

Nesse sentido, Morales (2013) pontua que Sosa, que além de ser presidente do CNA e da FUF, era presidente do *Peñarol*, queria impedir que fosse enviado aos Jogos Olímpicos um time organizado pela AUF, sob o comando de Narancio, e representado majoritariamente por atletas do *Nacional*. Sosa passou a usar seu poder como mandatário da CNA para influenciar

a CNEF, instituição pública que vinha atuando em prol da excursão da seleção uruguaia (da AUF) ao Velho Continente.

Sob esse prisma, a CNEF deixou de ser aliada direta da AUF e passou a tentar intervir na participação uruguaia nas Olimpíadas em favor da FUF de Sosa. Paralelamente, nomes importantes da CNEF e mais diretamente alinhados a Batlle, como Francisco Ghigliani, foram se afastando da instituição, agora sob influência mais direta de Sosa. Ghigliani possuía outros meios de atuar no conflito envolvendo a seleção uruguaia, já que ele havia fundado, em outubro de 1923, o *Comité Olímpico Uruguayo* (COU), submetido ao COI.

A partir daí, tínhamos a seguinte dinâmica: de um lado, o COU e a AUF, ambas dirigidas por *batllistas* alinhados diretamente a José Batlle, atuando em prol da participação do Uruguai nos Jogos Olímpicos com representação nacional por parte da AUF; de outro lado, a FUF e a CNEF, a primeira sob direção de Sosa e a segunda sob forte influência deste político, buscando impedir que o selecionado da AUF fosse enviado à Europa como representante do futebol uruguaio.

Morales (2013) afirma que Sosa tentou recorrer à FIFA para que fosse exigido formar um time combinado entre atletas da AUF e da FUF. A FIFA, contudo, negou o pedido, posto que já tinha a AUF como entidade a ela filiada e portanto reconhecia-a como única representante legítima do futebol uruguaio. Diante dessa derrota política, Sosa usou sua posição de presidente do CNA para impedir o envio de recursos públicos para financiar a viagem e hospedagem dos uruguaios na Europa, de maneira que Atilio Narancio teve de cobrir boa parte desses gastos com seu patrimônio pessoal, em atitude que é uma das razões principais para sua alcunha "*padre de la victoria*".

Para além dos entraves financeiros, Sosa ainda conseguiu, através de alguns aliados que possuía no COU, que o órgão votasse como ilegítima a representação uruguaia por parte do selecionado da AUF, como detalha Lombardo (1993). O COU, sendo submetido ao COI, tinha poder para tal, de maneira que a decisão poderia comprometer a participação do Uruguai nas Olimpíadas. Para reverter a decisão, foi necessária a atuação do presidente do COU, Francisco Ghigliani, que, sendo aliado de Batlle, de Narancio e da AUF, discordava da medida. A partir de articulação entre Ghigliani e Narancio, foi solicitado ao presidente da CNEF, Martínez Laguarda, que estava em sua viagem à Europa, que se reunisse com o presidente da FIFA, Jules Rimet, para que este pudesse interceder na questão a favor da AUF.

As iniciativas funcionaram, e Francisco Ghigliani recebeu autorização do COI para dissolver o Comitê Olímpico Uruguaio. A dissolução do COU encerrou os entraves institucionais para a participação uruguaia nos Jogos Olímpicos, de maneira que os aliados de

Batlle saíram triunfantes em sua queda de braço com Sosa. Era a vitória da estreita relação entre o *batllismo* e o selecionado da AUF, montado e financiado por Narancio, apoiado por Ghigliani e constantemente enaltecido nas páginas do *El Día*.

Em meio ao cenário político conturbado, foram poucos meses de preparação para o time uruguaio, que partiu rumo à Europa em 16 de março de 1924 (Lombardo, 1993). O *El Día* comentou o evento dessa forma na edição do dia seguinte:

> Já se iniciou a viagem dos futebolistas uruguaios que realizarão uma excursão esportiva pela Espanha, França e Itália.
> A simpatia que essa louvável iniciativa despertou se traduziu na enorme quantidade de público que compareceu ontem à Dársena I para se despedir dos viajantes.
> Desde horas antes da marcada para a partida – meio-dia – uma multidão compacta se posicionou diante do "Desirade", embarcação na qual se realiza a viagem.
> [...] O doutor Narancio, sempre incansável, corria de um lado para o outro, dando recomendações, organizando as coisas e contagiando a todos com seu otimismo inesgotável e genuíno, que transmite a todo momento.
> [...] Quando o "Desirade" soltou as amarras, todo o público correu para o cais Maciel, de onde enviou a última saudação cordial aos bravos desportistas, que certamente a receberam como um grito de esperança.
> Enquanto isso, em terra, tremulavam as bandeiras dos clubes da Associação[94][...] (*EL DÍA*, 17 de março de 1924, p. 7, traduzido).

No fim das contas, a excursão europeia da *celeste* acabou não passando pela Itália, incluindo, portanto, partidas amistosas na Espanha e o campeonato olímpico na França. O discurso do jornal, ao relatar a multidão aglomerada para despedir-se dos jogadores, buscava transmitir a mensagem de que aquela seleção, apesar de ter sofrido tentativas de deslegitimação por parte da *Federación Uruguaya de Football* (FUF), era legitimada pelo apoio popular. Nesse sentido, o jornal menciona a presença das bandeiras dos clubes da AUF, citadas no trecho seguinte da matéria – não havia, por exemplo, a bandeira do *Peñarol*, principal integrante da FUF.

A matéria ainda relatou grupos que fizeram uso de pequenos barcos para seguir a embarcação da seleção em sua despedida e prosseguiu com detalhadas descrições das

---

[94] No original: "Se ha iniciado ya el viaje de los footballistas uruguayos que realizarán una gira deportiva por España, Francia e Italia.
La simpatía que esta loable empresa ha despertado se tradujo en el enorme público que concurrió ayer a la dársena I a despedir a los viajeros.
Desde horas antes de la señalada para la partida, - las 12 - una compacta muchedumbre se estacionó frente al "Desirade" en el que se realiza el viaje.
[...] El doctor Narancio, siempre incansable, corría de un lado a otro, dando recomendaciones, poniendo orden en las cosas y contagiando ese inagotable y sano optimismo que prodiga en todo momento.
[...] Cuando el "Desirade" largó amarras todo el público corrió hacia el muelle Maciel, desde donde dirigió el último saludo cordial a los bizarros deportistas que lo han de haber recibido como si se tratara de un grito de esperanza.
Mientras en tierra flameaban las banderas de los clubs de la Asociación [...]" *El Día*, 17 de março de 1924, p. 7.

instalações luxuosas do *Desirade*, navio que transportava os jogadores uruguaios. Destacamos o clima de otimismo generalizado e esperança que a narrativa do *El Día* incorpora ao descrever a despedida, que já era expresso desde a edição do dia anterior:

> Ocorre, portanto, a realização de um projeto interessante que, a princípio, muitos consideraram irrealizável, talvez porque são poucos os que acreditam em coisas que nunca foram feitas.
> Se alguns anos atrás tivesse sido tentada a excursão que hoje se inicia, teria sido qualificada de absurda. Naquela época, acreditava-se que o futebol amador europeu era imensamente superior ao nosso.
> [...] o futebol uruguaio não tem nada a invejar ao europeu[95] (*EL DÍA*, 16 de março de 1924, p. 8, traduzido).

Neste trecho, para além do discurso em que mais uma vez o *El Día* se coloca como visionário, entusiasta de projetos ousados que eram tidos como improváveis para a nação, notamos dois pontos principais. O primeiro é mudança de percepção com relação aos europeus: se, vinte anos antes, a Europa era tomada pelo *batllismo* como um modelo muito à frente do Uruguai em diversas áreas dentre as quais se incluía o futebol, na década de 1920 os *batllistas* enxergavam o continente europeu como moderadamente equiparado à sua própria nação.

O segundo ponto a ser ressaltado é o protagonismo atribuído pelo jornal à figura de Narancio. Na matéria daquele 16 de março, havia duas imagens simbolizando a partida da seleção. Uma delas era uma fotografia dos jogadores perfilados, a outra era uma fotografia de corpo inteiro de Atilio Narancio, seguida por um texto contando sobre o ato do mandatário de presentear a delegação uruguaia com uma bandeira de seda bordada em ouro, representando as cores uruguaias acrescidas a uma faixa diagonal vermelha com as iniciais da AUF.

---

[95] No original: "Se lleva pues a cabo un interesante proyecto que en un principio, muchos consideraron irrealizable, quizás por aquello de que son pocos los que creen en las cosas que nunca se han hecho.
Si algunos años atrás, se hubiera tentado la jira que hoy se inicia, se habría calificado de disparatado. Se creía entonces que el football amateur entre los europeos era inmensamente superior en calidad al nuestro.
[...] el football uruguayo nada tiene que envidiar al europeo" *El Día*, 16 de março de 1924, p.8.

Figuras 11 e 12: Fotografias publicadas pelo *El Día* em 16 de março de 1924 comemorando o embarque da seleção uruguaia para a Europa. A primeira fotografia destaca o time nacional, enquanto a segunda enfatiza a importância de Atilio Narancio para viabilizar a viagem.





Fonte: Acervo do autor, 2024.

As informações que chegaram ao *El Día* sobre a seleção, ao longo dos próximos meses, vinham de Lorenzo Batlle Berres, sobrinho de José Batlle e correspondente enviado pelo jornal *batllista* junto à delegação uruguaia para realizar a cobertura jornalística de tudo que fosse relativo à viagem e performance do time na Europa, como explica Morales (2013). O autor destaca que o *El Día* foi o único veículo de imprensa uruguaio a dedicar-se à cobertura detalhada da excursão da seleção e título olímpico que a sucedeu – jornais associados a outras correntes políticas não se interessavam tanto em fazer uma propaganda positiva do time que era fortemente associado ao *batllismo*.

Tamanha foi a contenda política para autorizar a participação uruguaia nos Jogos Olímpicos que, segundo Lombardo (1993), os atletas da seleção só ficaram sabendo de sua autorização para disputar o torneio quando, em meio à viagem, realizaram escala em Dakar, no Senegal. De qualquer maneira, mesmo que não pudessem jogar as Olimpíadas, os jogadores uruguaios já possuíam como compromisso diversas partidas amistosas a serem disputadas em solo europeu nas semanas anteriores ao início dos Jogos de 1924.

A primeira dessas partidas deu-se menos de um mês após o embarque da delegação uruguaia em Montevidéu. O resultado corroborou o clima de otimismo propagado pelo *El*

Día: os Uruguaios, na Galícia, derrotaram por 3 a 0 a equipe do *Celta de Vigo*, em 10 de abril. A edição do jornal *batllista* de 12 de abril de 1924 valorizou a vitória, ao afirmar que os uruguaios mal tinham tido tempo de recuperar-se da viagem e ambientar-se à Espanha, e mesmo assim se impuseram diante do time local. Segundo o *El Día*, foi uma grande honra para a *celeste* vencer o clube espanhol, que não havia perdido nem para times combinados da Espanha nem para equipes profissionais da Inglaterra e da Bélgica. Os uruguaios voltaram a enfrentar o Celta de Vigo em 13 de abril, saindo novamente vitoriosos, pelo placar de 4 a 1.

Do outro lado do confronto, Lombardo (1993) destacou as percepções do clube espanhol acerca dos uruguaios. Primeiramente, no discurso do prefeito de Vigo em recepção aos uruguaios, o mandatário referiu-se aos mesmos como representantes do futebol americano. Da mesma maneira, como explica o autor, o jornal local *El Faro de Vigo* enalteceu o futebol sul-americano após a performance dos uruguaios. Trata-se de uma percepção majoritária ao longo da campanha uruguaia de 1924 – os jogadores do país eram comumente descritos pelos europeus como representantes do futebol americano ou sul-americano como um todo, em contraposição à Europa.

Por conta desse sentimento de contraposição, nem sempre os uruguaios foram recebidos de forma festiva ou amistosa nas demais cidades espanholas, como havia ocorrido em Vigo. Em sua próxima parada, Bilbao, no País Basco, o *El Día* destacou a hostilidade do público local, após uma sequência de duas derrotas do *Athletic Bilbao* diante da *celeste*:

> Ontem escrevemos profundamente impressionados. A atitude do público bilbaíno não estava de acordo com as nobres tradições da raça espanhola, e especialmente dos bascos. O desejo de ver seus compatriotas triunfarem não justificava de forma alguma as vaias dirigidas a Minoli, árbitro da partida, pelas vezes em que puniu as jogadas mais bruscas dos integrantes do time local [96](*EL DÍA*, 22 de abril de 1924, p. 6, traduzido).

Apesar de o jornal prosseguir a matéria pontuando que a conduta do público basco melhorou na segunda partida, há fatores interessantes de se analisar deste extrato. Ao condenar o jogo brusco do time local e a conduta do público para com o árbitro – que era também uruguaio – o diário fala em atitudes que não encaixam com a raça espanhola e com os bascos. É um comentário significativo: sendo o Uruguai um país constituído em larga parcela por descendentes de espanhóis, e havendo um 10% da população uruguaia que

[96] No original: "Ayer escribimos dolorosamente impresionados. La actitud del público bilbaíno no estaba de acuerdo con las hidalgas tradiciones de la raza española, y especialmente de los vascongados. El deseo de ver triunfar a sus compatriotas no justificaba en manera alguna la silbatina que se hizo a Minoli, juez del partido, por las veces que castigó las más bruscas jugadas de los componentes del team local." *El Día*, 22 de abril de 1924, p. 6.

descende especificamente de bascos (Arocena & Aguiar, 2007), o *El Día*, em uma visão embebida de racismo, afirmava esperar um comportamento mais adequado de um povo que o jornal considerava racialmente associado ao uruguaio.

Após as partidas contra o *Athletic Bilbao*, a *celeste* percorreu o seguinte caminho: foi a San Sebastián, também no País Basco, para enfrentar a *Real Sociedad*; retornou à Galícia para enfrentar o *Deportivo La Coruña* por duas vezes na cidade homônima; partiu para Madrid, onde enfrentou o Atlético de Madrid e o atualmente extinto *Racing Club* da capital espanhola. Ao todo, foram nove partidas disputadas na Espanha em pouco mais de um mês. A seleção uruguaia saiu vitoriosa em todas elas, marcando 25 gols e sofrendo apenas oito.

A atuação dos uruguaios foi atraindo atenção da imprensa espanhola, de maneira que, quando a *celeste* fez sua última parada no país, em Madri, jornalistas de outras regiões do país se deslocaram para observar de perto as partidas que seriam disputadas na cidade, como relata Lombardo (1993). O autor explica que em ambas partidas disputadas na capital, os clubes locais se reforçaram com jogadores da seleção da Espanha, e conta ainda que a curiosidade e expectativa de ver um clube local derrotar os invictos estrangeiros atraiu atenções inclusive do rei espanhol Alfonso XIII, que compareceu à partida entre Uruguai e Atlético de Madri, em 11 de maio de 1924. Àquela altura, o El Día já tinha elevado ainda mais seu nível de confiança na performance uruguaia:

> Dentro de algumas horas será realizado o oitavo jogo da bem-sucedida excursão de nossos compatriotas pelo Velho Mundo. Desta vez, o palco da disputa será a capital da Espanha, e o adversário, uma equipe que talvez seja o conjunto mais forte que possa ser formado na capital da pátria-mãe. De fato, aos futebolistas madrilenhos, considerados entre os mais capacitados do país, somar-se-á o reforço de muitos dos melhores jogadores de diversas localidades alheias à capital. A força do time que enfrentará os celestes é evidenciada pela confiança da opinião espanhola, expressa com entusiasmo na imprensa, que não hesita em prever a derrota dos uruguaios.
> [...] Os fatos demonstraram até o momento que, no futebol, os espanhóis ainda não dominam a técnica do jogo na mesma medida que os nossos, e não há razões sólidas para supor que os metropolitanos tenham uma superioridade tão acentuada sobre as equipes já derrotadas pelos uruguaios a ponto de aceitar como inevitável a vitória do time que, nesta tarde, enfrentará os celestes[97] (*EL DÍA*, 11 de maio de 1924, p.8, traduzido).

[97] No original: "Dentro de algunas horas se llevará a cabo el octavo partido que apurarán nuestros compatriotas en su gira triunfal por el viejo mundo. Esta vez el teatro de la lucha será la capital de España y el adversario, un team que tal vez sea el conjunto más fuerte de los que puedan formarse en la capital de la madre patria. En efecto: a los footballers madrileños, considerados como de los más capacitados de su país, aportarán su refuerzo muchos de los mejores de varias localidades cercanas a la capital. De la fortaleza del conjunto que enfrentará a los celestes, habla elocuentemente la fe que alienta a la opinión española, traducida entusiástamente en su prensa que no vacila en vaticinar la derrota de los uruguayos.
[...] Los hechos han demostrado hasta el presente que en el football los españoles no alcanzar a dominar la técnica del juego en la medida que lo hacen los nuestros y no hay motivos serios para suponer que los

De fato, a opinião *batllista* acabou se confirmando em detrimento dos prognósticos da imprensa madrilenha, e o Uruguai acumulou 2 vitórias em Madri. Finalmente, em clima de favoritismo, a delegação uruguaia embarcou para a França, onde seria disputado o torneio olímpico. Os uruguaios, insatisfeitos com as instalações precárias da vila olímpica, se hospedaram no Castelo de Marais, na comuna de Argenteuil, a cerca de 13 quilômetros do centro de Paris. Os atletas da *celeste* residiram nesse local durante toda sua campanha olímpica e semanas que a sucederam, até regressarem para Montevidéu.

Dias antes da estreia nas Olimpíadas, em 21 de maio de 1924, o *El Día* comentou um boletim recém publicado pelo COI, que analisava o time uruguaio, afirmando-o como a melhor representação possível do futebol sul-americano, diante de suas conquistas nos torneios continentais da região, e ainda colocando-o como um dos favoritos à conquista da medalha de ouro olímpica, em função dos resultados obtidos nos amistosos na Espanha.

Dos 22 países participantes no torneio olímpico de futebol de 1924, havia apenas 3 não-europeus: as seleções dos Estados Unidos, Egito e os uruguaios. Nesse contexto, veículos de imprensa como o *La Nación* de Buenos Aires participaram da cobertura da *celeste* – naquele momento, os uruguaios eram compreendidos, de fato, como o time representante da América do Sul como um todo, recebendo essa atenção de parte da imprensa argentina. Sob o argumento de serem países irmãos, alguns jornais argentinos afirmavam desejar o triunfo uruguaio nas Olimpíadas, conforme relatado no *El Día* de 24 de maio de 1924.

Naquela mesma edição, o jornal *batllista* publicou o recebimento, por parte da AUF, de convites das associações de futebol da Hungria, Suíça, Itália, Sérvia e Espanha, para que a seleção uruguaia disputasse partidas em seus países. A projeção internacional que os *batllistas* buscavam através do esporte aparentava estar dando resultados antes mesmo do início do torneio Olímpico.

O campeonato em questão foi disputado em formato de mata-mata desde o início, de maneira que havia pouca margem para erros. Os uruguaios estrearam em 26 de maio, aplicando 7 a 0 sobre a seleção da Iugoslávia. Para a ocasião, o *El Día* dedicou páginas inteiras, com manchetes consideravelmente maiores e mais chamativas do que era de costume por parte do jornal. Se, na estreia, Lombardo (1993) destacou um modesto público de 3 mil pessoas para acompanhar os uruguaios, após a goleada aplicada sobre os iugoslavos, grandes

---

metropolitanos ostenten una superioridad tan marcada sobre los teams derrotados por los uruguayos hasta ahora, como para aceptar como cosa fatal la victoria del team que esta tarde se medirán con los celestes." *El Día*, 11 de maio de 1924, p. 8.

grupos de jornalistas passaram a aglomerar-se em torno do Castelo de Marais, querendo conhecer mais sobre aquela seleção que surpreendia o público europeu.

Para a segunda partida, válida pelas oitavas de final, contra os Estados Unidos, o Uruguai já havia logrado cativar a atenção do público. É isso que pontua a edição do *El Día* de 30 de maio de 1924, ressaltando que o público da partida da *celeste* no dia anterior havia superado com sobras o público das demais três partidas disputadas naquele mesmo dia pelo torneio. Os uruguaios conseguiram a classificação às quartas ao vencer por 3 a 0.

Nas quartas de final, o Uruguai eliminou os anfitriões franceses com um sonoro 5 a 1. Essa partida fez com que o clima de favoritismo uruguaio se generalizasse dentre as opiniões da imprensa estrangeira. O *batllismo*, que tanto se importava com a projeção externa do país, aproveitou, em 3 de junho de 1924, para publicar as opiniões elogiosas não apenas do bonaerense *La Nación*, como era de costume, como também dos jornais esportivos franceses *L'Auto* e *L'Echo des Sports*. Enquanto o diário argentino adotava um discurso de triunfo do futebol rioplatense como um todo, os jornais franceses falavam em uma superioridade absoluta dos uruguaios em relação ao time da França, e afirmavam que a equipe uruguaia possuía qualidade comparável à dos jogadores profissionais britânicos[98].

Na semifinal, os uruguaios vivenciaram seu teste mais complicado da campanha olímpica: a vitória contra os holandeses veio com um apertado 2 a 1, de virada. O clima que se criou para a final foi de apoio ao time uruguaio por parte de diversos setores das demais nações sul-americanas: para além dos mencionados discursos de parte da imprensa argentina publicados no *El Día*, Lombardo (1993) relata que a delegação uruguaia visitou diplomatas do país vizinho e recebeu apoio de grupos de chilenos e brasileiros na França, dentre os quais destacamos a ilustre visita de Santos Dumont aos uruguaios antes da final, conforme conta o autor. Era a ideia consolidada de triunfo do futebol das Américas.

No dia da final, 9 de junho de 1924, disputada entre Uruguai e Suíça, o *El Día* publicou uma notável entrevista realizada com Jules Rimet, presidente da FIFA:

> Nosso correspondente entrevistou Rimet, presidente da Federação Internacional de Futebol (F.I.F.A.), que declarou: "É uma grande pena que os argentinos não tenham participado deste magnífico torneio, pois, se o tivessem feito, certamente a final de amanhã teria sido disputada entre argentinos e uruguaios [...] uma vitória como a que o Uruguai pode conquistar amanhã é a melhor propaganda para qualquer país, especialmente para os países novos e pouco conhecidos pela Europa, que, pelo vigor de

[98] Vale lembrar que, por conta de disputas políticas entre a *Football Association* britânica e a FIFA, as seleções britânicas não participavam dos torneios da entidade, em panorama que se alterou apenas na década de 1950.

> seus atletas, despertam curiosidades de outro tipo[99] (*EL DÍA*, 9 de junho de 1924, p. 4, traduzido).

É curioso, acerca da fala de Rimet, o fato de que, na Olimpíada seguinte, em 1928, os argentinos participaram do torneio de futebol e fizeram a final justamente contra os uruguaios, exatamente como apontou o mandatário nessa entrevista de 1924. A força do futebol rioplatense era marcante ao longo de toda a década de 1920. Além disso, destacamos o trecho em que o presidente da FIFA aponta para o valor propagandístico da conquista olímpica, em se tratando de uma nação jovem e pouco conhecida na Europa, como era o Uruguai. Era exatamente esse ponto uma das principais motivações dos *batllistas* ao empreenderem esforços e investimentos para a participação uruguaia nos Jogos Olímpicos.

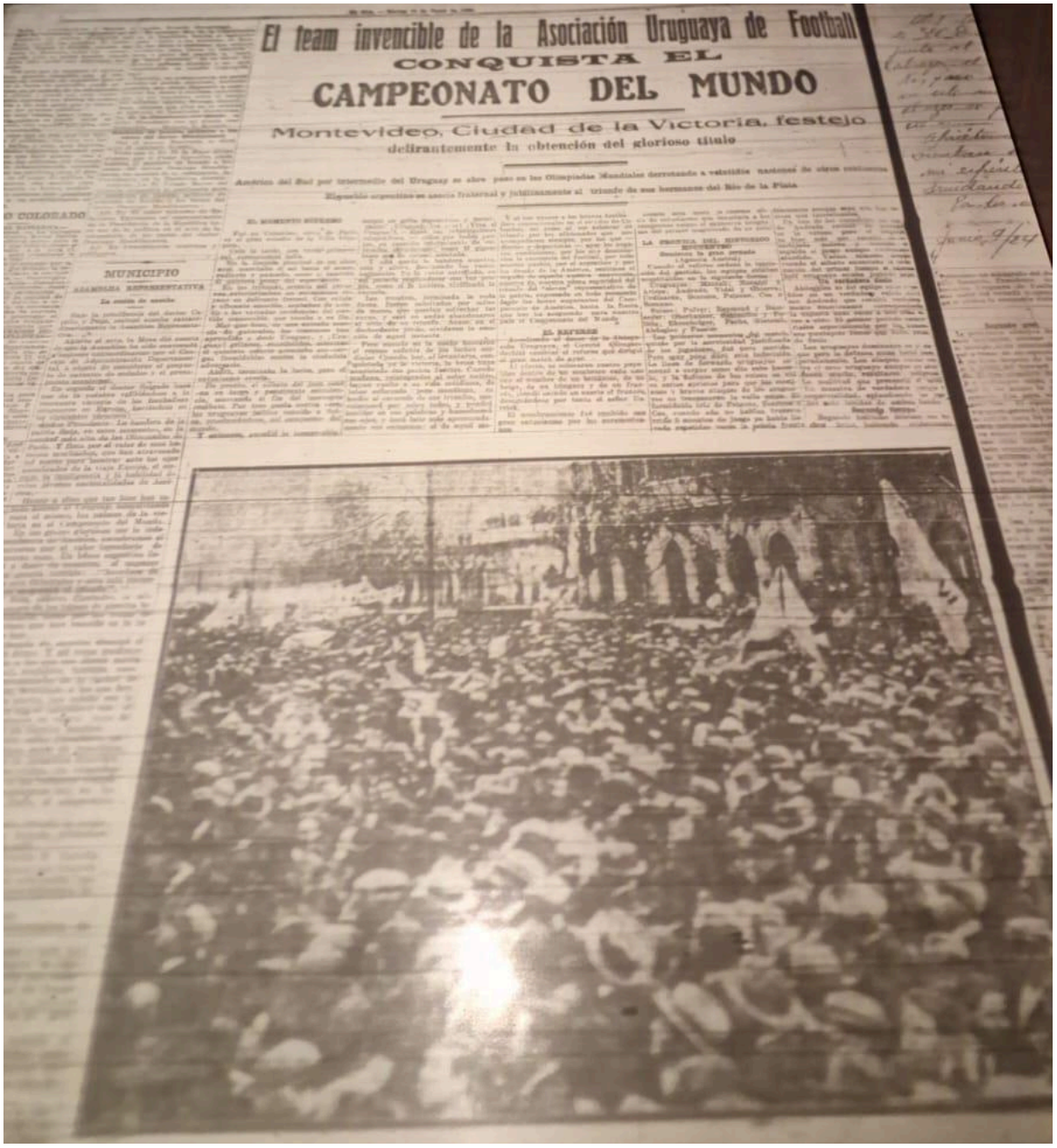
O título uruguaio se confirmou com um 3 a 0 aplicado sobre os suíços no *Estádio Olímpico Yves-du-Manoir*, na comuna francesa de Colombes, completamente ocupado por mais de 40 mil torcedores (AUF, 2025). A edição do *El Día* de 10 de junho de 1924, dia seguinte à conquista, esteve composta por reportagens referentes ao título em diversas seções do jornal. A maior delas ostentava uma enorme fotografia de uma multidão celebrando em frente à sede da AUF. O título da matéria proclamava: "O *team* invencível da *Asociación Uruguaya de Football* conquista o Campeonato do Mundo.[100]" (*EL DÍA,* 10 de junho de 1924, p. 6, traduzido). Convém pontuar que, sendo o torneio olímpico, à época, o único torneio organizado pela FIFA envolvendo seleções, ele era comumente referido na imprensa como campeonato mundial.

---

[99] No original: "Nuestro corresponsal se ha entrevistado con Rimet, Presidente de la Federación Internacional de Football (F.I.F.A.) quien le declaró: Lástima grande que los argentinos no hayan participado de este magnífico torneo, de hacerlo seguramente la final de mañana habríase disputado entre argentinos y uruguayos [...] un triunfo como el que puede obtener mañana el Uruguay es la mejor propaganda para cualquier país, especialmente para los países nuevos y poco conocidos de Europa que por el vigor de sus atletas despiertan curiosidades de otro género." *El Día*, 9 de junho de 1924, p. 4.

[100] No original: "El team invencible de la Asociación Uruguaya de Football conquista el Campeonato del Mundo" *El Día*, 10 de junho de 1924, p. 6.

Figura 13: Parte da matéria publicada pelo *El Día* em 10 de junho de 1924 comemorando o título olímpico uruguaio. A fotografia publicada mostra a multidão que saiu às ruas de Montevidéu para celebrar a conquista.


El team invencible de la Asociación Uruguaya de Football
CONQUISTA EL
CAMPEONATO DEL MUNDO
Montevideo, Ciudad de la Victoria, festejo
delirantemente la obtención del glorioso título

Fonte: Acervo do autor, 2024.

Destacamos alguns dos trechos mais significativos publicados naquela data. Primeiramente, em citação do jornal *El Diario*, de Buenos Aires, o diário portenho afirmava que o povo argentino havia reconhecido a equipe uruguaia como representante genuína da juventude das duas nações no campeonato mundial (denominação usada pelo *El Diario*), em novo discurso da imprensa argentina centrado na ideia de vitória rioplatense.

Em relação à partida, eis algumas das descrições imprimidas pelo *El Día*:

> Em uma estranha mistura de guturais, os franceses aprenderam a dizer Uruguai e Uruguai! gritaram entusiasmados, enquanto o quinteto celeste intensificava seus formidáveis ataques contra a fortaleza adversária.
> [...] De repente, o apito do juiz soou em sua longa e penetrante estridente, marcando o fim da disputa acirrada. Por três *goals* a zero, os uruguaios haviam vencido a Suíça, proclamando-se, assim, campeões do mundo.
> [...] De acordo com o regulamento olímpico, a bandeira do país que se classificar campeão em cada modalidade deve tremular no topo do gigantesco mastro que se ergue no ponto mais alto do estádio.
> [...] Os nossos, terminada a dura tarefa, foram solicitados por milhares de mãos que queriam apertar as suas, e quase carregados abandonaram o local de seu triunfo.[101] (*EL DÍA*, 10 de junho de 1924, p. 6, traduzido)

A última parte do extrato, em que é mencionado o desejo do público local de felicitar os jogadores uruguaios após o jogo, resultou na criação da chamada volta olímpica, na qual um time campeão dá a volta no estádio para cumprimentar o público, segundo diversos autores, como Morales (2013) e Lombardo (1993). Há múltiplos registros fotográficos da volta olímpica dos uruguaios em Colombes após a final de 1924.

O *El Día* descreveu as comemorações em Montevidéu, relatando a multidão que se aglomerou nas ruas em frente à AUF, onde ouviu discursos dos *batllistas* Francisco Ghigliani e César Batlle Pacheco, filho de José Batlle. Foi organizada também uma carreata pela avenida 18 de Julho, na noite da conquista e, no porto da capital uruguaia, houve aglomerações para assistir aos navios que, ao saber da notícia do título uruguaio, deixaram ressoar suas buzinas e apitos em comemoração, como conta o jornal *batllista*.

Apesar de já evidente a estreita relação entre o *batllismo* e aquela seleção de 1924, o *El Día* fez questão de enfatizá-la, em um subtítulo "É nosso triunfo[102]":

> Nas jornadas do jornalismo, prever é triunfar. E esse triunfo é ainda maior quando a tese que se defendeu foi rebatida pelos órgãos rivais no trabalho jornalístico. Foi o que aconteceu com *EL DÍA*. Todos, absolutamente todos os jornais da capital, sustentaram que o onze composto pelos hoje gloriosos Campeões do Mundo não deveria ser a representação do *football* nacional, nem diante dos soberbos conjuntos esportivos da Europa, nem mesmo diante das equipes de nossos irmãos da América [...]

---

[101] No original: "En una extraña mezcla de guturales, los franceses han aprendido a decir Uruguay y ¡Uruguay! gritaron enardecidos, mientras el quinteto celeste arreciaba sus cargas formidables contra la ciudadela adversaria.
[...] De pronto, el silbato del juez sonó en su larga y penetrante estridencia, marcando el fin del reñido combate. Por tres goals contra cero, los uruguayos habían vencido a Suiza, proclamándose, así, campeones del mundo.
[...] De acuerdo con el reglamento olímpico, la bandera del país que se clasifique campeón en cada juego debe flamear al tope del gigantesco mástil que se levanta en un punto culminante del estadio. [...] Los nuestros, terminada la ruda faena, fueron solicitados por miles de manos que querían estrechar las suyas, y casi en andas abandonaron el sitio de su triunfo." *El Día*, 10 de junho de 1924, p. 6.

[102] No original, "Es nuestro triunfo".

> E ao vencer os bravos *footballers* concidadãos no estádio de Colombes, assim como ao ver sua vitória celebrada pelos torcedores que sempre nos acompanharam, por aqueles que – jornais e esportistas – outrora lhes negaram condições, por aqueles que desconheciam a existência do *football*, por todo o nosso povo, pelo argentino e pelos demais da América, sentimos o orgulho daquela nossa convicção, nossa fé, nossa plena certeza do triunfo do *'eleven'* representativo da pátria, expressa em todo momento, desde as horas promissoras do Campeonato da América, até a festa que hoje garantiu para nosso país o Campeonato do Mundo[103] (*EL DÍA*, 10 de junho de 1924, p. 6, traduzido).

A mensagem do diário era clara: o triunfo comemorado por todo o país só foi possível graças a uma convicção *batllista*, que confrontou com os vários setores posicionados contra a participação uruguaia no torneio com representação por parte do selecionado da AUF. Era, portanto, um discurso que atrelava o sucesso da seleção uruguaia ao sucesso do *batllismo*.

Atestando para o sucesso da iniciativa de projeção internacional da nação por meio do futebol, a edição do *El Día* de 11 de junho de 1924 trouxe em suas páginas a repercussão da conquista uruguaia ao redor do mundo. Foram transcritos ou relatados os comentários de veículos de imprensa de Buenos Aires, Santiago, Assunção e de diversos jornais parisienses. Além disso, o diário *batllista* publicou as impressões de Jules Rimet e do capitão da seleção suíça. Foi mencionado ainda o recebimento de felicitações advindas da Confederação Brasileira de Desportos, da Associação Paulista de Esportes Atléticos e de clubes cariocas, comentando ainda que a vitória uruguaia teria repercutido amplamente na imprensa do Rio de Janeiro. No dia 12 de junho de 1924, foram publicadas opiniões elogiosas ao time uruguaio advindas de um membro da *Football Association* inglesa e de três jornais de Nova York.

Os comentários do jornal *batllista* em 13 de junho de 1924 sintetizam bem sua visão acerca da importância da conquista olímpica:

> Uma dupla significação tem para nós o objetivo alcançado pelos bravos jovens cultores do *football*.
> A de ter exibido o emblema pátrio diante de um mundo que quase ignorava nossa existência; e a de ter demonstrado, além disso, nossa superioridade física.

---

[103] No original: "En las jornadas del diarismo, predecir es triunfar. Y ese triunfo es tanto mayor, cuando la tesis que se ha sostenido, ha sido rebatida por los órganos rivales en la labor periodística. Tal lo que le ha sucedido a EL DÍA. Todos, absolutamente todos los diarios de la capital, sostuvieron que el once compuesto por los hoy gloriosos Campeones del Mundo, no debía ser la representación del football nacional, no ya ante los soberbios conjuntos deportivos de Europa sino antes los cuadros de nuestros hermanos de América [...]
Y al vencer a los bravos footballers connacionales en el estadio de Colombes, así como al ver celebrar su triunfo por los aficionados que nos acompañaron siempre, por los que - diarios y deportistas - ayer les negaron condiciones, por los que desconocían la existencia del football, por todo nuestro pueblo, por el argentino y por los demás de la América, sentimos el orgullo de aquella nuestra convicción, nuestra fe, nuestra plena seguridad del triunfo del 'eleven' representativo de la patria, expresada en todo momento desde las horas augurantes del Campeonato de América, hasta la fiesta que hoy ha asegurado para nuestro país el Campeonato del Mundo." *El Día*, 10 de junho de 1924, p. 6.

> Ambas realidades obrigam ao reconhecimento nacional para com os Campeões do Mundo. Porque, se a primeira atrai o olhar antes despreocupado diante de nossa realidade geográfica, para a existência completa do Uruguai e marca com um selo de simpatia nosso viver coletivo, a segunda demonstra que a raça forte de hoje, os homens mais bem dotados fisicamente, os corpos mais completos onde poderão habitar os espíritos saudáveis, estão na jovem América, como demonstraram plenamente os filhos de uma de suas pequenas repúblicas: os da nossa[104] (*EL DÍA*, 13 de junho de 1924, p. 9, traduzido).

Novamente, é enfatizada a ideia de inserir o país no mapa-múndi das atenções internacionais, além do discurso de vitória dos povos americanos. O trecho, que prossegue com uma retomada histórica das origens do futebol uruguaio desde os tempos do *Montevideo Cricket Club*, do *Albion* e do *CURCC*, vinha em meio a uma nova contenda política: o *El Día* argumentava para que o Estado uruguaio arcasse com os gastos da viagem de volta dos campeões olímpicos.

Lombardo (1993) explica que, após o título olímpico, os jogadores uruguaios conviveram com escassez de recursos, se mantendo em parte à base de doações e convites para passeios e refeições de gala, até partirem em retorno ao Uruguai, mais de um mês após a final. Havia, assim como antes do torneio, forte resistência institucional a apoiar com recursos públicos a seleção diretamente associada ao *batllismo*. Assim, não foi possível atender aos convites para a realização de partidas em mais países do continente europeu.

Além da escassez de verba, o autor pontua que o não prosseguimento da excursão uruguaia pela Europa deu-se por suspeitas levantadas de que os jogadores uruguaios não eram amadores, ao ausentar-se de seus postos de trabalho por um período tão longo. É interessante nos determos nessa questão por elas estarem diretamente associadas ao reformismo *batllista*.

Apesar do discurso pró-amadorismo vigente na maioria das esferas esportivas à época, na prática, havia muito daquilo que Luzuriaga (2019) denomina amadorismo marrom, ou profissionalismo encoberto. Muitos clubes ofereciam remunerações veladas, disfarçadas de presentes ou, no caso de clubes vinculados a empresas, as empresas ofereciam salários ou

---

[104] No original: "Una doble significación tiene para nosotros la meta alcanzada por los bravos muchachos cultores del football.
La de haber paseado el orillama patrio ante un mundo que ignoraba casi nuestra existencia; y la de haber demostrado además, nuestra superioridad física.
Ambas realidades obligan al reconocimiento nacional para con los Campeones del Mundo. Porque si la primera atrae el mirar ayer despreocupado frente a nuestra realidad geográfica, hacia la existencia toda del Uruguay y señala con un sello de simpatía nuestro vivir colectivo, la segunda demuestra que la raza fuerte de hoy, los hombres mejor dotados físicamente, los cuerpos más completos donde podrán anidar los espíritus sanos, están en la joven América, como lo han demostrado acabadamente los hijos de una de sus pequeñas repúblicas: los de la nuestra." *El Día*, 13 de junho de 1924, p. 9.

cargos atraentes para indivíduos com os quais elas queriam contar em suas equipes esportivas.

No caso do Uruguai, durante o período de reformismo *batllista*, em que o Estado expandiu consideravelmente seu escopo de atuação e, consequentemente, o funcionalismo público, o autor explica que era relativamente comum o oferecimento de cargos públicos a atletas que eram de importância à seleção uruguaia. Morales (2013) vai além e comenta que, além de outras regalias, eram concedidas pelo Estado licenças generosas para que os atletas pudessem se afastar de suas funções públicas para defender a *celeste*, de forma que podemos inferir que o futebol se aproximava a uma política de Estado

Ao longo de boa parte do mês de julho de 1924, o *El Día* dedicou-se a divulgar o planejamento para receber em Montevidéu os campeões olímpicos, que chegariam à capital uruguaia no último dia daquele mês. Em 30 de julho de 1924, o jornal *batllista* anunciou que as festividades seriam algo nunca antes visto no país, com participação de bandas musicais, aviadores argentinos e espetáculos de fogos de artifícios, dentre outras atividades. Entidades esportivas e conselhos departamentais de todo o Uruguai – em uma das poucas vezes em que o interior uruguaio foi melhor incluído nas festividades – participaram do evento. No dia da recepção, 31 de julho de 1924, trens chegavam de todo o país trazendo à capital grupos que queriam unir-se aos festejos, caracterizados pelo *El Día* como uma verdadeira apoteose.

As Olimpíadas de Amsterdã: o discurso de vitória latina e americana

O ouro olímpico do Uruguai foi coroado pelo pentacampeonato sul-americano, conquistado ainda em 1924, jogando em Montevidéu. Após isso, o país vivenciou um importante avanço para seu futebol a nível institucional. Tratava-se do fim do cisma do futebol uruguaio, alcançado após intervenção do presidente do país à época, José Serrato (Morales, 2013). A AUF e a FUF desejavam chegar a um consenso e, para isso, solicitaram que Serrato atuasse em prol do mesmo na posição de mediador.

O presidente uruguaio impôs as condições para a reunificação do futebol uruguaio, em documento conhecido como *Laudo Serrato*. A iniciativa foi efetiva e, em 1925, os clubes que estavam filiados à FUF voltaram à tutela da AUF. Como consequências dos procedimentos necessários para a reunificação, os torneios da FUF e da AUF em 1925 foram suspensos, e a *celeste* não participou do Campeonato Sul-americano daquele ano. Em 1926, foi realizado um campeonato provisório até que, finalmente, o campeonato uruguaio voltou a ser disputado sob organização exclusiva da AUF em 1927.

No mesmo ano do *Laudo Serrato*, o *Club Nacional de Football*, base da seleção uruguaia campeã olímpica, realizou uma excursão ao continente europeu que durou, contando o tempo de viagem, aproximados 7 meses, entre fevereiro e setembro de 1925. O clube tricolor, apoiado na fama que o futebol uruguaio havia angariado, disputou 38 partidas em 9 países europeus, saindo triunfante em 26 delas e perdendo apenas 5 (Lombardo, 1993). Naquele mesmo ano, o clube portenho *Boca Juniors* e o brasileiro *Paulistano* realizaram excursões mais curtas pela Europa, fomentando a integração esportiva de ambos continentes.

O ano seguinte, 1926, foi palco da conquista do sexto título sul-americano por parte do Uruguai. O título conquistado no Chile inspirou uma das principais produções culturais associadas à *celeste*: trata-se da canção *Uruguayos Campeones*, que referencia a medalha de ouro de 1924 e a conquista de 1926, relatando a ovação recebida por parte dos uruguaios pelo público francês nas Olimpíadas e enumerando os adversários derrotados pelo Uruguai no Campeonato Sul-Americano de 1926 (Chile, Paraguai, Bolívia e Argentina). A letra e a música são de fácil acesso, já que a canção é constantemente rememorada no país em torneios internacionais envolvendo a *celeste*.

A notoriedade de *Uruguayos Campeones* é tamanha que, para além da versão original, de 1927, composta por Omar Odriozola e entoada pela murga[105] *Patos Cabreros*, há diversas regravações, com destaque para dois dos mais conhecidos nomes da música uruguaia, Jaime Roos e Washington "Canario" Luna. É interessante mencionar essa questão pois ela simboliza o peso que a seleção de futebol da década de 1920 tem no imaginário coletivo e na cultura uruguaia, extrapolando o nicho dos adeptos a esse esporte.

A geração campeã olímpica de 1924 teria mais duas ocasiões para ampliar seu legado: a Olimpíada de 1928, em Amsterdã, e a Copa do Mundo de 1930. Por ora, cabe focar na primeira dessas ocasiões. Em 1928, a FIFA conseguiu ampliar a abrangência global do torneio olímpico: se, em 1924, havia apenas três seleções não europeias na disputa, em 1928, as 11 seleções europeias participantes eram acompanhadas dos não europeus Chile, Argentina, Uruguai, Estados Unidos, México e Egito.

Para a participação uruguaia no campeonato de 1928, apesar do sucesso de 1924, novamente o Estado foi resistente em enviar recursos para viabilizar a viagem e hospedagem da *celeste*, ainda atrelada ao *batllismo*. Com o governo custeando apenas uma parte

[105] A murga é um gênero musical popular no Uruguai e bastante associado ao carnaval montevideano. Em termos gerais, consiste em grupos de aproximadamente 10 a 20 indivíduos, geralmente maquiados e fantasiados, entoando em coro canções com temas que envolvem a sociedade local, muitas vezes imprimindo críticas bem-humoradas acerca de questões políticas ou sociais. É um gênero comumente atrelado à cultura e identidade nacional uruguaias.

minoritária dos gastos, foram necessárias iniciativas para levantamento de verba junto a cidadãos, instituições e associações sociais, políticas e comerciais, como ressalta Lombardo (1993). Em termos de imprensa, embora em 1924 o *El Día* tenha sido o único jornal do país a enviar um correspondente para cobrir a viagem da *celeste*, em 1928, a partir da aclamação popular do time nacional com o título conquistado na França, outros veículos jornalísticos uruguaios enviaram representantes à Europa, como explica Morales (2013).

Diferentemente de 1924, para a Olimpíada de Amsterdã o Uruguai não realizou uma grande quantidade de partidas em solo europeu antes do torneio. Na realidade, foram disputadas apenas 3 partidas amistosas, na cidade de *Le Havre*, na França, antes dos jogadores partirem para os Jogos Olímpicos na Holanda. O Uruguai saiu triunfante por placares elásticos nas três partidas contra adversários locais (AUF, 2025). Segundo Lombardo (1993), a diminuta quantidade de partidas deu-se muito por pressão dos próprios atletas, que não queriam passar novamente por tanto desgaste físico e tempo longe de suas famílias.

Ao longo do torneio olímpico de 1928, um discurso que se fortificou nas páginas do *El Día* foi o de contraposição entre América do Sul e Europa. Dessa vez, o Uruguai já não era o único representante sul-americano, de maneira que foi possível observar no jornal *batllista* um apoio às demais seleções do continente, como ocorreu na estreia chilena:

> Hoje o cabo vibrará para nos trazer notícias da sorte que, em Amsterdam, acompanhará os bravos footballers do Chile, a quem a sorte indicou para iniciarem o IX Torneio Olímpico de *Football* enfrentando a equipe de Portugal.
> A sorte, portanto, quis que os povos do Sul do Novo Continente se agitassem estremecidos de entusiasmo, ao acompanhar os incidentes de uma batalha em que os jovens da terra de Caupolicán[106] darão tudo de si para demonstrar que podem fazer com que a Deusa que premia os melhores incline suas preferências para eles[107] (*EL DÍA*, 27 de maio de 1928, p. 8, traduzido).

O Chile, no entanto, acabou derrotado pelos portugueses e, assim, eliminado precocemente. Dessa forma, restaram no campeonato apenas argentinos e uruguaios como representantes da América do Sul e da CSF presidida pelo Uruguai.

---

[106] Um dos líderes da resistência do povo mapuche, no atual Chile, contra a colonização espanhola.

[107] No original: "Hoy el cable vibrará para traernos noticias de la suerte que en Amsterdam corran los bravos footballers de Chile, a quienes la suerte indicó para iniciar el IX Torneo Olímpico de Football jugando contra el equipo de Portugal.
La suerte, pues, ha querido que los pueblos del Sur del Nuevo Continente se sacudan estremecidos de entusiasmo al seguir las incidencias de una brega en la que los muchachos de la tierra de Caupolicán se jugarán enteros para demostrar que pueden conseguir que la Diosa que premia a los mejores incline hacia ellos sus preferencias." *El Día*, 27 de maio de 1928, p. 8.

Apesar da concorrência na cobertura olímpica com outros jornais do país, que optaram, diferentemente de 1924, por aproveitar-se comercialmente do interesse popular no torneio, o diário *batllista* encontrou uma nova maneira de se destacar e manter sua imagem de principal veículo de imprensa associado à seleção uruguaia:

> Os toques de nossa sirene indicarão o desenvolvimento e o resultado do *match* Uruguay-Holanda.
> Não deve restar nenhum habitante de Montevidéu que ainda não tenha ouvido o chamado da sirene que 'El Día' instalou em seu novo edifício na Avenida *18 de Julio*, esquina com *Yaguarón*.
> Como se trata de uma sirene completa, na qual é possível gravar sons à vontade, pensamos em estabelecer um código de sinais, para que, por meio deles, possam se informar sobre o andamento da partida aqueles que não podem abandonar suas ocupações ou vivem fora do perímetro urbano[108] (*EL DÍA*, 29 de maio de 1928, p. 8, traduzido).

A matéria prosseguiu explicando os significados dos códigos de sirene que ressoariam por toda Montevidéu e arredores, anunciando os gols, o início e o fim da partida de estreia da *celeste*, contra os anfitriões daquela Olimpíada. O *El Día* ainda prometeu ir atualizando os torcedores com todos os detalhes do futebol olímpico, em manobra que visava consolidar sua posição de protagonista na cobertura dos feitos da seleção uruguaia.

Às vésperas dessa partida, o jornal *batllista* publicou um interessante comentário acerca de sua percepção sobre os holandeses em comparação aos uruguaios:

> Os holandeses são fortes, altos, atléticos. Jogam o primeiro terço da partida com um entusiasmo transbordante, mas seu domínio da ciência da bola é rudimentar. Os nossos são de estatura mediana, até mesmo pequenos, mas devem impor aos adversários a superioridade da inteligência, que, no *football* como em todas as coisas, sempre preside os acontecimentos humanos[109] (*EL DÍA*, 30 de maio de 1928, p. 7, traduzido).

Já trouxemos no presente trabalho alguns exemplos de vezes em que o *El Día* demarcou diferenças entre povos descrevendo diferenças de atributos físicos e maneiras de se jogar o futebol. Nos Jogos Olímpicos de 1928, em que uruguaios e argentinos foram as mais destacadas equipes do torneio de futebol, fazendo a final daquela edição, o jornal *batllista*

---

[108] No original: “Las llamadas de nuestra sirena indicarán el desarrollo y resultado del match Uruguay-Holanda.
No debe quedar ya ningún habitante de Montevideo que no haya escuchado la llamada de la sirena que "El Día" ha instalado en su nuevo edificio de la Avenida 18 de Julio esquina Yaguarón.
Como se trata de una sirena completa en la que se pueden gravar a voluntad los sonidos, hemos pensado establecer un código de señales, a fin de que por medio de ellas, puedan enterarse de la marcha del partido quienes no pueden abandonar sus ocupaciones o viven fuera del radio urbano” *El Día*, 29 de maio de 1928, p. 8.

[109] No original: “Los holandeses son fuertes, altos, atléticos. Juegan el primer tercio del partido con un entusiasmo desbordado, pero su dominio de la ciencia del balón es rudimentario. Los nuestros son de mediana estatura, más bien pequeños, pero han de imponer a sus adversarios la superioridad de la inteligencia, que en el football como en todas las cosas, preside siempre los acontecimientos humanos.” *El Día*, 30 de maio de 1928, p.7.

aproveitou-se para enaltecer o que considerava a superioridade de um estilo rioplatense de jogo que, na visão do *El Día*, advinha de qualidades daquilo que o diário, em visão racista, denominava raça latina.

Esse tipo de mentalidade era comum no Prata no início do século XX, e advinha de um enaltecimento à herança hispânica das ex-colônias espanholas. Em alguns casos, como na obra *Ariel*, de José Enrique Rodó, uma das obras mais influentes no Uruguai de sua época, publicada originalmente em 1900, essa valorização da cultura hispânica/latina contrapunha um rechaço enfático à cultura anglo-saxã de britânicos e norte-americanos, tida como excessivamente materialista, utilitarista e, até certo ponto, ignorante (Rodó, 1991)[110]. Era uma visão distinta, contudo, daquela endossada pelos *batllistas*, haja vista que por diversas vezes, nos capítulos anteriores, vimos o *El Día* elogiando a Inglaterra e até tratando-a como modelo de civilização em alguns aspectos. Entretanto, nos anos subsequentes ao segundo mandato de Batlle (1911-1915) – em que o reformismo atingiu seu ápice, conforme discutido –, os membros dessa corrente política já tratavam o próprio Uruguai como a nação-modelo. Na mentalidade *batllista*, os anglo-saxões e europeus em geral haviam sido superados pela jovem e pequena república latino-americana: era a ideia de excepcionalidade uruguaia.

É evidente, no entanto, que esse pensamento é embebido em racismo, do qual percebemos nuances no último trecho transcrito, em que os holandeses são descritos como fortes e, de certa forma, brutos, em comparação aos superiores intelectualmente uruguaios. É importante esmiuçar essa questão pois, na Olimpíada de 1928, diante da boa campanha de argentinos e uruguaios, o *El Día*, fez frequente uso de discurso de superioridade racial latina aliado à noção de excepcionalidade uruguaia.

Esse discurso foi expresso de maneira mais direta em 4 de junho de 1928, após o Uruguai eliminar, na sequência, os holandeses, por 2 a 0, e os alemães, por 4 a 1, classificando-se às semifinais. A manchete da matéria que cobria a vitória contra a Alemanha trazia os seguintes dizeres em seu título e subtítulos:

---

[110] A obra faz uso de um discurso metafórico e de referências à obra *A Tempestade*, de William Shakespeare. Seu personagem principal, Ariel, representa a juventude, inteligente e idealista, fazendo alusão às jovens repúblicas latino americanas. O protagonista é guiado por Próspero, um sábio que representa a herança colonial e hispânica das repúblicas americanas, sendo apresentado como um cultor das artes, cultura e do aprimoramento intelectual. O antagonista da obra seria o personagem Caliban, representante do materialismo, utilitarismo e ignorância, que Rodó associa aos povos de origem anglo-saxã (Rodó, 1991). A ideia central das metáforas de Rodó é de que os países latinoamericanos tinham de afastar-se das influências estadunidenses e britânicas e alicerçar-se em sua herança colonial latina. A influência da obra foi considerável na intelectualidade latino-americana do início do século XX, de tal maneira que surgiram, em diversos países da região, correntes ideológicas *arielistas*. José Enrique Rodó, considerado um dos mais influentes escritores uruguaios de sua época, dá nome a um dos principais parques e a um bairro na capital uruguaia.

> Duas escolas enfrentaram-se ontem em Amsterdã: a da inteligência e a da força, saindo vitoriosa a primeira
> A Alemanha, última esperança da representação europeia frente à sul-americana, lançou mão de todos os recursos, mas foi impotente diante da coragem dos nossos jovens
> O time uruguaio começou jogando mal, para se recuperar amplamente mais tarde. Ficou definitivamente comprovada a superioridade dos latinos sobre os anglo-saxões na prática do *football*[111] (*EL DÍA*, 4 de junho de 1928, p. 7, traduzido).

O discurso agressivo e baseado na contraposição entre latinos e não-latinos, adotado para os confrontos com a Holanda e a Alemanha, contrasta com aquele expresso na partida seguinte, contra a Itália, pela semifinal. Na matéria prévia ao jogo contra os italianos, o *El Día* adotou um discurso mais ameno, chamando a Itália de nação latina e irmã, em 7 de junho de 1928. Não seria comercialmente ou politicamente interessante para o jornal *batllista* adotar uma narrativa de contraposição marcada aos italianos, dos quais descendem mais de 40% da população uruguaia (Arocena & Aguiar, 2007).

Contudo, após a vitória de virada por 3 a 2 contra os italianos, classificando-se para enfrentar a Argentina na final, o discurso *batllista* alterou levemente seu tom. Apesar do editorial do *El Día* reconhecer que o triunfo uruguaio teve uma boa dose de acaso em seu favor, o jornal comemorou que o título olímpico seria rioplatense, e pontuou que os italianos "impulsionados por um sentimento racial a se esforçarem ao máximo na defesa dos prestígios do continente que representavam, foram derrotados pela força jovem dos embaixadores do novo continente[112]" (*EL DÍA*, 8 de junho de 1928, p. 7, traduzido). A narrativa adquiria mais uma vez o caráter de América do Sul *versus* Europa.

Na prévia à decisão contra os argentinos, o diário *batllista* afirmou:

> De acordo com os resultados das ardentes lutas recentemente travadas, o país que vai merecer essa honra única e cobiçada não será nenhum daqueles que participaram da competição representando a velha Europa, enferma de tradições ancestrais e grávida de sabedoria.
> Alegremo-nos de que a intervenção de nossos irmãos argentinos no torneio de Amsterdam tenha servido para demonstrar que nossa vitória em Colombes não foi obra do acaso. Já não se pode duvidar, e ninguém duvida,

---

[111] No original: "El valor inteligente se impuso a la ofuscación y la violencia
Dos escuelas enfrentaron ayer en Amsterdam: la de la inteligencia y la de la fuerza, saliendo victoriosa la primera
Alemania, última esperanza de la representación europea frente a la sudamericana, echó mano de todos los recursos pero fué impotente ante el coraje de nuestros muchachos
El equipo uruguayo comenzó jugando mal, para rehabilitarse ampliamente más tarde. Quedó definitivamente sentada la superioridad de los latinos sobre los anglosajones en la práctica del football" *El Día*, 4 de junho de 1928, p. 7.

[112] No original: "impelidos por un sentimiento racial a extremarse en la defensa de los prestigios del continente que representaban, abatidos por la fuerza joven de los embajadores del nuevo continente" *El Día*, 8 de junho de 1928, p. 7.

> da superioridade da América sobre a Europa em uma das mais belas manifestações do esporte.
> [...] ondularão, movidas pelas brisas nórdicas, as suaves cores azul e branco deste céu da América, acolhedor e sereno.
> E, como em Colombes, o vencedor cantará sua vitória em espanhol. Não será o triunfo da Argentina se a Argentina ganhar! Não será o triunfo do Uruguai se o Uruguai ganhar!
> É o triunfo da América. É o triunfo da raça[113] (*EL DÍA*, 9 de junho de 1928, p 7, traduzido).

Esse trecho sintetiza as ideias que o periódico *batllista* vinha apresentando ao longo das Olimpíadas de 1928. Mais importante que a vitória uruguaia propriamente dita, era, na visão do editorial do *El Día*, a afirmação das qualidades latinas perante outros povos e da força que as jovens repúblicas das Américas haviam adquirido em relação à Europa, que já deixara de ser o modelo a ser seguido.

Em se tratando do pensamento racista impregnado nos discursos do *batllismo*, há que se abordar suas especificidades. O caso uruguaio é consideravelmente diferente, por exemplo, da exclusão racial que ocorria no futebol brasileiro, em que iniciativas como a dos chamados camisas negras de 1923 do Club de Regatas Vasco da Gama auxiliaram a combater a hegemonia de clubes que aceitavam apenas jogadores brancos. No Uruguai, comentamos no primeiro capítulo que o futebol teve seu acesso democratizado[114] de maneira precoce para o contexto sul-americano. O país foi o primeiro a incorporar em sua seleção atletas negros nos Campeonatos Sul-americanos, como Isabelino Gradín, bicampeão continental em 1916 e 1917, e José Leandro Andrade, o principal e mais famoso jogador da geração olímpica uruguaia, presente em três títulos sul-americanos, nas medalhas de ouro de 1924 e 1928 e ainda, na conquista da Copa do Mundo de 1930.

Apesar disso, a mentalidade do Uruguai *batllista* gerava apagamento cultural dos afrodescendentes, que compõem aproximadamente 9% da população do país (Arocena & Aguiar, 2007). Ao mesmo tempo em que os governos *batllistas* não adotavam políticas

---

[113] No original: "De acuerdo con los resultados de las ardientes luchas recientemente dilucidadas, el país que va a merecer ese honor único y codiciado no será ninguno de los que concurrieron a la competición representando a la vieja Europa, enferma de tradiciones ancestrales y grávida de sapiencia.
Felicitémonos de que la intervención de nuestros hermanos argentinos en el torneo de Amsterdam haya servido para demostrar que nuestro triunfo de Colombes no fué obra de la casualidad. Ya no se puede dudar, y nadie duda, de la superioridad de América sobre Europa en una de las más hermosas manifestaciones del deporte.
[...] ondearán movidos por las brisas nórdicas los dulces colores azul y blanco de este cielo de América, acogedor y sereno.
Y como en Colombes, el vencedor cantará su victoria en español. ¡No será el triunfo de la Argentina si gana la Argentina! ¡No será el triunfo del Uruguay, si gana el Uruguay! Es el triunfo de América.
Es el triunfo de la raza." *El Día*, 9 de junho de 1928, p. 7.

[114] Há uma ressalva com relação às questões de gênero. Apesar de o futebol feminino não ter sido proibido por lei no Uruguai, como foi no Brasil por quase quatro décadas (1941-1979), ele sofre até os dias atuais com falta de incentivo e preconceitos que dificultam seu desenvolvimento.

diretas de exclusão racial, a identidade uruguaia construída nos anos de reformismo *batllista*, associada à chamada cidadania hiper integradora que comentamos no início deste capítulo, ignorava a diversidade étnica e cultural[115] do país e buscava enquadrar toda a população na narrativa de um país de herança exclusivamente europeia e latina.

[115] Atualmente, há crescente número de iniciativas de resgate e valorização da herança cultural afro-uruguaia, como o circuito cultural *Latido Afro*, em Montevidéu.

Figura 14: Publicação do *El Día* de 9 de junho de 1928, prévia à final olímpica. Trata-se de um exemplo claro do apagamento da diversidade étnica e cultural presente no Uruguai que o imaginário *batllista* promovia, ao passo que os três atletas da seleção uruguaia dispostos na imagem – José Leandro Andrade, afrodescendente, à esquerda, Lorenzo Fernández, no centro, e Álvaro Gestido, à direita, ambos filhos de espanhóis – são homogeneizados sob o rótulo de triunfo da raça latina.


EL DIA

Uruguayos y argentinos están prontos para la final

SE CONMEMORA HOY LA VICTORIA OLIMPICA DE COLOMBES

Cómo formarán mañana los equipos. - Los uruguayos saldrán el martes próximo para París

EL TRIUNFO DE LA RAZA

Fuerte mejor línea media: Andrade, Fernández, Gestido

Fonte: Acervo do autor, 2024.

Foi essa narrativa que observamos ao longo da campanha olímpica uruguaia de 1928, somada à ideia de triunfo da jovem América sobre a ultrapassada Europa. No dia da final

contra os argentinos, o *El Día* enalteceu a trajetória Uruguai, comparando à nação com a Grécia antiga, berço das Olimpíadas:

> Como a Grécia, pequenos, mas sempre tendendo à perfeição, associamos as lutas do espírito às lutas do músculo, e do consórcio dessas duas atividades superiores, assim como faziam os helenos, surgiram centenas de homens novos, gestados em uma democracia poderosa e única, homens que encontraram nos campos de esportes do pequeno Uruguai um amplo espaço para se superarem superando.
> Foram necessários muitos anos de luta formidável, única, para que conseguíssemos ser campeões, para que os públicos de todos os países e de todas as latitudes, assombrados com o espetáculo de elegância e valor que os jogadores do minúsculo Uruguai apresentavam, se estremecessem violentamente de entusiasmo quando os magos do *footballismo* mundial [...] se engrandeceram nas lutas bravas e triunfaram[116] (*EL DÍA*, 10 de junho de 1928, p. 6, traduzido).

Chegava-se, como evidencia no trecho, ao pico da narrativa nacionalista sob a perspectiva *batllista*. O extrato explicita seus principais pontos: culto à democracia, à educação intelectual e física, e projeção externa de um país-modelo, ressaltando sempre a excepcionalidade das realizações da nação diante de seu tamanho. De forma um tanto quanto soberba, o *El Día* dava a entender que o Uruguai tomava a dianteira das civilizações: as nações europeias, que um dia serviram de modelo aos uruguaios, agora deveriam tomar o Uruguai como exemplo a ser seguido – para o idealismo *batllista*, o panorama de décadas anteriores havia se invertido.

A decisão terminou em empate por 1 a 1, descrito pelo *El Día* de 11 de junho de 1928 como ápice do prestígio universal do futebol rioplatense. Na partida de desempate, os uruguaios se impuseram por 2 a 1 e conquistaram o bicampeonato olímpico. Novamente, o título foi relatado com contornos épicos nas páginas do jornal *batllista*: na edição de 14 de junho de 1928, em que o *El Día* afirmou que impôs-se o melhor time, descrevendo os uruguaios como atletas-heróis da pátria. Além da crônica do jogo, havia descrições das comemorações em Montevidéu, uma retomada de toda a campanha olímpica e inclusive um longo poema em homenagem à seleção, escrito pelo poeta uruguaio e ex-presidente do *Club Nacional de Football*, José María Delgado.

---

[116] No original: "como Grecia, pequeños, pero tendiendo siempre a la perfección, hemos asociado las luchas del espíritu a las luchas del músculo, y del consorcio de éstas dos actividades superiores, así como hacían los helenos, surgieron cientos de hombres nuevos, gestados en una democracia poderosa y única, hombres que encontraron en los campos de deportes del pequeño Uruguay amplio sitio donde superarse superando.
Fueron necesarios muchos años de lucha formidable, única, para que consiguiéramos ser campeones, para que los públicos de todos los países y de todas las latitudes, asombrados ante el espectáculo de elegancia y valor que daban los jugadores del minúsculo Uruguay, se estremecieron violentamente de entusiasmo cuando los magos del footballismo mundial [...] se agigantaban en las luchas bravas y triunfaban" *El Día*, 10 de junho de 1928, p. 6.

O *El Día* foi incisivo no ponto de afirmar que venceram os melhores, muito por conta de uma disputa narrativa com a imprensa argentina. Em 15 de junho de 1928, o diário *batllista* publicou um longo trecho rebatendo veículos de imprensa portenhos que atribuíam a vitória uruguaia à sorte ou má atuação da arbitragem. De qualquer maneira, o ouro olímpico ficou, novamente, com os jogadores celestes, que seguiram sendo homenageados como heróis pelo *El Día* até sua chegada em Montevidéu, em 30 de julho de 1928.

O mundial de 1930 e o centenário uruguaio: consolidando um imaginário *batllista* de nação

Enquanto as 17 seleções participantes do torneio olímpico de futebol de 1928 se enfrentavam pela medalha de ouro, movimentos importantes ocorriam nos bastidores. Como pontuado anteriormente, a presidência de Jules Rimet na FIFA, iniciada em 1921, aumentou consideravelmente o alcance da entidade. Esse ponto, somado a discordâncias de posicionamento com o COI acerca da manutenção do esporte internacional como amador (COI) ou profissionalizá-lo (FIFA) geraram crescentes atritos entre as duas instituições.

O COI já tinha a intenção de excluir o futebol dos Jogos Olímpicos desde a edição de 1920, na Bélgica, segundo aponta Florencia Faccio, em *El primer Campeonato Mundial de Fútbol, Uruguay 1930, en el contexto de la globalización* (2012). Contudo, manter a modalidade era interessante financeiramente, em se tratando de um esporte que atraía grandes públicos e portanto, gerava bons lucros.

Simultaneamente, na FIFA, que organizava com ampla autonomia o torneio olímpico de futebol, discutia-se a organização de um torneio completamente independente dos Jogos Olímpicos. Lorenzo Jalabert D'Amado, em *Montevideo 1930: reassessing the selection of the first World Cup host* (2020), explica que a decisão pela criação da Copa do Mundo foi oficializada no congresso da FIFA de 25 e 26 de maio de 1928, em Amsterdã, dias antes do início do torneio de futebol olímpico daquele ano. No mesmo congresso, o embaixador uruguaio na Bélgica, Enrique Buero, que havia auxiliado na filiação da AUF à FIFA anos antes, foi eleito vice-presidente da entidade máxima do futebol internacional.

O autor explica que o plano da entidade era realizar o torneio em 1930, selecionando o país sede no congresso da FIFA do ano anterior (1929), realizado na Espanha. Dessa maneira, os países interessados em sediar o novo campeonato teriam um ano para preparar suas candidaturas, contando desde a decisão em prol da realização da Copa, em 1928, até a definição da sede. No caso do Uruguai, além do ânimo pelos títulos olímpicos já

conquistados e do fomento ao futebol internacional constantemente manifestado por setores da política e direção esportiva do país, o ano de 1930 era consideravelmente atrativo.

Isso porque o dia 18 de julho de 1930 marcaria o centenário do juramento da primeira constituição do país, uma das principais datas associadas ao surgimento da nacionalidade uruguaia. Convém lembrar que argentinos e brasileiros, no contexto de suas comemorações dos centenários de independência, já haviam sediado os Campeonatos Sul-Americanos de Futebol de 1916 e 1922, respectivamente. Assim, já não era novidade no continente a inserção de campeonatos esportivos internacionais nas celebrações políticas. O Uruguai, detentor de duas medalhas de ouro olímpicas e com uma classe dirigente esportiva fortemente associada ao *batllismo*, ideologia que nutria frequentes aspirações de grandeza no que tange a projeção internacional do país, planejava algo maior para seu centenário. Era necessária uma comemoração que fizesse jus à excepcionalidade uruguaia. Sob esse prisma, era esperado que fosse ventilada em Montevidéu a ideia do país sediar a primeira Copa do Mundo.

Para entender a função do centenário da primeira constituição uruguaia para o *batllismo*, é preciso compreender que suas comemorações eram terreno disputado entre as principais forças políticas do Uruguai. Um interessante trabalho acerca dos embates pela memória nos centenários sul-americanos foi escrito pelo historiador equatoriano Guillermo Bustos, e trata-se da obra *El culto a la nación: Escritura de la historia y rituales de la memoria en Ecuador, 1870-1950* (2017), em que o autor analisa o caso de seu país e fornece reflexões aplicáveis a outras nações sul-americanas.

O autor alinha-se com a perspectiva de que a identidade nacional não é uma mera somatória de elementos culturais, tampouco uma assimilação passiva de tradições inventadas. A identidade nacional representaria um terreno de disputa política e ideológica, em que diferentes grupos, com distintas visões acerca da nação, estabelecem conflitos e negociações. Trata-se de um processo complexo em que, em geral, uma narrativa oficial da nação se sobressai e se impõe, convivendo com visões alternativas que emergem paralelamente. Nesse sentido, algumas das principais contendas envolvem elementos de rememoração e exaltação do passado, como as comemorações políticas, os feriados nacionais e os monumentos públicos. Sob essa perspectiva, os centenários das independências sul-americanas foram momentos relevantes ao desenvolvimento da identidade nacional, ao passo que foram momentos de construção de monumentos e organização de eventos para celebrar a pátria nas datas que cada grupo político considerava mais relevantes à sua história.

Para entender o embate político envolvendo o centenário uruguaio, convém observar Meneses, em *Identidad nacional en el Uruguay del centenario, 1919-1930: disputa por el*

"verdadero" lugar de la memoria (2011). As discordâncias começavam na própria data a ser comemorada: dentre os *blancos*, defendia-se as comemorações em 25 de agosto de 1925; entre os *batllistas*, argumentava-se em prol da celebração em 18 de julho de 1930. A primeira data correspondia à declaração de Florida, em que o atual Uruguai declarou-se independente do Império do Brasil, propondo se unir às Províncias Unidas do Rio da Prata (atual Argentina). Já a data preferida pelos *batllistas* dizia respeito à constituição jurada já após a Guerra da Cisplatina (1825-1828) e surgimento do Uruguai enquanto país independente.

O autor explica que houve longos anos de discussão acerca da questão. O centenário pensado pelos *blancos* visava um profundo resgate de tradições e exaltação do passado, enquanto o centenário *batllista* focava mais no presente e no futuro, em demonstrar as transformações sofridas pela nação a partir do reformismo e almejar o que ainda poderia ser alcançado. Os monumentos inaugurados em cada data centenária representam bem o importante peso político das forças que as defendiam: em 25 de agosto de 1925, inaugurou-se o Palácio Legislativo, um dos mais imponentes edifícios de Montevidéu. Já em 18 de julho de 1930, os *batllistas* comemoram a inauguração do Estádio Centenário diante de quase 60 mil pessoas, no contexto da estreia da *celeste* na Copa do Mundo de 1930.

Figura 15: Palácio Legislativo de Montevidéu, inaugurado em meio às festividades do centenário da declaração de Florida, em 1925.



Fonte: Acervo do autor, 2024.

Para compreender como se chegou a esse ponto, convém abordar a candidatura uruguaia ao sediamento do mundial de 1930. D'Amado (2020) explica que o gênesis da ideia de uma Copa do Mundo no Uruguai partiu de José Gervasio Usera Bermúdez, delegado do *Nacional* que acompanhava a seleção uruguaia na Olimpíada de Amsterdã. O dirigente acompanhou o congresso da FIFA daquele ano e se interessou pela decisão de realização de um campeonato mundial fora das Olimpíadas. Ao regressar para Montevidéu, Bermúdez formulou uma proposta para sediar o mundial junto a outro membro do *Nacional*, Roberto Espil, e apresentou-a à AUF, que prontamente endossou a ideia.

O autor conta que Buero, vice-presidente da FIFA à época, alertou os dirigentes uruguaios de que dificilmente seria possível convencer as associações europeias a custear viagens de suas equipes para a América do Sul. Dessa forma, a candidatura uruguaia já teria desvantagem logística em relação às candidaturas europeias. Seria necessário, para superá-las, que o Uruguai fosse capaz de custear todos os gastos relacionados ao transporte e hospedagem dos europeus. A AUF sozinha não seria capaz de realizar tamanho investimento, de maneira que, novamente, a entidade teria de solicitar auxílio estatal. Nesse sentido, o *El Día* publicou, em 12 de abril de 1929, um manifesto assinado por dirigentes de mais de 20 clubes uruguaios, pedindo apoio financeiro do governo ao ousado projeto.

Apesar dos questionamentos levantados por membros do *Partido Nacional*, o peso que o futebol e a seleção nacional haviam adquirido perante a população uruguaia contribuíram para que o Parlamento aprovasse, em maio de 1929, importantes subsídios à AUF para a organização do torneio e um empréstimo à instituição para a construção de um novo estádio que comportasse o Mundial. Em se tratando de um projeto com alto aporte estatal, uma das condições impostas foi que pelo menos um terço das entradas para o campeonato fossem comercializadas a 0,20 pesos (D'Amado, 2020), um preço acessível às camadas populares.

O Uruguai fez uso de sua importante posição política na direção da CSF para convencer os países membros a enviarem delegados para o Congresso da FIFA de 1929, em que seria votado o país-sede da Copa. Sem os delegados de Brasil, Argentina, Peru, Paraguai e Chile além, claro, do próprio Uruguai, que era representado pelo presidente da CSF, Héctor Gómez, seria difícil conseguir superar as candidaturas europeias para sediar o Mundial de 1930. O apoio sul-americano e, sobretudo, a proposta uruguaia de custear os gastos de todas as delegações participantes, oferecendo condições luxuosas como passagens de primeira classe, fizeram com que Suécia, Holanda, Hungria, Itália e Espanha desistissem de suas candidaturas. As garantias financeiras dadas pelo Estado uruguaio iam muito além das

propostas europeias, principalmente em se tratando de um momento econômico conturbado que anunciava dias mais tenebrosos que chegariam após a quebra da Bolsa de Nova York em outubro de 1929 (D'Amado, 2020).

Dessa forma, só restou a candidatura uruguaia, declarada pela FIFA a vencedora da corrida pelo sediamento da primeira Copa do Mundo da história. O sucesso do projeto foi assim comemorado pelos *batllistas* em 19 de maio de 1929:

> O projeto dos destacados desportistas do Club Nacional, senhores José G. Usera Bermúdez e Roberto Espil, acaba de obter o mais amplo êxito, com a resolução de ontem do Congresso da FIFA reunido em Barcelona. [...]
> Todos num mesmo movimento, exagerado pelo desejo veemente de conquistar para o país esse grandioso acontecimento, lidamos com o comentário alentador pelo triunfo dessa iniciativa, pretendendo com essa íntima aspiração, exteriorizar nosso sentimento insondável.
> [...] A decisão do Congresso da FIFA põe em evidência uma vez mais o prestígio de que goza o Uruguai em todos os países do mundo. Primeiro, em 1924, pouco conhecido, poderia dizer-se quase ignorado, chegou a consagrar seu nome com a valente façanha olímpica de Colombes.
> Desde então a curiosidade dos povos, que em grande parte pelo esporte seguem a evolução dos países, foi desmedida, e surgiu o perfeito conhecimento do Uruguai, como nação de refinada democracia, e de elevada organização social[117] (*EL DÍA*, 19 de maio de 1929, p. 9, traduzido).

[117] No original: "El proyecto de los destacados deportistas del Club Nacional, señores José G. Usera Bermúdez y Roberto Espil, acaba de obtener el más amplio éxito, con la resolución de ayer del Congreso de la FIFA reunido en Barcelona. [...]
Todos en un mismo movimiento, exagerado por el deseo vehemente de conquistar para el país ese grandioso acontecimiento, bregamos con el comentario alentador por el triunfo de esa iniciativa, pretendiendo con esa íntima aspiración, exteriorizar nuestro sentimiento insondable.
[...] La decisión del Congreso de la FIFA, pone en su evidencia una vez más el prestigio de que goza el Uruguay en todos los países del mundo. Primero, en 1924, poco conocido, podría decirse casi ignorado, llegó a consagrarse su nombre con la valiente hazaña olímpica de Colombes.
Desde ese entonces la curiosidad de los pueblos, que en gran parte por el deporte siguen la evolución de los países, fué desmedida, y surgió el perfecto conocimiento del Uruguay, como nación de refinada democracia, y de elevada organización social." *El Día*, 19 de maio de 1929, p. 9.

Figura 16: Cartaz oficial da Copa do Mundo de 1930, disposto no *Museo del Fútbol* do Estádio Centenário, em Montevidéu.



Fonte: Acervo do autor, 2024.

A narrativa do *El Día* buscava transmitir a mensagem de que o Uruguai, de fato, era percebido na Europa como nação desenvolvida e democrática, devido a seu sucesso esportivo. Contudo, ainda que os triunfos olímpicos de 1924 e 1928 tenham potencializado a projeção externa uruguaia, o clima de vitória exposto nas páginas do jornal *batllista* maquiava um cenário político conturbado na FIFA, como ficou evidente nos meses seguintes.

Ocorre que boa parte das nações europeias se mostrou descontente com o triunfo político sul-americano e, em função disso, optou por boicotar o torneio, de maneira que, até o fim de 1929, não havia nenhuma seleção europeia inscrita para a Copa do Mundo de 1930. Setores da imprensa anti *batllista* tratavam o panorama como fracasso da candidatura

uruguaia e da atuação diplomática de Buero (Morales, 2013), enquanto os *batllistas* tentavam manter o discurso otimista de que o campeonato seria um sucesso.

No fim das contas, em um cenário em que se chegou ao ponto de os países sul-americanos ameaçarem uma desfiliação em bloco da FIFA, foi possível contar, de última hora, com as inscrições de quatro seleções europeias para a Copa do Mundo: França, Bélgica, Iugoslávia e Romênia. A estes se somaram as equipes de Estados Unidos e México e, representando a América do Sul, Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Paraguai, Peru e os anfitriões uruguaios. O Egito, que havia participado dos últimos dois torneios olímpicos, acabou não logrando comparecer à Copa do Mundo devido a atrasos na viagem.

Além da dificuldade enfrentada para reunir participantes para o campeonato, havia o apertado prazo para a construção do estádio. Para administrar este projeto, foi criada em 1929, pelas autoridades municipais de Montevidéu em parceria com a AUF, a *Comisión Administradora del Field Oficial* (CAFO), que até hoje administra o Estádio Centenário. A intenção inicial de construir um estádio para 100 mil pessoas, capaz de abrigar quase um sexto dos pouco mais de 650 mil habitantes da capital Uruguaia em 1930 (Pellegrino, 2010) era, para Morales (2013), sintomática do Estado hiper integrador uruguaio à época, que vislumbrava incluir o máximo possível da população em suas festividades de culto à cidadania e à nação. Com o tempo curto para conclusão das obras, o estádio foi erguido em menos de um ano, com capacidade para aproximadamente 70 mil pessoas, consideravelmente menor à dos projetos originais.

O local escolhido para abrigar o Estádio Centenário estava a poucos metros de onde havia sido sediado o campeonato sul-americano de 1917, que abordamos no início deste capítulo. O entorno do antigo *Parque Pereira* havia sido renomeado como *Parque de los Aliados* após a Primeira Guerra Mundial. Contudo, algumas semanas antes do início da Copa do Mundo de 1930, o parque foi rebatizado novamente, passando a denominar-se *Parque Batlle y Ordóñez*, nome que carrega até os dias atuais, em homenagem póstuma a José Batlle, ex-presidente e ideólogo do *batllismo*, que veio a falecer em outubro de 1929.

As arquibancadas do novo estádio foram batizadas com nomes que fazem referência às conquistas olímpicas do país: *Olímpica*, *Colombes* e *Amsterdam*, sendo as duas últimas em referência aos locais das conquistas de 1924 e 1928, respectivamente. A tribuna *América* completava a obra, homenageando as nações do continente que apoiaram a Copa do Mundo no Uruguai, como evidencia trecho do *La Razón* de Buenos Aires publicado no *El Día* de 24 de junho de 1930. O jornal portenho descreveu a obra, que se encontrava em suas semanas finais, como grandiosa, imponente e impressionante.

Figura 17: Fotografia aérea das obras do Estádio Centenário dias antes de sua inauguração, publicadas no *El Día* de 8 de julho de 1930.



Fonte: Acervo do autor, 2024.

Em 2 de julho de 1930, o diário *batllista* celebrou a chegada das primeiras delegações estrangeiras para o mundial, México e Estados Unidos, que haviam desembarcado em Montevidéu no dia anterior. O *El Día* afirmou que os hóspedes seriam recebidos com a hospitalidade que era sempre dedicada a todos que desembarcavam naquela nação democrática que era o Uruguai, nas palavras do jornal. Era o típico discurso de Estado democrático e hiper integrador, capaz de receber e acolher todos os povos. Mais tarde, foi anunciada, no dia 8 de julho de 1930, a chegada da delegação argentina: para além do tom hospitaleiro, o veículo de imprensa *batllista* afirmou torcer para que a final da Copa do Mundo de 1930 fosse realizada entre as duas nações irmãs do Prata – novamente, o jornal afirmava argentinos e uruguaios como dois povos distintos, mas fraternalmente unidos.

Em 11 de julho de 1930, o *El Día* mencionou uma homenagem a Artigas organizada pelas delegações estrangeiras que já estavam no país. O diário agradeceu a homenagem dos países visitantes àquele que denominou "pai da nossa nacionalidade". No contexto das comemorações do centenário, a festa esportiva mesclava-se com a festa patriótica, de maneira que a Copa do Mundo auxiliava a consolidar o aspecto nacionalista do centenário uruguaio. Vale lembrar que, segundo Caetano (1992), o período do centenário foi quando se estabeleceu com mais força e difundiu-se a imagem do que era o Uruguai moderno – tanto internamente quanto externamente, podemos inferir.

A cobertura do *El Día* trazia detalhadas matérias acerca dos preparativos para as primeiras partidas, analisando cada equipe e publicando imagens das delegações estrangeiras que chegavam ao país. Simultaneamente, os trabalhadores das obras do Estádio Centenário corriam contra o tempo para finalizar sua construção – apesar de ter ficado pronto à tempo para receber a estreia da *celeste* no dia do centenário, 18 de julho, Morales (2013) explica que a obra estava incompleta, com partes das arquibancadas sustentadas por apoios de madeira e alguns outros improvisos ao projeto original. O jornal *batllista*, focado em um enaltecimento da competição e das comemorações centenárias, minimizava essas questões.

Enquanto as obras do Estádio Centenário eram finalizadas às pressas, a disputa da Copa do Mundo já havia sido iniciada em palcos alternativos. Os dois primeiros jogos foram realizados em 13 de julho de 1930, de forma simultânea. Foram eles: Estados Unidos *versus* Bélgica, no *Gran Parque Central* e França *versus* México, no *Estadio Pocitos*, demolido anos após o Mundial. O francês Lucien Laurent marcou o primeiro gol da história das Copas do Mundo[118] contra os mexicanos em partida que finalizou em 4 a 1 para o time europeu. Apesar da boa estreia francesa, das quatro seleções europeias que iniciaram o torneio, três caíram na fase de grupos, sendo a única que conseguiu se classificar às semifinais a seleção iugoslava. Comparada aos torneios olímpicos de 1924 e 1928, a Copa do Mundo de 1930 teve mais presenças destacadas das equipes americanas em detrimento das europeias.

Infelizmente, parte da matéria do *El Día* correspondente à estreia da seleção uruguaia e festejos do centenário realizados no estádio homônimo, em 18 de julho de 1930, está em páginas faltantes na microfilmagem deste jornal consultada junto à Biblioteca Nacional do

[118] O *Estadio Pocitos* foi demolido na década de 1940. Para preservar a memória do primeiro gol das Copas do Mundo, o arquiteto uruguaio Héctor Enrique Benech realizou, entre 2002 e 2006, um estudo com fotografias aéreas de Montevidéu em 1926, conseguindo delimitar onde ficavam o centro do gramado e a trave onde foi marcado o gol de Laurent. Foram posicionadas duas esculturas nos dois locais mencionados, entre as ruas *Coronel Alegre* e *Charrúa*, no bairro de Pocitos. Apesar da iniciativa, poucos turistas e mesmo montevideanos sabem da existência desses marcos, que com relativa frequência apresentam estado de má conservação. Seu esquecimento faz jus aos dizeres gravados em uma das esculturas: "*Donde duermen las arañas*" ou, traduzido, "onde dormem as aranhas".

Uruguai. De qualquer maneira, os trechos disponíveis do *El Día* de 19 de julho de 1930 evidenciam um contraste discursivo entre a imponência do estádio e do evento social que ali se desenvolveu e uma análise crítica daquilo que o jornal *batllista* considerou uma atuación decepcionante da seleção uruguaia, triunfante pelo apertado placar de 1 a 0 contra o Peru, diante de 68 mil pessoas (AUF, 2025).

Figura 18: Capa da matéria do *El Día* referente à inauguração do Estádio Centenário e estreia uruguaia na Copa do Mundo de 1930, publicada em 19 de julho de 1930.



Fonte: Acervo do autor, 2024.

Apesar da decepção, os uruguaios recuperaram rapidamente o clima de otimismo, classificando-se para as semifinais com uma vitória por 4 a 0 sob os romenos e, em seguida, eliminando a Iugoslávia pelo elástico placar de 6 a 1. Do outro lado da chave, os argentinos triunfaram sobre os estadunidenses, também por 6 a 1, garantindo, como desejado pelo *El*

Día, uma nova final rioplatense. No dia da semifinal entre Argentina e Estados Unidos, o jornal *batllista* aproveitou-se do rápido esgotamento das entradas para o confronto, para celebrar aquilo que considerava o sucesso da Copa do Mundo, e criticar de maneira ácida aqueles que se posicionaram contra a realização do torneio no Uruguai:

> Apesar das pretensas ironias dos agourentos fracassados que, empenhando-se em fechar os olhos ao progresso sempre crescente de nossa cidade, não se cansavam de anunciar a ínfima pequenez numérica dos que seguiriam o desenvolvimento do Campeonato do Mundo, comparada com a capacidade do estádio construído no Parque José Batlle y Ordóñez [...] o acontecimento esportivo que tem por cenário nossa capital provocou um interesse tão grande que as instalações do estádio resultaram pequenas, muito pequenas, para conter os muitos milhares de pessoas que desejariam assistir a todas as provas do magno certame[119] (*EL DÍA*, 25 de julho de 1930, p. 10, traduzido).

O texto em questão prosseguiu solicitando que aqueles que não conseguiram ingressos para a partida não se aglomerassem em torno do estádio, ocasionando tumultos, e pedindo aos que tinham entradas para a partida, que evitassem atitudes hostis e indecorosas (já que tratava-se de uma partida envolvendo os rivais argentinos). Segundo o *El Día*, o público uruguaio representava os "defensores dos prestígios da nossa cultura", de maneira que uma conduta amistosa perante os estrangeiros era crucial à imagem externa que o *batllismo* desejava transmitir. Como observamos desde o capítulo 1, o que ocorria na prática era diferente, com constante hostilidade do público e diversos episódios de conflitos e tumultos nas partidas entre argentinos e uruguaios, ainda mais após mais de três décadas de rivalidade entre ambas as nações no futebol àquela altura. A irmandade entre os povos do Prata com relativa frequência se restringia ao discurso jornalístico.

O *El Día*, tal qual na ocasião mencionada, esforçou-se em construir uma ideia de que o público montevideano apresentava comportamento hospitaleiro para com as delegações visitantes. Após a semifinal entre Argentina e EUA, a edição do *El Día* de 27 de julho de 1930 dedicou uma seção especialmente para elogiar a conduta dos torcedores, narrada como absolutamente respeitosa pelo jornal. No dia seguinte, 28 de julho de 1930, o jornal *batllista* ainda publicou um comentário do *La Nación* bonaerense endossando a narrativa de comportamento cortês dos uruguaios. A preocupação em reforçar esse aspecto fazia parte de

---

[119] No original: "Pese a las pretendidas ironías de los fracasados agoreros que empeñandose en cerrar los ojos al progreso siempre creciente de nuestra ciudad, no sé cansaban de anunciar la ínfima pequeñez numérica de los que seguirían el desarrollo del Campeonato del Mundo, comparada con la capacidad del estadio construído en el Parque José Batlle y Ordóñez [...] el acontecimiento deportivo que tiene por escenario nuestra capital ha provocado un interés tan grande que las instalaciones del estadio han resultado pequeñas, muy pequeñas, para contener a los muchos millares de personas que desearían asistir a todas las pruebas del magno certamen."*El Día*, 25 de julho de 1930, p. 10.

uma troca de farpas com parte da imprensa portenha, que vinha relatando hostilidade do público em Montevidéu.

A batalha de narrativas não se dava apenas no âmbito externo. Morales (2013) explica que dentro do Uruguai, veículos associados ao *Partido Nacional*, apesar de cobrir detalhadamente a Copa, eram mais críticos com relação aos problemas de organização, especialmente o jornal *La Tribuna Popular*. O autor ainda destaca que o jornal *Justicia*, do *Partido Comunista*, era enfaticamente contra o torneio e buscou convocar protestos contra os festejos do centenário e em protesto às delegações estrangeiras visitantes, sem obter muito sucesso perante a opinião pública majoritária. Enquanto isso, a imprensa *colorada* e sobretudo a batllista através do *El Día*, focavam em afirmar o sucesso da Copa.

Cabe ressaltar, entretanto, que o jornal *batllista* não ignorou completamente os pontos negativos do torneio. Em 29 de julho de 1930, por exemplo, o diário publicou uma ampla crítica intitulada "Sobre má organização", responsabilizando a AUF – que era dirigida por Raúl Jude, um colorado não batllista – por não ter sido capaz de planejar com antecedência um sistema adequado para a venda de ingressos, com poucos locais destinados à venda e alta presença de revendedores de entradas ilegalmente, ou cambistas, como são popularmente conhecidos no Brasil.

Diferentemente de 1924, em que a conquista da seleção uruguaia esteve especificamente associada a uma empreitada *batllista*, através de figuras como Atilio Narancio, Francisco Ghigliani e da cobertura exclusiva do *El Día*, na Copa do Mundo de 1930, o *Partido Colorado* de maneira mais ampla – do qual o *batllismo* era apenas uma fração – bebeu do sucesso do torneio. O próprio presidente uruguaio durante o torneio, Juan Campisteguy, cujo mandato estendeu-se entre 1927 e 1931, não era *batllista*, era um colorado da ala conservadora (*riverista*). Os tempos de maior hegemonia do *batllismo* dentro de seu partido e do Estado de forma geral já haviam passado, como explicado no início do capítulo.

Apesar disso, o *El Día* mantinha em seus discursos sua longeva relação de apadrinhamento da seleção uruguaia, tratando a *celeste* como elemento de elevação do orgulho nacional no contexto patriótico do centenário. Foi sob esse tom que o diário publicou sua última mensagem de apoio aos jogadores uruguaios antes da final:

> Avante, rapazes
> [...] só nos resta apelar ao coração, ao enorme coração destes bravos rapazes que, em mil embates, não souberam medir esforços nem poupar sacrifícios para colocar as cores pátrias no lugar de honra [...].
> Estarão diante de vocês, rapazes uruguaios, onze bravos campeões talhados em bronze, com o espírito convicto de que a vitória lhes deve pertencer. [...]

> A pátria inteira, essa é a verdade, aguarda vosso triunfo. Entrem na arena com o peito inflado de entusiasmo, com o espírito tomado pelo ideal patriótico que neste grande dia encarnarão. [...]
> Rapazes, a Vitória vos espera!!![120] (*EL DÍA,* 30 de julho de 1930, p.7, traduzido).

O jornal prosseguiu com uma matéria de várias páginas da final a ser disputada. Uma dessas páginas era adornada com fotos individuais dos 22 atletas que se enfrentariam, com uma gravura da taça Jules Rimet no centro junto da Torre das Homenagens, peça arquitetônica que emerge das arquibancadas do Centenário e configura o ponto mais alto e icônico do estádio, onde seria hasteada a bandeira da nação campeã do mundo. Quanto ao jogo, o *El Día* recomendava cautela na defesa contra um time argentino mais veloz que o uruguaio, o qual era, por sua vez, mais eficaz, na visão do jornal. Vale retomar que, como discutimos no capítulo 2, desde a década de 1910, o futebol uruguaio era geralmente associado a um estilo mais lento e cadenciado e o argentino, a um mais rápido e objetivo.

Em uma final equilibrada, tal qual havia sido em 1928, os uruguaios foram para o intervalo com uma desvantagem de 2 a 1. Apesar disso, um segundo tempo com 3 gols a favor da *celeste* permitiu a virada e a conquista da primeira Copa do Mundo por parte dos anfitriões, por 4 a 2. Pela terceira vez em cerca de seis anos, sendo a segunda em uma decisão contra seus vizinhos argentinos, os uruguaios viam-se no pináculo do futebol internacional.

A edição do *El Día* de 31 de julho de 1930 dedicou mais de quatro páginas inteiras para detalhar o que ocorreu naquela final. Além de fotos individuais dos campeões do mundo, do estádio e das principais jogadas da partida, o jornal *batllista* homenageou a conquista com uma enorme gravura ocupando uma página inteira, em que era apresentado um homem carregando a bandeira uruguaia em uma das mãos e o brasão nacional na outra, junto de um desenho da Torre das Homenagens e um mapa da América do Sul. Os dizeres "Centenario *del Uruguay" e "Campeones del Mundo 1930"* completavam a representação. Até nos espaços publicitários do diário as marcas prestaram homenagens à seleção, inclusive com o oferecimento de promoções dedicadas à conquista.

A página que abria toda a entusiástica cobertura, além da manchete "*¡¡Uruguay Campeón del mundo!!",* ostentava em seu topo as palavras "*Colombes 1924*", "*Amsterdam*

---

[120] No original: "Arriba muchachos
[...] sólo nos resta dirigirnos al corazón, al enorme corazón de estos bravos muchachos que en mil embates no han sabido escatimar esfuerzos ni ahorrar sacrificios para poner los colores patrios en el sitial de honor [...]
Habrá frente a vosotros, muchachos uruguayos, once bravos campeones tallados en bronce y con el espíritu convencido de que la victoria debe corresponderles. [...] La patria toda, esa es la verdad, espera vuestro triunfo. Entrad a la arena con el pecho henchido de entusiasmo, preso el espíritu de la idealidad patriótica que en este gran día encarnarais. [...]
Muchachos, la Victoria os espera!!!" *El Día*, 30 de julho de 1930, p. 7.

1928" e "*Montevideo 1930*", associando os três momentos de auge daquela geração do futebol uruguaio. Mais abaixo, o centro da página apresentava uma enorme fotografia do defensor José Nasazzi, capitão uruguaio nas três conquistas. Nasazzi, enquanto líder dentro de campo era, segundo Morales (2013), visto quase como um caudilho – as figuras que exerciam papel de autoridade local, sobretudo em regiões mais distantes do centro administrativo do Estado, como era o caso de boa parte do interior uruguaio.

Figuras 19, 20 e 21: Cobertura do *El Día* de 31 de julho de 1930 acerca do título mundial uruguaio conquistado no dia anterior. A primeira imagem traz a manchete, associando a conquista de 1930 às medalhas de ouro olímpico de 1924 e 1928. A segunda imagem destaca o capitão uruguaio José Nasazzi. A última imagem é a mencionada gravura publicada em homenagem ao título.


¡¡URUGUAY CAMPEON DEL MUNDO!!
FUE EMOCIONANTE EL ESPECTACULO DE AYER
LA CONQUISTA SOBRE ARGENTINA FUE TAN AMPLIA COMO MERECIDA
COLOMBES 1924
AMSTERDAM 1928
MONTEVIDEO 1930
COMO FUERON HECHOS LOS SEIS TANTOS DE LA TARDE
EL GOAL DE DORADO
ARGENTINA


EL EMPATE
NAZZAZI
Tres veces capitán de Campeones de Campeones



Fonte: Acervo do autor, 2024.

A conquista daquele 30 de julho de 1930 foi o elemento que faltava para coroar as intenções *batllistas* para o centenário da nação. Era o ápice da projeção externa do país por meio do futebol e uma confirmação simbólica daquele discurso de esperança e grandeza que o *El Día* desde o início do século XX vinha construindo em torno da seleção uruguaia e desse esporte de forma geral. Apesar dos aspectos negativos da Copa, minimizados ou rebatidos pelo jornal *batllista*, podemos inferir que as principais aspirações dessa corrente política, ao

longo do período 1897-1930, no que tangia o futebol e suas potencialidades políticas e sociais, foram atingidas e até superadas. A estreita relação que até os dias atuais é observável entre futebol, a seleção uruguaia, e a identidade nacional do país, tem raízes no período analisado ao longo desses três capítulos, de maneira que o legado da chamada geração olímpica do futebol uruguaio estabeleceu-se como elemento de longa duração.

Após 1930, todavia, os cenários político e esportivo alteraram-se. Politicamente, a democracia uruguaia ruiu diante do governo ditatorial de Gabriel Terra, instaurado em 1933. Esportivamente, a geração olímpica do futebol uruguaio, já envelhecida, viveu sua derradeira conquista no Campeonato Sul-Americano de 1935, fechando assim seu ciclo vitorioso.

Considerações Finais

Retomando a obra *Comunidades Imaginadas* (2008), de Anderson, temos que as nações são concebidas através de uma camaradagem horizontal imaginada entre seus membros, a qual ignora as estruturas de exploração existentes em suas sociedades. Se tomarmos por base a cidadania hiper integradora *batllista*, notamos que a ideia de nação desse grupo político era semelhante à perspectiva de Anderson: no país pensado pelo *batllismo*, independentemente da origem e idioma nativo, eram todos uruguaios porque gozavam de amplos direitos democráticos e eram amparados por um Estado cujo escopo de atuação crescia cada vez mais, minimizando os contrastes daquela sociedade. O "ser uruguaio", para os *batllistas*, advinha em boa parte dessa noção de cidadania ampliada, de maneira que o aspecto político era incorporado à identidade nacional.

Em meio a esse modelo de nação que o *batllismo* advogou em prol, o futebol apareceu como símbolo do sucesso. Tratava-se, a partir da década de 1920, de um esporte que alcançou uma popularidade impressionante em partes da Europa e da América do Sul, e que, como a maioria dos esportes modernos à época, estava fortemente associado a ideais civilizatórios. Nessa perspectiva, dominar o futebol mundial representava uma das formas de demonstrar que a nação havia se modernizado e se tornado, portanto, civilizada. No caso do Uruguai, era mais que isso: sendo um país territorialmente pequeno e com uma baixa população, o *batllismo* viu o futebol como maneira de inserir o país no mapa da percepção internacional.

Todavia, vimos que o interesse *batllista* no futebol envolvia diversos outros aspectos e havia se manifestado bem antes do Uruguai se tornar uma potência nesse esporte. Sintetizando as informações que colhemos e discutimos ao longo desta dissertação, cabe retomar os posicionamentos mais substanciais que o *batllismo*, por meio dos textos do *El Día*, expressou acerca do futebol.

Nos últimos anos do século XIX, as partidas do *Albion* contra marinheiros ingleses foram responsáveis por chamar a atenção do jornal a esse esporte pela primeira vez. As primeiras matérias publicadas sobre os jogos eram, em geral, curtas, mas com uma visão positiva, recomendando à população comparecer aos mesmos como forma de entretenimento ao ar livre. Rapidamente, todavia, o diário percebeu o futebol como algo valioso, ao identificá-lo como uma das únicas modalidades de diversão pública capaz de reunir grandes quantidades de pessoas e criar espaços de confraternização em uma sociedade montevideana ainda desagregada, com várias comunidades imigrantes isoladas entre si.

As partidas organizadas naquele primeiro momento pelo *Albion*, contra os britânicos ou contra times portenhos visitantes, manifestaram nos torcedores um ímpeto de comparecer aos estádios para torcer pelos locais, chamado de espírito localista pelo *El Día*. Discursivamente, o jornal *batllista* narrava os jogos com uma simpatia inclinada aos times de Montevidéu, descritos como orientais ou *criollos*, a depender da nacionalidade dos adversários. Era uma manifestação ainda tímida do forte tom nacionalista adotado pelo *batllismo* em anos seguintes, consideravelmente enfático nos textos sobre futebol.

Adicionalmente, o diário percebeu o futebol como um espaço capaz de reunir diversas classes sociais em uma mesma festividade, todas motivadas a torcer pelos times locais. Tal qual na ideia de camaradagem universal de Anderson (2008), o futebol era identificado pelos *batllistas* como elemento cultural capaz de ocultar momentaneamente as desigualdades da nação, homogeneizando as diferenças daqueles grandes contingentes de torcedores em favor de apoiar tudo que fosse oriental. Em um dos trechos transcritos no primeiro capítulo, o *El Día* descreveu a união das classes sociais nos estádios como uma democratização da aristocracia – essa mentalidade era uma das bases do Estado hiper integrador que mais tarde o *batllismo* tentaria construir através do reformismo.

Outro benefício percebido no futebol por parte do jornal *batllista* foi a capacidade de esvaziar ou desviar o foco das festividades religiosas, ao passo que os montevideanos se engajavam cada vez mais nesse esporte. Conforme discutimos, o *batllismo* tinha a laicização como uma de suas agendas principais. Como obstáculos para isso, tinha-se uma sociedade profundamente religiosa, nas palavras do *El Día*, e o fato de as festas cristãs representarem um dos poucos espaços populares de socialização em Montevidéu. Em relação a esse último ponto, o futebol emergia como uma confraternização social alternativa.

No segundo capítulo, vimos que, da mesma forma que havia ocorrido na capital no final do século XIX, o *El Día* identificou o futebol como espaço de comunhão social nas pequenas cidades do interior uruguaio a partir da virada do século. As equipes que emergiram fora de Montevidéu chegaram a ser comparadas a guardas nacionais pelo jornal *batllista*, em metáfora que denota a importância para o *batllismo* da difusão do futebol a nível nacional.

Já no início do século XX, o *El Día* passou a apoiar a ideia de criar uma equipe – nas palavras do jornal – autenticamente oriental, para demonstrar que aquela sociedade não dependia mais dos jogadores de ascendência inglesa (como era o caso de boa parte dos atletas do *Albion*) para ser capaz de medir forças as equipes argentinas. Surgia, a partir de então, o clássico rioplatense, entre as seleções argentina e uruguaia, a partir de 1902.

Para além da construção de novos símbolos nacionais – como viria a se tornar a camisa *celeste* para os uruguaios, anos mais tarde – a rivalidade futebolística entre as duas nações era uma maneira de a população uruguaia afirmar-se como diferente perante seus vizinhos, ainda que compartilhassem em larga medida a identidade rioplatense com os argentinos. É interessante pontuar que, conforme as partidas entre as duas seleções foram se convertendo em tradição e eram cada vez mais frequentes, o *El Día* foi gradativamente referindo-se ao selecionado local menos como oriental e mais como uruguaio. O termo oriental, baseado na posição geográfica do país à margem leste do Rio Uruguai, lado oposto ao restante das antigas Províncias Unidas do Rio da Prata, era pouco a pouco substituído por um gentílico mais novo e associado diretamente à jovem nação, distanciando-se em certa medida da identidade rioplatense.

Apesar disso, o *El Día* nunca deixou de enfatizar que Uruguai e Argentina eram povos irmãos e deveriam zelar por sua boa relação. Comentamos no primeiro capítulo que se tratava de uma mentalidade presente desde os tempos de Artigas, em que a identidade rioplatense convivia com um desejo de autodeterminação do povo oriental. Nessa mesma lógica, ainda que o discurso do *El Día* fosse de fraternidade, o desejo e a importância de vencer os argentinos eram expressos a todo momento nas páginas do jornal *batllista*, que comparava constantemente o desenvolvimento do futebol nas duas nações. A contraposição constante acirrava os ânimos de torcedores montevideanos e portenhos, haja vista os frequentes tumultos e casos violência por parte do público no clássico rioplatense em seus primeiros anos de existência. As desavenças frequentemente estendiam-se aos dirigentes e veículos de imprensa dos dois países, e o *batllismo*, tão simpático ao nacionalismo e à rivalidade rioplatense, suavizava seu discurso como forma de apaziguar as tensões.

Outrossim, na perspectiva *batllista*, a cultura esportiva e o futebol por si só eram vistos como indicadores de civilização. Por conta disso, vencer os argentinos era uma forma de demonstrar o sucesso da nação para além da esfera esportiva. Vale lembrar que os primeiros anos do clássico rioplatense (iniciado em 1902) eram mais ou menos simultâneos ao auge do reformismo *batllista* (aproximadamente entre 1904 e 1915), de maneira que as vitórias obtidas pelo Uruguai seriam uma confirmação do sucesso do *batllismo* em seu projeto de modernização do país.

No entanto, o que se viu até 1910 foi uma supremacia evidente dos argentinos em termos de resultados. Foram anos em que o *batllismo* usou o futebol para imprimir um discurso de esperança perante a população: criou-se uma narrativa de que as vitórias contra a Argentina estavam cada vez mais próximas – da mesma maneira que caminhavam as

reformas rumo à modernização nacional – em um diálogo frequente do *El Día* com a ideia de *ilusión*, de que era necessário ao povo uruguaio acreditar e ansiar pela viabilidade de grandes conquistas para a nação no futuro.

A partir de 1910 e sobretudo com a geração de 1912 do futebol uruguaio, a seleção local passou a triunfar com maior frequência sobre os argentinos. Cabe relembrar que, diante da insatisfação com a organização do time nacional, manifestada frequentemente nos textos do jornal *batllista*, Héctor Gómez, que aquela altura era ainda *batllista* e membro importante do *El Día*, passou a atuar no comando da escolha e preparação dos atletas da seleção uruguaia, executando essa função entre 1907 e 1912 (Garrido, 2016). Foi esse mesmo personagem que, diante da melhora no nível do futebol uruguaio, propôs a criação da Confederação Sul-Americana de Futebol (CSF à época), organizadora dos Campeonatos Sul-Americanos a partir de sua segunda edição, em 1917. Com um uruguaio no comando do internacionalismo esportivo da América do Sul, o Uruguai inaugurou sua fase de domínio regional do futebol dentro e fora de campo.

A partir daí, o *batllismo*, já em um momento em que as forças políticas opositoras freavam a continuidade do reformismo de anos anteriores, adotou um discurso centrado em projetar externamente o sucesso da cultura atlética daquele país-modelo que os *batllistas* acreditavam ter construído. O sucesso da seleção uruguaia era discursivamente associado ao sucesso da nação, de maneira que o *El Día* tratava as conquistas da seleção como triunfos esperados, em se tratando de um país que era, em sua perspectiva, modelo de desenvolvimento e cultura atlética para o resto da região. Paralelamente, o jornal destacava a grandiosidade desses feitos esportivos, em se tratando de um país muito menor que seus vizinhos territorialmente e em termos populacionais.

O nacionalismo discursivo se ampliava ao passo que o *El Día* divulgava e incentivava manifestações patrióticas em torno da seleção, com multidões recebendo-a cada vez que voltava da disputa de campeonatos no exterior. A *celeste* ingressava com força nos rituais de culto à pátria que, na visão *batllista*, deveriam ser orientados muito mais para os feitos da nação no presente do que para um culto a heróis e eventos passados. O ápice desse primeiro momento de conquistas foi o envio da seleção uruguaia a Colombes para a conquista da medalha de ouro olímpica de 1924. Diante de todas as disputas políticas que apresentamos no capítulo 3 envolvendo a participação uruguaia nos Jogos Olímpicos, a conquista serviu como motivação para o *El Día* associar ainda mais diretamente o sucesso da seleção ao *batllismo*, corrente que apadrinhava o time nacional através de figuras como Atilio Narancio.

Quatro anos mais tarde, os uruguaios partiram para Amsterdã para defender seu título nas Olimpíadas de 1928. Ao longo da segunda campanha olímpica, o *El Día* escancarou a face racista de seu discurso, promovendo com força um discurso de superioridade racial latina perante povos europeus de origem não-latina, caracterizados como saxões pelo jornal *batllista*. Além disso, o diário propagou, ao longo do torneio olímpico, a ideia de superação, por parte das jovens repúblicas da América, dos países europeus, descritos como antiquados e ultrapassados pelo *El Día*. O sucesso de Argentina e Uruguai no campeonato em questão serviram como combustível argumentativo para essa narrativa, que tomava os países rioplatenses como referência para o futebol mundial.

Finalmente, em 1930, apesar de um semi-boicote europeu, o Uruguai pode sediar a primeira Copa do Mundo da história. As festividades do Centenário, realizadas no gigantesco estádio homônimo em meio ao torneio mundial, consolidaram a visão *batllista* acerca daquela data patriótica. Quase 60 mil pessoas presenciaram a estreia da *celeste* no simbólico 18 de julho: era uma comemoração massiva e democrática, ao contar com a presença dos diversos setores daquela sociedade, ou seja, característica da mentalidade hiper integradora. A vitória uruguaia no torneio, novamente diante dos argentinos, serviu para cimentar, como elemento de longa duração, o imaginário popular de que o Uruguai das primeiras décadas do século XX, teria sido, de fato, aquele país excepcional no contexto sul-americano que o *batllismo* propagandeava.

Em suma, temos que a função política do futebol para os *batllistas* do período 1897-1930 foi bastante ampla, complexa, e se alterou ao longo dos anos. De espaço de confraternização social moderno e desassociado da religião, o futebol passou a ser um fator de afirmação da nação em contraposição à Argentina, serviu como um canal de integração sul-americana regido pelos uruguaios (em se tratando da CSF) e, finalmente, por meio da seleção uruguaia, foi apropriado como símbolo da modernização *batllista*.

Com o sucesso da equipe nacional, o Uruguai se tornou conhecido internacionalmente (na visão do *El Día*), e os *batllistas* encontraram uma ferramenta para propagar sua narrativa nacionalista – que, como muitos dos nacionalismos à época, adotava discursos xenófobos e racistas – baseada na ideia do Uruguai como país-modelo, vanguardista e símbolo de modernidade. Todo o contexto favorável ao *batllismo* vivenciado na década de 1920 possibilitou difundir com força alguns de seus conceitos relativos à nação, de forma que aspectos como o culto à cidadania, à democracia e, no âmbito cultural, o futebol, parecem ter se solidificado como parte do "ser uruguaio" – ou seja, da identidade nacional do país.

Finalmente, esperamos que a análise realizada nesta dissertação fomente reflexões acerca da complexidade e pluralidade dos usos políticos do esporte ao longo da história. Para além de discutir questões do pensamento *batllista* e aspectos da história do futebol uruguaio, esperamos que este trabalho possa fornecer ideias para novos estudos acerca dos impactos políticos e sociais dos esportes em diferentes contextos e períodos.

Referências

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. 5 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007, 1014p.

ALABARCES, Pablo. **Historia mínima del fútbol en América Latina**. Cidade do México: El Colegio de Mexico, 2018, 269p.

ALVAREZ, Luciano; HABERKORN, Leonardo. **Historia de Peñarol**. Montevidéu: Aguilar, 2014, 797p.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**, reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, 330p.

ARCHETTI, Eduardo P. Estilo y virtudes masculinas en El Gráfico: la creación del imaginario del fútbol argentino. **Desarrollo económico**, v. 35, n. 139, Buenos Aires, p. 419-442, 1995.

ARCHETTI, Eduardo. **Masculinidades: fútbol, tango y polo en la Argentina**. Buenos Aires, Antropofagia, 2003. 287 p.

AROCENA, Felipe; AGUIAR, Sebastián. **Multiculturalismo en Uruguay**: ensayo y entrevistas a once comunidades culturales. Montevidéu, Ediciones Trilce, 2007.

ARRIGHI, Pierre. Gramática de los viejos reglamentos deportivos. In: **Cuaderno de Historia 14, A romper la red**: Miradas sobre fútbol, cultura y sociedad. Montevidéu: Biblioteca Nacional de Uruguay, vol. 14, p. 239-252, 2014.

ASSOCIAÇÃO URUGUAIA DE FUTEBOL (AUF), **Histórico de Partidos**, Montevidéu, 2025. Disponível em: https://www.auf.org.uy/historico-partidos/1/ Acesso em: 4 abr. 2025.

ASSOCIAÇÃO DO FUTEBOL ARGENTINO (AFA), **Historia**, Buenos Aires, 2025. Disponível em: https://www.afa.com.ar/es/pages/historia Acesso em: 6 abr. 2025.

AUERBACH, Erich. **Mimesis**, A representação da realidade na literatura ocidental. São Paulo: Perspectiva, 1971, 496p.

AYÇAGUER, Ana María Rodríguez. El gran vecino norteño: una aproximación a las relaciones de Uruguay con Brasil en la primera mitad del siglo XX. **Res Gesta**, n. 53, Rosário, p. 54-79, 2017.

BARRÁN, José Pedro. **Iglesia Católica y burguesía en el Uruguay de la modernización (1860-1900)**. Montevidéu: Facultad de Humanidades y Ciencias, Departamento de Publicaciones, 1988, 47p.

BARRÁN, José Pedro; NAHUM, Benjamín. **Batlle, los estancieros y el Imperio Británico. Tomo I: El Uruguay del novecientos**. Montevidéu, Ediciones de la Banda Oriental, 1979. 284p.

BAYCE, Rafael. El sinuoso proceso de constitución de la identidad nacional y futbolística. *In:* **Cuaderno de Historia 14**, A romper la red: Miradas sobre fútbol, cultura y sociedad. Montevidéu: Biblioteca Nacional de Uruguay, vol. 14, p. 47-62, 2014.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**, Ensaios sobre literatura e história da cultura, São Paulo: Brasiliense, Obras Escolhidas, vol. 1, 1987, 253p.

BUSTOS, Guillermo. **El culto a la nación**: Escritura de la historia y rituales de la memoria en Ecuador, 1870-1950. Quito: FCE / UASB-E, 2017, 408p.

CABRAL, José Pedro Cabrera. Bases do reformismo nacionalista uruguaio: as reformas *batllistas* no início do século XX. **Revista Territórios e Fronteiras**, Cuiabá, v. 4, n. 1, p. 129-151, 2011.

CAETANO, Gerardo. **Historia mínima de Uruguay**. Cidade do México: El Colegio de Mexico, 2019, 216p.

CAETANO, Gerardo. Identidad nacional e imaginario colectivo en Uruguay. La síntesis perdurable del Centenario. In: ACHUGAR, Hugo; CAETANO, Gerardo (org.). **Identidad uruguaya: ¿mito, crisis o afirmación?** Montevidéu: Trilce, 1992. pp. 75-96.

CAETANO, Gerardo. **La novedad de lo histórico**: política, derechos, integración y democracia. Buenos Aires : CLACSO; Montevidéu: Editorial Planeta, 2023, 679p.

CAETANO, Gerardo. **La república conservadora, 1916-1929**: El" alto" a las reformas. Montevidéu, Editorial Fin de Siglo, 1992.

CAETANO, Gerardo; RILLA, José Pedro. **Historia contemporánea del Uruguay: de la colonia al siglo XXI**. Montevidéu: CLAEH-Fin de Siglo, 2005, 631p.

CHIARAMONTE, José Carlos. Formas de identidad en el Río de la Plata luego de 1810. **Boletim do Instituto de Historia Argentina y Americana "Dr. Emilio Ravignani"**, Buenos Aires, Terceira Série, n. 1, p. 71-92, 1989.

CHIARAMONTE, José Carlos. **Nación y Estado en Iberoamérica:** el lenguaje político en tiempos de las independencias. Buenos Aires: Sudamericana, 2004. 218p.

CLAPS, Manuel A.; LAMAS, Mario Daniel. Algunos aspectos de la estructura ideológica del Batllismo. **Investigación Económica**, v. 41, n. 162, p. 219-265, 1982.

D'AMADO, Lorenzo Jalabert. Montevideo 1930: reassessing the selection of the first World Cup host. **Soccer & Society**, p. 848-860, v. 21, 2020.

DA MATTA, Roberto. Esporte na Sociedade: Um Ensaio sobre o futebol brasileiro, In: DA MATTA, Roberto *et al*. **Universo do Futebol: Esporte e Sociedade Brasileira.** Rio de Janeiro, Pinakotheke, 1982. p. 19-42.

DE AZÚA, Carlos Real. **Uruguay, ¿una sociedad amortiguadora?**. Montevidéu: Centro de Informaciones y Estudios del Uruguay (CIESU), Ediciones de la Banda Oriental, 1984, 95p.

DIANA, Elvis de Almeida. **Educação e cidadania política em José Pedro Varela**: A reforma vareliana como instrumento de democracia e progresso no Uruguai (1865-1881). Dissertação (Mestrado em História), Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho". Franca, 2016, 179p.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A Busca da Excitação**: Desporto e Lazer no Processo Civilizacional. Lisboa: Edições 70, 2019, 624 p.

FACCIO, Florencia. El primer Campeonato Mundial de Fútbol, Uruguay 1930, en el contexto de la globalización. In: **Cuaderno de Historia 8, A romper la red**: Abordajes en torno al fútbol uruguayo. Montevidéu: Biblioteca Nacional de Uruguay, vol. 8, p. 19-34, 2012.

GARRIDO, Atilio. **Héctor Gómez: un hombre de acción**: 100 años de la Conmebol. Montevidéu, Ediciones de la AUF, 2016. 237 p.

GAUCHET, Marcel. **El desencantamiento del mundo.** Una historia política de la religión. Madrid: Trotta, 2005, 304p.

GUTIÉRREZ CORTINAS, Eduardo. Uruguayos y argentinos. *In*: AA. VV., **Cien años de fútbol**. Historia del fútbol uruguayo. 1969-1970. Montevidéu: Editores Reunidos, n. 5, 1969, 23p.

LEITES, Lino. La Campaña Militar de 1904. *In:* ROSALES, Jorge; GROSSI; Hugo; OLIVERO, José. **Boletín Histórico del Ejército**, n. 327-330**.** Montevidéu: Comando General del Ejército, Estado Mayor del Ejército, Departamento de Estudios Históricos, 2006. p. 35-68.

LOMBARDO, Ricardo. **Donde se cuentan proezas**. Fútbol uruguayo (1920-1930). Montevidéu: Ediciones de la Banda Oriental, 1993, 226p.

LUZURIAGA, Juan Carlos. **Orígenes y desarrollo del fútbol en el Uruguay**: Nuevas miradas (1870-1920). Alter ediciones, 2019, 248p.

LUZURIAGA, Juan Carlos. Albion Football Club. Profetas y maestros. *In*: **Cuaderno de Historia 8**, A romper la red: Abordajes en torno al fútbol uruguayo. Montevidéu: Biblioteca Nacional de Uruguay, vol. 8, p. 35-48, 2012.

LUZURIAGA, Juan Carlos. Nacional y Peñarol en el Novecientos: la génesis de la rivalidad clásica. *In*: **Cuaderno de Historia 14**, A romper la red: Miradas sobre fútbol, cultura y sociedad. Montevidéu: Biblioteca Nacional de Uruguay, vol. 14, p. 193-206, 2014.

MENDIONDO, Leonardo. **Fútbol, una identidad colectiva tradicional operativa y su dimensión presente en el Uruguay de Hoy.** (El caso Club Nacional de Fútbol/Club Atletico Peñarol). Monografia (Licenciatura em Sociologia), Facultad de Ciencias Sociales, Universidad de la República. Montevidéu, 2003, 77p.

MENESES, Gerson Galo Ledezma. Identidad nacional en el Uruguay del centenario, 1919-1930: disputa por el "verdadero" lugar de la memoria. **Embornal: revista eletrônica da ANPUH-CE**, Fortaleza, v. 2, n. 3, p. 1-23, 2011.

MONREAL, Susana. **Secularización; Proceso en Uruguay**. *In*: Diccionario de Historia Cultural de la Iglesia en América Latina (DHIAL) 2020. Disponível em: https://www.dhial.org/diccionario/index.php?title=SECULARIZACI%C3%93N;_Proceso_en_Uruguay . Acesso em: 07 de jan. 2024.

MORAES, Marcelo et al. *Primeras aventuras deportivas internacionales brasileñas: Una mirada de la prensa sobre los Juegos Olímpicos Sudamericanos de 1907*. **Cuadernos del CLAEH**, v. 40, n. 114. Montevidéu, p. 67-84, 2021.

MORALES, Andrés. **Fútbol, Política y Sociedad:** Las relaciones entre el poder político, la identidad nacional y el fútbol en el Uruguay, 1916-1930. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas, Opção História Rioplatense), Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación, Universidad de la República. Montevidéu, 2013, 283p.

MORALES, Franklin. Los albores del fútbol uruguayo. *In*: AA. VV., **Cien años de fútbol**. Historia del fútbol uruguayo. 1969-1970. Montevidéu: Editores Reunidos, n. 1, 1969, 23p.

MYERS, Jorge. "Hacia la completa palingenesia y civilización de las naciones americanas": literatura romántica y proyecto social, 1830-1870. *In*: Pizarro, Ana (org.). **América Latina: Palavra, Literatura e Cultura**. v. 2: A emancipação do discurso. Campinas: Memorial/ Unicamp, Vol. 2, 1995, pp. 221-250.

NAHUM, Benjamín. **Historia uruguaya**. v. 6: 1905-1930 – La época batllista. Montevidéu: Ediciones de la Banda Oriental, 1974, 128p.

OROÑO, Mariela. La escuela en la construcción de las fronteras culturales y lingüísticas en el Uruguay de fines del siglo XIX. **Páginas de educación**. Montevidéu: Universidad Católica del Uruguay, v. 9, n. 1, p. 146-160, 2016.

PELLEGRINO, Adela**. La población de Uruguay:** breve caracterización demográfica. Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA), Montevidéu: Doble Clic, 2010, 95p.

PEW RESEARCH CENTER. **Religion in Latin America:** Widespread Change in a Historically Catholic Region. Washington DC: Pew Research Center, 13 de nov. 2014. Disponível em: https://www.pewresearch.org/religion/2014/11/13/religion-in-latin-america/ . Acesso em: 05 de jan. 2024.

QUIJADA, Mónica. Sobre el origen y difusión del nombre "América Latina" (o una variación heterodoxa en torno al tema de la construcción social de la verdad). **Revista de Indias**, v. 58, n. 214, p. 595-616, 1998.

REISCH, Matilde. Movimiento clubista y desarrollo deportivo en Uruguay. *In*: **Cuaderno de Historia 8**, A romper la red: Abordajes en torno al fútbol uruguayo. Montevidéu: Biblioteca Nacional de Uruguay, vol. 8, p. 19-34, 2012.

RODÓ, José Enrique. **Ariel**. Madri, Espasa-Calpe, 1991, 158 p.

SARMENTO, Carlos Eduardo. **A regra do jogo**: uma história institucional da CBF. Rio de Janeiro: CPDOC, 2006. 176 p.

SCHELOTTO, Salvador; ABREU, Patricia. Municipios y ordenación territorial en Uruguay. **Pampa (Santa Fe)**, n. 9, p. 93-120, 2013.

SOUZA, Marcos Alves de. **A cultura política do "batllismo" no Uruguai, 1903-1958**. São Paulo, Annablume, 2003. 168p.

STREET, John. **Artigas y la Emancipación del Uruguay**. Montevidéu: Barreiro y Ramos, 1967, 290p.

Fontes

***El Día* (e sua versão de 1897 *El Dia Noticioso*): Disponível em rolos de microfilme em posse da Biblioteca Nacional do Uruguai**

2 de janeiro de 1890 a 31 de dezembro de 1890 - rolo 411 AD

El Día, Montevidéu, 16 de agosto de 1890*,* Época 2, ano 1, **n. 192**, p.1.

2 de janeiro de 1897 a 30 de outubro de 1897 - rolo 416.2

El Día, Montevidéu, 14 de abril de 1897, *Football en Punta Carretas*, Época 1, ano 10, Época 2, ano 8, **n. 2242**, p.1.

El Día, Montevidéu, 17 de abril de 1897, *Jootball*, *El gran partido del jueves*, Época 1, ano 10, Época 2, ano 8, **n. 2243**, p.1.

El Día, Montevidéu, 24 de abril de 1897, *Football*, *El gran partido de mañana*, Época 1, ano 10, Época 2, ano 8, **n. 2249**, p. 1.

El Día, Montevidéu, 26 de abril de 1897, *Football*, *El torneo de ayer*, Época 1, ano 10, Época 2, ano 8, **n. 2250**, p. 1.

El Día, Montevidéu, 30 de abril de 1897, *Football. Albion versus Retribution*, Época 1, ano 10, Época 2, ano 8, **n. 2254**, p. 2.

El Día, Montevidéu, 3 de maio de 1897, *El Football del Sabado*, Época 1, ano 10, Época 2, ano 8, **n. 2255**, p. 1.

El Día, Montevidéu, 8 de maio de 1897, *Football*, *El partido de mañana*, Época 1, ano 10, Época 2, ano 8, **n. 2260**, p. 2.

El Dia Noticioso, Montevidéu, 17 de maio de 1897, *Football*, ano 1, **n. 5**, p. 1.

El Dia Noticioso, Montevidéu, 8 de junho de 1897, *Football*, ano 1, **n. 24**, p. 1.

El Dia Noticioso, Montevidéu, 24 de julho de 1897, *Football*, ano 1, **n. 64**, p. 2.

El Dia Noticioso, Montevidéu, 5 de agosto de 1897, *Football*, ano 1, **n.74**, p. 2.

El Dia Noticioso, Montevidéu, 23 de agosto de 1897, *Progresos en EL DIA, Adquisicion de nueva maquina, Aumento de formato, Importantes reformas en todas sus secciones, Tiraje colosal,* ano 1, **n. 89**, p. 1.

1 de abril de 1898 a 31 de agosto de 1898 - rolo 416.4

El Día, Montevidéu, 6 de abril de 1898, *Football*, *Dos partidos interessantes*, Época 1, ano 12, Época 2, ano 9, **n. 2528**, p. 5.

El Día, Montevidéu, 30 de abril de 1898, *Football, El gran partido de mañana*, Época 1, ano 12, Época 2, ano 9, **n. 2547**, p. 6.

El Día, Montevidéu, 2 de maio de 1898, *Football*, *Triunfo del Albion*, Época 1, ano 12, Época 2, ano 9, **n. 2548**, p. 4.

El Día, Montevidéu, 16 de maio de 1898, *Football*, *El partido de ayer*, Época 1, ano 12, Época 2, ano 9, **n. 2560**, p. 5.

El Día, Montevidéu, 30 de maio de 1898, *Football*, *Otro triunfo del 'Albion'*, Época 1, ano 12, Época 2, ano 9, **n. 2571**, p. 5.

El Día, Montevidéu, 10 de junho de 1898, *La gran fiesta de ayer*, *El football internacional, Concurrencia extraordinaria, Triunfo de los Porteños*, Época 1, ano 12, Época 2, ano 9, **n. 2581**, p.4.

El Día, Montevidéu, 21 de junho de 1898, *Football*, *El partido de ayer, Construccion de un palco, En el peñarol*, Época 1, ano 12, Época 2, ano 9, **n. 2590**, p. 6.

El Día, Montevidéu, 25 de junho de 1898, *Football*, *El partido de mañana, El internacional*, Época 1, ano 12, Época 2, ano 9, **n. 2594**, p. 4.

El Día, Montevidéu, 2 de julho de 1898, *Football*, *El internacional de mañana, grandes preparativos*, Época 1, ano 12, Época 2, ano 9, **n. 2600**, p. 5.

El Día, Montevidéu, 4 de julho de 1898, *Football*, *El internacional de ayer, Iguales*, Época 1, ano 12, Época 2, ano 9, **n. 2601**, p. 4.

El Día, Montevidéu, 25 de julho de 1898, *Football*, *En las otras canchas*, Época 1, ano 12, Época 2, ano 9, **n. 2618**, p. 4.

1 de setembro de 1898 a 29 de abril de 1899 - rolo 416.5

El Día, Montevidéu, 16 de janeiro de 1899, *El "Albion"; en el Paso del Molino; La próxima temporada de football*, Época 1, ano 14, Época 2, ano 9, **n. 2764,** p. 2.

1 de maio de 1899 a 30 de dezembro de 1899 - rolo 416.6

El Día, Montevidéu, 11 de maio de 1899, *Football*, Época 1, ano 15, Época 2, ano 10, **n. 2860**, p. 2.

El Día, Montevidéu, 24 de maio de 1899, *Football, En el Peñarol*, Época 1, ano 15, Época 2, ano 10, **n. 2871**, p. 2.

El Día, Montevidéu, 1 de junho de 1899*, Football, El gran partido internacional de hoy, En la cancha del Paso Molino*, Época 1, ano 15, Época 2, ano 10, **n. 2878**, p.1.

El Día, Montevidéu, 2 de junho de 1899, *Football*, *El partido internacional de ayer*, *Triunfo de los orientales*, Época 1, ano 15, Época 2, ano 10, **n. 2879**, p.2.

El Día, Montevidéu, 24 de junho de 1899, *Football*, *Los partidos de mañana*, *En Punta Carretas*, Época 1, ano 15, Época 2, ano 10, **n. 2898**, p.2.

El Día, Montevidéu, 31 de julho de 1899*, En honor de Roca, El partido internacional de ayer, triunfo de los porteños, 2 goals contra 1,* Época 1, ano 15, Época 2, ano 10, **n.2929**, p.1.

El Día, Montevidéu, 25 de setembro de 1899, *Football*, *El partido de ayer, Clausura de temporada*, Época 1, ano 15, Época 2, ano 10, **n. 2977**, p. 2.

1 de janeiro de 1900 a 15 de novembro de 1900 - rolo 416.7

El Día, Montevidéu, 26 de maio de 1900, *Football*, *En el Parque Central*, Época 1, ano 16, Época 2, ano 11, **n. 3182**, p. 2.

El Día, Montevidéu, 28 de maio de 1900, *Football*, Época 1, ano 16, Época 2, ano 11, **n. 3183**, p. 2.

El Día, Montevidéu, 11 de julho de 1900, *Football*, *El partido Internacional*, *Triunfo del "Peñarol", Tres por uno*, Época 1, ano 16, Época 2, ano 11, **n. 3221**, p. 2.

El Día, Montevidéu, 16 de julho de 1900, *Football*, *Los partidos de ayer*, *En el Parque Central*, *"Peñarol" versus "Nacional"*, Época 1, ano 16, Época 2, ano 11, **n. 3225**, p. 2.

El Día, Montevidéu, n. 3252, 16 de agosto de 1900, *Football*, *El gran partido de ayer, Triunfo de los argentinos, 1 "goal" contra nada*, Época 1, ano 16, Época 2, ano 11, **n. 3252**, p. 2.

1 de janeiro de 1900 a 15 de novembro de 1900 - rolo 416.7

El Día, Montevidéu, 20 de setembro de 1900, *Football*, *El "Peñarol" à San José*, Época 1, ano 16, Época 2, ano 11, **n. 3281**, p.3.

El Día, Montevidéu, 24 de setembro de 1900, *Football*, *El "Albion" en Pando*, Época 1, ano 16, Época 2, ano 11, **n. 3284**, p.2.

16 de novembro de 1900 a 31 de agosto de 1901 - rolo 416.8

El Día, Montevidéu, 9 de maio de 1901, *Football*, *Los partidos internacionales*, Época 1, ano 16, Época 2, ano 11, **n. 3478**, p.2.

El Día, Montevidéu, 11 de maio de 1901, *Football*, *Los partidos de mañana, La "Association Football League" en accion,*, Época 1, ano 16, Época 2, ano 11, **n. 3480**, p.2.

El Día, Montevidéu, 17 de maio de 1901, *Football*, E*l partido internacional de ayer*, *Triunfo de los argentinos*, *3 goals por 2*, *La gran concurrencia*, Época 1, ano 16, Época 2, ano 11, **n. 3486**, p.2.

El Día, Montevidéu, 7 de junho de 1901, *Football*, *Gran Parque Central*, Época 1, ano 16, Época 2, ano 11, **n. 3507**, p.2.

El Día, Montevidéu, 24 de agosto de 1901, *Football*, *Para clausurar la temporada, Una proposicion*, Época 1, ano 16, Época 2, ano 11, **n. 3585**, p.2.

1 de setembro de 1901 a 31 de maio de 1902 - rolo 416.9

El Día, Montevidéu, 11 de maio de 1902, *Football*, *El Internacional de hoy, En el "Albion"*, Época 1, ano 17, Época 2, ano 12, **n. 3840**, p.1.

1 de junho de 1902 a 31 de janeiro de 1903 - rolo 416.10

El Día, Montevidéu, 27 de junho de 1902, *Football*, *Los internacionales*, Época 1, ano 17, Época 2, ano 12, **n. 3888**, p.2.

El Día, Montevidéu, 17 de julho de 1902, *Football*, *El internacional del domingo*, *Entre orientales y argentinos*, Época 1, ano 17, Época 2, ano 12, **n. 3907**, p.2.

El Día, Montevidéu, 21 de julho de 1902, *Football*, *El internacional de ayer, Orientales y argentinos*, *El desastre: 6 goals por 0*, Época 1, ano 17, Época 2, ano 12, **n. 3911**, p.2.

El Día, Montevidéu, 17 de agosto de 1902, *Football*, *El gran internacional de esta tarde, Por la Copa Argentina*, *"Peñarol" versus "Alumni"*, Época 1, ano 17, Época 2, ano 12, **n. 3938**, p.2.

El Día, Montevidéu, 31 de agosto de 1902, *Football*, *Los partidos de esta tarde*, Época 1, ano 17, Época 2, ano 12, **n. 3951**, p.1.

El Día, Montevidéu, 6 de setembro de 1902, *Football*, *El match de mañana, En el "Albion"*, *Fiesta de beneficencia, Por los pobres,* Época 1, ano 17, Época 2, ano 12, **n. 3957**, p.1.

1 de fevereiro de 1903 a 30 de setembro de 1903 - rolo 416.11

El Día, Montevidéu, 14 de março de 1903, *Football*, *Con rumbo á San José*, Época 1, ano 17, Época 2, ano 15, **n. 4144**, p.2.

El Día, Montevidéu, 18 de maio de 1903, *Football*, *El Internacional de ayer*, *"Nacional" for ever!*, *Resultado: 2 por 2*, *La concurrencia*, Época 1, ano 17, Época 2, ano 15, **n. 4208**, p.2.

El Día, Montevidéu, 3 de agosto de 1903, *Football*, *El campeonato del Plata*, *La semi-final de ayer*, *El resultado*, *"Alumni": uno; "Nacional": cero*, Época 1, ano 17, Época 2, ano 15, **n. 4285**, p.2.

El Día, Montevidéu, 14 de setembro de 1903, *Football*, *El gran match internacional*, *Triunfo de los orientales*, Época 1, ano 17, Época 2, ano 15, **n. 4326**, p.2.

1 de maio de 1904 a 31 de dezembro de 1904 - rolo 416.14

El Día, Montevidéu, 11 de julho de 1904, *Football*, *En el Gran Parque Central*, *"Southampton F. C." versus Uruguayos combinados*, Época 1, ano 18, Época 2, ano 16, **n. 4624**, p.2.

El Día, Montevidéu, 15 de julho de 1904, *Football*, *El intercontinental de ayer*, *"Southampton" y "Uruguayos combinados"*, *Resultado: 8 á 1*, Época 1, ano 18, Época 2, ano 16, **n. 4628**, p.2.

2 de janeiro de 1905 a 30 de maio de 1905 - rolo 416.15

El Día, Montevidéu, 15 de abril de 1905, *Football*, *Una nueva copa internacional*, *Regalo del millonario Lipton, Buenos Aires, Abril 14*, Época 1, ano 19, Época 2, ano 17, **n. 4898**, p.2.

El Día, Montevidéu, 20 de abril de 1905, *Football*, *El internacional de ayer*, *"Estudiantes" y "Teutonia", Algunas consideraciones*, Época 1, ano 19, Época 2, ano 17, **n. 4903**, p.2.

El Día, Montevidéu, 21 de maio de 1905, *Football*, *El Nottingham Forest*, *El "Southampton"*, Época 1, ano 19, Época 2, ano 17, **n. 4933**, p.2.

1 de junho de 1905 a 31 de dezembro de 1905 - rolo 416.16

El Día, Montevidéu, 12 de junho de 1905, *Football*, *El partido internacional de ayer*, *"Nottingham" y "Peñarol"*, *6 goals á 1*, Época 1, ano 19, Época 2, ano 17, **n. 4953**, p.1.

El Día, Montevidéu, 15 de junho de 1905, *Football*, *El "Peñarol" juzgado por el "Forest"*, Época 1, ano 19, Época 2, ano 17, **n. 4956**, p.2.

El Día, Montevidéu, 17 de junho de 1905, *Football*, *"Nottingham" versus "Rosario"*, Época 1, ano 19, Época 2, ano 17, **n. 4958**, p.1.

El Día, Montevidéu, 26 de junho de 1905, *Football*, *"Nottingham" y "Alumni"*, *6 á 0*, Época 1, ano 19, Época 2, ano 17, **n. 4967**, p.1.

El Día, Montevidéu, 14 de agosto de 1905, *Football*, *El partido de ayer*, *La Copa Competencia*, "*Peñarol" for ever!, 1 á 0*, Época 1, ano 19, Época 2, ano 17, **n. 5016**, p.2.

El Día, Montevidéu, 16 de agosto de 1905, *Football*, *Orientales y argentinos*, *Cero a Cero*, *El dominio de los nuestros*, Época 1, ano 19, Época 2, ano 17, **n. 5018**, p.1.

El Día, Montevidéu, 18 de agosto de 1905, *Football*, *El ultimo partido*, *Entre orientales y argentinos*, Época 1, ano 19, Época 2, ano 17, **n. 5020**, p.2.

2 de janeiro de 1906 a 31 de dezembro de 1906 - rolo 416.17

El Día, Montevidéu, 8 de maio de 1906, *Football - Nota Gráfica*, *Cuadro ganador del "Nacional"*, *Cuadro del "Peñarol"*, Época 1, ano 20, Época 2, ano 18, **n. 5280**, p.2.

El Día, Montevidéu, 19 de julho de 1906, *Football*, *El partido de ayer*, *"Sud Africa" y "Combinados"*, *"6 á 1"*, Época 1, ano 20, Época 2, ano 18, **n. 5352**, p.2.

El Día, Montevidéu, 23 de julho de 1906, *Football*, *"Sud Africa" y "Combinados uruguayos"*, Época 1, ano 20, Época 2, ano 18, **n. 5356**, p.2.

El Día, Montevidéu, 16 de agosto de 1906, *Football*, *El partido de ayer*, *Entre "combinados"*, Época 1, ano 20, Época 2, ano 18, **n. 5380**, p.2.

2 de janeiro de 1907 a 30 de junho de 1907 - rolo 416.18

El Día, Montevidéu, 28 de abril de 1907, *Deportes Físicos*, *Football*, *El conflicto uruguayo-argentino*, Época 1, ano 10, Época 2, ano 19, **n. 5633**, p.2.

El Día, Montevidéu, 21 de maio de 1907, *Deportes Físicos*, *Football*, *El conflicto uruguayo-argentino*, Época 1, ano 10, Época 2, ano 19, **n. 5655**, p.2.

1 de julho de 1907 a 31 de dezembro de 1907 - rolo 416.19

El Día, Montevidéu, 23 de agosto de 1907, *Deportes Físicos*, *La Olimpiada de Londres*, *El gran torneo de 1908*, *Algunas reflexiones*, Época 1, ano 10, Época 2, ano 19, **n. 5749**, p.1-2.

El Día, Montevidéu, 25 de agosto de 1907, *Deportes Físicos*, *Football*, *Los partidos de la tarde, Algo que se impone*, Época 1, ano 10, Época 2, ano 19, **n. 5751**, p.2.

El Día, Montevidéu, 6 de outubro de 1907, *Deportes Físicos*, *Football*, *El Gran Match de la tarde, Entusiasmos y esperanzas, Los jugadores argentinos*, Época 1, ano 10, Época 2, ano 19, **n. 5793**, p.2.

El Día, Montevidéu, 7 de outubro de 1907, *Deportes Físicos*, *Football*, *El partido ayer tarde, La Copa Newton, Argentinos (2) Uruguayos (1)*, Época 1, ano 10, Época 2, ano 19, **n. 5794**, p.2.

El Día, Montevidéu, 8 de outubro de 1907, *Deportes Físicos*, *Football*, *Argentinos y Uruguayos, Expresiones y deducciones*, Época 1, ano 10, Época 2, ano 19, **n. 5795**, p.2.

1 de julho de 1908 a 31 de dezembro de 1908 - rolo 416.21

El Día, Montevidéu, 15 de agosto de 1908, *Deportes Físicos*, *Football*, *El gran match de hoy, Argentinos y Uruguayos,* Época 1, ano 24, Época 2, ano 20, **n. 8804**, p.2.

El Día, Montevidéu, 17 de agosto de 1908, *Deportes Físicos*, *Football*, *La Copa de Caridad, Impresiones del partido,* Época 1, ano 24, Época 2, ano 20, **n. 8806**, p.2.

El Día, Montevidéu, 7 de outubro de 1908, *Deportes Físicos*, *Football*, *Ecos del match internacional, La opinion argentina, Nuestros jugadores*, Época 1, ano 24, Época 2, ano 20, **n. 8857**, p.2.

2 de janeiro de 1909 a 30 de abril de 1909 - rolo 416.22

El Día, Montevidéu, 20 de fevereiro de 1909, *Educacion fisica,* Época 1, ano 24, Época 2, ano 21, **n. 8991**, p.1.

2 de maio de 1909 a 31 de dezembro de 1909 - rolo 416.23

El Día, Montevidéu, 14 de junho de 1909, *Deportes fisicos, Football*, *Un brillante partido*, *Everton (2) y Orientales (1), Una derrota que es un triunfo, El valor del entusiasmo,* Época 1, ano 24, Época 2, ano 21, p.4.

El Día, Montevidéu, 15 de junho de 1909, *Deportes fisicos, La leccion del año,* Época 1, ano 24, Época 2, ano 21, p.5.

El Día, Montevidéu, 15 de agosto de 1909, *Deportes fisicos, Football, Los partidos del dia* Época 1, ano 24, Época 2, ano 21, p.5.

El Día, Montevidéu, 16 de agosto de 1909, *Deportes fisicos, Football, El gran match de ayer*, *Argentinos (2) Uruguayos (1)*, *En Buenos Aires*, Época 1, ano 24, Época 2, ano 21, p.4.

El Día, Montevidéu, 19 de agosto de 1909, *Deportes fisicos, Football, Ecos del gran match*, Época 1, ano 24, Época 2, ano 21, p.5.

2 de janeiro de 1910 a 30 de julho de 1910 - rolo 416.24

El Día, Montevidéu, 7 de junho de 1910, *Deportes fisicos, Football, Los deseos de los footballers, Con motivo del final del Centenario*, Época 1, ano 24, Época 2, ano 21, p.5.

El Día, Montevidéu, 11 de junho de 1910, *Deportes fisicos, Football, El campeonato sud americano, La gran prueba de mañana, Uruguayos y Argentinos*, Época 1, ano 24, Época 2, ano 21, p.6.

1 de agosto de 1910 a 31 de dezembro de 1910 - rolo 416.25

El Día, Montevidéu, 15 de agosto de 1910, *Deportes fisicos, Football, Orientales contra argentinos, El gran match de hoy*, Época 1, ano 24, Época 2, ano 21, **n. 9483**, p.5.

El Día, Montevidéu, 16 de agosto de 1910, *Deportes fisicos, El gran match de football, La Copa Lipton ganada por el team oriental, Magnifica victoria*, *Por 3 a 1*, *Cronica completa*, Época 1, ano 24, Época 2, ano 21, **n. 9484**, p.5-6.

1 de julho de 1911 a 30 de dezembro de 1911 - rolo 416.27

El Día, Montevidéu, 16 de agosto de 1911, *Deportes fisicos, Football, El gran match internacional, Por la Copa Lipton, Brillante triunfo de los jugadores uruguayos*, *Por 2 à 0*, Época 1, ano 25, Época 2, ano 22, p.4.

1 de agosto de 1912 a 31 de outubro de 1912 - rolo 416.30

El Día, Montevidéu, 30 de julho de 1912, *Movimiento Sportivo, Football, La Confederacion Sportiva del Plata – Nota de la Federación*, Época 1, ano 25, Época 2, ano 22, **n. 6990**, p.8.

El Día, Montevidéu, 16 de agosto de 1912, *Movimiento Sportivo, Football, El trofeo Lipton, Brillante triunfo del team uruguayo*, *Por 2 a 0*, Época 1, ano 25, Época 2, ano 22, **n. 7005**, p.7.

El Día, Montevidéu, 26 de agosto de 1912, *Movimiento Sportivo, Football, El gran internacional de ayer, Por el premio del M. de I. Pública*, *Notable triunfo uruguayo, 3 goals a 0*, *Una Cronica Completa*, Época 1, ano 25, Época 2, ano 22, **n. 7013**, p.7.

El Día, Montevidéu, 5 de outubro de 1912, *Movimiento Sportivo, Football, Los internacionales de mañana, Aquí y en Buenos Aires*, *Gran expectativa por la Copa Newton*, Época 1, ano 25, Época 2, ano 22, **n. 7048**, p.7.

1 de junho de 1915 a 30 de setembro de 1915 - rolo 416.40

El Día, Montevidéu, 17 de agosto de 1915, *Deportes y juegos, Football, Comentarios al internacional, El juego*, Época 1, ano 28, Época 2, ano 25, **n. 9701**, p.7.

2 de maio de 1916 a 30 de setembro de 1916 - rolo 418

El Día, Montevidéu, 17 de julho de 1916, *El torneo sudamericano de football en Buenos Aires, La prueba definitiva entre argentinos y uruguayos no se realiza por intervención del público, Las tribunas de "Gimnasia y Esgrima" incendiadas,*, Época 1, ano 28, Época 2, ano 25, **n. 10034**, p.4.

El Día, Montevidéu, 18 de julho de 1916, *Deportes y juegos, Football, Los uruguayos conquistan el campeonato sudamericano, El partido de ayer en Buenos Aires*, Época 1, ano 28, Época 2, ano 25, **n. 10035**, p.5.

El Día, Montevidéu, 19 de julho de 1916, *Deportes y juegos, Football, Los campeones uruguayos, Homenajes tributados*, Época 1, ano 28, Época 2, ano 25, **n. 10036**, p.5.

Setembro de 1917 a janeiro de 1918 - rolo 421

El Día, Montevidéu, 3 de setembro de 1917, *Deportes y juegos*, *Los uruguayos logran por fin triunfar*, *Vencen a los argentinos por 1 goal a 0*, *Una hermosa jornada deportiva*, Época 1, ano 31, Época 2, ano 28, **n. 10.443**, p.4-6.

El Día, Montevidéu, 7 de setembro de 1917, *Deportes y juegos*, *Football*, *Ecos del internacional del domingo*, Época 1, ano 31, Época 2, ano 28, **n. 10.447**, p.5.

El Día, Montevidéu, 16 de outubro de 1917, *Deportes y juegos*, *Football*, *El último grand match internacional – Comentarios argentinos*, Época 1, ano 31, Época 2, ano 28, **n. 10.486**, p.5.

El Día, Montevidéu, 17 de outubro de 1917, *Deportes y juegos*, *Football*, *Sobre el último internacional*, Época 1, ano 31, Época 2, ano 28, **n. 10.487**, p.5.

El Día, Montevidéu, 18 de outubro de 1917, *Deportes y juegos*, *Football*, *Ecos del Campeonato Sud Americano – Resolución de la Asociación Argentina*, Época 1, ano 31, Época 2, ano 28, **n. 10.487**, p.5.

2 de maio de 1919 a 16 de setembro de 1919 - rolo 425

El Día, Montevidéu, 14 de maio de 1919, *Cultura física*, *El Campeonato Sud Americano de Football*, *Éxito de los uruguayos en la segunda jornada. Vencen á los argentinos por 3 goals á 2 – Amplia información telegráfica*, Época 1, ano 31, Época 2, ano 29, **n. 11.053**, p.5-6.

El Día, Montevidéu, 30 de maio de 1919, *Cultura física*, *El Campeonato Sudamericano de Football*, Época 1, ano 31, Época 2, ano 29, **n. 11.069**, p.6.

1 de junho de 1920 a 31 de outubro de 1920 - rolo 428

El Día, Montevidéu, 27 de setembro de 1920, *Cultura física*, *Campeonato Sudamericano de Football*, Época 1, ano 32, Época 2, ano 30, **n. 13.499**, p.5.

El Día, Montevidéu, 3 de outubro de 1920, *Cultura física*, *Football*, Época 1, ano 32, Época 2, ano 30, **n. 13.505**, p.5.

1 de setembro de 1922 a 31 de dezembro de 1922 - rolo 434

El Día, Montevidéu, 21 de outubro de 1922, *Cultura física*, *Football*, *Los campeones sudamericanos*, *En entusiasta manifestación fueron recibidos ayer*, Época 1, ano 34, Época 2, ano 31, **n. 13.752**, p.8.

1 de novembro de 1923 a 31 de janeiro de 1924 - rolo 438

El Día, Montevidéu, 3 de dezembro de 1923, *Uruguayos, campeones de América!*, *Nuestros campeones irán a Europa*, Época 1, ano 44, Época 2, ano 32, **n. 14.201**, p.7.

1 de fevereiro de 1924 a 30 de abril de 1924 - rolo 439

El Día, Montevidéu, 16 de março de 1924, *Cultura Física*, *Football*, *Los campeones sudamericanos de football - Parten hoy para Europa*, Época 1, ano 38, Época 2, ano 35, **n. 14.302**, p.8.

El Día, Montevidéu, 17 de março de 1924, *Cultura Física*, *Football*, *Ayer partieron para Europa, los campeones sudamericanos*, Época 1, ano 38, Época 2, ano 35, **n. 14.303**, p.7.

El Día, Montevidéu, 12 de abril de 1924, *Cultura Física*, *Football*, *Los uruguayos en Europa*, *Comentando el primer triunfo*, Época 1, ano 38, Época 2, ano 35, **n. 14.329**, p.7.

El Día, Montevidéu, 22 de abril de 1924, *Cultura Física*, *Football*, *La jira de los footballistas uruguayos por Europa*, Época 1, ano 38, Época 2, ano 35, **n. 14.339**, p.6.

2 de maio de 1924 a 31 de julho de 1924 - rolo 440

El Día, Montevidéu, 11 de maio de 1924, *Cultura Física*, *Football*, *Los footballers uruguayos en Europa*, Época 1, ano 38, Época 2, ano 35, **n. 14.357**, p.8.

El Día, Montevidéu, 21 de maio de 1924, *Servicio telegráfico*, *Según el boletín del Comité Olímpico de París, los footballers uruguayos son los favoritos del próximo campeonato mundial*, Época 1, ano 38, Época 2, ano 35, **n. 14.367**, p.4.

El Día, Montevidéu, 24 de maio de 1924, *Servicio telegráfico*, Época 1, ano 38, Época 2, ano 35, **n. 14.370**, p.3.

El Día, Montevidéu, 27 de maio de 1924, *Los uruguayos se inician en las Olimpíadas de Paris con un gran triunfo*, Época 1, ano 38, Época 2, ano 35, **n. 14.373**, p.7.

El Día, Montevidéu, 30 de maio de 1924, *Servicio telegráfico*, Época 1, ano 38, Época 2, ano 35, **n. 14.376**, p.4.

El Día, Montevidéu, 3 de junho de 1924, *Servicio telegráfico*, *Ecos del triunfo deportivo alcanzado por los footballers uruguayos en París el último domingo*, Época 1, ano 38, Época 2, ano 35, **n. 14.380**, p.4.

El Día, Montevidéu, 9 de junho de 1924, *Servicio telegráfico*, *Hoy jugarán la final por el campeonato mundial de football, uruguayos y suizos*, Época 1, ano 38, Época 2, ano 35, **n. 14.886**, p.4.

El Día, Montevidéu, 10 de junho de 1924, *El team invencible de la Asociación Uruguaya de Football conquista el Campeonato del Mundo,* Época 1, ano 38, Época 2, ano 35, **n. 14.887**, p.6.

El Día, Montevidéu, 11 de junho de 1924, *Servicio telegráfico, Más comentarios que en todo el mundo se hace en efecto al brillante triunfo de los campeones uruguayos en París*, Época 1, ano 38, Época 2, ano 35, **n. 14.888**, p.4-5.

El Día, Montevidéu, 11 de junho de 1924, *Como comenta el mundo la victoria de los campeones uruguayos*, *Se reconoce unánimemente su superioridad indiscutible*, Época 1, ano 38, Época 2, ano 35, **n. 14.888**, p. 9.

El Día, Montevidéu, 12 de junho de 1924, *Servicio telegráfico, Prosiguen los comentarios de autorizadas personalidades deportistas sobre el triunfo de los campeones uruguayos en París*, Época 1, ano 38, Época 2, ano 35, **n. 14.889**, p.4.

El Día, Montevidéu, 13 de junho de 1924, *Cultura física*, *Football, Retorno de los campeones*, Época 1, ano 38, Época 2, ano 35, **n. 14.890**, p.9.

El Día, Montevidéu, 30 de julho de 1924, *El arribo a la patria de los Campeones del Mundo*, *El Comité de Homenaje de la Asociación continua con éxito los preparativos,* Época 1, ano 39, Época 2, ano 36, **n. 14.936**, p.8.

El Día, Montevidéu, 31 de julho de 1924, *Los héroes de la Olimpíada de París arriban a la patria, El "Valdivia" llegará al puerto de Montevideo a la hora 13*, *La recepción de los campeones olímpicos tendrá el carácter de una verdadera apoteosis*, Época 1, ano 39, Época 2, ano 36, **n. 14.937**, p.8.

2 de maio de 1928 a 31 de julho de 1928 - rolo 456

El Día, Montevidéu, 27 de maio de 1928, *El football en la IX Olimpíada*, *La escuadra representativa de Chile inaugurará el torneo Olímpico de football jugando contra los representantes de Portugal*, Época 1, ano 43, Época 2, ano 39, **n. 16.486**, p.8.

El Día, Montevidéu, 29 de maio de 1928, *Cultura física*, *Continúa el torneo Olímpico de Football*, *Las llamadas de nuestra sirena*, Época 1, ano 43, Época 2, ano 39, **n. 16.488**, p.8.

El Día, Montevidéu, 30 de maio de 1928, *Corazones Uruguayos ¡Arriba!*, *¡Somos optimistas!*, Época 1, ano 43, Época 2, ano 39, **n. 16.489**, p.7.

El Día, Montevidéu, 4 de junho de 1928, *El valor inteligente se impuso a la ofuscación y la violencia*, Época 1, ano 43, Época 2, ano 39, **n. 16.494**, p.7.

El Día, Montevidéu, 7 de junho de 1928, *Dos altos expoentes del football latino, frente a frente*, *La prueba de hoy*, Época 1, ano 43, Época 2, ano 39, **n. 16.497**, p.7.

El Día, Montevidéu, 8 de junho de 1928, *El campeonato olímpico quedará en el Río de la Plata,¡Ahora, muchachos, a repetir la tarde de Colombes!*, Época 1, ano 43, Época 2, ano 39, **n. 16.498**, p.7.

El Día, Montevidéu, 9 de junho de 1928, *Uruguayos y argentinos están prontos para la final, El triunfo de la raza*, Época 1, ano 43, Época 2, ano 39, **n. 16.499**, p.7.

El Día, Montevidéu, 10 de junho de 1928, *¿Subirá nuevamente al mástil olímpico la bandera uruguaya?, Final de Olimpíada*, Época 1, ano 43, Época 2, ano 39, **n. 16.500**, p.6.

El Día, Montevidéu, 11 de junho de 1928, *Ayer culminó el prestigio universal del football Rioplatense,* Época 1, ano 43, Época 2, ano 39, **n. 16.501**, p.6.

El Día, Montevidéu, 14 de junho de 1928, *¡Fueron, lucharon y vencieron!, En un desempate sensacional el equipo uruguayo se consagró por segunda vez campeón olímpico,* Época 1, ano 43, Época 2, ano 39, **n. 16.504**, p.6.

El Día, Montevidéu, 15 de junho de 1928, *En todo el mundo resuenan los ecos de la victoria, Vamos a no confundir,* Época 1, ano 43, Época 2, ano 39, **n. 16.505**, p.6.

2 de abril de 1929 a 15 de junho de 1929 - rolo 460

El Día, Montevidéu, 12 de abril de 1929, *Los deportes al día, El Campeonato Mundial De 1930*, *Manifiesto de las ligas afiliadas*, Época 1, ano 43, Época 2, ano 39, **n. 16.805**, p.10.

El Día, Montevidéu, 19 de maio de 1929, *Montevideo será la sede del Campeonato Mundial de 1930, Por aclamación el Congreso de Barcelona designó a la capital del Uruguay sede del Campeonato Mundial de 1930*, Época 1, ano 43, Época 2, ano 39, **n. 16.841**, p.9.

1 de junho de 1930 a 31 de julho de 1930 - rolo 466

El Día, Montevidéu, 24 de junho de 1930, *Cultura Física, Football*, *El producto de un noble esfuerzo*, Época 1, ano 43, Época 2, ano 41, **n. 17.240**, p.9.

El Día, Montevidéu, 2 de julho de 1930, *Desde ayer son nuestros huéspedes Estadunidenses y Mejicanos*, Época 1, ano 45, Época 2, ano 41, **n. 17.248**, p.9.

El Día, Montevidéu, 8 de julho de 1930, *Cultura Física*, *Llegan hoy los argentinos*, Época 1, ano 45, Época 2, ano 41, **n. 17.254**, p.9.

El Día, Montevidéu, 11 de julho de 1930, *Cultura Física*, *El homenaje a Artigas*, Época 1, ano 45, Época 2, ano 41, **n. 17.257**, p.8.

El Día, Montevidéu, 19 de julho de 1930, *Un espectáculo imponente presentó el "Stadium Centenário"*, *Decepcionó la actuación del equipo celeste*, Época 1, ano 45, Época 2, ano 41, **n. 17.265**, p.7-9.

El Día, Montevidéu, 25 de julho de 1930, *Por los prestígios de nuestra cultura*, Época 1, ano 45, Época 2, ano 41, **n. 17.271**, p.10.

El Día, Montevidéu, 27 de julho de 1930, *¡Argentina Finalista!*, *La conducta del público*, ano 45, Época 2, Época 1, ano 41, **n. 17.272**, p.9.

El Día, Montevidéu, 28 de julho de 1930, *Uruguay y Argentina disputarán la Copa del Mundo*, *La simpatía de nuestro público por los argentinos*, *Un comentario de "La Nación"*, Época 1, ano 45, Época 2, ano 41, **n. 17.273**, p.8.

El Día, Montevidéu, 29 de julho de 1930, *Cultura Física*, *Sobre mala organización*, Época 1, ano 45, Época 2, ano 41, **n. 17.274**, p.7.

El Día, Montevidéu, 30 de julho de 1930, *La lucha emocionante Argentina y Uruguay porfiarán la victoria final*, *El Stadium Centenário ofrecerá un espectáculo imponente*, Época 1, ano 45, Época 2, ano 41, **n. 17.275**, p.7-9.

El Día, Montevidéu, 31 de julho de 1930, *¡¡Uruguay campeón del mundo!!*, Época 1, ano 45, Época 2, ano 41, **n. 17.276**, p.7-10.